

CORPUS ELECTRÓNICO DO CELGA  
– PORTUGUÊS DO PERÍODO CLÁSSICO –  
(CEC– PPC)

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

*EPANÁFORAS*

*DE VÁRIA HISTÓRIA PORTUGUESA*

EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA  
POR  
EVELINA VERDELHO

CENTRO DE ESTUDOS DE LINGUÍSTICA GERAL E APLICADA (CELGA)  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2007

## ÍNDICE

	Páginas
<i>BREVE APRESENTAÇÃO</i>	3
<i>TEXTOS EDITADOS:</i>	
ALTERAÇÕES DE EVORA	5
NAUFRAGIO DA ARMADA	99
DESCOBRIMENTO DA ILHA DA MADEIRA	173
CONFLITO DO CANAL DE INGLATERRA	221
RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO	303

## BREVE APRESENTAÇÃO

▪ Esta edição das *Epanáforas de vária história portuguesa*, de D. Francisco Manuel de Melo, tem como base a primeira, a única feita em vida do Autor, em Lisboa, Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1660.

▪ Na fase inicial da preparação da edição, procedeu-se ao registo do texto em suporte digital (primeiramente disquete, depois CD-Rom), a partir da edição fac-similada, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, s. d. [1977] (acompanhada de Introdução e Apêndice documental por Joel Serrão). Nesse registo das *Epanáforas* participaram, em regime de tarefeiros, Carla Sofia Abreu Vaz, Graça Maria F. Cordeiro Ascenso, e (em reduzido n.º de páginas) Iana Pliássova e Sandra Morais Guerreiro, tendo sido apoiado financeiramente pela “Fundação para a Ciência e a Tecnologia” grande parte do trabalho que efectuaram.

Subsequentemente, o registo do texto foi revisto e corrigido por Evelina Verdelho, que estabeleceu o texto da edição semidiplomática tendo presente o exemplar da edição de 1660 das *Epanáforas* existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, com a cota 4 A-22-7-1.

Para apoio à leitura de lugares com lição de algum modo duvidosa ou problemática, E. Verdelho consultou a edição da mesma obra, revista e anotada, de Edgar Prestage, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, e edições avulsas de algumas epanáforas: de Joel Serrão, *Alterações de Évora*, Lisboa, Portugália Editora, 1967; José Manuel de Castro, *Descobrimento da Ilha da Madeira*, Lisboa, Livraria Ler, s. d. [1975?]. E ainda: *Restauração de Pernambuco*, com revisão e notas de Sérgio Hígino, Recife, Secretaria do Interior, 1944. Consultou também a tradução francesa da segunda epanáfora, *Naufração da armada portuguesa em França*, feita por Georges Boisvert, incluída em *Le Naufrage des Portugais sur les côtes de Saint-Jean-de-Luz et d' Arcachon* (édition établie par Jean-Yves Blot et Patrick Lizé), Paris, Editions Chandeigne, 2000, pp. 109-169.

▪ Ao preparar-se esta edição semidiplomática das *Epanáforas de vária história portuguesa* de D. Francisco Manuel de Melo visaram-se objectivos predominantemente linguísticos, ou seja, obter, a partir dela, índices de formas e concordâncias que documentem a linguagem do Autor e a língua portuguesa do seu tempo. Pretendeu-se

também que constituísse um vantajoso documento-base para a preparação de edições de outro tipo.

▪ Dados os objectivos visados, na transcrição do texto conservaram-se os usos observados na edição de 1660, excepto alguns, raros, relacionados de perto com o trabalho e material tipográficos, que foram objecto de substituições ou alterações actualizadoras. Foram mantidos, designadamente, os usos relativos às maiúsculas e minúsculas, acentuação, pontuação, à junção ou separação de palavras e partes de palavra, e conseqüentemente ao apóstrofo e à hifenação (mas não a da translineação, que não se reproduziu), intervindo-se apenas na correcção de inequívocas anomalias da lição de 1660, e na reescrita de «el Rey» (em vez de «elRey»), de «se nam» e «se não». As intervenções efectuadas, em pequeno número, para corrigir falhas tipográficas e outras deficiências do texto de 1660, foram assinaladas na nova leitura com o sinal •, excepto nos casos que se afigura tratar-se de letras invertidas, ausência indevida de til e de sinais de pontuação, e aparecimento de «c» em vez de «ç».

Exemplos de substituições ou alterações actualizadoras:

- «I», «u», «v» e «V»: foram substituídos pelos caracteres que lhes correspondem actualmente, conforme representem vogal ou consoante;
- Emprego de «&» a representar a conjunção copulativa: foi substituído por «e»;
- Emprego de «ſ» e «ß» (itálico): deram lugar a «s» e «ss», respectivamente;
- O til (que na edição de 1660 ocorre muitas vezes sobreposto ao segundo elemento vocálico de ditongo nasal) foi sempre colocado sobre o primeiro elemento.

▪ Para obviar a inconvenientes de natureza informática, em vez de «q» sobreposto de til, aparece simplesmente «q».

▪ Ao transcrever-se o texto, inscreveu-se, entre parênteses rectos, o número da página que ocupa na edição de 1660, o que permite, não só confrontá-lo com essa edição, mas também localizar as formas em índices e concordâncias elaborados com base na presente edição. Esse número é antecedido das siglas das designações das *Epanáforas*, que se indicam a seguir :

<b>A</b>	<i>Alterações de Evora</i> (Epan. I)
<b>N</b>	<i>Naufragio da armada portuguesa em França</i> (Epan. II)
<b>D</b>	<i>Descobrimento da Ilha da Madeira</i> (Epan. III)
<b>C</b>	<i>Conflito do Canal de Inglaterra</i> (Epan. IV)
<b>R</b>	<i>Restauração de Pernambuco</i> (Epan. V)

[A1] ALTERAÇOENS

DE EVORA.

Anno 1637.

EPANAPHORA POLITICA.

PRIMEIRA.

DE

DOM FRANCISCO MANUEL.

*Escritta a hum Amigo.*

Certamente, bem filosofou aquelle Sábio, que á virtude não poz outro premio, senão seu proprio exercicio; porque ella goza de hũa interior calidade, que secretamente move os coraçoens a sua obediencia. Mas eu que vos digo das virtudes? sendovos tão familiares na guerra, e na paz, como Capitão, e como Ministro; emprendendo, ou soportando, que são os dous Pòlos, (valor, e prudencia) sobre os quaes se revolve a [A2] Esfera Maxima dos Varoens grandes. Digovos mais esta sua condição, para que a vosso animo seja hum incentivo que o conserve em seu appetite, e faça sequioso de sua amisade; porém vòs guardastes tão boa companhia com todas as boas partes, que já parece ocioso encomendarvos vossa mesma inclinação, sendo dos homens a mais facil obediencia.

Desta maneira vos havemos visto todos, que do tempo da criação, até este tẽpo, observamos os passos de vossa vida; porque gradualmente em cada degrao della, parece que vos estava esperando a melhor disciplina de aquella idade; nem os descuidos da primeira, forão causa de que a passasseis descuidadamente.

Antes que servisseis para servir este Reyno, já vos estaveis ensayando fóra delle em Menino para as grandes representações que nelle vos esperavão já homem. Assim lemos de Apelles, que primeiro em pequenos rasgunhos delineava as pinturas, com que depois em paineis grandes havia de enriquecer o universo.

Désteis logo â disciplina do Paço, outros annos mais advertidos. He a Cortesania, a Gramatica das pessoas illustres; porque as lingoagens da Arte das Cortes, nunca as entendeo bem, aquelle que tarde veyo a estudallas: se já não he, que porque os homens não fujão de seu perigo, convem que desde moços lhe vão perdendo o receyo, como os moradores das catadupas do Nilo, tem por harmonia o estrondo [A3], que aos estranhos estremece.

Vivieis como cortesão, mas entre as galantarias deste trato, não se vos entorpeceo o espiritu; porque as delicias de Capua, não chegarão a destemperar o aço dos peitos fortes; hũa cousa he possuir os deleites, outra ser delles possuido.

Assi vos acharão desembaraçado o coração, do amor das cousas vulgares, todos os empregos, que vos offereceo o tempo, mais dignos de amor. Este vos levou tão cedo a Africa, a merecer com Deos, e el Rey em guerra santa, as ventagens de que vos fizestes digno. De aqui procedeo, que na liberdade da Patria, e sua conservação, seguistes estes fins por tais meyo, que pella propria razão, que poucos vos igualarão no merito, era força, que no premio vos excedessem muitos.

Eu que tenho que dizervos do que obrastes? se vós mesmo obrastes mais, do que saberei dizervos; salvo se felizmente vos esquecem vossas acções, não para que deixeis sua imitação, e seu progresso, mas para que vos não moleste esta lembrança, vendo tão desigual do custo, o gallardão dellas. Torre de São Sebastião 4. de Setembro de 1649.

V. A.

*D. F. M.*

[A4] Costumavão os premios, quando os havia no mundo, manter os homens diligentes, e ainda soberbos, contra o perigo das cousas arduas; porèm aquelles da virtude, sem palavras prometidos, e sem mentira logrados, não com menor efficacia os fazem animosos, para emprenderem difficultosas acçoens; que ou lhes servem, conseguidas de gloria, ou frustradas de desculpa. Assi foi: mas eu direi agora, que não só sem algũa esperanza, de justa recompensa, senão quasi certificado do inconveniente, me ponho alegre a este longo trabalho, de recolher nossas memorias, como se tão fatalmente fosse arrebatado â satisfação, como me vejo ir ao desagradecimento.

Tres autorizados Conselheiros, me persuadem o Conselho, o Ocio, e a Inclinação. Façolhe â Patria barato, de não nomear o zelo, pella não deixar obrigada ao beneficio, ou á injuria, satisfazendo, ou desprezando a fadiga, q tomo por ella, ao mesmo tẽpo, q ella toma cuidado, por acrecentar minhas fadigas. Porẽ, como este queixume tenha a idade do mũdo, não faltão exẽplos, q assi nos possão ministrar alivio, como vaidade; porq sahir inteiro das batalhas, donde os melhores forão feridos, tambẽ parece desgraça.

Mais vezes os homens incitados da ambição, que da miseria, se aventurão a navegar os remotos mares, buscando seus interesses por mãos do perigo. Porèm, outros não desprezando, mas proporcionando o trabalho, sem sahirẽ de seu proprio cãpo [A5] cultivão com louvavel moderação a terra em que nascerão.

Posso sem vaidade dizer, que da mesma sorte me sucedeu nesta obra; porque jã que os referidos affectos me inclinão ao officio historico, escusandome agora de observar os movimentos dos estranhos (visto que nelles periga de ordinario a verdade do Autor por ignorãcia, ou incerteza) procuro escrever sem artificio a Relação de aquelles sucessos que ha poucos annos passárão na Cidade de Evora, e quasi toda a Provincia de Alentejo, com o Algarve; dos quaes he força tenha por testemunhas os homens deste tempo. Cousa por certo assáz rigurosa, e que só pòde soportar aquelle que fizer da consciencia, pena, e da verdade, tinta.

E porque o mesmo que huns dias desprezão, vem outros que o estimão, não julgo indigna de que se lea a Relação destes casos; os quaes ainda que por sucedidos entre nõs, deixem de nos parecer grandes, por ventura que venhão a

ser de alta maravilha aos futuros; porque olhando de mais longe nossas acçoens, entenderão dellas, com a propria liberdade que nós entendemos agora as dos passados. Tãbem ousou a dizer, que publicando eu o que callarão todos, posso enriquecer minha obra dos descuidos alheyos: de que já (quando menos) me ficará a gloria de haver roubado estas lembranças das mãos ao esquecimento.

Não avògo pella grandeza da materia, porque de [A6] meu proprio movimento elegi menores empregos do que outros, para a q por alhea, mas poderosa eleição, estava destinado. Com tudo afirmarei deste caso, que suposto foi mayor em suas partes, do que em si mesmo, pareceo como hum Cometa, que sendo produzido por baixa exalação da Terra, subio, e se acendeo no Ar; donde fatalmente pronosticou importantissimas revoluçoens á Republica Portugueza, e Castelhana; porque se considerarmos os meynos, e fins de seu progresso, em nada nos parecerã inferior aos accidentes passados, que em outras idades forão bastantes a trastornar, e trastornarão as Monarquias.

Agora havendo apontado algũa cousa do valor de meu assunto, serã justo que o refira desde sua origem, para que assi fique mais claro, e melhor entendidas as circumstancias que o fizerão misterioso. A mi me custarã pouca, ou nenhũa pena, sua averiguação, tanto pella noticia, e memoria que de tudo tenho, como pello tempo que me sobeja, assaz habilitado para cuidar em trabalhos alheyos, pello exercicio dos meus propios. Nem eu a estes que escrevo porei falso nome, quando tambem disser, que são meus, pois nelles tive tanta parte, como esta Relação mostrarã adiante.

Corria já por cincoenta annos, que o governo de Portugal estava em mãos de Principes estrangeiros (assi chamo aos Reys de Castella) a cujo poder o levou a Providencia por meynos, ainda que lastimosos, [A7] não exquisitos â fortuna dos Imperios. Habitavão os Reys Castelhanos nossos dominadores em Madrid, que foi a antiga Mantua Carpentanea; por ser sua situação em o centro de Espanha, quasi igualmente distante dos mares que a rodeão.

A remota vivenda do Principe, junta à confusão de seu immenso senhorio, e por outra parte os Reys relaxados, ou por mistura do sangue Austriaco, sempre notado de remiso, ou do excessivo ocio, que já durava por mais de meyo seculo, os fazia proceder tam pouco atentos às occurrencias publicas, que entre as mais

importantes, se achavão como estranhos na observancia dos meyo convenientes a sua conservação. Não disputo da causa, mas o effeito era já lamentavel a toda a Monarquia; porque desde el Rey Dom Felipe segundo, a quem nós contamos o primeiro, os dous sucessores filho, e neto, dimitirão de tal sorte o real exercicio, que bem podemos afirmar, não tinham de Reys, mais da vazia dignidade; e só por aquella vez o poder, que foi bastante para entregarem a seus validos o regimento da Republica. Destes dependia a comum direcção dos negocios, com nome de primeiros Ministros; os quaes reos do mesmo engano, que seus senhores, renunciavão tambem em outros a pesada parte de sua valia, ficando com a util. Entravase pella ignorancia â pretensão; porque assi como a fortuna do digno se funda em ser conhecida sua bondade, assi a ventura do indigno se estabelece sobre que seja oculta sua [A8] malicia. Corria a adulação desenfreadamente repartida em desiguais idolatrias, pella mesma causa que o poder se achava em muitos Idolos repartido. Então como o premio não era consequencia (qual devia ser) da virtude, todos os q pretendião seu aumento, erão forçados a buscallo por aquelles caminhos que a industria lhes punha diãte; aos quaes seguião mais soltamente os homens, em cujos peitos claro, ou escondido ardia o fogo do interesse: complice dos mayores incendios das Republicas. Não era com tudo a idade de todo esteril de Varões graves, q á imitação dos primeiros, se satisfazião com a gloria do merecimento: porque dos grandes edificios, ainda depois de arruinados, sempre se vão descobrindo alguns vestigios, que nos informão de sua primitiva grandeza.

Vivia por estes tempos em Lisboa hum dos nobres do Reino, de aquella ordem a quem os Portuguezes chamão: *Fidalgos*, com mais digna recordação que as outras nações de Espanha, sendolhes a todas universal este nome, não há muito trocado ao de Cavalleiros. Fizera historia ao escandalo, como desejo de a fazer á doutrina, se aqui nomeasse todos aquelles de que hei de fallar: basta que não dissimule as acçoens, que dão claridade, e sustancia ao que vou escrevendo. Era este tal Fidalgo mais especulativo, que prático em os negocios publicos, que nunca havia manejado; do que muito se sentia, julgandose com annos, autoridade, e talento conveniente ás [A9] mayores occupações, que os Principes encarregão a seus vassallos. Eu, que bem o conheci, e por muitos annos tratei

com mais de ordinaria amizade, creyo agora, que ainda então lhe não tardava o Consulado, cuja falta elle já reputava intoleravel injuria. Por tão enganoso compasso se medem os homens a si mesmos, e tão terrivel consequencia trazem as parciaes eleições, voando para huns o premio, quando para outros tarda, ou não chega nũa. Havia sê obrigação este sujeito (e pôde ser, que sem perfeita noticia) discursado consigo proprio, acerca das causas do empenho, em que se via a fazenda real; e averiguandoas tambem consigo mesmo, se persuadio que elle só, despois de tantos, lhe achâra justo, e facil remedio. Entre os homêes sem experiêcia, não parece difficultosa a emenda dos erros por que não tem passado; principalmente em os da administração publica, cuja ambigua natureza a penas se descobre aos mais excelentes juizos, despois que são nella muito praticos. Apoz de seu pensamento formou logo hum papel de varios alvitres, ordenado de boas palavras, e fermosos pretextos, que todos os fins de seu discurso fazião mais agradaveis.

Foi então fama, que comunicado por seu proprio Autor este modo dos desempenhos do Reyno com outro fidalgo menos nobre, que elle, mas muito mais destro em as materias de estado; este segundo Politico, fundando melhores conclusoens, nas primisas do primeiro, formou outro aventejado [A10] papel, com o qual subitamête se offereceo a el Rey, e Valido Castelhana; de quem não só foi admitido, mas satisfeito. Dissese então (e muitos dos que me lerem sey o ouvirião) que o original inventor destes alvitres, se queixava da simulação, e falso termo de aquelle seu amigo, de quem se havia confiado. Assi o entendi eu de outros muitos, mas dos dous, nunca; havendoos tratado ambos familiarmente.

Tal foi o principio de hum aspero decreto que el Rey D. Felipe, dos seus chamado o Quarto, fez publicar aos Portuguezes: em q lhes mandava o servissem com quinhentos mil cruzados fixos cada hum anno, repartidos por varios effeitos. Porém, como segundo os antigos foros, não pôdem os Principes impòr novo tributo, antes que em Cortes seja comunicado, pedido, e concedido; pareceo que esta dificuldade era grande, e sem artificio, invencivel.

Observavãose muitos sinais de custosas novidades; porque Dom Diogo da Silva Conde que fora de Portalegre, se escusára pouco havia do governo do Reyno, com generosa, mas desigual resolução; desconfiado, de que el Rey lhe

não entregasse o mando das Armas Castelhanas, que ocupavão nossos presidios, como a seu Pay o Conde Dom João, se havia confiado. Mas Dom Diogo, que entre o exercicio de suas virtudes, ainda se acompanhava das memorias do mando; dizem, que ao mesmo passo que se via ir perdendo a graça del Rey, se poz a solicitar [A11] a do Povo: a quem declarava, que se por muito Portuguez o não achavão seguro para mandar Castelhanos, elle desejava antes, os comodos dos primeiros, que dos segundos; e que por se escusar de ser instrumento da vexação da Patria, fora com aquelle desprezo castigado.

Os Ministros da Corte, ou já envejados do credito deste Conde, ou escândalizados dos meyo porque o adquiria, todos entendião que a vontade de D. Diogo era em Portugal sempre oposta à del Rey, e que levava consigo tantas, que todas juntas formavão hum muro incontrastavel; o qual de força se havia de romper primeiro, que se podesse introduzir a forma dos Decretos reais, e sua obediencia; porque a Nobreza, e Povo, tinhão por sospeitosas aquellas resoluçoens, que não rubricava o aplauso do Conde D. Diogo da Silva.

Desta sorte passavão os negocios com medo, ou cõ cautela, por cuja causa todos os expediêtes mais importâtes perigavão no principio, ou meyo da execução; porque os Ministros receando já o mal que se lhes ordenava, atè do justificado duvidavão. Outros desejando acomodar o serviço do Principe, e liberdade do Reyno, fazião por achar hum meyo de introduzir o novo pedido sem violencia contra o Povo, nem desautoridade contra el Rey. Donde procedeo arbitrase occultamente que de Castella viessem cartas assinadas da mão real, a algũas das principais pessoas que em Cortes tinhão voto; para [A12] que à maneira dellas em junta particular se pudesse aceitar o novo tributo sem quebranto dos fóros do Reyno, nem experimentar a contrariadade que da multidão se temia.

Vindas as cartas que só continhão o mandado, e rogo del Rey, para que se congregassem a ouvir hũa materia de grande importancia, e conveniencia do Reyno; a Junta houve effeito na Igreja de Santo Antonio de Lisboa, donde de Nobreza, Povo, e Ecclesiasticos estavam chamados sòmente aquelles de quem mais se esperava a muda, ou interessal obediencia. Porém ouvida já a proposição do negocio, e advertido o arteficio com que se procurou facilitar, quem primeiro

fallou foi D. Francisco de Castel-branco Conde do Sabugal, e Meirinho mór do Reyno, o qual em poucas palavras lhes disse: *Que elle, e todos os circumstantes, com os vogaes que faltavão, havião jurado guardar os costumes de Portugal: pellos quaes lhes não era licito admitir, nem votar fóra de Cortes, em materias semelhantes.* Levantouse com pretexto de haver já dito seu parecer. Seguirãoo quantos Nobres, e Ministros se achavão presentes; huns com enveja, outros com satisfação, mas todos com temor, do mesmo que estavam executando.

Governavão a Portugal por este tempo D. Antonio de Ataide Conde de Crasto de Ayro, e Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys; dos quaes havendo na Corte inteira satisfação, se esperava assistissem ao novo serviço com tal cuidado que elle [A13] se conseguisse. Foi mayor o descontentamento de sua impossibilidade, havendo avisado della os Governadores; porque nunca a desesperação he tão custosa, como quando nella se troca, a esperança mais certa. Mas suposto, que os Condes insinuavão em seu aviso muitos caminhos ao remedio, nem as escusas, nem as esperanças se lhe admitirão, ou agradecèrão, que foi dar outro mais cego nó à diffiuldade: contra a qual (desobrigados pella reprehensão, ou obrigados pella consciencia) não provarão mais a força da autoridade, credito, e industria, que por ambos se repartia.

D. João Manoel Arcebispo de Lisboa, assistia em Madrid, donde fora tratar graves negocios de Religião, q procederão de aquella maxima jũta dos Prelados do Reyno, por mais de dous annos, cõgregados no Convêto de Thomar, donde D. João (então Bispo de Coimbra) fazia officio de Secretario: tão subida era a materia; cujo trabalho foi igualmente infrutuoso. O zelo da causa, q solicitava, o esplendor de sua familia, parêtes grãdes, e cõpassadas acçoens lhe havião grãgeado mais, q o proprio talêto (não de todo esteril) boa opinião entre os Ministros Castelhanos, e modernos Portuguezes, porque entre os mais antigos não corria tão favorecido.

Mais no seu credito, q na sua diligencia, fundou a eleição feita de sua pessoa, para o governo de Portugal, em titulo de Visorrey: bẽ, q os depostos delle, parêtes, amigos, e interessados cõ o mesmo Arcebispo, [A14] dizião, que não tivera neste caso a diligencia menos parte, que o credito.

Sahio de Madrid, e chegou a Lisboa, sem que de sua vinda se lograsse, senão o discomodo do Conde da Castanheira (fallecido já o de Val de Reys, em cuja proprietária presidencia, do Tribunal das Ordens, vinha o da Castanheira nomeado; delle aceita contra o juizo comum.) D. João Manoel, de longo tempo, oprimido de hũa hydropesia mortal, nenhũa das cadeiras estreou, de Visorrey, ou de Arcebispo.

Então se vio sem exemplo, vago de todo o governo do Reyno, de cujo cargo, lançou mão o Conselho de Estado, como immediato à dignidade Real. Durou assi trinta e dous dias, acodindo ás ordens, e cartas del Rey, o Secretario de Estado; a que elle com parecer do Conselho, respondia conforme sua resolução.

Havia D. Diogo de Crasto, conde do Basto, governado duas vezes o Reyno, depois de exercer outros Magistrados da Republica, dõde se fez mais digno do governo, que nelle mesmo. Foi terceira vez chamado, e com o proprio titulo de Visorrey, que antes não conseguira, posto no mais alto lugar de sua Patria, cousa que os antigos tiverão, por summa felicidade: ignoravão (parece) os exemplos passados, e não alcançãrão a ver os futuros escarmentos.

O Visorrey publica, e particularmente interessado [A15] na restauração de Pernambuco (pellas causas que a ninguem esquecem) procurava esforçar todos os meyo, de que se conseguisse. A India, com o Brazil, e mais Conquistas do Reyno, infestadas do poder inimigo, por hũa parte, não acodião com reditos sufficientes a seu socorro, e por outra, com essa propria falta, fazião cada vez mayor, e mais precisa a necessidade delle. Tudo pedia hum excessivo cabedal, ou industria, que o suprisse: nós de tudo faltos, por instantes nos viamos diminuir na opinião, e utilidade. Aqui fundava o desejo, e ainda a desculpa da resolução, com que os Ministros proseguirão a diligencia de introduzir novas imposiçoens.

Mas D. Diogo, com temperança louvavel, se interpunha entre a execução, e o remedio, suprindo â custa de imenso trabalho as necessidades mais urgentes. Assi durou o governo, sem escãdalosa novidade, atè ao fim do anno de 1634, que se tornou a turbar pellos accidentes que diremos.

El Rey D. Felipe segundo de Castella, teve entre outros filhos a Infanta D. Catherina, que casou com Carlos Emanuel Duque de Saboya. De quem tambem

entre os mais Principes, nasceo Margarida, mulher de Vicencio Gonzaga, terceiro Duque de Mantua, e Monferrato; o qual fallecido, deixou por herdeira de seus Estados, hũa só filha por nome Catherina; porèm Carlos Gonzaga Duque de Neverz em França, Conde Ulhon, e Principe de Rotel, se opoz logo â sucessão da casa, por ser filho de [A16] hum irmão de Luis segundo, Duque de Mantua, que foi pay de Vicencio; cuja Baronìa se achava extinta em Catherina sua filha. Acodio Espanha a defender o direito da herdeira, França ao do pretensor, e intentou Alemanha ocupar o Estado, como Feudo Imperial: donde procederão as memoraveis guerras, que em nossos dias oprimirão Italia, assi em Mantua, como no Monferrato, das quaes era Teatro Lombardia, sobre cujos campos, se representárão muitos annos, as lamentaveis tragedias, que Espanhoes, Francezes, e Alemães, padecêrão a fim de conservar os interesses de suas Coroas. Forão varios os sucessos, até que ultimamente, convertida a fortuna contra a viuva Duqueza Margarida tutora, e conselheira da filha, e netos (que já tinha) as cousas se dispuserão de tal sorte, que esta fatal Princeza houve de sahir em espaço de duas horas, desterrada dos termos de Mantua, e Monferrato, por ordem de seus opressores, recebendo leys donde quasi toda a vida as havia dado; porèm, já despedida de Mãtua, passou cercada de perigos, a Cremona; de alli a Milão, e de Milão a Pavia, em cujo governo se deteve algũ tempo, cõcedendoo assi a seu respeito el Rey D. Felipe Quarto, primo irmão de Margarida. Com tudo ella desconfiada, e temerosa em Italia, pedia instantemente a D. Felipe, a mandasse passar a Espanha, donde viveria, e morreria mais satisfeita, como pessoa particular, que em aquella Provincia despojada Princeza.

[A17] A hum mesmo tempo se recebião na Corte Castelhana as cartas de Margarida, vindas de Italia, e as queixas dos Ministros confidentes, fundadas na impossibilidade do Reyno; a qual como dissemos, dias havia que se adjudicava ao respeito, com que os mesmos Portuguezes procedião no ajustamento do novo tributo; donde os mais interessados julgavão, que se Portugal se governasse por pessoa de todo independête do Reyno, à vontade del Rey, e Valido, seria facilmente introduzida.

Haviase a este fim discorrido, sobre quaes serião em Castella os sugeitos mais a proposito de se lhe encarregar nosso governo. Julgãdose exteriormente, q a

todos preferia D. Frãisco de Borja, Principe de Esquilache, Conde de Mayalde: fora já Visorrey de todas as Indias Occidêtaes, por espaço de doze annos, que governàra mais aprazivel, que prudente. Achavase desocupado na Corte, e concorrião em sua pessoa algũas qualidades, que parece o farião toleravel a Portugal; sendo o Principe, filho, e neto de Portuguezes, herdado no Reyno, e Fidalgo nelle. As quaes exterioridades bastavão para nos satisfazer e certificar aos Castellanos, que pello sangue, nascimento, criação, e beneficios, que devia a Castella, não faltaria em derigir todas suas acçoens, segundo os fins de aquella Coroa.

Com tudo, alguns de nossos Ministros, favorecidos do Conde Duque, sobre q desejavão mudar o governo, era de modo q lhes ficasse por essa mudãça [A18] mais entregue, o q não podião esperar do governo do Principe; porq além de ser homẽ sábio, e grãde, era irmão do Duque de Villa-fermosa, Presidête do Conselho de Portugal, cõ quẽ não podia deixar de estreitarse de sorte, q a todos os outros Ministros lhes ficasse pequena, e humilde parte das materias, q dispòr; contra o q hia prevenindo a ambição de aquelles, que solicitavão a revolta das cousas publicas.

Achavase por esta causa, enfraquecido o discurso que aprovava a eleição do Principe de Esquilache, quãdo forão recebidas as mais urgêtes cartas de Pavia, pellas quaes Margarida pedia o trãnsito a Espanha. Dissese então: *Que o Duque de Villa-fermosa, Ministro grande do Conselho de Estado de Espanha, e valido, do Valido, a troco de não ver preferir para o governo de Portugal, outra pessoa (despois que seu irmão o Principe, se descobrira opositor delle) fizera inculca, ou lembrança da Princeza Margarida; apontando com grande destreza, que el Rey assi, sem algum dispendio da Coroa Castelhana, ficava recebêdo, e sustêtãdo a Prima, para q lhe fizesse serviço. Acomodava em Portugal hũa tal Princeza, donde nunca as resoluçoens reaes achassem contradição, nem favor os interesses particulares do Reyno, e nacionaes; e que para satisfazer a esquecida pretensão de nossos privilegios (os quaes fõra de pessoa natural, se não estendem mais que a filho, irmão, tio, ou sobrinho dos Reys) bem se contêtarião os Portuguezes, de q os mandasse hũa neta del Rey D. Felipe, que tiverão por senhor, bisneta de hũa tal Infanta de Portugal, como havia sido a*

*Emperatris Dona Isabel, mãy de Felipe. Ajuntando: Que [A19] Margarida tinha mostrado, assi nas guerras de Mantua, como em o mando de Pavia, haver nella hum espiritu constante, para as expedições militares, e hum juizo prudente, para os negocios civis.*

Tal foi o principio da inesperada eleição, que se fez em Margarida, para o governo de Portugal; donde havendo chegado pellos ultimos dias de 1634. começou quando o novo anno seguinte, o novo Regimento.

Tinha por este tempo, em grande altura a graça do Conde Duque (primeiro, e memoravel Ministro da Monarquia) Diogo Soares, Secretario de Estado, em o Conselho de Portugal, a cujo officio subira de Escrivão da Fazenda, que era no Reyno. A pouca suficiencia, que até então se havia descoberto neste Ministro, e notavel velocidade, com que voou a tão alto estado, deu causa para que alguns em demasia desafeiçoados, ou queixosos, entendessem não erão todos naturaes os meyo por que alcançou a valia, e depois se fortificou nella; porque fóra do costume destas maravilhas, ellas forão do tamanho de sua vida: prevalecendo contra os combates de hũa fortuna adversa, que ainda declarada em seu odio, não pode destruillo, antes de acabar aquelle, a cuja grãdeza se arrimou: como costuma a hera, com a coluna, da qual se não desabraça, até que o tempo não derruba o edificio.

Porém, segundo o mais prudente juizo, que então se fez do Conde, e Diogo Soares, como este [A20] affectava por todos os modos, o adiantamento da fazenda del Rey, e particularmente por aquelle tão danoso ao Estado, de vender os officios publicos, e a sede de aquelle tempo era insaciavel, não sei se à paixão, ou ao appetite, veyo a persuadirse o Conde Duque, que sem a intervenção de Diogo Soares, não poderia conseguir os efeitos, que desejava para a conservação do Reyno: ou se (cuidado melhor) não era recato arteficioso fiar deste aquelles negocios, que por indignos não quereria já comunicar a outro Ministro. Foi fama, que a esta opinião, com grande astucia, acrescentava Diogo Soares lisonjas publicas, e secretas, que nunca faltão ao mais ignorante, junto aos Principes. Mas como sobia tão violentamente, porque aos primeiros passos da valia logo desbaratou a opinião, e lugares dos mayores Ministros; em breve tempo, a quantos não teve por inimigos, teve por sospeitosos, sendolhe então forçado

armar novos, e mayores arteficios para crear outros, que lhe fossem confidentes, do que lhe erão necessarios para se conservar, e assegurar-se de aquelles que achava occupados em grandes postos.

Com este conhecimento, e mayor observação da natureza do Conde Duque, q com varios exemplos deu a entêder ser incôstâte, ou pello menos facil, em a destruição de suas proprias creaturas; entrou Diogo Soares em o cuidado de fundar o edificio de sua valia: a maneira que costuma o Piloto na costa [A21] braba não fiar só de hum cabo a segurança do navio. Com esta consideração solicitou o entendimêto do Valido, de tal sorte, que se inclinasse a entêder não estava o officio de Secretario de Estado no Reyno occupado dignamente em a pessoa de Felipe de Mesquita, que o exercitava havia quatro annos, por Cristovão Soares seu tio; Ministro antigo, e estimado da nobreza sê odio do vulgo: cujas boas partes no sobrinho se cõgratulavão. Com zelo digno de hum varão piadoso, offereceo Diogo Soares, o primeiro motivo aos olhos do Cõde Duque (sempre a malicia se val da capa da virtude, para acreditar suas obras) representando que o estado sacerdotal de Felipe de Mesquita, era incõpativel com o posto de Secretario, q segundo o uzo de Portugal, exerce de juelhos diante dos Principes, todos os actos de seu officio. Segundo as rezões contrarias desta, que o Conde não podia ignorar, se póde crer, q a ficção deste pretexto tanto foi de quẽ o representou, como de quẽ o teve por verdadeiro; porq em a propria Corte se havia visto não de muitos annos Bertolameu Leonardo, aquelle grão Poeta de Espanha, Sacerdote, e Secretario da Emperatris D. Maria; e mais proximo Pedro Fernãdes de Navarrete, tãbem insigne Politico Secretario, e Capellão do Cardeal Infante, q ambos com seus Principes, usavão da propria veneração q em o de Portugal sómête se quiz fazer indigna. Seguio â razão aparente, a fingida amisade, por ocasionar mais depressa o desvio; e encarecendo as boas [A22] partes do Secretario Sacerdote, lhe taixou por mercè competente, hum lugar de Deputado Eclesiastico, em a Mesa da Conciencia; como houve efeito, antes que Margarida tomasse posse do governo.

Deposto já aquelle impedimento, e vazio o lugar de Secretario de Estado, faltava ainda para obrar a segunda, e principal parte do intento; a qual era acomodar naquelle posto, a Miguel de Vasconcelos, cunhado, e sogro de Diogo

Soares, e seu mais cõjunto no espiritu, que na afinidade; a quem julgava dignissimo sujeito, para manter sua correspondencia; porq sem contar as repetidas alianças, q entre os dous se achavão excedia muito o vinculo da obrigação, ao do parentesco. Era Miguel de Vasconcelos, herdeiro do aborrecimento, que o Reyno teve a seu pay, Pedro Barbosa; homem togado de agudo, mas inquieto ingenho, a que se seguio vida escandalosa, e morte violenta. Com tudo, forão assi representados seus merecimentos, ao Conde Duque, que logo houve nelle lugar aquelle grande officio, que pretendia. Quãdo vimos os sucessos, que desta eleição se originârão, então entendemos a providência, com que o Ceo permitio os indesculpaveis desconcertos, que cahirão sobre nossa Republica.

Pois como fosse certo, que a raiz do valimento de ambos estes Ministros, se banhava em aquelle continua torrête do interesse, que por ambos corria desde os Vassallos ao Principe, e por essa causa cada hora brotasse sua fortuna, novas, e grãdes mercês; [A23] bem se deixa entender, qual foi a prontidão, cõ que hum, e outro Secretario procurárão todas as materias, donde fosse interessada a utilidade real. A cuja cultura, só se dirigia o continuo, e ardiloso trabalho de Miguel de Vasconcelos no Reyno, e Diogo Soares na Corte.

Começârão então a renovar-se as práticas dos tributos passados: taes, e tantos, que nunca foi possivel aos mais diligentes observadores dos segredos do Estado, sua averiguação. O proprio secreto os fazia sospeitosos; mas soubese, que muitos como monstruosos se não lograrão. Não serei temerario, se disser erão exorbitâtes os occultos, vêdo q os julgados por licitos, jũtamête se souberão, e repulsârão.

Erão até aquelle tempo varios os efeitos, cõ que os Povos servião a el Rey; porque erão tambem varias, e grandes as necessidades, que os Portuguezes não negavão, nem des-socorrião. Porẽ, dos apertos presêtes, não fizerão tanto caso os mais zelosos, prefilhandoos á desordem, e não â desgraça do tempo; tendose gèralmente por certo, que as miserias referidas, servião de pretexto, e não de causa ao excessivo affecto, com que se pretendia introduzir o novo serviço. Dezião os atrevidos: *Que ninguem solicitava o proveito publico, com tão extraordinaria diligencia.* E se provava, com que sendo cada dia mais crecidas as

contribuições, o cabedal não se aumêtava afirmando, que se a agoa dos rios não sahira do mar, assi como entra nelle, jâ o mundo estivera cuberto [A24] das aguas que o mar recebe cada instante; e que da propria maneira sucedia ao cabedal do Reyno; visto que cõ tão perene custo de dinheiro, qual se contribuia a el Rey, jámais em sua Fazenda se enxergava hũ breve melhoramento. Assi lembrado o Povo dos expediêtes passados, não podia acomodarse a receber, os novos dereitos, em que esperava houvesse a mesma desordem, q nos antigos. Era então por toda Espanha, universal queixume dos Vassallos, q a sustancia tirada dos pobres, com arte, ou com violencia, se despendia em desproporcionadas mercês, e fabricas impertinentes. Como se não fosse vicio antigo em Principes descuidados, pedir cõ justificação, e gastar sem ella. Rematavão os queixosos seu discurso, com q nenhũa razão os obrigaria, a pagarem mais das antigas cõtribuições: q a el Rey não faltavão efeitos, senão providencia; e que se assi como lhes pedião cabedal de prata, e ouro (de que já estavão despojados) lho pedissem de concelhos, elles farião a el Rey mayor serviço; porq a experiêcia dos excessos passados, os deixara requissimos de advertêcias. Que os principes antigos, sem algũa molestia de seus Povos, ajuntârão tesouros, q lhes abrangerão a conquistar as Provincias, que são os tesouros do mũdo.

Crecia com a duvida da gente, jâ repartida pella voz do vulgo, o embaraço em todos os Ministros do Reyno; e pôde ser, que o arteficio em alguns; e nos da Corte se aumentava a indinação, por se não verem obedecidos: cõ o que de novo mandavão a [A25] estoutros, proseguissem o começado; porèm nada se obrava, segũdo se pretêdia; porque os do Reyno como não erão de immediato merecimento à vôtade do Rey, vêdo entre seus olhos, e o serviço de cada hũ, a intercessão dos Ministros de Castella; antes querião cõprazer ao Povo, que ocasionar nova graça, e grandeza, aos que tinham por superiores: e os de Castella, sendo proximos ao premio, e repreção, e apartados dos clamores populares, sem nenhum respeito ao publico descontentamento, procuravão agradar o Valído, cõvertêdo a lisonja em cega obediencia. Porèm, já descubertas as invenciveis dificuldades, q se opunhão a este expediête, e conhecidas algũas, q os mesmos interessados nelle não podião negar; se tomou por segũdo acordo, q reduzidos os novos tributos a hũ só serviço o Reyno cõtribuisse cõ quinhentos mil cruzados fixos cada anno,

âlê das antigas imposições, e q estes se assentassê à satisfação dos Povos, vêdendoselhe por grãde mercè deixar em sua eleição o instrumêto da ruína. E para q a soministração deste serviço, procedesse livre, e diligête, se encarregou a hũa Jũa particular de graves Ministros, chamada do Desêpenho, em a qual se ajustassê todas as depêdencias de tão grãde negocio sem algũ recurso, ao governo do Reyno; porq a fim de q seus decretos não fossem revogaveis, se constituío imediata ao Conselho de Madrid, dõde as partes queixosas não poderião recorrer, sem mayor dispêdio, q o proprio valor da sem-razão, q padecessê.

[A26] Os meyo, que de ordinario buscão os Principes para atrahir a si a vontade dos Vassallos, poucas vezes se regulão pellos exemplos; porque agora vemos, ser a proposito os brandos, agora os fortes: tenho por certo, que esta felicidade, e facilidade de sua execução, se deve mais vezes ao aplauso do Principe, que à Justiça da obra; mas tambem me confundo quando vejo, que o meyo por donde os Reys chegão a lograr este aplauso, he a temperança, com que se abstem de gravarem aos Povos. Então como do amor pende a obediencia, e da liberalidade o amor, não acabo de determinarme, em qual seja o melhor caminho, para fazer hum Imperio felice. Vendo ao liberal empobrecido, ao interessado difficultoso. Dissese naquelle tempo: *Que se este serviço se começára com mais temperança, não se dando tão violentamente a beber ao vulgo o vaso amargoso, que se lhe ministrava, os Povos já de cansados, quãdo não de obediêtes, houverão de recebello.* Porém como os erros se multiplicarão na direcção deste negocio, assi crecerão tambem na contradição delle; a qual sobre as passadas, se representou intoleravel aos olhos dos Ministros, que aconselhados com a ira propria, mandarão por decreto executivo, se proseguisse o repartimêto do dinheiro, e se executasse sua cobrãça por mãos das justiças, que assistiam• nas Cidades, e Villas, cabeças das Correições do Reyno. O Povo sentio mais, ver que se perdia a qualidade de serviço voluntario, trocandose em devida perentoria.

[A27] O uso immemorial de nossa nação, havia constituido por cabeças de Comarcas, em nome de Corregedores, a homens leigos, prudentes, e nobres; e a muitos dos que derramando seu sangue na mocidade, por defensa da Patria, como mais obrigados a ella, e ella mais dependente delles, agora na velhice se

empregavão em conservalla, e regela com paz, justiça, e bons costumes. Mas sucedendo no Reyno D. João o segundo, Principe excessivamente zeloso da Justiça, e duramente oposto â grandeza dos Vassallos, acordou de mudar o estilo antigo (que todavia se conserva em o resto de Espanha) e introduzir nas correições homens, professores de civis: gente que por meam entre os grandes, e pequenos, pudesse moderar a autoridade dos senhores, e castigar a insolencia do vulgo. Este modo de regimento, por ser mais em favor da Monarquia, que o passado, foi tão aprazivel a todos os Reys sucessores de D. João, que nenhum se lembrou de restituir â nobreza estas dignidades, que D. João lhes alheâra: nem advertidos dos grandes inconvenientes, que sobrevierão por essa causa ao Rey, e Republica: tais q a todos puzerão perto da ultima ruína. Porque os Reys (dizem os que não aprovão esta mudança) amão o serviço dos letrados, persuadidos delles mesmos, por lhes fazerem certo, que o ser da sua faculdade, he sciencia do justo, e injusto; donde procede, q elles âs vezes estendêdo a jurisdição, chamão de continuo em seus excessos, por autora [A28] a autoridade real, com cuja ofensa (se assi he) dilatão seu poder, â vontade da paixão, ou cobiça, que tal vez oprime o animo de muitos, por ambição, ou miseria. Até aqui pertence à queixa, dos que julgãrão inconveniente o governo dos Juris-consultos, de algũa sorte favorecida, com o exemplo que escrevemos.

Obravão todos os Corregedores do Reyno, segundo suas ordens; e a nenhum erão já ocultas as grandes dificuldades, que o Povo oferecia a seu comprimento. Entre os mais, o Corregedor de Evora Andre de Moraes Sarmêto, de profissão Legista, tratava com des-regrado zelo, o assentamêto do novo serviço, e repartição dos efeitos, que para seu cobro tocavão a sua Comarca. Havia já proposto tudo á Camara de aquella Cidade: donde os Vereadores della, â custa da vontade del Rey, e do clamor do Povo, igualmête mostravão desejo de obedecer, e resistir; porque de hũa parte, a obrigação de bons Vassallos, e da outra, a de bons Patricios, os dividião, e equivocavão, em tão contrarios efeitos. Pareceo, que a mayor impossibilidade, consistia na vontade do Povo; porque como consta de numero incapaz de castigo, soborno, ou conselho, he de ordinario, oposto a todos os respeitos politicos. Quiz então o Corregedor, encaminhar a obediência das cabeça populares, e fez chamar diâte de si ao Juiz, e

Escrivão do Povo, em os quaes de algũa maneira, entre nòs se reparte a autoridade de aquelle officio, [A29] que os Romanos chamâão: *Tribúno da Plebe*. Erão seus nomes destes, Sesinando Rodrigues, e João Barradas, ambos da ordem mecanica; e que assi pellos lugares que tinham da Republica, como pello credito de amadores da liberdade, se estimavão as pessoas de mayor poder, entre a multidão de aquelle Povo numeroso, e soberbo: segundo os testemunhos, e tradiçoens das antigas resistencias do seu Sertorio, soldado Romano, e que com seus passados atropelou os decretos, e as hostes do Imperio.

A novidade de aquella diligencia, que o Corregedor intentâra com os dous Populares, a que tambem se ajuntava a prática comũa, que jã corria pello Povo, das novas imposiçoens que lhe repartião; abalou grande quantidade de gente em seguimento dos dous chamados, ou fosse por segurança, ou (que he o mais certo) para atemorizar com seu numero, o executor da violencia, que temião. Todos estes accidentes ameaçadores á Republica de custosa novidade, desconheceo, ou desprezou o Ministro real, contra quem se prevenião: procedendo em persuadir aos Populares, que tinha encerrados em seu proprio aposento, jã com promessas, jã com ameaços, antes que convertidos â multidão, tornassem a participar do espiritu de sua variedade. Porém, Barradas homem de juizo, mayor q sua fortuna, pedia instantemẽte lhes fosse licito comunicar o negocio a seus cõpanheiros; [A30] porque ainda que elle, por temor, ou razão, concedesse no q se lhe propunha, claro estava, que sem participar do consentimento do Povo, nada ficava firme. Era esta comunicação, a que mais temião os Ministros del Rey, assi lhe foi negada; cõ que de novo endurecidos os Populares, se resolverão a não conceder cousa algũa, que gravasse ao Povo, sem sua licença. Dizem, que então indignado o Corregedor à vista de tanta dureza, soltou palavras de grave injuria contra todo o Povo de Evora, e fez demonstraçoens, de q queria enforçar, como o havia jurado, aos dous q tinha presentes; para cujo efeito de secreto, afirmão que metera em sua casa o algoz, e outros officiaes de justiça, pretencentes â execução do suplicio.

A esta desordenada resolução, se seguio nos Populares hum novo movimento, qual ella pedia, e desculpava; porque o medo, e o furor, sendo de calidade diferente, produzem na desesperaçã, o proprio efeito. Então Sesinando,

q era homẽ mais deliberado, chegando-se à janela da propria casa em q se achavão, q como preparada ao movimento, olhava para a praça da Cidade, pediu em altas vozes socorro ao Povo, dizendolhe: *Que morrião pello livrarem do trabalho que lhe querião dar os Ministros del Rey.*

De nenhum se pode afirmar, ouviu inteiramente a voz do Juiz do Povo, segundo estavão todos dependentes de seu aceno. Quando com subito estrôdo, ardendo todos em ira, clamârão a morte do Corregedor [A31], e liberdade, e vida dos Populares. A hum mesmo tempo se levantou a voz, e a força; e quasi sem espaço de tempo, era entrada, e acesa a casa de aquelle Ministro. Duvidase se a furia do fogo, ou da gente, andou mais pronta em sua ruína. O Corregedor alterado, confuso, e medroso, só intentava escapar a vida, que pode conseguir, ajudado de algũs nobres, e Religiosos, que logo o socorrerão, e industriosamente o trespassarão ao Convento de São Francisco; donde despois em habito diverso sahio da Cidade, e passou á Corte; e nella experimentou a fortuna dos que se perdem entre ruins sucessos, cuja direcção, nem por boa, se salva no Tribunal dos Juizos humanos, que só olhão os fins, e não os meyo de nossas acçoens. Porém o Povo mais indignado, com esta fugida, aumentava suas desordens cõ mayores delitos. Afirmase por cousa rara, que toda a prata, ouro, e dinheiro q despojavão, queimarão na Praça sem algum respeito, como cousa pestifera, não havêdo entre tãta multidão (q constava da peor gente da Republica) hũa só pessoa, que se movesse a salvar por seu proveito qualquer joya, das que outros entregavão ás chamas tão liberalmente. Tal era o odio, que pode mais que a cobiça, mais poderosa que tudo. Passou adiante o dano, e forão trazidos ao fogo todos os livros reaes, que servião de registro aos direitos publicos; romperão as balanças dõde se cobrava o novo imposto da carne; devassarão a cadea, dando liberdade aos prezos de quem esperavão [A32] ser ajudados, saquearão os Cartorios, desbaratando papeis, e livros judiciaes. Porém em todas suas acçoens, se mostrou sempre mayor â indignação, que ó interesse.

Evora he segundo Povo de Portugal, em grandeza, e não inferior a nenhum de Espanha, no esplendor, e antiguidade: da qual seu filho, e Cronista o Mestre Andre de Rezende, que o foi também das antiguidades da Lusitania, compòs hum só volume, sábio ainda que breve. Nos tempos modernos, muytos dos Reys

Portuguezes, tiverão naquella Cidade sua Corte, por esta causa, e sua abundancia foi sempre assento de grandes, e illustres familias; das quaes por esta Relação se fará memoria: mas nem os senhores della, nem os muytos nobres, de que tambem he opulenta, puderão ajudar este dia ao dano, ou ao remedio, contra a esperança de todos; porque os Ministros reais entenderão ser da nobreza defendidos, e os Cabeças do Povo, tinham por certo lhes não faltaria sua ajuda. Porém contra a mesma igualdade, que dos nobres foi observada naquelle trance, alguns tinham para si, que a gente principal não desprazia aquelle demonstração, porque sendo nella o perigo só do vulgo, que intentava a resistencia, vinha a ser comum o fruto de aquelle movimento, se por elle se conseguisse a emenda dos males, que cõtaminavão a Republica. Outros entedião (não peor) que a nobreza só fora quẽ detivera a furia do Povo, em cuja cegueira não tinha lugar nenhũ respeito.

[A33] Todavia vendo os grandes, e nobres de Evora, que sua inquietação passava já de vingança, e que as vozes haviam sucedido as armas; se ajuntarão em a Igreja de S. Antão, antiga, e principal freguezia da Cidade, o Arcebispo D. João Coutinho, D. Diogo de Castro, Cõde do Basto, Visorrei q fora de Portugal, D. Francisco de Mello Marques de Ferreira, D. Rodrigo de Mello seu irmão, D. Francisco de Portugal Conde do Vimioso, D. Francisco de Lencastre Comẽdador mór de Avis, e D. Jorze de Mello. Entre os quaes tratãdose o remedio do sucedido, se intentarão varios meynos dirigidos á presente moderação, e para o que podia succeder, se despacharão os avisos necessarios. Porém, como a primeira diligência convinha ser o socego de aquelle multidão, que cada hora se achava mais atrevida e resoluta; se começou com brandas práticas a tratar a redução do Povo. Deziãolhes: *Quizessem deixar tudo ao cuidado da Camara, a quem tocava a causa publica, pois a ella, e não a elles pertencia a conservação de sua Cidade. E para que o negocio apparecesse diante del Rey com mais justificação, e autoridade, toda a nobreza que alli se achava presente, se oferecia para interceder com sua Magestade, até alcançar sobre o perdão algum bom recurso, com que todos ficassem satisfeitos.*

Esta proposta não souberão os Inquietos ouvir, nẽ responder, antes convertendo a ira para aquella parte, começaram a temerse da Congregação da

nobreza. Por ser causa ordinaria entre os que desordenadamente [A34] seguem hum parecer, julgarẽ por inimigos a quantos lho não aprovão. Queixavãose, e dizião: *Que os senhores, e poderosos de Evora, não sentião deshumanamente a execução do Povo de sua Patria, porque não erão do Povo; que para os Grandes, nunca havia novas leys, que não fossem interpretadas em seu comodo; e que ainda contra a observancia das antigas, se armavão de privilegios; porque ou não querião dever, usando de sua franqueza, ou não pagar, abusando de sua autoridade. Que procuravão merecer com o Principe, á custa das ruínas da patria, e agora se congratavão com o Povo, para se justificarem depois com el Rey, oferecendo por victima, ao sacrificio de sua fidelidade, o inocente, e simples vulgo, cujo sangue derramasse, como de animaes obedientes, costumava a barbara gentildade; porém que havendose justificado com el Rey, serião os mais cruéis algozes para o Povo; finalmente, que ou se ajuntassem com os Populares, ou entre si se dividissem, ou procederião contra elles, como contra inimigos do bem publico.*

Esta tão dura reposta turbou de novo os animos dos Congregados; porque não só prometia o risco da nobreza, mas em o Povo dava mostras de querer passar adiante a mais custosas novidades. Sucedeo então, que sobrevindo as trevas da noite, se esforçãrão tanto os inquietos, que juntos forão apedrejar o Paço Arcebispal, injuriando com atrevidas palavras ao Prelado, e sua familia. Outro semelhante, ou mayor tropel, entrou pellas portas do Conde Dom Diogo de Castro, a quem aborrecião, posto que veneravão, sem outra causa, que haver [A35] sido grande Ministro. Mas o velho, seguro tanto na autoridade, como na innocencia, sendo advertido de que o Povo o buscava com luzes, e sem armas, deceo a recebelo, ouvindose já dos tumultuarios tâtas afrontas contra sua pessoa, como palavras: porém elle, com valerosa constancia, acompanhada de nova cortesia (de que antes fora falto) lhes disse: *Povo de Evora, que me quereis? Sou vosso natural; tres vezes governei este Reyno sem vos fazer agravo. Aqui me tendes, e se para vossa quietação serve a minha morte, mataime, e socegaivos; se quizerdes pouparme a vida, para vos ajudar ao remedio que vos convem, obrai como quizerdes; mas não vos esqueçais de que sois Portuguezes, donde nunca houve mancha de deslealdade.* Parãrão os mais desatinados ás primeiras

palavras de Dom Diogo, e ouvidas as ultimas, se voltãõ confusos da deliberação, e gravidade com que os esperãra, e lhes havia falado.

Contra os mais da Junta não intentãrãõ cousa algũa, e deste comedimento nascerãõ sospeitas, de q muitos dos mayores della, se entendião secretamente com as Cabeças do Povo. Huns, e outros bacilavãõ entre a temperança, e discordia, sem saber qual parte lhes seria mais propicia. Mas em meyo desta confusão, seguiãõ os melhores o parecer dos Padres da Companhia, que entre nõs com grande honra gozãõ o nome de Apostolos, e sãõ em Evora altamente respeitados, pella concurrencia de sujeitos grandes, que ocupãõ naquella sua Universidade. [A36] Porém elles, ou fosse pello antigo amor aos Reys Portuguezes, ou porque se não atrevessem a contradizer ainda a furia do Povo, dizem que tacitamente contribuiãõ às esperanças de algũa novidade. Quem mais instigava os animos a não desprezalla, era (segundo fama) Sebastião de Couto, Doutor Theologo dos mais celebres do seu tempo, e em cujo sugeito as letras, e prudencia guardavãõ excellête harmonia. Da mesma opinião parece q forãõ os Padres, Alvaro Pirez Pacheco, descendente do grãde Duarte Pacheco, pessoa de callidade, e virtudes agradaveis: assi Gaspar Correa, e Diogo Lopes, todos sãbios Varões sobre Religiosos. Mas porque de algũa maneira se faria duvidosa a boa opinião de suas• letras e virtudes, cõsentindo em aquella voz, que entãõ se derramou; e eu agora na pureza historica posso expõr, mas não justificar, ainda que com digressão mostrarei parte da causa, que pode mover a estes Religiosos, a não encõtrarem por entãõ a queixa popular.

Notoria he ao mundo a grande piadade, com que resplandeceo sobre todos os Principes de seu tempo, el Rey Dom João o Terceiro de Portugal, q á maneira do antigo Numa Pompilio entre os romanos, adornou de Religiãõ todo o periodo de aquelle pacifico Reynado. Foi em seus dias a entrada, q em Portugal fizerãõ os Padres da Companhia, quando de Roma os trouxe o Embaxador Dom Pedro Mascarenhas. Crecerãõ estes Religiosos [A37] em numero de virtudes de tal sorte, que fallecendo el Rey Dom João, e ficando o governo em mãos da Rainha Dona Catherina sua mulher, e Cardeal Dom Henrique (ambos Principes de singular devaçãõ á Companhia) entregãrãõ facilmente a educação do neto, e sobrinho Dom Sebastião, a alguns Varões dos que entãõ floreciãõ naquella nova

Ordem. Com tal doutrina creceo el Rey tendo por Confessor, e Mestre, a Luis Gonçalves da Camara, e Leão Henriques, homens quaes entre muitos virtuosos, e sabios, se devião escolher para taes ministerios. Sucedeo á puericia del Rey, sua fervorosa adolecencia; sendo taes seus sucessos, quaes havemos ouvido ás lagrimas de nossos passados; e porque a causa exterior de seu lastimoso fim, era de algũa sorte adjudicada â severa disciplina em q os Padres havião creado o Mancebo, quãto foi no Reyno mayor a lastima, e queixume de sua perda, e mais cõstãte a opiniã da origẽ della, tãto mais na Companhia se arreigava o sentimento da tragedia de aquelle Principe. Este amor tãto reciproco entre os Apostolos, e el Rey, fez q muitos Varões doutissimos seguissem, não só a vulgar duvida de sua morte, mas q passassem a esperar com sua vinda a restituicã de seu Imperio. He facil de persuadir ao coraçã a aquellas cousas que deseja; assi igualado este efeito entre inorantes, e sabios, aquelles só crião segundo a vontade, mas estes para que fizessem mais decente sua opiniã, a forão cada vez aumentando [A38] com sentenças de Santos, Oraculos de Profetas, e Juizo de Astrologos: de tal sorte, que interpretadas, segundo alguns, as sagradas Escrituras, nellas achavão predicta não só a transmigraçã, mas recuperaçã do Reyno Portuguez.

Este abuso, que quasi se espalhou como seita politica por todo o mundo, comprehendeo não pequena parte das Religiões, entre as quaes he fama que a Companhia (não digo que em termos illicitos) participou do mesmo parecer; donde he certo, que fundava a razã de se inclinarem aquelles Padres, já nomeados, a desculpar, quando não favorecer, a novidade; porque se afirma, que segundo a observaçã dos Professores desta esperança, erão por aquelle tempo chegados muitos dos finaes, que havião de anteceder à liberdade dos Portuguezes; nos quaes (julgãdo pellos sucessos, que logo vimos) não deixava de haver oculto, ainda que mal interpretado misterio.

As outras Religiões de Evora, seguião a igualdade, aborrecendo ao tumulto, não tanto pella causa, como pellos efeitos; que lhes resultavão em dano temporal, de que se desejavão livres. Desta opiniã era a mayor parte dos poderosos, só a Religiã Dominica, tinha descubertamente o sentimento contrario. O Cabido tambem dividido em bandos, não fazia pello comum, melhor

esta, ou aquella facção; bem que as pessoas delle como particulares, mais crião, do que obravão pellas opiniões, e cada qual [A39] segundo seu parecer. Tal era a meu juizo o estado de aquella Republica, ainda que suas resoluçoens se alteravão muitas vezes, pellas grãdes desconfianças que entre os grandes se praticavão; donde vinha que quasi sempre se achassem entre si diversos.

Recebida em Lisboa a nova do successo de Evora, pella Princeza Margarida, governadora do Reyno, não se fez della o verdadeiro juizo; antes ouvida com todo o desprezo, só se julgou por particular dissolução de algũas pessoas inquietas, cometendose a informação do sucedido aos Tribunaes de Justiça, para que fizessem castigar os culpados, como em crime ordinario.

Em tanto os de Evora, não contentes do passado, começãrão a gloriarse de suas acçoens, em vez de temellas, e o que parecia, e foi mais perigoso contra a paz publica era a comunicação, que por cartas introduzião com os Povos vezinhos, e distantes; a quem conforme a confiãça, ou correspondência, que com elles tinhão, fazião participantes de seus propositos. Direi algũa cousa do modo de suas Juntas, e da maneira que chamavão para sua Congregação, para que se veja até donde alcança a industria dos oprimidos: e para que a todos os Principes sirva de aviso, a fim de que cuidem de remediar a opressão dos Vassallos, antes que elles se disponhão ao remedio della.

Fora poucos annos antes, conhecido em aquella Cidade, hum homem doudo, e dizidor, e por isso [A40] aceitissimo ao Povo, cujo nome era Manoel, e por jogo, e sua notavel grãdeza irònicamente Manoelinho. Usava fazer práticas pellas ruas ao vulgo; a quẽ com vozes desordenadas, e historias rediculas excitava sêpre a alegria, dõde procedeo ser na Cidade, e seus contornos, a pessoa mais conhecida; a cuja lembrãça recorrêdo algũs de aquelles inquietos, foi ordenado entre elles, que todas as convocações, cartas, editos, e ordês, se despachassem debaixo do sinal de Manoelinho de Evora; porq assi se escusava de ser jã mais conhecido o Autor destas obras; ficando aquelle nome, desde então, constituido por sinal publico, para que se pudessem entender sem confusão, em seus chamamentos. Nesta observancia amanhecião cada dia fixados pellas praças, e portas da Cidade, Provisões, Bandos, e Decretos pertencentes ao estabelecimento de sua defesa: debaixo desta forma, se

escrevião, e despachavão cartas às Camaras do Reyno, se despedião os Ministros de seus officios, e se acomodavão nelles outros, em virtude de hũ simples provimêto, assinado por Manoelinho de Evora. Chegou a tanto a autoridade de seus mandados, q bastava para que hũ Cidadão, Fidalgo, ou Ministro, deixasse a cidade, casa, e officio, ou entregasse sua fazenda, serlhe assi mandado pella incerta voz de Manoel; porque já se sabia, que nella era inclusa tacitamente a vontade do Povo, a q nenhum poder resistia. Assi se observou com muitos sospeitosos, dandolhes termos de dias, e desterros, q [A41] forão dos condenados inviolavelmête obedecidos; porq despois do preceito, cominavão logo as penas, q se seguião â sua inobediência, as quaes não erão menos de morte, e incêdio. Usavão deste artificio nas cousas que tratavão tumultuosamente; mas aquellas que julgavão conforme a seu poder ordinario, em publico as resolvião, e com autoridade da Camara, que violêtida lhe obedecia, erão dispostas. De sorte que dentro da propria Cidade (cousa já mais vista) cõcorrião todos os tres modos do governo q asinão os Politicos: o dos nobres, q em lugar del Rey, significava o modo Monarquico, sempre cõtinuava cõ suas conferências; o da Camara, que não desistindo de seu exercicio competente, representava o modo Aristocratico; e o do Povo, que em beneficio da liberdade proclamada, exercia hum Regimento comũ, por modo Democratico; donde qualquer do vulgo tinha igual autoridade, que o mais sábio, ou poderoso.

Chegou, não se sabe qual primeiro, se a fama, ou aplauso, do sucedido em Evora, aos Povos circunvezinhos, e pouco despois aos mais apartados da Provincia de Alêtejo, dõde tão depressa foi tudo ouvido, como imitado; porq como em todos era comũ a queixa, estava igual a disposição para os efeitos do sentimento, assi era cada dia mayor, e mais irreparavel o dano da desimulação.

Mas sobre que todos os lugares commovidos, davão grande cuidado ao governo de Portugal, foi [A42] Villa-viçosa Corte da Casa serenissima de Bargaça, quem lho acrecentou, pellas consequencias que cada hora se temião de outro mayor movimento, achandose o lugar, e gente delle, tão disposto a qualquer cousa grande, que não só a receavão os Ministros del Rey, por via de discurso, mas até os mesmos Principes de Bargaça, por experiencia: sendo certo, que a noite da primeira revolução de Villa-viçosa, entrãrão nella muytos

forasteiros, dentre os quaes se levantãrão vozes, que clamavão não só a liberdade do Reyno, mas a transferencia delle, a seu senhor. Porém como Deos queria, que por mais justificado modo, e mais decente á Coroa deste Reyno, se passasse a cuja era, ordenou como aquella intempestiva voz se reprimisse, antes de tomar força: havendo custado esta diligencia tão poderosas demonstraçoens, como sahir de noite pellas ruas, de ordem de seus Pays serenissimos, o Duque então de Barcellos, Principe despois de Portugal, D. Theodosio de saudosa lēbrança, achãdose em idade de tres annos, a fim de serenar com sua presēça (jã digna de alto respeito) os animos populares, e substituir a de seu Pay o Duque D. João, q por causa de hũa grave enfermidade estava impedido, para por si mesmo, como desejava, se empregar em beneficio da quietação publica.

A Princeza Margarida, bem que ao principio (como escrevemos) havia desētêdido a calidade do negocio; jã com grãde affecto não cessava de o representar [A43] urgentissimo a el Rey D. Felipe, em repetidos avisos: mas quanto tinhão de muytos, padecião de incertos, porque temerosa de que se lhe imputasse algũa culpa no excesso da execução, ou na dilação do remedio, referia a el Rey (por conselho, e industria do Secretario Miguel de Vasconcelos, seu favorecido) ou mais, ou menos, ou diferentes cousas de aquellas que verdadeiramente se passavão.

A junta dos Senhores de Evora, tambem por sua parte havia concorrido, dando conta a el Rey de seus progressos: mas como atê então procedia sem mais autoridade, que a do zelo, do que obrava, e deixava de obrar, se temia igualmente: visto que as mais justificadas acçoens estraga, e transforma hũa avessa interpretação, como nestes casos são continuas. De maneira, que nem a el Rey, nem aos Ministros superiores faltou a noticia, senão a verdade do successo.

Procurava a Princeza nestes dias todo o possivel, achar meynos com que atalhar a sedição; e forão os primeiros de q usou, mandar por novo Corregedor de Evora, em lugar do ausente, a Jeronymo Ribeiro, homem de bom natural, e que jã com grande aprovação do Povo, havia servido aquelle proprio officio: ao qual foi levemente segunda vez admitido, porque como se tinhão apoderado da jurisdicção ordinaria, não temião de q o nome da dignidade, sê exercicio fosse occupado por este, ou aquelle Ministro. Mas o Corregedor, q cada hora conhecia

mais [A44] quão inútil era sua assistência, não cessava de avisar à Princesa, pedindo-lhe acodisse com remédios de maior força; de que assombrada, e confusa Margarida, procedendo com feminina resolução, ora abraçava os violêtos, ora deixava estes, por seguir os moderados, que foi a causa de parecerem cada dia diversos os pareceres de aquelle negocio; dos quaes se confiava, e desconfiava juntamente, segundo sua grande variedade. Os Conselheiros de Estado do Reyno, porque se lhe não communicara a causa, de que procedeo este efeito, deixavão que a Princeza, e os Ministros que nelle intervierão, lidassem só, por só, com os inconvenientes; entendendo que a Princeza como estrangeira, e seus favorecidos, como interessados, havião derigido esta máquina, até o estado perigoso em que se achava.

Pareceo então, q poderia ser a proposito enviar a Evora Fr. Manoel de Macedo, da Ordem de S. Domingos, pessoa de grãde aplauso em todo o Reyno, porém de mais partes, e de maior ingenho, q experiencia; para que prègando naquelle Povo (seu singular exercicio) e praticando com os Cabeças delle, os pudesse reduzir a quietação. Foi, e por mais que empregou a este fim, graça, eloquencia, e liberalidade, se voltou brevemente a Lisboa, tímido, e queixoso do desprezo, com que fora tratado, sem que de sua jornada se tirasse outro interesse, que haver mais hũa testemunha de credito, na informação do perigo.

[A45] Achavase por este tempo em Lisboa Fernão Martins Freire, Senhor da Casa de Bobadella, natural de Evora, e nella ventajosamente aos mais Fidalgos bem quisto, e poderoso entre o Povo. Por esta causa foi da Princeza escolhido, e mandado para que ajudasse por todos os meyo, a dispór a concordia; porém ainda que por sua callidade, e condição, Fernão Martins, merecesse fazer companhia aos Congregados da Junta de Santo Antão, elles o não admitirão, dizendo: *Que aquelle congresso estava já com ordem real constituído em pessoas certas, pello que em sua mão não havia poder para aumentallo com novos sujeitos; que se Fernão Martins alli se achára ao principio, fora elle o primeiro que chamassem, como reconhecção era o mais capaz de aquelle ajuntamento.* Mas suposto que as razoens exteriores erão estas, as interiores concorrião muito differentes; porque pella propria causa, que este Fidalgo pareceo em Lisboa, que por muito popular seria do Povo bẽ aceito, por

esta mesma razão lhe não querião entregar seus segredos os Congregados da Junta; sendo elles taes, que se delles resultasse a menor noticia ao Povo, era manifesto o risco de suas vidas, e fazendas. Por outra parte, o mesmo Fernão Martins, havendo observado o pouco que a Junta obrava na redução do pretêdido, e o credito q elle hia conseguindo entre suas Cabeças, não desejava misturar suas acçoens com as da Junta, parecendolhe que se os meynos da cõcordia se ajustassem por sua via, elle em [A46] opinião, e interesse faria só ventagem a todos os mais Fidalgos de Evora. Mas esta interior emulação, que â primeira vista, parece, assegurava se esforçarião os designios de hum, e outros, de nenhũa outra cousa servio, que de impedillos; porque o poder, que nem a Junta, nem Fernão Martins, tinhão para obrar por si sómente a redução, tinhão pello menos para estorvar reciprocamente, o que de parte a parte se hia obrando; de sorte, que sumindose entre as queixas os efeitos, só as queixas de huns, e outros appareião, insinuando cada qual por sospeitosa a intenção da voz que não seguia. As acçoens, cuja calidade muda o animo com que se obrão, são impreceptiveis aos homens, e tanto mais alheas de seu conhecimento, quanto he mais certo, que nos casos da sedição, he a melhor cura aquella, que se faz pella semelhança, que pella contrariadade dos humores; em tal modo, que pòde ser necessario obrar cousas muyto contrarias ao proprio fim, a que essas obras se encaminhão: as quaes julgadas pella apparencia dos inorantes do segredo, ou pella malicia dos que o interpretão, sempre costumão ser de grande perigo para aquelle que as executa. Donde vem, que nenhum Varão sábio deve tomar parte neste genero de serviço, que de ordinario tras aos homens que o seguem, trabalhosos fins; de que entre nòs, em os tempos presentes havemos visto tão lastimosos exemplos; porque o verdadeiro juizo dos coraçõens humanos, he reservado só a Deos.

[A47] Depois quasi perdidas as esperanças da conformidade, tanto em Madrid, como em Lisboa, se foi introduzindo a prática do castigo, e nem por esta via se facilitava o fim pretendido; porque o poder em Portugal era muyto pouco, com cuja informação, e certeza crecia cada ora o numero, e soberba dos inquietos, dos quaes sahião huns ameaços de terrivel consequencia, para a paz

desejada; porque (ainda de longe) mostravão que seu intento era profundo, e não parava no comodo, ou vingança, como pareceo ao principio.

O mais pronto poder de armas, que se podia empregar naquelle serviço, era o Terço da Armada Portugueza, que por estes dias se achava alojado em o districto de Lisboa; porèm este não passava de oitocentos infantes, desabrigados do respeito de seus officiaes, porque pella licença do Inverno todos andavão ausentes de suas Companhias; ajudava tambem faltar no Terço seu Mestre de Campo Dom Alvaro de Mello; o qual assistia na Corte, mais como morador, q pretendête. Não havia por este tẽpo entre nòs algũa cavallaria, e a penas tinhamos noticia de seu uso, pois como nossas guerras erão em tão remotas Provincias, como o são de Portugal, Asia, Africa, e America, donde guerreavamos, não necessitava o Reyno de algũas armas proprias, senão aquellas, que na guarnição, e defesa de sua Armada, se ocupavão.

Aos Ministros mais prudentes se fazia ainda [A48] sendo possivel) durissima esta resolução das armas, porque posto o negocio hũa vez nas mãos da violência, não era facil tornallo â razão, quanto mais que o vigor da nossa gente de guerra se conhecia muyto inferior ao da inquieta; e como dos proprios Povos era força que se aumentasse a Infantaria, fazendo novas levas, como se poderia esperar que os lugares do Reyno, quasi participantes de aquella opinião dos de Alentejo, acudissem com a gente necessaria para castigar a propria acção, que huns imitavão, e outros desejavão imitar. Pois se por fugir desta impossibilidade, se pedissem a el Rey instrumentos para introduzir o castigo, era aventurar não só a Cidade, mas o Reyno todo, á furia, e â cobiça de hum exercito estrangeiro; que ainda sendo breve superaria a força de hũa Republica confusa, e inadvertida em os meyo de que devia usar para sua conservação, obrigada â obediencia, e â defesa, por leys ambas naturaes. E que quando Portugal fosse tão comedido, que logo se sometesse ao juizo que se lhe prevenia, como seria certo, que a gente militar se contentasse com o castigo dos culpados sem exceder, até chegar aos innocentes: donde hum novo perigo estava certo, mayor que aquelle que pella mão das armas se queria atalhar ao Reyno; e já podia ser, dizião (secretamente) os mais zelosos: *Que o Principe, ou seus Ministros pello menos, quizessem fazer participante da culpa de hũa Cidade, a toda a nação Portugueza, a fim de que*

*por hũa vez, ficassem della seguros. Acabando [A49] com aquella pequena parte de liberdade, que lhes haviam concedido ao tempo da primeira opressão, de que logo (e muyto mais, depois) mostrãrão haverse arrependido.*

Mas o mal não parava à vista dos discursos, ou prevençoens, e já alguns Povos destoutra banda do Tejo, se hião declarando pella opinião dos de Alentejo, com os quaes se entendia tinhão algum trato interno, de se ajudarem em qualquer trance huns, a outros, obedecendo, ou desobedecendo juntamente. Este ultimo temor, podemos contar pello mais util, porque até então os Ministros do Reyno levavão aquelle animo, e caminhavão ao proprio perigo de aquelles, que por si sómente procurão apagar hum grande incendio, ate que desesperados pedem socorro (e as mais vezes fôra de tempo) quando já o fogo he insuperavel. Assi desesperada a Princeza, e temerosa de tomar sobre si, o pezo da revolução de Portugal, não quiz disimular por mais tempo de representar a el Rey o desengano, com que se achava, de que não era o poder que no Reyno tinha, bastante a castigar, ou reter a furia que levavão os Inquietos; finalmente cõsultando â Corte sua desconfiança, e comprovada com as razoens, de que procedia, punha em mãos del Rey o perigo, e o remedio.

Porèm em Madrid, donde governavão Ministros de mayor esperiencia, à vista destas segundas informaçoens, não poderei dizer (ainda que me [A50] achei presente) qual foi o abalo, e escandalo que esta nova causou; porque da maneira que o Medico mais acreditado, se cança com razão, de que o consultem depois q o mal se senhorea do enfermo, suprime, e abate o vigor da natureza, do proprio modo se queixavão os Ministros grandes, havendoselhe, tão fôra de tempo, dado verdadeira conta do perigo em que Portugal estava posto; dôde os mais, (póde ser q presagos dos futuros sucessos) se intermetião o pronosticar por estes presentes, outros que perturbassem toda a Monarquia; sendo certo, que sempre se possui cõ temor, o que se não possui com justiça. Avisavão: *Que sempre o odio dos Portuguezes fora natural aos Castelhanos, a quem sobre a razão de dominadores, aborrecião por hũa herdada contradição, que em o tempo de seu silencio cessára, mas nunca se extinguiua: e era a razão para que agora se achasse com mayores forças, descansando todo o tempo, que se não havia exercitado em acçoens publicas. Mas que no proprio tempo de sua disimulação,*

*não podião ocultar os sinaes de sua falsa obediencia, cujo efeito não tardaria mais, que a ocasião; como se hia mostrando, tomandoa os Povos antes que lha dessem. Que nenhum sezudo esperava a ruína do edificio, havendo experimentado o tremor: que já a temperança do Imperio Espanhol, não tinha causa a que se referisse, nem fundamentos em que a clemencia se estribasse; visto que a sugeição dos subditos resvalava tão cegamente. Que era chegado o tempo em que os Reys se vião obrigados a se fazer senhores do proprio, que era seu, já que a malicia presente lho mostrava [A51] duvidoso; porque el Rey, na opinião dos Portuguezes, mais era hospede, que senhor. E que pois elles se comedião sòmente pello temor da grandeza, sem respeito â Magestade, ou amor â pessoa de seu Principe, fosse o proprio poder quem os atasse em outras cadeas mais fortes, pois os laços da obrigação os não detinhão: que convinha com grande destreza, e brevidade, atalhar a contagião de seus movimentos, antes que corrompesse toda a Republica; porque os èrpes da sedição, não tem outra mesinha, que o fogo, e o ferro.*

*Mas contra a opinião, e discurso destes, dizião outros: Que estando Espanha assi combatida de revoluçoens externas, não convinha mostrar algũa desconfiança de seus naturaes. Que os movimentos de Portugal, erão em a menor Provincia do Reyno; e desta, sô entre a gente mais vil, cujo costume he, como o das ligeiras névoas, que por si sòmente se desfazem, antes que o vento as espalhe, ou o sol as derreta. Que todas as forças importantes estavam seguras, e guardadas de Espanhoes. Que os Portuguezes não tinham armas, nem quem soubesse governallas. Que a Nobreza do Reyno, era toda dependente do Principe; porque seus Patrimonios não bastavão, sem ajudas dos rèditos reaes, a sustentalla còmoda, quanto mais vangloriosamente. Donde se podia ter por certissimo, que aquelles a quem o amor não obrigasse a seguir as partes da Monarquia, os devia obrigar seu interesse: e tambem porque seus grandes não cabião nos termos, e lugares de sua Provincia; pello que os mais erão forçados a buscar a opulencia Castellhana. E que por isso mesmo que os Portuguezes erão altivos, não saberião humilharse [A52] a outro, que não fosse Monarca; que não aconselhava a prudencia, que pello achaque de hum braço, com cuja dor se podia viver, se aventurasse á morte o corpo inteiro. Que o remedio se*

*devia buscar pella industria, e não pella força: porque claro estava, que se os Vassallos de Portugal, antes de provarem hũa grande violencia, aborrecião o dominio, sem comparação lhes seria mais odioso, despois que experimentassem o vergão injurioso, que lhes faria o açoute das armas. Que a natureza ensinâra, era o melhor freyo para o cavallo desbocado, largarlhe as redeas hum pouco, a seu alvedrio. Que havia muytas razoens, para entender, q se por breve espaço quizesse el Rey dissimular, com a execução do novo serviço, passado o ardor de aquella indignação, por penitencia della, o proprio Povo pediria a mesma carga que agora engeitava. Se os juizos humanos só se regulassem pellas leys da razão, menor merito, como menor trabalho, alcançaria a prudencia dos homens: ella he tão rara, porque he tão difficil, e se como difficil fora no mundo estimada, eu não duvido, que se quer pello premio, quando outro respeito não houvesse, seria solicitada de todos; contra o costume, que nos obriga a duvidar, se falta mais a prudencia no mundo, ou quem a deseje.*

Estes erão os pareceres das Juntas interiores, e conferencias dos Ministros, e Politicos Castelhanos. Mas porque os Portuguezes que na Corte assistião junto a el Rey, com titulo de Conselheiros supremos (por diferença do Conselho de Estado, cõstituído no Reyno) havião de intervir por [A53] razão de seu cargo em outras juntas, criadas só para este efeito, alli se desputava indiferentemente a callidade do negocio, e dos meynos porque devia ser atalhado, donde os votos dos nossos Ministros de Portugal erão sempre os mais rigurosos: julgando que assi justificavão, não só a si mesmos, mas a toda a nação, diante dos Castelhanos, que cuidadosamente observavão seus pareceres, tendo por mais sospeitoso, o mais indignado; pello menos em aaquellas cousas, em que se não regulava a pena, com a culpa.

Entre os requerentes que seguião a Corte, e de continuo a acompanhavão, havia boa quantidade de Ecclesiasticos, e mayor de Seculares, tanto de Fidalgos, como Nobres; e como nesta classe de homens, se costumavão praticar mais certamente os interesses do estado, erão elles, segundo suas paixoens, quem induzião a mayor temor, ou esperanza os Ministros, acerca das alteraçoes de Alentejo, porque aquelles que se davão por favorecidos, ou satisfeitos (se póde haver algũs) julgavão qualquer movimento por indesculpavel, e por extremo

insolente; ao contrario os outros que erão mal ouvidos, e despachados, agradandose interiormente do discontentamêto publico, donde esperavão a emêda do seu particular, exageravão a razão, e a potencia dos Inquietos; de sorte q a causa comũ sêpre andava vestida das cores do interesse dos particulares. Não faltavão cõ tudo, homêes prudentes de inteiro [A54] juizo, e sam conciência, sentissem cõ grãde extremo o estado das cousas, têdo por certo, que segundo os meynos por que se dispunhão, o Reyno inocente não deixaria de perder, quando não a liberdade, a reputação, com que ficaria de novo ocasionado â injuria, ou ofensa de seus dominadores.

O Conde Duque (e por elle el Rey, que pello vidro dos affectos do Valido, olhava todas as acçoens dos Vassallos, e estas se lhe representavão da cor da indignação do Cõde Duque) não tardou em se entregar a todos os movimentos da Ira contra os *Portuguezes*•, logo que reconheceo desprezavão os Inquietos todos os sinaes de clemencia, que lhes havia feito manifestar. He comum achaque dos Principes soffrerem mal, ou não soffrerem, que se lhes engeite a mercê, ainda quando desconveniente a quem a recebe; e porque costumam ser mais vezes severos, que prodigos, perdoão com menos difficuldade a quem se lhes desvia do castigo, que da magnificência. Parecialhe ao Conde Duque tocava em ofensa da Magestade, a constancia com que o Povo de Evora pressistia em sua opinião, sem que soubesse medir, que o fim para que se ella declarou não estava conseguido, antes de que o confirmasse o cõsentimento del Rey. Desta terribel paixão estimulado, já revolvía em seu pensamento todas as forças de Espanha, que entendia ajuntar para empregallas no castigo de aquella Republica; mas a diversão continua, que Castella padecia de seus inimigos, dava pouco lugar a [A55] q se esperasse aquelle furioso, e prõto progresso q o Conde Duque desejava. Agora para melhor intelligencia deste negocio, farei hũa breve Relação das armas com que dentro de si, se achava aquella Coroa este anno de mil e seiscentos e trinta e sete.

Despois de rota a guerra entre Dom Felipe o Quarto, Rey Catholico, e Luis Treze Christianisimo; pellas Provincias de Guepuzcua, e Navarra (que he o canto, ou ilharga do Rio Ebro, a cujo respeito toda aquella terra foi dos Romanos, dita Cantabria) se conservãrão de ambas as partes algũas reliquias de

seus primeiros exercitos, com que se deu principio à guerra, cujo fim ainda não havemos visto. Governava as poucas armas com que Espanha defendia sua fronteira por aquella parte, Dom Francisco Carrafa Duque de Nochéra, cujo segundo Cabo, ou Mestre de Campo General era Diogo Luis de Oliveira, Fidalgo Portuguez, assaz conhecido naquelles tempos por seus serviços e póstos que occupou em Flandes, Brazil, e Espanha. Esta gente então ociosa por razão do tempo (erão já os primeiros de Novembro) dava ao Conde Duque a mayor confiança, porque sobre não ignorar seu pouco poder e disciplina, tinha por certo, que para a debilidade, e desordem de aquelles a quẽ se opunha, outras menores forças podião ser formidaveis. Movido deste proposito lhe despachou ordẽs para que estivesse junta, e marchasse ao segundo aviso; mas tambem neste proprio expediẽte se lhe oferecerão [A56] logo grandes dificuldades; porque como o General Duque de Nochèra fosse Napolitano faziaselhe ao Conde Duque (e mais ao Conselho de Estado) asperissimo, que hum estrangeiro viesse castigar Espanhoes; e como tambem o Mestre de Campo General Diogo Luis, fosse Portuguez, ainda a todos se lhes fazia mais dificultoso, que hũ natural fosse ser açoute de sua propria Patria.

Todavia reservando o comodo destes pontos para o tempo da execução, como esperava que os Inquietos se desunissem só cõ o temor do exercito que os ameaçava, hia disimulando com a forma delle; donde alguns entendẽrão, que nestes dias se descobrirão melhores meynos à introdução do tratado, que pellos bem intencionados se pretendia. Esta opinião favoreceo muyto o grãde conforto de cartas, e correys, que o Conde Duque despachava frequentemente à Junta de Santo Antão, a fim de que os senhores de Evora estivessem firmes na devação del Rey; e tambem para que o Povo vendo continuar as correspondencias, entre a Junta, e a Corte, entendesse que dos partidos começados, se não havia levantado a mão; e assi se prevenisse erradamente, antes para resistir á industria, que à força, com que se pretendia superallo.

Seguia por este tempo a Corte de Castella, Frey João de Vasconcelos da Ordem dos Prégadores, Varão por sangue, virtudes, e letras, digno de grande [A57] memoria; a cuja callidade se ajuntava, a de ser filho de hũa Casa natural, e herdada em Evora, donde era tido por patricio, ainda q verdadeiramẽte elle o não

fosse: do modo que pella filiação de Homero, já contenderão em Grecia muytas Cidades. Assi como estas consideraçõens o inculcárão para aquelle emprego, o fiavão nelle ser Frey João filho de Manoel de Vasconcelos, grande Ministro em Castella, e irmão do Cõde de Figueiró, Francisco de Vascõcelos, criado da Raynha, no foro de seu Mordomo; e como seja certo, q os Principes de Europa achem tanta conveniencia de se servirem com homens Religiosos em casos semelhantes, que assi o vão proseguindo, contra a opinião dos Politicos, e demostraçõens dos exemplos; houve o Conde Duque de eleger a pessoa de Frey João de Vasconcelos, com publica aprovação de todos os que o conhecião, para empregar em hũa nova mensagem, que tinha interiormente disposto mandar a Evora: em beneficio da qual, foi fama, que o Conde lhe comunicou (ou fossem verdadeiros, ou fingidos) todos os designios competentes â autoridade, e proveito da Monarquia, para que segundo elles se dispuzesse. Tenho por certo lhos vestiria de tão cristans conveniêcias, que Frey João entendêdo fazer a Deos, a el Rey aquelle serviço, aceitou a comissão, e partio a ella, sem outra forma de despacho, q a conferencia entre elle, e o Conde Duque; o qual com animo de profunda politica, nunca consentio, [A58] que nos expedientes de toda esta negoceação houvesse algum despacho escrito em forma ordinaria, antes tudo se reduzisse a instruçoens verbaes, de que depois se lembrasse, ou esquecesse, segundo os efeitos fossem, ou não fossem convenientes; mas como esta cautela deixasse de ser advertida de Frey João, por ser homem alheyo de todo arteficio, chegado a Evora, começou a obrar cõforme sua singeleza, não conforme o espiritu de quem o mandava.

Tres dificuldades se opunhão a seu progresso: a severidade de seu natural, que cultivado com a profissão de negocios serios, o mantinha sempre austero em aspecto, palavras, e acçoens. A segunda o grande interesse, em que seus parentes tão conjunctos, como pay, e irmão, se achavão com a Coroa Castelhana. A terceira o modo diferente porque se havia naquella occurrencia, não se valendo de outra algũa pessoa, que nella o ajudasse; porque ou tudo temia dos outros, ou tudo fiava de si. Todavia os Inquietos movidos da grande autoridade de Fr. João, e do total poder que lhes insinuava, vierão facilmente em ouvido; e como a queixa de nova carga de dereitos, que não querião receber, era a mais urgente

causa de seu movimento; por isso mesmo allegarão, que a segurãça do alivio deste novo peso, devia ser a primeira cousa sobre que se conferisse, e que antes della satisfeita, se não havia de tratar o remedio de outra algũa cousa.

Disserão os Inquietos, e foi constante esta sua [A59] nova queixa: *Que sendo ouvidas de Fr. João, as passadas razões logo nesse primeiro cõgresso, q cõ elles teve, lhe prometeo absolvellos de todos, e quaesquer tributos novos, dos quaes desde então os havia por livres, para que nũca mais lhe fossem pedidos, e que com igual liberalidade concedera em nome del Rey, e pello seu poder que tinha, gèral perdão aos comovidos de Evora, com tanto que visto, como as necessidades do Reyno erão tantas, quantas elles conhecião, para que estas se podessem remediar em beneficio do mesmo Reyno, o Povo escolhesse voluntariamente algum modo de donativo, e não tributo, que bastasse para satisfazer os efeitos, que se julgavão necessarios ao remedio de tudo.*

Tambem esta liberalidade foi ouvida sospeitosamente, dos mesmos, que a desejavão; porque como a consciencia de cada hum he seu intimo conselheiro, ninguem assi duvida do perdão, como o que delle mais necessita. Larga disputa fundão neste lugar os Politicos, sobre qual mais convenha ao Principe, se o rigor, ou a clemencia, que se usa com os movimentos populares; por hum, e outro meyo os vimos evitados, e proseguidos. Pouca virtude tem nestes casos o exemplo, quasi sempre irregular em seus efeitos; porque raras vezes são semelhantes as causas. Devese considerar na eleição destes meynos, o tempo, o lugar, os homens, e o credito do Principe, o brio da nação, o estado da Republica, o interesse dos nobres, o espiritu dos vesinhos; e como tantas cousas na diversidade dos casos, não pódem concorrer igualmente, por esta razão he sempre diverso [A60] o fim destes negocios; donde vem, que o devem ser os modos de seu acomodamento. Passemonos da advertencia, à narração.

Foi hum vivo testemunho do castigo, que se preparava aos Inquietos de Evora, a promessa da indulgencia, que julgavão não merecer. Com tudo, nem por esse temor deixàra de ser recebida, se a Jũta de S. Antão tivera por firme este expediẽte; porque estranhando o largo poder do Enviado; se achava com duvida, ou queixa delle parecendolhe, que a clemencia real, devia ser ministrada pella mão de aquelles, que por autoridade propria, havião reparado o dano publico;

porque de outra maneira, nem o Povo lhes agradecería o beneficio do perdão (que bastava para o manter contra a Nobreza, insolente) nem ella haveria conseguido para cõ el Rey, aquelle merecimento de lhe haver sugeitado o Povo á concordia, e arrependimento. Porém, o que sobre tudo neste caso estorvou o melhor efeito, foi algum agudo discurso, que observando a cautela do perdão, fez que os Populares a advertissem, com a separação que a Junta havia feito das acçoens do Enviado; mostrandolhes, que bem se via o arteficio do engano, a que os levavão, pois havendo em Evora tão grandes pessoas, por cuja intervenção tratar o acordo de tudo, se buscàra outra para esse efeito; só a fim de que como não havia de ficar entre elles, para sustentar o prometido (como havião de ficar os senhores da Junta) pudessem mais facilmente, e mais sem [A61] perigo prometer, o perdão que não veria cumprir, nem quebrantar.

De aqui veyo hũa nova prática, que se moveo entre os Populares, de pedirem, que o perdão prometido, se lhes mostrasse logo, assinado da mão real; o que sendolhes por razoens dificultado, todas estas lhe servião de escusa, para que não proseguissem na desistencia proposta. Por outro mayor accidente, se tornãrão a atrazar as esperanças da concordia; porque aos grandes males, ou bens, nunca serve hum só acontecimento; muytos concorrem a sua fabrica, como vemos que para levantar hum alto edificio, se necessita de grandes, e pequenas pedras, de callidade, e forma diferente.

Haviãose na Corte recebido os avisos do Enviado, e os da Junta de Santo Antão; e como o Conde Duque entendesse o desprezo, com que em Evora se tratara a piadade del Rey, que Frey João de Vasconcelos lhe oferecera, antes quiz pór nota de excesso em sua demasiada liberalidade, que darse por entendido do atrevimento, com que os Populares lhe repulsavão a clemencia, com que os convidâra. Por esta observação afirmava nas Juntas, e Conselhos: *Que a el Rey não convinha aprovar o que o Enviado prometera, fundandose no conceito, que como Varão pio, podia fazer do animo de hum Rey, que tinha a Religião por sobrenome; porque o espiritu de hum particular, não pòde comprender* (dizia elle) [A62] *os profundos segredos do coração de hum Monarca, sentir com seus sentidos, discursar com seus discursos. Que a el Rey era indecente receber a obediencia, sobre cautelosa, solicitada: porque a magnificencia dos Principes,*

*ha de ser fonte que corra voluntaria, não poço de quem se tire á força do braço dos homens. Muytos disserão então: Que dentre nós mesmos havião sahido terriveis màximas, contra nossa propria quietação. E que o Conde Duque, suposto que nestas materias punha de sua casa a violencia (que sò podia acharse em seu poder) não punha a malicia; porque esta repartida em varias sospeitas, lhe ministravão alguns dos nossos pretendentes, que assistião na Corte, a fim de justificar adulosamente a fidelidade de seus animos, para todo o futuro acontecimento; sem reparar, que a fraudulenta lealdade, he indigna de tal nome, e premio: porque primeiro começa a ser desleal aquella que com enganos, e simulaçoens fomenta as sospeitas, e desconfianças do Principe, contra sua nação, e seus naturaes. Causa que já a antiguidade cõdenou pello mayor delito, vender por interesse proprio, a fama, e cinza dos passados: como vendem aquelles, q cõtra sua Patria fulminão a indignação do poder real.*

Algũas destas cautelas se insinuão, em hũa larga Carta do Conde Duque, para Frey João, donde lhe dá grandes mostras dos proprios intentos, que pretêdia encubrir: diz desta maneira, em sua propria linguagem Castelhana, que suposto sabemos inteiramente como em tantos escritos já mostramos, todavia por não diminuir sua fé na tradução, a offerecemos copiada de seu original mesmo.

[A63] *No puede llegar mi desconsuelo a más, mi Padre Fray Juan, que a ver estas materias, en el estado que las veo: pues quando esperaba lo que solo buscamos, lo que podemos pretender, que es a lo que vuessa paternidad fue: reducir las cosas al estado que tuvieron, pedir perdon, y venir a pedir el castigo a su Magestad, postrados a sus pies, por los yerros que hizieron; ver en lugar desto, persistir en su terquedad esos hombres: y responden a su Magestad, que haran lo que pudieren, sin bolver a admitir los tributos, porque se levantaron, y dar por repartimiento lo que les pareciere. Considere vuessa paternidad, le suplico, si con un frayle suyo admitiera este partido? Y lo que le puedo assegurar ès, que si el Rey de Francia, la Republica de Venecia, offrecieran a su Magestad, lo que la Ciudad de Evora, su Magestad no se ajustàra con ellos: y mire vuessa paternidad, si quando yo le digo que harè lo que pudiere, y no le digo más, si se dá vuessa paternidad por contento de mi respuesta? El daño, señor, el descredito de su Magestad, y de España, ya està cõseguido: y quãdo le*

*dixesse que havia capitulado con Evora, que ha obrado tanto mal en estos Reynos, fuera notar la accion de su Magestad, con semejante indignidad, y ocasionar con justissima razon, no solo a todo lo demàs de Portugal, sino a todos los Reynos suyos de Europa, de las Indias, y India, que hiziesen lo mismo: pues no aventuravan nada en ello, siẽdo cierto, que una triste Ciudad, con solo rebelarse, havia merecido capitular con su Rey, y capitular con muchas ventajas, a todas las otras Ciudades, ò Provincias de Portugal, que se hallan obedientes a su Magestad: pues todas las otras pagan el real de agua, y caveçon, y estan dando el donativo a parte; y ni pedir [A64] un perdon, han querido hazer esos picaros, tan desarropados, como vuessa paternidad los pinta. Quiẽ resucitàra a su padre de vuessa paternidade, para que hablara sobre este caso! Ya avrá recebido vuessa paternidad carta mia, en que le adverti, que no havia de haver capitulacion, ni de lo màs justo, y devido, ni de lo que su Magestad huviesse de hazer a otro dia, por obligacion de conciencia; porque en pidiendolo por rebelion, perdieron todos los derechos. En efecto, señor, yo quise en esto votar el postrero, suplicando al Señor Cardenal Borja, a quien tocava, que votasse antes. No puede vuessa paternidad creer, como hablò, y como hablaron todos. Leyerõse las instrucciones, para ver lo que podia haverse empeñado vuessa paternidad, y se hallò, que expressamente assentaron todos, se reduxesen al estado q tenian, y quãdo no huviera nada desto, ni aun dezir essas razones en las cartas para su Magestad, sino que haràn lo que pudieren, con que no queda nada assentado. Todos unànimes tienen aconsejado a su Magestad, que no se trate más, que de castigar a Evora luego; y por su consecuencia, los demás lugares, que la han seguido; y que se eche pregon por essa justicia, y esos Cavalleros, para que se pongan de parte del Rey, los unos, y los otros que quisieren ser traydores, perescan; y lo mesmo en todos los demàs lugares rebelados. Yo despacho este correyo con toda diligencia, diziendo a vuessa paternidad, que el ultimo desconsuelo de mi vida, y el que no creí ver, y el para que no quisiera ser vivo, es el dia em que se ordenare, entren en Portugal las armas de su Magestad; y assi suplico a vuessa paternidad, con todo el encarecimiento que puedo (crease de mi, que no engaño a nadie) que procure vuessa paternidad, antes [A65] que llegue el correo de acá, que esos hombres*

*desdichados, se pongan a los pies de su Magestad, con el arrepentimiento que deven, poniendo las cosas como estavan, en primero lugar; y fie de mi, que si ellos no son traydores por otra cosa, que por la imposibilidad de hazienda, y miseria de frutos, yo serè procurador de su descanso, y no se arrepentiran de haver dexado verlo a su Magestad, como lo deven: si son traydores, porque lo quieren ser, alto, no ay màs respuesta que la espada, y dar gracias a Dios, por lo que ha querido que veamos. Si huviera tiempo, todo se hiciera bien: no lo ay; porque en este año ha de dar en tierra este gigantón de trapos, porque no se haga de piedra, ó de hierro. Y suplico a vuessa paternidad, diga al Señor Marques de Ferreira de mi parte, no màs de lo que dixè en mi voto primero, destas materias, publicamente, y lo firmè de mi nombre: que ninguno le igualaria en la obra, por bien, y por mal; y con mi cabeça responderia por el. Que le suplico yo, no malogre mi empeño, ni trate con Religiosos, cõ que no es menester tratar: pues sabe la sangre que tiene, y que ha de morir por el Rey; ni es ya tiempo de andar con màs platicas con picaros, como lo verà, y averiguarà que lo son; y muy viles. Digale vuessa paternidad tambien por chiste, que quando no fuera por màs, que por no dexar que Castellanos lo obren, ni vençan a Portugueses, lo havia de hazer: por ser màs un solo Portugues como el, que toda Castilla junta. En efecto, mi padre Fray Juan, en llegando el correo, no avrà negocio. Suplico a vuessa paternidad, que no vea yo la desdicha, que seria derramar sangre, y tanta, y tantas ofensas de Dios juntas, y tanto descredito de nuestra naciõ en España, por solo una rebelion de gẽte tan baxa, como la que vuessa paternidad [A66] refiere, y crea vuessa paternidad, que aunque tirassen piedras, no se atreverian a dar a vuessa paternidad con una: porque me è visto en el mesmo estado en Salamanca, y nunca creì, que me havian de acertar, como sucediõ: y como vuessa paternidad verà que sucede, si obligan mis pecados a que llegue este correo, sin haverse ajustado las cosas, pues entonces avrà de ser por mal todo; y esos Cavalleros castigar con la espada, sino pudieren prẽder, lo que havia de hazer la justicia. Y porque sè que dizen los de Evora, que dizen los arrieros extremeños, no darán de comer a la gente Castellana, ni ellos entrarán contra los Portugueses, sino que antes se sobrevarân: que me crean, y no los crean, y se aseguren, que para remediar sus necesidades, no desean otra*

*cosa en este mundo. Digo esto por risa, porque lo es; sino que esos menguados no ay disparate, que no crean en su consuelo, aunque sea tan sin fundamento como este. Tambien advierto a vuessa paternidad, que el prosupuesto que haze, de que es por quatro años el real de agua, e el caveçon, es equivocacion, como consta de los papeles: pero no está en esto el punto, sino en que no es por el huevo, sino por el fuero; y que si el fuero se ajusta, el huevo yo lo tomo a mi cargo. Por un solo Dios, que no se derrame sangre, aunque me cueste la vida. Dios guarde a vuessa paternidad, como deseo. E de sua propria mão acrecentava estas palavras. Señor mio, vuessa paternidad me crea, que si su Padre resucitára, abrasàra esse lugar, y le hiciera sembrar de sal. Suplico a vuessa paternidad, le obedesca a su Magestad, y reponga lo hecho.*

Finalmente fosse, qual fosse, o principio de aquelle novo accidente; quando as cousas de Evora [A67] estavam conforme referimos, apareceu subitamente naquella cidade hũa ordem, para que Frey João, deixando tudo nos termos em que estava, sê mais aviso se passasse logo a Lisboa; e que a Junta de Santo Antão, proseguisse na forma, que até a chegada do Enviado o havia feito, dispondo, e avisando dos negocios: o que se cumprio logo, despedindose Frey João da Cidade, tam pouco obrigado do Rey, como do Povo, e não sei se desobrigado da Nobreza.

Disse atègora sómente das alteraçõens da Cidade de Evora; e por não quebrar o fio principal da historia, me fui por ellas adiantando aos outros rumores semelhantes, que passavão pello Reyno, dos quaes serâ razão dar algũa noticia, para fazer mais clara a informação de todo este grande sucesso, e foi, desta sorte.

Entretanto que em Evora se procedia com a variedade, e cautela que referimos, toda a Provincia de Alentejo, a quem Evora serve de coração, ou cabeça, participou de seus proprios efeitos; em cujos lugares, com pouca diferença, forão semelhantes os excessos, segundo elles erão mais, ou menos capazes da multidão, porque estes movimentos se ministravão. Todavia as Cidades de Beja, e Elvas, ainda que de ousados moradores guardarão inesperada moderação; mas por estes dous Povos de Alentejo, que faltârão de seguir a opinião de toda a Provincia, Abrâtes, e Santarem, [A68] desta parte do nosso

Rio, e em nada aos outros inferiores; mais vesinhos a Lisboa, e por isso de mayor consequencia, começarão a mostrar vontade de grãde revolução. Com tudo, a propria vesinhança, que os fazia mais ocasionados, servio de lhes impedir mais cedo o movimento: porque procurandose por bons meynos seu socego, e fazendo que para dar calor á justiça, se premudasse a Santarem, Tancos, e Abrantes, o quartel de nossa Infantaria, que alojava em Cascais, houve de conseguirse a quietação pretendida; a qual sempre seria facil de conservar, em quanto Lisboa estava firme; a quem em todos seus interesses havião proposto de seguir, não só as Cidades, e Villas mais proximas a ella, mas as Provincias da Beira, Minho, e Tras os Montes.

Mostravase o cuidado dos Ministros de Madrid repartido, como seu escandalo, por todos os lugares, que affectavão a liberdade; mas os verdadeiros temores, e observaçoens, mais se encaminhavão a Villa-viçosa, como já dissemos. Era pequeno seu Povo, mas representavão o temor opulento de Nobreza, armas, e designios, grandes em sua mesma disimulação: como he mais temeroso o pègo do rio, donde a agua recolhida està em grande serenidade, que o lago donde se espraya, ou bate na pedra inquietamête. Por outra parte, a fresca memoria das pretençoens que aquelles Principes havião tido à Coroa, o descontentamento com q os Portuguezes [A69] passavão sua sogeição, como de cativeiro; o amor que nelles florece a seu Rey natural, fazia de importante reparo, qualquer acção pública de Villa-viçosa, sendo nestes casos dificultoso de distinguir, qual seja a vontade do Povo, e qual a do senhor delle.

Possuia então o Estado de Bragança o Serenisimo Duque Dom João, Segundo do nome, e Outavo no titulo Ducal; que hoje por especial mercè de Deos, he o Quarto João dos Reys deste Reyno, e Decimo-nono na real Dignidade, despois que o Reynado se continuou na estirpe de Dom Affonso Henriques. Havia herdado Dom João com o estado, o aplauso, e reverencia de seus naturaes, em cuja real pessoa, os velhos enxergavão ainda hũa memoria de seus Principes, e os moços descobrião já hũa esperança da comum liberdade. E porque sendo Villa-viçosa, despois de Evora, o primeiro lugar que tomou sua voz, comovida de semelhantes instrumentos, por mais demonstrações que já pella

Casa de Bragança fazião na Corte seus confidentes, não se perdia, ainda que se disimulava, a sospeita, contra ella interiormente concebida.

Achavase o Duque convalescente, de larga enfermidade, e tão falto de forças, q gozando robustissimo natural, e desejado empregarse todo na moderação, e concordia de seu Povo, não lhe foi possível. Alguns crêrão que acordadamente se escusára [A70] de mostrarse aos olhos de aquella multidão; porque vendoo presente, era cousa para temer, que do grito da liberdade, passassem ao da aclamação.

He fama, que neste tempo por via de Religiosos confidentes, se lhe fizerão varias lembranças, de que era tempo de se restituír da Coroa usurpada a seu Avó, e Pay; porém quãto estas inculcas forão mais dignas de ser ouvidas, lhe forão mais sospeitosas; achandose de todo inadvertido do fim, a que derigião seu proposito, os Povos que fabricavão a mesma novidade, que não entendião.

Com tudo julgava, que sobre haver obrado com tanta sinceridade, ainda faltava por conseguir a justificação, e segurança diante del Rey, Valido, e Ministros de Castella, em cujas mãos estava o fiel, que havia de pezar a fidelidade Portugueza; e se bem universalmente toda a nação dependia deste justo, ou injusto juizo, erão diferentes as razoens, que a Casa de Bragança tinha para temello; esperãdo delle sua conservação, ou ruína: sendo certo, que a prosperidade, ou adversidade dos grandes, sempre faz proporção com seu estado, e que entre a confiança, e a sospeita, não tem achado os Reys atêgora algum meyo.

Todos estes cuidados ocupavão o animo de aquelle Principe, e porque os Duques de Bragança, mais por grandeza, que negocio, costumavão cõservar sempre junto aos Reys hum Residente, pouco menos que Embaixador, respeitado, e cõ igualdade [A71] admitido; ocupava por estes tempos aquelle lugar, Francisco de Sousa Coutinho, Fidalgo principal na Casa, e Reyno, que ajuntando á claridade do sangue, a do juizo, com larga esperiencia de negocios, se fazia capacissimo sugeito, das mayores cõfianças de seu senhor: donde diremos se ensayou para as célebres Embaixadas, que tem exercitado despois aos Estados de Olanda, e às Coroas de Suecia, e França, em q hoje se acha, fertil de annos, e acertos. Porém Francisco de Sousa, quasi fatalmente arrebatado por

estes dias da Corte, a deixàra aquelle Inverno, obrigado de achaques, e de algũas occurrencias, que convinha tratar em Villa-viçosa; porque o curso dos negocios, a que assistia em Madrid, dava lugar a mayores desvios. Era como se sabe, Dom Francisco de Mello dependente de Bragãça, sobre interessado, e conjunto; que sem duvida forão as primeiras abonaçoens, e inculcas de seus merecimentos, para conseguir os altos lugares, a que subio naquella Monarquia. Porém D. Francisco, até esse tempo, não ingrato, continuava em dar calor, e ordem aos interesses da Casa; ou assistindo pessoalmente aos negocios della; ou ajudando com autoridade, e conselho, à pessoa que os solicitava. Mas tambem Dom Francisco, se não achàra então na Corte, ocupado jà no grave posto de Plenipotenciario, na Junta da paz universal, que os Principes havião preparado em Colonia. Todos estes desvios, acendião de novo o animo do Duque, e dos [A72] que aconselhavão em mayores cuydados, julgando com o Principe, os mais práticos de seus interesses, ser aquella ocasião para a Casa de Bragãça, de mayor importancia, que a primeira das alteraçõens de Portugal: *Porque então (dizião elles) bastava para assegurar o Estado, a desistencia do Reyno, e agora sem pretêder o Reyno, se avêturava o Estado; o qual não só perigava na opinião do Rey, e Ministros, mas em a de qualquer humilde, ignorãte, ou malicioso homem da Republica; pello que, convinha que com sũma diligêcia, e autoridade se despachasse à Corte algũ criado, ou confidête de Casa, para q sem perdoar gasto, diligêcia, e trabalho, se empregasse em manifestar a justificação do procedimento de Bragança.* Era por este tẽpo seu Agête dos negocios em Madrid, Antonio Pereira da Cunha, prático em os mayores, que por todo o tẽpo de sua vida exercitára (como oje Secretario de Guerra) em cuja suficiêcia, e zelo, se davão por seguras quaesquer importãtes materias. Mas a grãdeza das presêtes, persuadio a q nella se empregassẽ novos instrumêtos. Não concorria por então na Casa algũ sugeito proporcionado a esta comissão; porq os criados grandes, e ricos, parte por não serem instruidos nas materias de estado, parte por observarem as cõveniencias de sua valia (donde a primeira regra ensina, que o favorecido não se aparta jãmais, sem perigo, da presença de seu Principe) huns se escusãvãõ da jornada, e outros a desviavãõ de aquelles, que para ella não julgavãõ suficientes.

Refiro, pòde ser que com demasia, todos os accidentes [A73] deste negocio, para mostrar quaes forão as causas de minha intervenção nelle. E succedeo assi: que entre as pessoas que na Casa de Bragança parecerão mais a proposito desta confiança, foi hũa Dom Gomes de Mello, que por antigas obrigaçoens, e modernas mercès, antes cõ o amor, q cõ os passos, assistia ao serviço de aquelle Principe, difficultado de grandes impedimentos; pella qual razão, temêdo ser elegido nesta jornada, fez ao Duque lêbrãça de minha suficiência; acrecêtolhe aquellas circũstâncias, q o parêtesco, e amisade, entre nós cõtrahidos, lhe fazião q em mim imaginasse bastãte. Ajudou a occasião, melhor que o juizo, seu discurso; porq neste tẽpo eu residia na Corte, pretêdêdo cõ melhor fortuna para os negocios alheyos, q para os meus proprios; e não sem algũa intelligência, e graça cõ grandes Ministros: tudo jũto foi causa de q se me cõfiasse o peso de tão grãde negoceação, q eu aceitei persuadido de aquelle grande imperio do rogo, e confiado q os meritos da obediencia, me darião forças, para levar hũa carga tão excessiva a meu talento.

De pouco tempo erão então recebidas na Corte as novas da alteração de Evora, quando eu, pella ordem que tinha, com cartas para el Rey, Conde Duque, e outros grandes Ministros de Portugal, e Castella, os informei (segundo minha instrucção) da verdade do successo; pello tocante aos movimentos de Villa-viçosa, e mais lugares do Estado circũvezinhos, q era só a parte, que me tocava justificar. [A74] Em tudo seguí sempre os termos da igualdade; porque para qualquer successo, convinha contrapesar, o temor da inquietação, com a esperança da concordia. Procurei instruir a todos os Ministros, dos procedimentos de Bragança, mais em modo de referillos, que de louvallos, mostrandoos de tal sorte, que não pudessem ser ouvidos, sem ser acreditados. As cartas com grande prudencia, fallavão do successo, e da pessoa do Principe, com grave moderação. Devo dizer, como testemunha de vista, que na alegria com que forão recebidas do Rey, Valido, e Ministros, se mostrava bem qual fosse o cuidado, que antes dellas pejava seus coraçõens; não sendo poucos os que duvidassem desta demonstração. Sigo o progresso do sucedido, com o Conde Duque, por ser elle o primeiro mobil de aquella Monarquia; de cujo movimento, o recebem todos os Ministros das esferas inferiores. Leu o Conde sua carta, e falou despois, breve e

suavemente da pessoa do Duque de Bragança, exagerou seu animo, e a reverencia em que tinha seu parentesco; quanto desejava os aumentos de sua grãdeza, e como el Rey a estimava. Contra os Povos mostrou mais desprezo, que sentimento; e como homẽ, q em grande coração alojava a dor, e a vingança, usou (falãdo dellas) mais dos efectos, que das palavras. Afirmarei, que não perdi observação de seu mais descuidado movimẽto; porq a mesma desconfiança de minha capacidade, me tinha pronto a todos os officios de politico, tanto no [A75] calar, como no dizer, e sempre no ouvir, mas sobretudo no crer; sendo esta, a meu juizo, a mais importante advertencia, de que necessitão todos aquelles q tratão perigosos negocios â conservação de Principes, ou Naçoens menos poderosas, que aquellas Naçoens, ou Principes, com que se tratão.

Vejome neste ponto necesitado de trazer à memoria dos que lerem, hũa informação das parcialidades que então corrião entre os Ministros de Castella, e Portugal; as quaes suposto que na Corte se litigavão mais descubertamente, tinhão nos interesses do Reyno, seu principio: porque destas parcialidades procedia o mayor dano, que ameaçava á Casa de Bragança, e revolvía toda a execução deste negocio; não sendo possivel por seus particulares encontros, satisfazellas ambas, de sorte, que juntas obrassem em o beneficio pretẽdido: donde vem, que a relação dellas, seja cousa essencial, aos sucessos de minha escritura; além de que, sendo (como he) a historia hum teatro de acontecimẽtos, donde se fazem publicos, para utilidade dos que vierem, os vicios, e virtudes dos que passarão; nada será tão proveitoso, como a manifestação dos segredos, e interesses dos Grandes, e Ministros da Republica, que pella mayor parte, são causa de todos os accidentes, de que periga a saũde universal; os quaes não sem dano ignorão os Principes, ou Vassallos futuros, nẽ sem proveito, os haverão de conhecer; porque sendo os tempos estampados huns, por outros, dos passados [A76] sucessos, tirão aviso os homens sábios, para se haverem nos casos presentes.

Ministravão com industriosa independencia, os papeis de Portugal, assi no Reyno, como na Corte, os dous Secretarios de Estado (que já nomeamos) Miguel de Vasconcelos, e Diogo Soares. Ambos se havião conformado nos fins de seus interesses, mas em os meynos de proseguillos, erão muyto diversos: porque o

Soares quanto tinha de menos actividade, tinha de mais arteficioso, o Vasconcelos era a hum mesmo passo, soberbo, e diligente; hum sabia melhor disimular, e era assi mais acomodado a obedecer; o outro jámais se comedia, antes sempre se achava pronto ao mando, primeiro que ao ministerio. Assi procedeo o poder de aquelles Ministros, quando por varios accidentes foi acomodado no lugar de Conselheiro Supremo de Portugal, Dom Miguel de Noronha Conde de Linhares, pessoa de grande callidade, e pensamêtos; acabava de governar por seis annos, a India, cõ aplauso semelhante ao dos primeiros: e se achava na Corte cõvidado para as mayores empresas de aquelle tempo. Este aplauso, junto ao altivo natural do Conde, fomentavão de tal sorte a grandeza de seu coração que a penas se acomodava com que algum lhe fosse igual na autoridade, quanto mais superior, como Diogo Soares fundado em sua valia, o procurava ser de todos os Ministros de aquelle Conselho. Porém desenganado já por acçoens exteriores, de que o Conde em [A77] nenhũa maneira lhe cederia, foi fama, que temendo contrastar com a natureza do Linhares, o requereo para amigo, oferecendolhe sua valia, porque seguisse seus interesses: com promessa, ou pacto, de que seria em os proprios ajudado, para que reciprocamente se defendessem das cavilações, que como nevoas contra o Sol, se levantão continuamente, contra os Valídos, do mais infimo vapor da Terra. Porém o Linhares, que ao principio mostrou não se discontentára de suas propostas, em tudo o que obrava, foi descobrindo hum espiritu izento, e absoluto, desprezador de toda a dependencia. Seguiose a obra, o escandalo, e delle a desconfiança, que acesa por homens, e sucessos, foi brevemente odio interno, e pública opposição: a qual creceo tão apressadamente, q em poucos dias sem algum embaraço dos cargos, que os obrigavão â temperança, estes dous Ministros não negavão a cõtradição, e enemisade q entre ambos havia. A hũ, e outro, seguio dividida boa copia de pretêdentes, segũdo os affectos de sua ambição; achandose da parte do Soares, os menos, mas os mais poderosos, e da do Linhares os mais, e os menos indignos; mas com tal differença, q os dependentes do Soares, obravão por suas cousas, em virtude do poder q elle lhes comunicava; e os afeiçoados do Cõde, nẽ o socorrião cõ algũa obra, nẽ se atrevião a desautorizar as de seu inimigo, duvidosos do successo. Quasi todos os votos do Conselho, corroboravão os

interesses do Soares, [A78] aborrecendoo, porque não só com esta lisonja lhes parecia cultivar sua fortuna; mas agradar, a seu parecer, ao Valido: sendo certo que todo o artifice se paga de quem aprova suas obras; e sendo mais propria esta condição, em aquellas cousas, de que o entendimento he autor, quanto elle he mais sublime, que as Artes mecanicas, a quem se devem as obras civis. Parcialhes a estes, que nas acçoens de Diogo Soares, reverberava a vontade do Conde Duque, por onde, bem, ou mal, lhas fazia ser respeitaveis. Outros por temor lhe haviam entregado a voz, se não o espiritu. Hum só dos Cõselheiros obedecería ao Linhares, o qual elle antes tomou para si, que se lhe entregasse. O Conde Duque amava ao Soares exteriormente, e tambem ao Linhares não aborrecia, por hum affecto oculto, que se não estendeo a demostraçoens externas. Creyo que ao Secretario por pequeno, não temia de favorecer publicamente; e ao Conde como grande, receava de ajudar com publicidade, observante de sua altiveza; de quem conhecia, que sendo favorecido, podia chegar a necesitalo de mayores excessos para desfazelo, que para levantalo.

Assi procedião as duas parcialidades dos Portuguezes na Corte; que reconhecidas já das alterações do Reyno, cada hum procurava arrastar a causa pública, até fazella servir a seus interesses, e designios; porque o Soares, e sua facção, fundavão grandes maquinas naquella desobediencia. *Dando a entender [A79] a el Rey, e Valido, que a segurança de Portugal consistia em tirar o governo da mão aos Grandes, e crear outros sugeitos, que devessem a el Rey todo seu ser, e melhoramento;* tendo por certo, que ao mesmo passo que o Reyno merecesse a Castella hum grãde castigo, ficaria elle absoluto senhor dos Portuguezes, de suas casas, e rendas, calificando, e reprovando aquelles que lhe parecesse. O Linhares semelhante, e mais verdadeiramente, mostrava: *Que a desesperação dos Povos, tomára principio em a violencia, com que os novos Ministros persuadidos do Soares, e Vasconcelos, oprimião ao Povo.* Certificando a el Rey, e Valido com palavras, e papeis: *Era mais conveniente a seu serviço, deixar perder hum, ou dous Ministros aborrecidos do Reyno, que arriscar à perdição esse mesmo Reyno, e a Magestade real a hum desacato, que fosse tão aspero de castigar, como de esquecer.* Logo segundo seus propositos, cada hum dos dous Ministros, se foi apropriando â causa que lhe convinha, e

enxerindose nella. O Soares fez sua, a queixa do Rey, e Valido contra o Povo Portuguez: e o Linhares a voz, e clamor universal, procurando apadrinhar sua justificação. Ambos consideravão o proprio caso, mais, ou menos perigoso, segundo convinha aos fins, a que se derigião: porém nesta contenda excedia sempre a industria do Soares, à diligencia do Conde, q fiado em sua grandeza, do mais fazia pouco caso.

Não passavão estas cousas, tanto nos termos da moderação, que não fosse notoria a importancia [A80] dellas, pello menos a todas as pessoas de discurso; das quaes, pôde ser, que informado o Cõde Duque, e fiando mais (como era razão) do sangue, e valor do Linhares, que da cautela, e valia de seu oposto, mostrava desejo, de que ao Conde de Linhares se dirigissem todos os interesses do Reyno; não só como a Ministro grande, mas como a pessoa amiga, e confidete da melhor parte. Era este o mesmo caminho, por dõde eu havia procurado que corressê os negocios de meu cargo: assi por conhecer no animo do Linhares igual affecto, que reverencia, à Casa de Bragança, como porque de sua mão havia eu recebido tantos beneficios, como pella do Soares, injurias, e semrazoens. Porém sem embargo que não elegi os meynos da negoceação (sendome sinalados) e q ella por não ser de ordinario expediente, pedia de instrumentos superiores, a quẽ se encaminhavão os avisos, que eu somministrava, era tanta a soberania do Soares que, tendo por manifesto agravo, apartar de sua direcção o curso destes negocios, começou logo a fulminar contra o respeito, e justificação de Bragança; que até então exteriormente corria aplaudido dos Ministros Castelhanos, e Portuguezes. Afirmase haver chegado a tal ponto o odio, que introduzindose este Ministro nas práticas, q lhe não confiãrão, e concitando por isso mesmo as sospeitas entre os Emulos, foi fama, que disse em hũa junta de graves pessoas: *Que em Portugal não haveria quietação, em quanto não nacessem malvas pellas escadas, e [A81] pátios do Paço de Villa-viçosa.* Tão pouco se ignorava seu animo: porque os interessados da facção contraria, com grande desejo de haver de sua parte a autoridade da Casa de Bragança, empregavão todas suas forças contra o Soares; sendo cuidadosas atalayas para descobrir seus designios, dos quaes por instantes avisavão, donde lhes parecia mais conveniente: porque como Deos costuma, tirar bens, de todos os males, ordenou que dos odios, que entre estes dous partidos

reinavão, procedesse aquella util descõformidade, da qual então, e agora, se derivarão gloriosissimos efeitos à nossa Republica, sendo estes os inesperados meynos de sua liberdade.

Entretanto que na Corte se proseguia na prática destes artificios, os Povos Inquietos não parávão em proceder tumultuosamente. Hião depondo os Ministros de Justiça, e creando outros em seu lugar, segundo a satisfação que tinham delles. Andava cada vez mais confuso o Regimento ordinario; de que queixosos os de melhor juizo, desejavão se acabasse de tomar forma conveniente, ou de verdadeira obediencia, ou de melhor disciplina: porq já não duvidavão do castigo. Outros abonando com a intenção os excessos, â conta de bem encaminhados, os fazião cada dia insufriveis. Dizem, que o mais perigoso parecer contra a concordia (porèm mais conforme à segurança publica) foi o de algũs que aconselhavão: *Trouxessem a opinião de Alentejo, á Villa de Setuval, lugar rico, e por isso soberbo, [A82] com hum porto acomodado para socorros, guardado de dous Castellos, sabido, e habitado das Naçoens Estrangeiras: cuja occupação seria de grande conveniencia, para qualquer successo aos Inquietos; porque ou já pello ciumes que podião dar a todo o Reyno, vêdo como o segundo porto delle, estava em suas mãos, ou realmente pella defensa que lhes assegurava, era conveniente empreza trazer esta Villa a sua devação.* Mas este discurso encontravão outros, dizendo: *Que Setuval estava guardado pellas armas Castelhanas, que sem outras mais poderosas se não renderião.* Então se recorria a outro diferente meyno, mais urgente, e não menos dificultoso. Dezião os de Alentejo: *Que se buscasse modo, de fazer algũa boa tentativa ao Povo de Lisboa; o qual por sua grandeza, e disposição já era costumado, a dar, e tirar coroas; como se vira na erecção do Mestre de Avís, e repulsa a el Rey Dom João o Primeiro de Castella. Que os fins deste grão Povo, com razão, ou sem ella, havia de seguir o Reyno inteiramente.* Animavaos a esperar boa resposta, a desconsoação que se lhe conhecia; e acrescentavão: *Que não muyto antes, por izentar de hum novo registro, introduzido aos Pescadores, se havia levantado tão atrevidamente a menor parte do vulgo, que por hum dia todo apedrejara as janellas do Ministro, de quem o alvitre procedera; sem lhe valer o sagrado do Paço real, donde vivia, nem ser o Cabo principal das armas, que Castella*

*sustentava no Reyno. Ultimamente pareceo: (não sei se com particular intelligencia como então se disse) Que as cousas se sustentassem como estavam, em todos os Povos da [A83] opinião, até os principios do anno futuro de Mil e seiscentos e trinta e oito; porque como com elle entravão novos officiaes na administração popular de todos os lugares, e o assento dos novos tributos, então se havia de constituir, ou relevar, podia sem duvida esperarse, que a gente de Lisboa, incitada destes novos motivos, acabasse de se declarar pella obediencia, ou pella liberdade. E quanto se tinha por mais certo, que el Rey se não acomodaria com o sentimento do Povo, era tambem mais infalivel, que a desesperação conformasse a Lisboa, cõ o sentimêto de Alentejo, muyto mais depressa que o rogo, ou negoceação de aquella Provincia.*

Desta propria observação se derivava igualmente, confiança aos Inquietos, e temor aos Ministros; em o qual conformados os de Portugal, e Castella, procuravão com activissimas diligencias, que o negocio se acabasse, antes que o anno. Pressistia com tudo o Conde Duque, em que não era decente à Magestade de seu Rey, pedir, o que devia mandar. Por esta causa àmbigo sempre nas repostas, tanto ao governo do Reyno, e junta de Evora, quanto ao Conselho de Madrid, contemporisava com a esperança, e receyo, até que o exercito de Cantabria (que já havia segũda vez chamado) se avesinhasse ás fronteiras do Reyno. Tinha por instrucção, que marchasse de Biscaya, á Provincia de Rioja, della a Campos, donde por Leão entrasse em Estremadura; com taes transitos, que diligentemente se arrimasse, e estendesse, desde Valença, até Badajós, fazendo rosto a Portugal [A84]; mas porque o embaraço (que já apontamos) da pouca confiança que para tal empresa se fazia do Duque de Nochêra, General do exercito, e de Diogo Luis de Oliveira, seu Mestre de Campo General, todavia estava em pè; se ordenou, que ao primeiro se lhe concedesse licença para acudir à Corte, como por muytos dias pretendera; e ao segundo se lhe conferisse o governo do Castello de Gante em Flandes; das quaes duas mercês, forão avisados, antes da marcha do exercito; cuja direcção se encomendou ao Tenente General Marco Antonio Gandolfo, até ser na Praça de armas entregue aos novos Cabos, que já lhe tinham prevenidos. Mas os passados recebêrão tanta mais injuria, q mercè, e della forão tão queixosos, que brevemente vierão ambos

presos à Corte, com diversos pretextos. Assi era violento o modo do governo de aquella Valido, q como rayo, empregava de continuo os efeitos de seu ardor, nas partes mais altas: donde se disse: *Desbarataria mayores Capitães a seu Rey, que os exercitos de seus contrarios*. Logo contavão a ruina de D. Gonçalo de Cordova, D. Fadrique de Toledo, Conde Henrique de Bergas, e de outros, ainda q menores, famosos Varões de aquella tempo; hūs mortos por desgostos, outros desvalidos por ingratição: que forão os primeiros sinaes do precipicio, a que brevemente veyo aquella Coroa.

Cõstava este exercito de Câtábria, de varios terços de Infãtaria Castelhana, quasi toda forçada para [A85] a guerra; a qual entre a aspereza dos montes de Guepúzcuca, agora detida dos frios, agora dificultada do aperto dos passos, se conservava, mas sempre com vivo desejo de liberdade. Estimavase seu numero, dentro dos quarteis, em oito mil Infantes, que marchando soltos, e por terras largas, e conhecidas, se diminuirão de sorte, que antes de arribarem à Estremadura, erão menos de quatro mil, e menos os que chegarão ao novo alojamento. A mais rigurosa parte de aquellas armas, consistia em hum Regimento de Dragoens: nova milicia entre nós, e que de Alemanha trouxera a seu cargo Dom Pedro de Santa Cizilia, de quem no livro primeiro de nossa Catalunha, fazemos particular menção. Foi nomeado por General deste exercito, o Duque de Bejar, moço de desasete annos; havendose sua riqueza, e estado por suficiencia, disserão: *Que por ser o mayor senhor da Estremadura, donde o exercito se juntava, lhe competia o posto*. Era pretexto, mas duas as causas interiores. A primeira, porque desejava o Conde Duque, que o Cabo de aquella guerra, se governasse só por suas leys, e não pellas da milicia; cuja disciplina em seus professores mal se dobra aos expedientes politicos. A segunda, porq para hũa empreza aparente, não se acharia em Espanha hũ General verdadeiro; supriose então o defeito da idade, e esperiência do Duque de Bejar, dãdoselhe por adjũtos os Mestres de Campo Graneros, e Bocanegra. Ambos do Conselho de [A86] Guerra; em os quaes não havia mais sufficiencia, q a dos annos, de q o Bejar era falto. Sêpre as cans são indicio da sabiduria, mas nẽ sempre desêpenho della. E porque os presidios do Reyno, não estavam provídos de Mestre de Campo General, ausente Dom Fernando de Toledo, se havia nomeado neste

posto, a D. Diogo de Cardenas, tambem Conselheiro de Guerra (melhor homem, que soldado) ao qual se ordenou exercitasse o mesmo officio de Mestre de Campo General, no exercito do Duque de Bejar, para cuja praça de armas estava destinada a Cidade de Badajòs.

Mas como já no Reyno do Algarve, mostrava para revolverse mayores designios, foi tãbem mayor o cuidado de se lhe aplicar o remedio; porque os portos, de q aquelle Reyno he abũdante, causavão muyto mais receyo, que suas proprias forças. Por esta razão se ordenou, que o Duque de Medina Sidonia, Capitão General da Andaluzia, ajuntasse da gente de seu cargo, atè seis mil Infantes, e com os ginetes da costa, e alguns voluntarios, formasse outro exercito, com q se avesinhasse ao Algarve. E que o Marques de Valparaiso, assistête por esses dias na Corte, não mal visto do Cõde Duque, e q tinha nestas direcções grande parte (por ser para ellas proporcionado instrumento) se fosse logo juntar cõ o Duque de Medina, a quem servisse entretanto de segundo Cabo, ainda que sem algum titulo, para que pondo o Duque a autoridade, e o Marques a industria, o [A87] acerto ficasse seguro, em tudo o que se pretendia.

Passavãose de secreto estas ordês, se aparelhavão, e moviãõ os exercitos; sem que da parte dos Portuguezes, houvesse, até aquelle tempo, outra prevenção de defensa, ou designio, senão a causa que os havia excitado â inquietação. Antes como naturalmente se perturbẽ, todas aquellas açõens, em que concorrem muytas vontades, atè a propria inquietação, se hia por si mesmo moderando, e de todo chegãra a ser desfeita; porque os Populares já cansados do continuo ocio, perdendo o tempo servil dos exercicios do campo, e artes mecanicas de que se sustentavão, forão a grande passo, desemparrando o corpo da multidão; e desta falta se começava a produzir o arrependimento do que haviãõ obrado: porque, segundo a sentença dos filosofos, a destruição de hũas cousas, he principio de outras; não sendo menos certa nos affectos, que nas creaturas.

Ao contrario passava entre as pessoas particulares, que vendo de hũa parte o ameaço da desunião, e da outra o das armas, não cessavão por todos os meyo de excitar os comovidos, para que se soubessem ganhar, ou perder. Temiãose já muytos, dos que como espiritus interiores, ajudarão tacitamẽte os movimentos do Povo, que elle sem algũa ley, se acordasse, não só deixandoos perecer na

indignação do Príncipe, mas inculcandolhos, para fazerem mais acreditado seu arrependimento.

A Junta de Santo Antão, que tudo observava, [A88] havia de novo, por esta causa, concebido firme esperança de quietação; e já tinha por certo, que lhe seria mais dificultoso, socegar o animo do Conde Duque, q o do Povo: porq mostrãdo este atè aquelle tempo, que para haver lugar a clemencia del Rey, bastava só a redução dos Inquietos, agora cõ novos brios, pedia não sómête a redução, por modo de arrependimento, mas que os tributos se recebessem, e o Povo tornasse ao mesmo estado, em q se achava antes delles; e tambem a aquelle em q o havião posto, quãdo se descõpusera. Não se negava, q a politica do Cõde Duque, era violenta, mas utilisima a seus propositos: porque vendose com as armas na mão, que com grande dispendio havia juntado, desaproveitadamente as recolheria, deixãdo os Povos solevados, ou sem castigo, ou sem obediencia: que erão os dous fins, a que se dirigião todas as màquinas de tantos pensamentos.

Agora para que se veja com suas proprias palavras, retratado seu animo, faço aqui patente ao juizo de todos, hũa larga carta, q por este tẽpo escrevia à Junta de Santo Antão, que na ocasião proposta, ella por si sómente fora digna de grande temor; e diz desta maneira.

*Confieso a V. Señoria, que a mi no me queda que decir en esta materia, que sentir si, cierto: y tanto que quãdo mi vida fuera muy larga, no llegãra a enxugar las lagrimas que me causa, ver en mis dias una desdicha, que no se hallará exemplar, que ajuste a ella, en ninguna historia antiga, [A89] ni moderna; y no solo que no ajuste de todo, pero con cien mil leguas: pues en un Reyno tan fertil, tan lleno de Nobleza, quieran descalços, desarmados, hazer cuerpo, e mantenerse, y pretender capitular con su Rey; sin tener oy respeto, ni a la Justitia, ni a la Nobleza, ni a la piedad de su Magestad; y que forçadamente nos quieran obligar a derramar sangre de Vassallos propios, y poner nota en la fidelidad Española. Este correo despacho de pura piedad, e sin orden, como Cristiano, y como Cavallero; entretanto que se firma la consulta de a noche, y sube a su Magestad (que no estã aqui) y hazen los despachos della. Assegurando a V. Señoria, que una hora más de dilacion, no es possible, ni conveniente; y que los cuidados de afuera, obligan a no dexar esso imperfeto. Pero si he de recibir*

*de V. Señoria alguna merced, sea que se obre sin sangre, y que estos dos dias, ó tres, se reduzga essa gente a conocer su perdicion forçosa, aunque tuviessen quãtos sucessos desean, y quan impossibles son. Pero yo queria que mientras llega la orden de su Magestad, y la resolucion de la Consulta, ellos reconociesen lo que ha de ser el dia siguiente, y se pongan a los pies de su Magestad, y en su obediencia, y se reduzgan los tributos al estado en que estaban. Y si se ponen en essotro en que se ven, por la necessidad q padecẽ; yo salgo porfiador de V. Señoria, de que no passaràn necessidad; y soy de fiar por la sangre con que naci, y tambien lo soy, pòr el lugar en que su Magestad (Dios le guarde) aunque indignamente, me tiene. Que ya vé V. S. si su Magestad necessita de dos, ò tres mil ducados, q paga el casco de Evora en estos tributos, ò en los otros; pero vale a su Magestad en esto, los de todos sus Reynos enteramente, no solo de Portugal, sino de toda su Monarquia, [A90] en todas partes; que al exemplo de quedar esos rebelados sin otro titolo ninguno, libres de los Tributos, y consiguiendolo por esse camino, no abria Lugar, Provincia, o Reyno, que no intentasse lo mismo, y saliesse con ello; con razon, y justicia, si su Magestad lo huviesse disimulado. Ay, sabe Dios, que a costa de quanta sangre tengo en las venas, tomàra que esso se remediara sin sangre.*

As parcialidades da Corte, a quem seguião as do Reyno, não cessavão de proceder com a cõtradição que dissemos, avisando sempre em beneficio de seus interesses, huns, *que el Rey perdoava*, e outros, *que castigaría*. Sucedendo que juntamente recebião os Ministros, que neste negocio tinham intervenção, cartas, e ainda ordens opostas; donde procedeo, que as provisões, e aprestos, de ordinario se perdessẽ; porque quanto se prevenia hũa hora, outra já se desaproveitava: pello que os juizos iguaes dos homens prudentes, andavão atonitos, e havião como perdido a facultade• de discursar, e eleger o mais conveniente.

Então o Conde Duque, vendo já prontos os instrumentos da vingança, quiz aperfeiçoar a fábrica de seu arteficio, com hũa grande mostra de justificação; para a qual, de repête, fez chamar a sua casa, todos quantos Ministros, Prelados, Titulos, e Fidalgos Portuguezes se achavão na Corte, ocupados, ou pretendentes. Mas porque em tudo tivesse lugar a cautela, sobre que o Decreto real, não decesse da ordem dos Fidalgos, â da gente Nobre, se dispoz, que [A91] tambem

se convocasse, toda a que em Madrid concorria, a fim de q vêdose os de aquella classe avêtajados cõ este favor, o pagassem logo, cõformandose cõ as demonstraçoens mais rigurosas, contra o Reyno prevenidas, como finalmente succedeo, porque beneficiados de esta vangloria, muytos dos circunstantes seguirão com tanto aplauso o dictame do Conde Duque, que não só o aprovavão publica, e secretamente, mas comunicandose aos amigos, e parentes, que tinham em Portugal, derão grande reputação de Clemencia a aquellas mesmas acções donde a Ira se mostrava mais descuberta.

Vi, e experimentei, que entre nós foi a convocação de sumo cuidado; porque como todos ignoravão o segredo de aquelle negocio, cujas partes corrião tão incertas, q apenas os mesmos que o manejavão, o comprendião, não havia innocencia que se dêsse por segura, à vista do que se podia esperar do poder, e simulação, entre cujas mãos nos viamos todavia. Outros ajudados, ou do melhor discurso, ou (o que he mais certo) de melhor noticia, se mostravão sem algum pejo do chamamento, certificando aos mais temerosos, de que aquella novidade, se não prevenira, em prejuizo particular, antes por comum beneficio.

Ajuntárãose os chamados, no aposento do Cõde Duque, que era em casas do proprio Paço del Rey. E porque a estranheza da materia, parece que està pedindo particular relação della, não duvido de a [A92] fazer; porque já com esse proposito encomendei à memoria, atè as menores circunstancias. Costumava o Conde Duque dar audiencia em hũa grande galaria, que se rematava em hũa alcoba portátil, e escura, donde â maneira de Oraculo respondia, sendo visto, e ouvido, quasi duvidosamente. Aqui estavão com larga meditação, dispostos os assentos, em mais honrada forma, do que em Casa Real e presença do Valído se costuma: ou fosse solicitar a vaidade de nossa nação (a quem as mais tem censurado de presuntuosa sobejamente) ou porque o muyto que lhes querião tirar aos Portuguezes naquelle tempo, lho quizessem pagar de antemão, com esta simulada cortesia. Serião pouco menos de cincõeta pessoas, as congregadas; entre as quaes concurrião tambem alguns Ministros Castelhanos, assi do Conselho de Estado de Espanha, como do Real de Castella; e outros de hũa nova junta, chamada da Execução; a respeito de seu grande expediente. Erão os de Estado: o Duque de Villa-fermosa, tambem do supremo de Portugal, cujo

Presidente havia sido, D. Pedro Pacheco, Marques de Castro-forte, D. Garcia de Aro, Conde de Castrilho. E do Conselho Real, Joseph Gonçalvez, e Dom Antonio de Contreiras. Da junta da Execução (além de Villa-fermosa, e Castro-forte, que tambem residião nella) só Dom Niculao Cide. Assistio da mesma sorte, todo o Conselho de Portugal, cujos Ministros então erão, o Conde de Linhares, Dom Francisco Mascarenhas, [A93] Manoel de Vascôcelos, e Cide de Almeyda. Achavase com elles, Luis Alvares de Tavora, Conde de São João, por Conselheiro de Estado do Reyno; e tambem pello lugar do Conselho del Rey, seu filho o Bispo de Portalegre, Joanne Mendes de Tavora. Oposta ao lugar, e Cadeira do Conde Duque, se via hũa mesa, e nella acomodados dous Secretarios em cadeiras razas, sendo de espaldas as de todo o concurso. Erão estes: Diogo Soares, Secretario de Estado em nosso Conselho, e Dom Fernando Ruiz de Contreiras, em o de Guerra de Espanha. Assentados todos, sem que entre si guardassem mais ordem, que as precedencias dos Ministros, estando já tudo em observâtissimo silêcio, se levâtou Diogo Soares em pè, do lugar em q assistia, e começou a ler hũa Proposição em lingua Castelhana; em a qual duvidãdo, como pouco destro, seguio a leitura da proposta o Secretario Contreiras, dizendo:

*Que sua Magestade atêtando â inconcusa (era a propria palavra) fidelidade dos Portuguezes, e entêdendo q de presente algũs homẽs villissimos, pretendião perturbar a paz comum, e impedir os efeitos de seu serviço, notificando por insoportavel o peso dos novos tributos, que ao Reyno se impunhão, por causa das novas guerras, e necessidades q todos reconhecião: pella qual comoção, a Justiça havia perdido sua autoridade, e os nobres cõ grande receyo dos Inquietos, desistirão de se lhes opòr, como delles se esperava, e cria q o desejassem; vêdo por outra parte, quão preverso podia ser este exêplo para as mais nações de q se compunha a Monarquia: mandava [A94] se ajuntasse em aquelle lugar, a Nobreza de Portugal, que por então residisse na Corte, a qual se cõsiderava ser boa parte da de todo o Reyno, para que jũta com os Ministros de nosso Conselho Supremo, e alguns de varios Tribunaes de Castella, conferissem qual seria o melhor meyo, e forma que se podia dar, assi à redução dos Povos Inquietos, como ao castigo de aquellas pessoas que os perturbavão; e que tudo prontamente se consultasse a sua Magestade, para o mandar assi*

*executar. Que na mesma forma ordenava a todos os presentes, fizessem no Reyno por escrito, aquelles officios, que convinhão (segundo seu mesmo acordo) ao bom fim da concordia, e obediencia, em que sua Magestade, desejava de os ver aventajados, e não remissos; por ter sempre occasião de lhes fazer novas mercès, e ventagens, dignas de sua grandeza, e bem empregadas nos mèritos de hũa nação, que sua Magestade estimava tanto; julgando por felicissima a parte do real sangue que della tinha.*

Acabado este papel, fez o Conde Duque sinal, para que fallasse o Bispo de Portalegre (a quem de secreto se havia a noite de antes encomendado a reposta.) Porém, o Bispo que, sobre sábio, não era eloquente, de algũa maneira embaraçado, gastou bom espaço em entêder, e obedecer ao aceno do Cõde Duque: ou fosse porque não dizia cõ o animo, o que havia de pronunciar com a boca, ou porque as razoens prevenidas, não erão de sua boca, ou animo, nem mais de hum mèro pregão, que lhe mandavão lançar por aquelle auditorio, donde se deduziria ao Reyno, e logo ao mundo.

[A95] Começou a orar com grande desconfiança, que todos interpretarão a certa infelicidade da materia; Porẽ depois de introduzir sua prática, a foi dispõdo a melhores termos, e disse: *Quão grãde era a nova obrigação, que se devia reconhecer ao Monarca, o qual podendo cõvocar os Nobres, para que ouvissem hum terribel Decreto contra o Povo, os chamava para fazer com sua presença, e â vista de sua fidelidade, mais digno o perdão, que lhe concedia. Que da propria acção se estava entendendo, quão justificado seria com os innocentes, hum Principe, que assi tratava aos culpados: pois convidandoos com a clemencia, antes queria deixar queixosa a soberania, que a generosidade. Que agora amados como Filhos, e defendidos como Vassallos, não lhes ficava mais que desejar, salvo a dilatação de aquelle Imperio, dõde às culpas se não sabia o nome, por não fazer o castigo sua consequencia: e que pois em esquecellas se antecipava, não sò a misericordia, mas a injuria ao proprio delito, melhor vinha a Magestade, em se não lembrar que fora algũa hora ofendida, que em perdoar essa mesma ofensa; por amar tanto a nação Portugueza, que nem pello breve intervalo da culpa ao perdão, a queria deixar manchada cõ a nota de infidelidade.* Manifestava : *Que o peso das novas, e inescusaveis imposiçoens,*

*era mais sensível para el Rey, q para o Povo: tanto sentia suas cargas; mas pois sua Magestade se acomodava com a dor, se acomodassem os Vassallos com a contribuição, que esta fora sem duvida, a menos grave parte: pois a el Rey tocava no coração, e ao Reyno no hõbro; e era justissimo, quando o Principe se não escusava da molestia de seu peso, que os subditos lha fizessem leve, empregando suas forças em seu descargo. Que a vastidão [A96] do senhorio dos Portuguezes era tal, que nem o cuydado del Rey, nem as diligências dos Ministros, bastavão para o manter seguro; e que de culpas que originava a grandeza, não havia que pedir conta, nem a quem dirigir o castigo dellas. Que sua Magestade nacera já por beneficio da graça, dominador da mayor, e melhor parte do Mundo; sem que da Coroa de Portugal recebesse outra conveniencia, que a perpetuidade da mesma Coroa: para cuja defensa, e guarda mantinha as mayores guerras de Europa, cõ os mais poderosos èmulos que nella havia; as quaes com dispendio de grossas armadas auxiliares, e custo de continuos socorros, estava fomentando em proveito dos Portuguezes. Qual de vós (disse então) haverà tam ingrato, que a tal Rey, a tal Senhor, a tal Pay, negue algũa parte do amor? Ou qual de vós haverà tão falso, que concedendolha do amor, lha negue do sangue? Logo discorrendo com varios, mais que seguros, louvores do governo, e Valido presente, lembrandose, e lembrando o merito dos Ministros mais aceitos, passou a referir o caso de Evora, com protervas circũstancias ponderado. Depois, dando algũa volta pellos sucessos de outros Povos, veyo concluindo: *Que o principal instrumento que el Rey queria ocupar na redução de aquella Provincia, e mais lugares de sua opinião, era a mesma Nobreza delles, de quem se achava satisfeito: para que visse o Mundo, que em meyo do justissimo sentimento, que pudera ter de aquelles Vassallos Inquietos, sua Magestade sabia distinguir (contra o costume dos Principes ofendidos) culpados, de inocentes, Nobres, de Plebeos; e ainda fõra das leys do mesmo costume, era contente de perdoar aos culpados, [A97] pello valor dos inocentes, sendo que o mundo sabia que nestes casos soêm padecer os inocentes, pello delito dos culpados. Acrescentou: Pois desde logo todos deveis disporvos, por vossas pessoas, por vosso valor, e por vossa industria, a solicitar a moderação, emenda, e satisfação, de aquella monstruosa gente, que como Bibora**

*peçonhenta, quer ser homicida da propria mãy, que lhe deu o ser, e acode com o alimento; para que, por virtude de vossa diligencia, e intelligencia, com amigos, e parentes, q no Reyno tendes, mereção aquelles Povos o perdão q S. Mag. lhes oferece. E vós outros todos, empregados nesta illustre obra, sejais o primeiro exêplo da fidelidade, arredãdo de nossa nação, para sêpre, aquelle feo labêo de desleaes, nũca entre os Portuguezes visto, e nũca merecido.*

Acabando de falar o Bispo, antes q algũ dos presentes pudesse cuidar, se lhe era permitido o respõder, se introduzio na pràtica o Cõde Duque. Começou, louvãdo as razões do Bispo: *Sobre as quaes (disse) lhe ficava pouco que acrecêtar. Mas q como testemunha de mais perto, entendia q era obrigado a manifestar o animo del Rey, para com a nação Portugueza, a quẽ sabia amava sua Magestade de maneira, q aquella obediencia, que por Rey, e por senhor não merecêra (se houvesse caso em que hũ Rey a desmerecesse) por amigo, quando menos, se lhe não podia negar, sem deslealdade: pello q, vinha a ser mayor a queixa da ingratição, com que dos Inquietos fora tratado seu serviço. E q o mais a que podia obrigar sua grandeza, e o natural affecto, que aos Portuguezes confessava, era a dar lugar, q elles proprios tornassem sobre si, e revogassem com hũ publico arrependimento os desatinos passados. Que sua Magestade (como o Bispo [A98] dissera) havia por bem, que a Nobreza do Reyno tomasse a seu cargo, a redução de aquella gente vil; com tal condição, que com suma brevidade se tratasse de sua emenda, reduzindo as cousas, ao estado que tinham, quando sua comoção. E que para esta obra, a todos os presentes se concedia poder, para que nella interviesses, pública, ou privadamente, pellos meyoys mais licitos, e prontos, que se achassem: dos quaes sua Magestade fiava tanto, como de aquelles, cujos animos estava vendo sempre, calificados em seu serviço. Que tambem lhes fazia a saber, como el Rey ordenava, que de tudo o que se obrasse em Portugal, ou em Castella, pello fim da redução de aquelles Povos, se dêsse parte ao Duque de Bragança; porque àlem de que se lhe devia, como ao mayor do Reyno, pella justificação, que neste tempo havia mostrado, sua Magestade lhe estava em tão novas obrigaçoens, que pedião esta, e mayores confianças: esperando que o Duque, por sua grande autoridade, fosse o instrumento mais proporcionado da concordia, coôperando com a Junta de Evora, e com qualquer*

*outro Tribunal, ou Conselho, que em Portugal, ou Castella, superintendesse a esta negoceação.*

Nestas palavras acabou o Conde sua prática, ou a crecença que o Bispo fizera, quando sem outra disposição, ou discurso, por modo de aclamação, se levantâo os Ministros do Conselho de Portugal, e delles os primeiros, o Linhares, e o Villafermosa, a quẽ seguirão os demais, e fazendo profunda inclinação ao Conde Duque, lhe disserão informemente (porque falavão todos com desordem, e quasi desacato:) *Que a elles, nem a aquella Nobreza, nẽ [A99] ao Reyno todo (do qual cuidavão) lhes ficava já que propór, ou que pedir, senão a mão a sua Magestade, para lha beijar, por tão singular, e liberal mercè, como aos Portuguezes fazia; cuja direcção bem sabião, se devia á bondade de sua Excelencia.* A estes, se ajuntâo logo alguns dos mayores, que alli cõcorrião; e quaes cõ demonstrações, quaes com palavras, cada hum só estudava naquelle breve tempo, como poderia avantejarse em adulação, ao mais lisongeiro dos presentes. Logo entre si, escolhidos por elles mesmos, o Conde de Linhares, o Bispo de Portalegre, e o Conde de Figueiró, forão em titulo de Embaxadores da Nobreza, beijar a el Rey a mão, pella mercè, que ao Reyno fizera. A estes seguirão todos, acõpanhando os mais, seus passos, mas não seus dictâmes. Porém a vista del Rey, âquella ora só foi aos tres concedida; com grande Providencia (sem duvida) divina: porq segundo forão desregradas as adulações, que se fizerão ao Conde Duque, e havendo ellas de crecer diante del Rey, parece q não podião parar, em menos que Idolatrias.

Tal fim teve aquella vam, e exquisita cerimonia, sobre a qual procedêo varios discursos; donde os melhores, logo conhecêo: *Que toda esta máquina, e as mais antecedentes, e sucesivas, sò se encaminhavão a apartar a Nobreza, do Povo, fazendolha sospetosa; para q a desunião destes dous (direito, e esquerdo) braços da Republica, a enfraquecesse, em todos os efeitos q de sua correspõdência estavão temendo; e que pella propia causa, q se provava desunir a força dos braços da Nobreza, e Povo, se intentaria tambẽ [A100] privar a Republica da Cabeça, induzindo as mesmas, e mayores sospetas, para com a Casa de Bragança que foi a razão de introduzir o senhor della, nos negocios do Reyno.*

Porém os de Evora, em quanto na Corte se passavão os dias, nestas negoceações, tẽdo dellas particular aviso, e do passo dos exercitos, q se avisinhavão, jã temião igualmente do rigor, q da piedade; e desejavão achar modo, para que sem cairem hũs na indignação dos outros, hũs dos outros se apartassem. Não erão menores os cuidados de todos os q na Jũta de S. Antão se achavão; conhecendo jã o pouco fructo, que podião tirar de aquella negoceação; da qual, por oras, temião o perigo, e desesperavão da utilidade: porq as contendadas entre Principes, e Vassallos, sã da condição do rozalgar, que por mais cautela, cõ q se intervenha em sua fãbrica, de ordinario ofẽde aos proprios, q a administração. Algũs entẽdião: *Que os da Junta, interiormente ciosos, de que sendo tãõ grãdes pessoas, aquelle seu poder se repartisse a outras muytas desiguaes, e ultimamente se fizesse comũ; e vendo por outra parte, q a autoridade de Bragança, cõ qualquer acção, excederia as suas, fizerão todo o esforço possivel, para persuadir a os Populares (cõ os quaes jã melhor se entẽdião) q se acomodassẽ á quietação, ainda que cedessẽ do brio, e interesse, cõ q sustẽtavão seu parecer, e o julgavão justificado.* Mas como el Rey não dava lugar, a q se viesse na absolvição dos novos tributos, todas as vezes q se tratava da cõcordia, corria felicemẽte, atè chegar a este põto; porẽ tocando nelle, se obstinavão de novo os coraçoes dos Populares [A101], a quem os Povos da opinião, secretamente persuadião a observancia della; prometendoselhes por companheiro em qualquer perigo.

Então o Arcebispo D. João Coutinho, pessoa de grande sangue, e riqueza no estado Ecclesiastico, e cõ elle o Cabido de Evora, o mais opulẽto do Reyno, louvavelmente se ofereceo: *A pagar de suas proprias rendas, aquelle excesso q de novo se impunha à Cidade, sobre os antigos dereitos: o qual excesso então se avaliava em sò tres cõtos de reis. Da mesma sorte a Camara, cõvinha em satisfazer por seus proprios, e bẽs comũs, outro genero de serviço, pedido às pessoas particulares. Cõ o qual ajustamẽto, o Povo ficava não pagãdo mais do ordinario, el Rey servido, e a Cidade cõtribuindo cõ tudo o q se lhe havia imposto.* Esta cõveniẽcia comunicada em Castella, havia lâ soãdo agradavelmẽte; mas como em o acordo de Evora não cõsistia todo o remedio dos outros Povos inquietos, nem se achava para elles, outro semelhante resgate, permanecião

todavia em seu vigor, as razões da revolução: queixosos os lugares, el Rey não satisfeito. Por esta causa se debatia nos Cõselhos, e Jūtas variamēte; parecendo aos Ministros de Castella, obediência falsissima a q se propunha: *E q el Rey* (dizião elles) *mais lhe convinha a emēda, q o interesse.* Em meyo desta disputa, tãbẽ não faltavão algũs Prudētes a quẽ parecia: *Que de todos os modos se aceitasse a reconciliação; porque os Estrangeiros, quando vissem os Vassallos de Espanha obedientes, não irião ler os acordos de seu arrependimento: sendo certo, q para cessarem as esperanças, e designios [A102] que em sua quietação haverião fundado, bastava saberse que elles voluntariamente se someterião, ao jugo da vontade real.* Outros dizião: *Que por nenhum modo era conveniente receber hum Povo, e deixar os mais em sua primeira obstinação; para o que, seria grande remedio diferir o perdão, a qualquer dos arrependidos, pellos obrigar a serem iguaes na obediencia, como o forão na sedição: porq suspendēdoselhe, por algũ tempo, o efeito da piedade, elles mesmos procurarião unir-se, com tanta diligencia para obedecerem, como se havião antes unido para se solevarem.*

Depois que o Povo de Evora, mostrou algum sinal de comedimento, ouvindo, e respondendo politicamente aos partidos, que se lhe propunhão, andavão todos os interessados, e dependentes, inventando, e provando meyos para o ajustamento; parte por zelo, parte por interesse; mas sobre todos a Junta de Santo Antão: porque com grande causa desejava, lhe não afastasse outra industria, ou autoridade, a gloria do fim de aquelle negocio, que desde seu principio, com dificultoso perigo (alẽm do trabalho continuo) havia tratado. Neste proprio desejo, fundou Luis Alvares de Tavora, Conde de São João (que já nomeamos) hũa proposta, que de seu movimento fez a el Rey, e lha ofereceo asinada, pella qual prometia: *Servir, e ajudar á Fazenda real, com a terça parte dos bens da Coroa, e Ordens, que se achavão repartidos por toda a Nobreza de Reyno.* Donde tal oferta, dizem, não havia comunicado. Era o Conde velho, de boa inclinação, e consciencia; melhor Vassallo, [A103] que politico; julgou que nenhum Fidalgo, ou Grande de Portugal, se desviaria de aceitar aquella molestia, ou incomodidade, a troco de ver serena, e descansada sua Republica. Mas o sucesso foi diferente, escusandose, ainda os mais amigos, de lhe darẽ seu

consentimento: vindo assi aquelle Ministro a justificar antes o animo, que a prudencia.

Havia por então vencido as outras desconfianças o Parecer: *De que a Evora se lhe aceitasse a reconciliação no modo que se propunha; com o que el Rey só saberia, era servido com as quantidades pedidas, sem que se lhe explicasse os efeitos donde sahião, nem a maneira de seu cobro.* Tambem se entendeu, que nos outros lugares da opinião, segundo os Nobres delles trabalhavão, se praticava por bons meynos, e se esperava a concordia: porque os mais se acomodarião a pagar a pequena quantidade de sua contribuição, dandolhe a conhecer verdadeira, ou supostamente: *Que el Rey não esperava para livrallos della, senão que a aceitassem.*

Parecia, que havendo chegado as cousas a este ponto, não era possível seu desvìo; nem o fora, se outras novas praticas, de particulares interesses, não tornãrão a perturbalas de novo. Das quaes (cõforme meu costume, e obrigação da historia, como tão proprias della) serà util, e deleitosa a informação.

Era de pouco tempo antes capitulado, Diogo Soares, com graves cargos de seu officio, por negoceação dos contrarios, que cõ o proprio officio havia fabricado. Muytos seguião esta facção, estimulados [A104] de injurias que delle receberão; mas entre estes, tambem havia alguns, a quem o zelo aconselhava. Com tudo, huns, e outros, obravão com assaz temor, e não menos risco nas pessoas, que no credito: porque o Soares, Ministro poderoso, e homem vingativo, por nenhũa via poupava os inimigos. Haviase declarado por seu acusador, João Salgado de Araújo, Doutor Canonista, Abbade de Pera; de ingenho agudo, e animo atrevido, de tal sorte, que fazia virtude de se opòr aos grãdes, e fulminar contra elles: pello modo que em Roma, Marco Tulio acusava solenemente a Verres, com suas Verrinas, e com suas Philipicas, a Marco Antonio. Porẽ ainda que o Abbade punha de sua parte a ousadia, os espiritos que o movião, e animavão, erão muytos, varios, e poderosos; cõ o que, cada hora se fazia mais contingente a conservação do capitulado. Dissese então: *Que o Conde de Linhares (cuja ruina elle fomêtava) como algũa vez costumavão os Principes fazer guerra ofensiva, sò com animo de sua defensa; trazêdo a si, por meyo de seus dependêtes, ao Abbade queixoso, não so o fornecia de dinheiro, cõ q pudesse*

*assistir na Corte a seus negocios, mas q o ajudava cõ grãdes socorros, inculcandolhe não poucos casos escandalosos, de q em vão tivera noticia, não podêdo• por si sòmente remediallos.* Estes officios, já descubertos ao Soares, lhe servião de grande estimulo, tanto ao odio, como à cavilação, com que devia viver, e vingarse. Depois do temor, entrou como o desejo, o proposito da vingança; da qual parecia que o mais conveniente [A105] passo, era apartar o Linhares da Corte; porque sua grandeza, contrapesava a industria, e graça do Secretario. Achavase o Linhares, já do inverno antecedente, nomeado com grandes ventagens de titulos, e mercês, General da empreza, e restauração de Pernambuco; lugar, que sobre grande, fora infausto em aquella Monarquia: porque nelle havia perdido a vida, e liberdade, Dom Fadrique de Toledo, mayor Capitão do Mar, que em seus tempos vira Espanha: e da mesma sorte, senão a vida, havia tambem perdido nelle a graça de seu Principe, Dom Antonio de Avila, e Toledo, Marques de Vellada: que succedeo a Dom Fadrique, na eleição da empreza; por cujo desvìo entrou nella, com semelhante sorte aos predecessores, o Conde de Linhares, que agora a obtinha. A dificuldade da guerra, lõge, com inimigos vencedores, destros, e poderosos, persuadia a todos, a cujo mando se encomendava, que procurassem levar consigo, as forças competentes a hũa empreza tão árdua. Porém, ou que estas forças por então não fossem suficientes, ou que os Ministros, como he ordinario, méção com mais curta vara, que os Capitães, as acçoens militares, tanto no risco, como no merecimêto, o Toledo, o Avila, e o Linhares, todos se cõformarão cõ hũas proprias petições; sê embargo de ver cada qual por ellas mesmas, a ruína de seu antecessor. Fluctuava nestas negoceações o Linhares, antes dos negocios de Evora, ora [A106] admitido, ora enganado, ora desenganado de aquelles Ministros, a cujo cargo estava a expedição de Pernambuco. Estivera pouco antes quasi despedido della, a que deu ocasião, hũa grande enfermidade, com sospeitas de veneno: porque a guerra da Corte, não he menos crua, ou menos arteficiosa, que a verdadeira guerra.

Sobre todos estes accidentes, discorria o Soares, buscando modo, para que dentro das obrigações do posto do Conde, se lhe armassem os laços, que lhe fizessem mais proximo o perigo, q não aquelle, que na honra, e vida, o esperava,

contrastando cõ o poder desproporcionado, de desesperadas empresas. Dizem, que da sutileza dos que seguião a parcialidade do Secretario, sahio o alvitre, de que se propuzesse ao Conde Duque: *Como sò a autoridade, e industria do Linhares, era suficiente para acomodar a seu gosto os negocios de Evora; em os quaes se empregaria mais propriamente, quanto era mais certo, que a fim de se lhe prepararem as grãdes cousas que pedira para a jornada do Brazil, el Rey havia gravado novamête os Povos; pello que nesta obra o Linhares se occuparia, sobre os interesses de Ministro, com aquelles proprios, que costumão fazer mais leve, qualquer pesada carga; donde se ficavão conseguindo importantissimos fins, para a parcialidade do Secretario: sendo de todos o primeiro, ver ausente da Corte, e ainda do Reyno, a pessoa de tão grande èmulo, e empregado em hum negocio de tanta dificuldade; dõde outros sugeitos de mayor moderação, e arteficio, que o Conde, se havião perdido nelle. Quanto mais, que se [A107] Evora se comedisse, sempre ao Secretario, lhe resultava o mèrito de oferecer aquelle meyo; e se não, alli era mayor seu interesse, tendo mais hũa occasião tão oportuna, de descompór ao Conde: para cujo efeito não era pequena, ou ruim disposição, ser o mesmo Secretario, o Ministro por quem passavão as ordens necessarias, ao que o Linhares havia de obrar em Evora; donde, ou fosse por força desta negoceação, ou da propria infelicidade do negocio, era certissimo, q havia de perder aquella boa opinião, em que o Conde Duque o tinha, de fiel, e activo para todas as obras, pertencentes ao serviço real. Nem era para reparar o perigo, a que se expunha o mesmo negocio: porque do animo do Conde Duque (a quem sò convinha agradar) jã se sabia, que mais aceita lhe seria a desordem, que a concordia de Evora, para que pudesse assi introduzir a forma de governo, que desejava se conseguisse em Portugal; a qual ainda que para o Reyno fosse aspera, e confusa, para o Secretario seria mais util: pois aniquilados os antigos Tribunaes, como se esperava, e depostos os Ministros mais graves, ficava dependendo de sua informação, e ministerio, o governo do Reyno inteiramente.* Autor dizem que foi deste discurso, Lopo Pereira, homem de profissão, e sangue mercantil, que por muyto prático em contas, e interesses das rendas reaes, o Soares cõservou sempre consigo, até introduzillo em graves officios da Coroa Castelhana.

Logo começou a se espalhar a industria desta ficção, repartida por todos os que podião ajudalla; cuja prática não foi outra, que afirmarem, era só o Conde de Linhares, quem poderia compòr as alteraçõens [A108] do Reyno. Mas porque este pretexto por si sómente, parece que não bastava a persuadir o animo do Conde Duque, passou o odio a mayores designios, afirmando em religioso segredo: *Que as escusas impertinentes, com que o Linhares dilatava sua ida ao Brazil, fundavão na esperança das novidades presentes: porque este Conde, como homem de altivo natural, parece que não estava satisfeito, vendose preferido: pello q podia ser conveniente, que se puzesse em parte, donde a occasião o convidasse a declarar seu espiritu; do qual já havia menos que temer em Portugal, cercado de seus exercitos, que nos Conselhos de Madrid, entre os quaes, disimulado da pluralidade dos votos, podia entenderse com os Inquietos, avisandoos de todos os sucessos, e mantendoos à sua devaçãõ, para qualquer acontecimento.*

Largo, e incerto caminho seguiria, quem agora buscasse no animo do Conde Duque, as causas de haver ouvido, e admitido tão nova, e prejudicial prática; contra hum Ministro, de quem se agradava quando o julgavão por feitura sua; e que sendolhe manifestas as razoens da contrariedade, entre o Cõde, e Secretario, não distinguisse as que dictava o zelo, ou a emulaçãõ: se não he, que das poucas verdades, que costumava ouvir, já havia dellas perdido o conhecimento. Sempre me admirei á vista desta cõsideraçãõ, a qual iguالمẽte serà admiravel, aos que lerem este caso; cuja desconfiança só pode fundar naquelles naturaes ciumes da fortuna dos grandes, que até dos impossiveis se receyão.

[A109] Ao aplauso, ou simulaçãõ, com que o Valido ouvia as informaçoens contra o Conde, seguirão varios, e profundos arteficios; de que elle avisado, fiou (em seu desprezo) mais do que devia, da inocencia, e da grandeza. Bem creyo, que tambem foi cõmplice nesta desregrada cõfiança, aquella que fazia no animo do Conde Duque; muytas vezes declarada em seu beneficio: quãdo nos postos que havia ocupado, e calumnias que se lhe opuzerão, acerca delles, déra grandes provas de sua afeiçãõ, superando as criminaçoens contrarias. Tanto mais ousadas, ou maliciosas, forão estas segũdas! Salvo se acontece ao

favor dos poderosos, o que às espadas, porq a que melhor provou em hũa batalha, fica mais disposta para faltar na que se lhe segue, por razão de essa mesma experiencia.

Donde primeiro se começãrão a ver os efeitos do poder contrario, foi em se tornar a praticar, com instancia, a jornada do Brazil; a qual até então, depois de diversos acontecimentos, estava irresoluta, como dependente de outros sucessos da Monarquia. Esta prática, como resucitada fóra de tempo, foi logo conhecida do Linhares; o q se confirmava â vista das forças que hia tomando, e no aplauso q achou em todos os Ministros da parcialidade oposta. Com tudo, o Conde cansado já da contenda, afligido de achaques, e por outra parte proximo a cõseguir seus aumêtos, aquella efficacia q antes punha no bom efeito do negocio, e causa pùblica, [A110] foi convertendoa a seus particulares. Parecendolhe: *Que de hũa fortuna já mordida da enveja, não faria pouco, se lhe saísse das mãos cõ hõra, e utilidade.* As quaes em as sortes dos mais, pacificamente ditosos (se ha alguns) se juntão poucas vezes. Do proprio parecer erão seus cõtrarios, porque de todos os modos julgavão conveniente sua ausencia; e lhes era mais facil apartallo da Corte, grande, que temello nella, queixoso. Desta maneira, ou fosse que para o comprimento das mercês, esperassem novas cavilações, ou que a troco de seu desvìo (como dissemos) qualquer premio lhes parecesse moderado, vimos então praticada hũa nova politica da emulação, ou da fortuna: porque na mayor prosperidade, não pudera, nẽ esperãra, o Linhares ser tão ditoso, como quando começou a cair na desgraça. Forão grandes, e exquisitas, as mercès que lhe concedêrão; as quaes se de antemão (como alguns querem) erão já simuladamente feitas, com assaz ofensa do Principe, comprãrão os Vassallos sua vingança. Todavia julgava (e não mal) Diogo Soares: *Que o Conde, acomodado de suas conveniencias, trataria logo de partirse, por não perder a boa monção de seus interesses, que expunha a qualquer mudança, detendose na Corte. Porq havendo feito particular observação dos intentos do contrario, via que tratando antes nada de si, e tudo da empreza, agora tudo tocava de si, e da empreza nada.*

Tal era o estado dos negocios da Corte, e Reyno, dos quaes usando com singular destreza, Diogo [A111] Soares, todas suas instancias empregava, em

certificar ao Conde Duque: *Que o ajustamento de Evora se detinha, em quanto o Linhares não chegava a aquella Cidade.* Foi ultimamente chamado por el Rey, e Conde Duque, que com grandes palavras, e demonstrações punhão em suas mãos a saude da Patria; dandolhe a ver, não de menos perto as esperanças do premio, aceitado, que escusandose, as do castigo. Porém elle das ruínas, de que se via cercado, escolheo por menos rigurosa, a obediencia. Não duvido, se lhe representasse, que enxerido no clamor do Povo, pudesse montar sua voz mais na vingança de seus inimigos, do que pello remedio de esse mesmo Povo, havia valido nos Tribunaes, e Conselhos, em que na Corte se achava.

Pedio só, para efeito de aquelle serviço, a companhia de algũas pessoas, de quem esperava o ajudassem fielmente; e lhe forão concedidas, tres; das quaes, em tudo primeiro, era Dom Alvaro de Mello de Bragança; que sobre sua grande callidade, e comum aceitação, entre o Povo de Evora, que como natural o amava, se conhecia ser sugeito capaz dos mayores empregos, como (não sem desgraça sua, e nossa) tem mostrado, em beneficio de alheyos senhorios. A segunda pessoa, foi o Inquisidor Antonio da Silveira de Menezes, tambem patricio de Evora, e irmão de Fernão Martins Freire, senhor de Bobadella (de quem atrás falamos) que em toda esta negoceação, teve com o Povo grande autoridade, [A112] e era a causa de se lhe mandar por companheiro, a Antonio da Silveira. Eu fui o terceiro dos nomeados; ignorei sempre o segredo, mas se não continha outro, que o notorio: *Era* (diziam os Ministros) *para intervir, e comunicar os acordos da Junta, à Casa de Bragança, mostrando que el Rey havia elegido o mesmo instrumento, que là se elegèra para o meyo destas negoceaçoens.* Porém a ordem que aos tres se nos deu, não foi outra: *Que mandarnos el Rey assistir ao Conde de Linhares, em todas as materias que elle tratasse em Portugal, concernentes à redução, e emenda de aquelles Povos; cujo serviço lhe seria particularmente agradavel.*

Mas neste mesmo tempo, que exteriormente se estavam tratando os negocios do Reyno (como referimos) corria interiormête, outra tão diversa prática, que ou parecia de outro Principe, ou de outro negocio. Porei aqui (contra meu costume, mas em beneficio do credito da historia) hum treslado da ordem particular, que se expedio de Madrid, quasi por estes dias; para que se veja, qual

era a malicia, e cautela de aquelle tempo, qual a opressão, de que Deos quiz livrar este Reyno, e qual o conceito que deste negocio, já tão esquecido, fizerão aquelles Ministros. Diz assi, dando noticia de grandes cousas.

*N. Eu el Rey vos mando muyto saudar. Para melhor disposição do que se ha de obrar, em o socego das inquietaçoes, que houve em alguns lugares de esse Reyno, fui servido, que assistisse em Badajòs hum Conselho, e outro em Ayamonte, [A113] e para escusar embaraços no tratamento, cõ algũs Ministros, e pessoas, com quẽ se havião de corresponder, tenho ordenado se lhes dè noticia das resoluções, por cartas do Secretario Pedro Guerreiro, q o he do Conselho de Badajòs, e de Mateus Gõçalves de Medrano, q ha de assistir ao de Ayamonte; de que me pareceo mãdarvos avisar, para q conforme a esta ordẽ, vos correspõdais cõ os ditos Conselhos, dandolhes noticia de tudo o q cõvenha, e tiverdes entẽdido; e particularmẽte ao de Badajòs, por dõde ha de correr o tocãte ao Alêtejo, e mais lugares q se inquietarãõ dessa bãda. Dãdolhes a si mesmo cõta dos q se tẽ reduzido, ou reduzirẽ, e do tẽpo em q o fazẽ, para naquelle Cõselho se saber, se he antes da publicação do perdãõ, e dos q depois se valerãõ delle, ou o não aceitarem; e o mesmo fareis a D. Diogo de Càrdenas, do meu Conselho de Guerra, a quẽ mãdei cometer a prevẽção das armas, q se vão arrimãdo a esse Reyno, pella parte de Badajòs. Avisandoo do q prevenirẽ os levãtados, para q o Duque de Bejar, com elle, segũdo a noticia q se lhes der, façãõ a entrada, cõforme as ordẽs q tenho dado. E porq hey resoluto, q o gasto q fizer a Cavallaria, nos lugares de Castella, o tẽpo q estiver alojada, seja por cõta dos culpados, se fará conta de tudo, o q importarẽ os socorros, e utencilios, q se lhes ouverẽ dado. Mandãdo a si mais, q nos lugares visinhos à raya, se tomem hospitaes, donde se trate da cura, e regallo dos enfermos, e q tambem se possa fazer nos q se forem sogeitando, em q não ficar gente Portugueza. E pello q toca aos Clerigos, e pessoas Religiosas, q ouverem tido culpa nos alvorotos q houve, tenho mandado se enviem ao Conselho de Badajòs, e se ponhão em parte decẽte, cõ segurança, para q se nomee Juis, q conheça de suas causas, vos quiz avisar disto, [A114] para que o tenhais entendido, e nesta conformidade, acudais a tudo o que vos tocar. E da forma em que tenho concedido o perdãõ, e da que se ha de ter em sua publicação, e execução, se vos avisarã brevemẽte.*

*Advertireis, para q assi se possa entender, que tenho mandado, que estando juntas as tropas, e havendose publicado o perdão, se guiem cõ tal ordẽ, q aos lugares, que se houverem reduzido antes de se publicar, não se lhes faça molestia, senão que tão sòmente se aloje nelles, a gente que for necessario; procedẽdo com toda a justificação, e de maneira que experimentem o beneficio q recebem os reduzidos. E que se aloje a gente nos levantados, segundo a capacidade de cada hum, sem entrar, nem chegar, aos que sempre hão estado obedientes; porq minha vontade he, relevállos desta carga, e que sòmente se corresponda com as Justiças, para que os assistão no inexcusavel, tendo conta do que recebem, para que se restitua â custa dos culpados.*

Não erão só as armas Castelhanas, aquellas que se convocarão, e prevenirão cõtra o Reyno; mas das proprias suas, as mais nobres, e mais religiosas se abalarão; como se a punição de Portugal, fosse hũa empresa santa. Assi o prova a copia de outra provisão da Mesa da Conciencia, que dirigida a certo Ministro de Justiça, a quem se encomendava a execução deste Decreto, dizia.

*Dom Felipe, etc. Como governador, e perpetuo administrador, que sou dos Mestrados de Cavallarias, e Ordens de nosso Senhor Jesu Christo, San-Tiago da Espada, e S. Bêto de Avìs. Faço saber a vòs N. que para em caso q se chegũ a castigar os Povos desobedientes (se antes se não reduzirẽ pellos [A115] meyo de que tenho mandado que se use) hei resoluto q se avise a todos os Comendadores, e Cavalleiros das ditas Ordẽs, moradores, ou assistentes nessa Comarca, que estejam prontos para quando se lhes der recado. Nesta conformidade vos encomẽdo, e encarrego muyto, e mando, q logo que esta receberdes, e com a mayor diligencia, q for possivel, aviseis na forma referida a todos os ditos Comendadores, e Cavalleiros dessa Comarca, ainda q seja em lugares de Donatarios, e me deis conta de assi o terdes feito, com relação dos Comendadores, e Cavalleiros, a q o tal aviso se fez, derigindo a resposta a meu Tribunal da Mesa da Conciencia, e Ordens, a mãos do Escrivão da Camara, que esta sobscrava. E assi foi obedecido.*

Supostos este avisos, e negoceações, que secretos corrião apressadamente, aos proprios fins, que elles manifestão, chegou o dia da partida do Conde de

Linhares, tomando da boca del Rey, e do Valido, as instrucçoens por donde devia proceder; porq as escritas erão (como já disse) de difficultosas, imposiveis. Não deixava de se entêder em a Corte, nos ultimos dias da despedida do Linhares, o termo dos negocios de Evora; cujo progresso, antes se julgava impedido, que ajudado, com a nova introdução do Conde. Mas a facção cõtraria, por todas as vias tratava de occultar este temor, a fim de q se não mal-lograsse a fabrica de aquella jornada, sobre q tâtos designios se levãtavão: por mais q o Linhares sospeitoso, ou advertido, não receou de descobrir ao Conde Duque, todas as artes q o Secretario havia preparado em seu dano, e em cõsequência, da causa pública. Forão [A116] grandes neste ultimo ponto, as instâncias, de parte, a parte, não menores as destrezas, e politicas, cõ que contendião os dous opostos, mas como o Soares tinha em seu socorro a fortuna, q o hia levantando, e a do Linhares já resvalava ao precipicio, foi facil de vencer; porque os golpes do vitorioso, todos se empregão a tempo: que isso he ser vitorioso. Finalmente sahio de Madrid; deixando, e trazendo, varios pensamêtos, sobre sua ausencia, e sua conservação; da qual em breve, se começarão a ver os contrarios efeitos, que difinirão ambas: porque chegado a Mérida, o Linhares, com os mais que o seguião, o alcançou hũa ordem do Conde Duque, que dava calor, e autoridade, a outra do Protonotario Jeronimo de Villa-nova, Ministro notavel destes têpos, conhecido ainda mais, que pella voz de sua valía, pello pregão de sua injuria. Avisava ao Cõde: *Que as pessoas de D. Alvaro de Mello, e Antonio da Silveira, fizesse logo tornar à Corte, por ser assi cõveniênte ao serviço del Rey. Que elle Conde, e eu, sómête, proseguissemos a jornada, na forma, em q se lhe havia cometido.* Os primeiros que ignoravão o misterio desta ordẽ, forão os dous chamados, Mello, e Silveira; porẽ entre os mais advertidos das cousas presentes, logo foi notorio: *Que ao Linhares hião privando de todos os meynos da obra, que lhes encarregavão: para que tropeçando nella, acrecentasse novos motivos a sua calunia, ou a justificasse cõ adversos acõtecimêtos.* Voltados a Madrid Dom Alvaro de Mello, e Antonio da Silveira; o Conde entrou em Elvas primeiro [A117] lugar dos nossos, e firmissimo sempre, em meyo das perturbaçoens da Provincia, para cuja gratificação, lhe declarou o Linhares (segundo a ordem que levava) a mercè de a haver el Rey feito, do primeiro Banco aquella Cidade. Isso

he darlhe voz, e assento em Cortes, em lugar mais propinquo â pessoa Real, na propria linha, donde se coloca Lisboa, Evora, Porto, Coimbra, Santarem: callidade para seus Ministros, melhor que para ella, pella ventagem, que a esse respeito lhe guardão em seus melhoramentos. Então a Cidade, com pública procissão, fez a Deos acção de graças, pella conservar quieta; e a el Rey em seu Ministro, se mostrou obrigada, e satisfeita. Desejava o Linhares ver a Casa de Bragãça, por afeição, ou cõveniência; mas parecia, q as vistas envolvião grande dificuldade; porq aquelle real Estado, e Casa, conservandose sempre em sua primeira, e continua grandeza, ou já movido da secreta esperança do Cetro, nunca se dobrou aos usos práticos, que com nome de cortesia, introduzio a cerimonia, e pôde ser, q a ambição, fazendo no exterior iguaes os mesmos, q desigualou a natureza: cuja observãcia, tão religiosamête foi proseguida na Casa de Bragãça, q nã a troco de escusar grãdes incõveniêtes, q desta inteireza se seguirão (como largamête referimos no nosso Theodosio) se apartarão jámais hũ ponto, os Principes della, de guardarê, e se fazerem guardar, suas altas perminencias.

O ajustamêto deste negocio, foi o primeiro officio [A118] em que se me deu a exercitar, parte de minha comissão; passando a Villa-viçosa, e propõdo as cõveniências de aquelle Congresso, tam importante ao bem dos Povos, que nelle se havia de ajustar superiormente (nòs assi o entendiamos) o modo da universal concordia. Foi qual se esperava, o efeito da jornada, e qual devia ser: porque resplandecendo alli hũa singular benignidade, não era menor a parte do decoro, e da politica, com que as vistas se executarão; em tal modo, que a autoridade ficou realçada, honrado o hospede, e o acordo feito. Entendi, q então se discorrerà: *Da callidade, e justificação da queixa comum dos Povos, e de quanto delles e nelles, se podia temer, e confiar. Qual era bem, que fosse o remedio.* O mais, generalidades, e noticias de alguns pontos, tocantes â boa administração da Republica Portugueza; que em quanto não teve os Principes de Bragança, por pays, os teve por tutores: donde Deos, parece, que mostrava, quanto em seu cuidado se cõservou a posse do nosso Imperio. Pedio o Linhares a autoridade de Bragança, para poder obrar, e alcãçou: *Que a tudo o q conviesse sua intervêção, não faltaria; nã os Povos, nã os Vassallos de aquelle Estado, farião menos, ou*

*menores demonstraçoens de arrependimento, das que fizessem os Vassallos, e Povos de el Rey.*

Erão pontualmente os de Evora avisados, dos intentos, e dos passos do Conde de Linhares; e vendoo já caminhar para sua Cidade, procurárão com grande arteficio, encubrir de tal maneira, exteriormente [A119] sua alteração, que nem sinaes apparecessem dos efeitos della. Entrou em fim o Conde, e foi recebido, com moderado aplauso dos grandes; porém os pequenos, não souberão disimular a estranheza, ainda que reprimirão a ira, suposto que sua acção, ou estava aprendida, ou estudada; mas como a gente Popular, he a que menos sabe fingir, de toda a Republica, suas obras se dispoem melhor ao atrevimento, que á cautela. Tratârãono, em fim, como homem que temião, e os Congregados da Junta de Santo Antão, o visitárão com mostras de grande confiança, dandolhe parte das resoluçoens presentes. Sò o Arcebispo de Evora, por respeitos de antigas causas, não cõcorreo á urbanidade da visitação; nem o Conde Dom Diogo de Castro, a quem seus annos, e mais sua austeridade, tinhão apartado, até do trato dos filhos. Com tudo, se lhe mandou oferecer, para o que conviesse obrar no serviço do Principe. Dissese: *Que Dom Diogo, alheyo do modo da vinda do Linhares (que com elle os mais de Evora, não havião percebido) sentira interiormẽte a jornada do Conde.* Porque em verdade; elle havia acodido, como Varão constante, e virtuoso, a todos os accidentes de sua Republica; de tal sorte, que, suas acções a não podião melhorar as alheyas.

Mas, como na prâtica de todos, se dêsse já o negocio por ajustado, em virtude da oferta, que referimos, do Arcebispo, Cabido, e Camara, e do perdão, que a Junta já havia tido: então começou o [A120] Linhares a introduzir a segunda, e peor parte de sua comissão.

Era o Conde Duque, de natural, vãoglorioso, e procurava obrar, por modos extravagantes: que se no meneyo particular, são aborreciveis, são péssimos no governo público. Os livros politicos, e historicos q professára, lhe havião deixado algũas maximas improporcionadas ao humor de nossos tempos; dõde procedia intentar algũas vezes, cousas asperas, sem outra conveniência, que a imitação das antigas: como se os mesmos Tacitos, Senecas, Paterculos, Plínios, Livios, Polibios, e Procópios, q as aconselhârão, e escrevêrão, sendo hoje viventes, não

mudârao a opinião, à vista da differença• q fazê os annos, os interesses, e os costumes dos homens. Esta foi a causa, de q a grandes Varões já pareceo, q os mutos sábios, não servião para a administração da Republica, contra a antiga opinião de Plato, donde sentio: *Que então seria ella bem governada, quando os Reys filosofassem, ou reynassem os filosofos.* Dizem: *Que de ordinario os homens de superior juizo, querem dar ao Regimento popular aquella perfeição, que elles alcanção, mas não cabe nelle; e de ahi vê, que corrompido o vulgo pella oppressão de varias, e grandes disciplinas, então se desenfrea, e precipita a mayores abusos; como succede ao potro indômito, se a hum mesmo tempo for obrigado á ley do freyo, e estímulo das esporas.* *Que pella propria causa se julga, q os homês quietos, bê inclinados, e de juizo mais constante, q agudo, são os idoneos para o Magistrado, e mando comũ; porq estes estão mais aptos a obrar, [A121] segundo as disposições presentes, sem q se atem intemperadamente aos antigos exemplos, e maximas de estado dos Autores, cuja virtude, às vezes consiste primeiro na armonia, q na verdade da sentença, vestida de palavras, antes fermosas, que uteis: como se o mundo, tambem animal vivente, não mudasse (segundo os outros) com a idade, os costumes, e a natureza.*

De aquella vaidade persuadido, desejava o Cõde Duque, e o havia já revelado a aquelles cõ quẽ tratou, em todo ou parte, este negocio: *Que assi como as nações estrangeiras, livres, ou obedientes, havião ouvido, e visto os movimentos, e inobediências de aquelles Povos de Portugal, vissem, e ouvissem tãbem seu arrependimento, e penitencia, a q prometia comutarlhes o castigo.* A este fim ordenava: *Que de cada lugar inquieto, fossẽ aparecer na Corte Castelhana, os dous Magistrados Populares, Juis, e Procurador. Os quaes todos juntos, vestidos de sacco, e cõ cordas arrastrando, entrassem em pública audiência, a pedir perdão por seus Povos.* Quiçã querendo fazer verdadeira, aquella duvidosa tradição da jornada, que o antigo Egas Monis, dizẽ fez à Corte, de el Rey D. Afonso, por satisfação do pacto mal guardado, q cõ elle fizera sobre a Villa de Guimarães, no primitivo Reynado de D. Afonso Hêriques. Passavase a diãte, e se havia disposto: *q el Rey assistido de Principes, Embaxadores, e Grãdes, em Auto de singular Magest. recõciliasse a si aquelles Povos; á*

*imitação do Senado Romano, e seus Emperadores, quando a semelhâtes mēsagēs ouvião, e respõdião publicamête: para q desta maneira fosse igual, obrado do arrepedimêto, ao grito da solevação, q já se estêdia por Europa, cõ gloria dos inimigos de Espanha, e [A122] não pequeno alvoroço das outras Provincias, que lhe erão sugeitas.* Este dizia ser seu dictâme, o Valido, estudado, e disposto com larga meditação; o qual não encontrava as prohibiçoens, com que el Rey lhe podia acabar de conceder o perdão, que havia mais insinuado, que prometido.

Porèm aquelles que do secreto tinham parte, temião com razão: *Que recolhidos hũa vez na Corte, os Enviados Populares, a resolução fosse muito diversa; e que a elles, em nome de seus naturaes, se lhes fizesse a causa, por Juizes, e leys de Castella.* Acrecentavão a este temor, aquelloutro, de ver a Portugal, quasi cingido de armas: *Donde, qual seria o poder* (dizião estes) *que fizesse comedir, ou guardar a esperança da palavra, que ainda não tinha dado contra a vingança, aquella nação poderosa, ofendida, e dominante?* Acrecentavão: *Que bem se via, erão outros os intentos do Rey, e Valido: porque estando, como estavão, os Povos já conformes, segundo se lhes pedia, os exercitos se não desfizerão, antes sustentados com grandes gastos, (que já pedião ao Reyno) se cõservavão, como para algũa grãde empreza.* Traziaõ logo á memoria o exemplo de Dom Alonso de Vargas, em Çaragoça, e de proximo, o do Duque de Ciudad Real, cõ os Biscainhos. De todos estes discursos, se vinha a concluir, hũ urgente receyo nos culpados, e nos inocentes, hũa dúvida assaz confusa; com que ninguem se afirmava, em o que devia aconselhar, a quem mais se fiava delle.

O Linhares, como fosse pessoa de grande actividade, [A123] em suas acçoens, poucas vezes, naquellas que emprendia, dava lugar ao arrependimento; donde havendo proposto, e persuadido aos Populares a vontade del Rey (que elle ousado, e confiadisimo assegurava) não podia consentir, que em tão justa deliberação, houvesse Conselho: sofrendo ainda menos, que duvidassem da sua, e da real palavra, aquelles que havião de ministrar esse Conselho. Afirmome, que por varias vezes lhe vi oferecer a vida, e liberdade, nas mãos do Povo, em refens da vida, e liberdade, de Sesinando Rodrigues, e João Barradas, q erão os dous pedidos a Evora. Muytos disserão então: *Que o Conde, com grande destreza,*

*quanto mais via se esforçava a duvida, e o temor dos Populares, fazia mayor instancia em se prometer por elles; para que assi ficasse calificando melhor sua diligencia, sem que por ella, a palavra, ou pessoa, corressem algum risco: vendo cada hum mais certo, que a propria efficácia, com que o Linhares os persuadia a aquella viagem, era hũa nova recomendação, para que a não proseguissem.*

Todavia, como os rogos, e razoens dos poderosos, participem tanto do respeito, ou virtude de seus autores, o Sesinando, e o Barradas, obedecendo à autoridade, mais que ás razoens do Conde, concederão na jornada: dando palavra, que irião em companhia dos outros chamados, á presença del Rey, debaixo da real fé, q se lhes oferecia. Deste prometimento, se deu logo aviso a Villa-viçosa, porque se esperava, que em os lugares do Estado de Bragança, [A124] que forão participantes da opinião de Evora, se dêsse a mesma ordem para se proseguir o proprio acordo, que os de Evora havião tomado. Aos outros lugares reaes, se mandarão cartas com recomendação particular ás Justiças, e aos Nobres delles; para que por sua intervenção, e a exemplo de Evora e Villa-viçosa, se animassem a mandar seus Procuradores, os quaes todos se viessem a aquella Cidade; donde o Conde de Linhares havia de ficar até sua tornada. Então me declarou a mi, como el Rey ordenava: *Fosse eu quem conduzisse â Corte, e depois reduxesse à Patria todos os Magistrados Populares, que fossem a pedir o perdão:* ponto de que até então, se me havia dado algũa noticia.

Em quanto com os mais se litigava, sobre esta materia, tiverão os de Evora lugar de serem advertidos (ou fosse, que por si mesmo se intimidassem, vêdose já tão proximos a hũ fim tão incerto.) Resolutos em desfazerem sua promessa, vierão ao Linhares, e lhe disserão: *Que o Povo lhes impedia, cumprissem a palavra, que tinham dado, cuja ficava sendo a injuria, ou queixa de sua québra, mas que elles em sua propria inconsideração, havião mostrado o desejo, que tinham de obedecerlhe; porque era visto, que em quanto corria por sua conta, a voz de aquelle Povo, elles não podião prometer algũa cousa, sem seu comum consentimento; pois a natureza mostra, que quando a voz articula a caso, algũa palavra, sem consulta do interior, ella he vam, e infructifera.* Foi bem notavel este accidente pella revolução, que subitamente causou em obras, [A125] e palavras; trocandose tudo com tão repentino movimento, que nunca da

inconstancia popular, tocou mais claro exemplo a esperiencia. Tinhase por certo em Evora, q a jornada dos Procuradores, sempre fora pouco aceita aos Nobres, sendo q entre hũs, e outros, corria aquella comũ desafeição, em q se conservão estes dous estados: donde pareceo q se se desamavão publicamẽte, de secreto se entẽdião algũas das pessoas delles; as quaes, quanto mayores fossem, temerião com mayor razão, não tanto o perigo dos Enviados, como o seu proprio; sendo certo, q os homens, a troco de escaparẽ da mão da Morte, entregão nella o sangue, e a verdade, impondo a outros seus delitos, ou desculpandoos cõ a culpa alhea, e às vezes â custa da inocência: o que de ordinario acõtece entre aquelles, que porque podem viver sem honra, comprão a vida, por preço da reputação. E ainda da conciência; a qual raras vezes deixa de perderse, quãdo se ganha por estes meynos.

O Linhares, q quasi sempre cõservou entre o valor, a intemperança, vêdo a resolução do Povo, e q por nenhũas outras promessas se encaminhava ao cõprimẽto de sua palavra, e entendẽdo igualmẽte, q faltando a dos Populares de Evora, todo o tratado cõ os outros Povos, ficava incapaz de ser observado; soltou contra os presentes, feas palavras, e ameaços terriveis; fazẽdo cargo de sua ousadia, à sobeja tẽperança (q elle então chamava, indigno temor) cõ que a Junta, e Nobreza de Evora, havia temporizado [A126] com as insolencias de hum Povo solevado, e desobediente. Achavãose presentes, alguns dos Congregados da Junta, q com simulação, mas escãdalo, ouvião desenvolver entre as culpas dos reprimidos, sua reprehensão propria: cousa que pudera custar grãdes inconvenientes. Mandou então sair os Populares, notificandolhes: *Que ou se aparelhassem á jornada, ou ao castigo. Que se aconselhassem do que devião fazer, advertindo, que para ser crime capital, bastava resistir hũ Vassalo ao chamado de seu Rey.* Então avisado, de que por meyo, ou parecer, dos Padres da Companhia, se governavão as deliberaçoens de aquella Cidade, me cometeo, lhes fosse fazer lembrança: *Do estado de aquelle negocio, e dos fins delle; pedindolhes encaminhassẽ aos Populares, à execução do prometido, sem que se dêsse lugar a revolverse outra vez, o mão humor do vulgo, cõ q a saude de todos se perturbasse de novo.* Dei cõprimẽto ao q se me encarregára, e praticando donde fui mandado, as materias presentes, sobre achar todos aquelles sujeitos,

conformes no desejo da quietação, vi que discordavão muyto, em entenderem, que ella se cõseguiria por aquelles meynos, a cuja introdução serviamos de instrumento.

Desde este ponto, se hia conhecendo no Povo, outro mayor descontentamento, referido á violencia, que o Linhares propuzera, e proseguia, contra a vôtade dos Magistrados. Já de noite se tornavão a cõgregar as cõpanhias do vulgo, e já de dia, ousavão dizer em público: *Que se o Linhares não despejasse a Cidade, [A127] o lançarião della.* Alguns q melhor se encaminhavão á razão, clamavão: *Que era cousa indigna para os naturaes, q estando elles conformes, e quietos, pella intervenção, e diligencia da Junta dos patricios, se houvesse de admitir prática de outro Ministro, que se fizesse senhor do perdão, ou da concordia: ou tambem se prezasse do castigo, quando em algum destes tres fins, que esperavão, viesse a parár o movimento.* Quem mais dava a temer (porque tambem mais temia as negoceaçoens do Povo) era seu novo Corregedor Jeronimo Ribeiro, que com avisos, por escrito, e de palavra, não cessava de manifestar ao Conde, seu perigo. Haviase visto gente armada algũas noites, junto à casa do Linhares, que a Justiça com grande cuidado, e destreza desviâra; e naquella noite, que nõs dizemos de Anno bom, quando começava o de 1638. a fim de se lhe cantarem certas Bençoens, e Rogativas (costume de nossos anciãos, que com nome de Janeiras, entoavão placidamente pellas portas dos mais caros amigos) se cõgregou grande numero de Povo; o qual com animo resolutivo, era movido a desoprimir (como elles querião) a Cidade de seus contrarios, não vendo que com sua inquietação, a oprimião de novo. A casa se poz em arma, sendo desesperada a defensão; e com repartidas centinellas, e rondas, se passou a noite: de q dou fé, pella parte que me tocou do trabalho, e receyo. Amanheceo, e fomos livres: podia ser que o Povo, mais considerado do que costuma, não quizesse empregar o golpe da ira, donde só bastava para remediarse [A128] o aceno da indignação.

O Conde que já conhecia, como a Nobres, e Plebeyos, quasi erão iguaes huns interesses, e que só difirião no modo de soliciallos, obrando estes com artificio, aquelles com violencia: logo q o alcançou propoz de deixar Evora, e seus negocios, retirãdose a Lisboa; temeroso tambem, de que os émulos lhe

prefilhassem qualquer danosa novidade, que sucedesse: julgando sua demora de grande inconveniente, assim em seu estado, como no público. Desta maneira resoluto, escreveo a el Rey, e ao Valido com singular moderação, e não pouca destreza: *Escusandose de ser autor de qualquer noticia: porque depois se lhe não pedisse conta, do que dissera, ou deixara de dizer.* Como a mi (annos depois) me foi pedida; e com prisão, desterrros, e trabalhos, castigado o silencio que guardei, sendo voltado à Corte; adonde o Linhares me despachou, remetendo tudo, por meu mal, a informação q eu desse a el Rey, e Conde Duque. Esta sua resolução, tomada de hũa ora, a outra, e na mesma conseguida, aprovou com grande aplauso o Povo, e Nobreza; sobre que em muytos dos mayores, causou novo temor, persuadidos de que o Linhares se escusaria com elles, do pouco que havia obrado; cõ que entre el Rey, e Valido, ou podião nacer, ou confirmarse sospeitas custosas, contra seus procedimentos. Com tal pensamento, houve algum, que particularmente me encarregasse sua justificação, em que obrei tanto, que em vez de o obrigar, o fiz [A129] ingrato. Por ser, como diz Tacito, costume dos Principes, e Grandes, aborrecer os serviços, ou boas obras, q lhes são feitas, depois que requerem algũa notavel satisfação. Em tal estado ficãrão as cousas de Evora, quando o Linhares as deixou para sempre: porque como o intento, de quem nellas o introduzira, não era de que elle as compuzesse, mas de que se descompuzesse nellas; logo que virão seus intêtos executados, e elle ausente, e descomposto, não havia para que lhe dar nova ocasião, a novo merecimento.

Fiz caminho à Corte, pella de Villa-viçosa, como me era ordenado; donde informei do mesmo, que já alli se entendia, e recebendo tambem novas ordens, e cartas, entrei brevemente em Badajós; donde já o Duque de Bejar, e Dom Diogo de Cárdenas, esperavão o aviso que trazia, para que segũdo as noticias, que de mi alcançassem, se dirigissem. Mas eu logo lhes fiz certo, que a negociação, a que havia sido encaminhado, era muyto diversa, da que lhes podia competir: e como para seu manejo não levava ordem, nẽ cousa para algũ movimêto. Ordenãrãome, com tudo, visse o exército; só em nomes, e cabos copioso: o mais, pouca gẽte bisonha, e violêta. Arribãdo porém a Madrid, em poucos dias, cheguei à presença do Valido, q cõ assaz destreza, procurava animarme a informallo, sem algũ receyo. Forão sutis, e intrincadas as perguntas. O Conde tinha alto engenho,

e eloquencia: pedia tudo a [A130] ocasião todas encaminhadas á observação do animo dos Grandes do Reyno, e agora com respeito da autoridade, agora com força de argumentos, algũa vez com promessas, e algũa com sevêras demonstraçoens, armou laços a minhas palavras: referi o successo, despido de todo o discurso, por não fazer ofêsa, com minha ignorancia, ou malicia, a algũa verdade. Porém, quanto o Conde Duque, via em mi mayor cautela (que eu sempre lancei â parte da insuficiencia) com mayor eficácia me inquiria; como acontece ao Confessor sábio, quando o Penitente he ignorante. Não ficou sugeito em Portugal, de aquelles que podião ter parte na direcção pública, sobre quem me não fizesse particular exame, mas dôde mais se lhe conhecia desejo, de investigar suas acçoens, era quanto â Casa de Bragança, ao Marques de Ferreira, e Cõde de Vimioso. Do primeiro falava sempre com cautelosa veneração, e dos dous com palavras, que bem mostravão as ruins sospeitas, que havia no animo donde sahião. Da resposta que então lhe dei, me formou (como já disse) culpa, tres annos depois: tam fiel deposito era seu peito, das importantes palavras! Sejame licito este breve desvío, pois me toca de tão perto.

Fui o primeiro Portuguez, que em Castella padeceo pella fé do Reyno; e vindo preso â Corte, desde Catalunha (em cujo exército me achava servindo, não inutilmente) já depois de calificado meu procedimêto, por occultas diligencias, e quatro meses [A131] de prisão aspera, fui solto, e reduzido à presença do Cõde Duque, o qual vendome, se anticipou a falar-me estas proprias palavras: *Ea Cavallero, ello ha sido un error, pero error cõ causa. Biẽ se acordará lo q me dixo en el Pardo; pues para q pudo ser bueno, acreditar tâto acciones cõtíngêtes? No se vê quales se nos bolvierõ su N. y su N. y su N.* A austeridade historica, bem perdoará decer a cousas tam particulares. Como vemos ser licito, aos que navegão por largas viagens, quando chegão à Patria, gozar sem reprehção em suas casas do òcio, ou descanso, q seu trabalho lhes faz justo: da mesma sorte he decente aos Autores, poderẽ sem agravo da narraçõ, fazer memoria de suas cousas particulares, quando com ellas encontrão em seu proprio assunto. Agora atando o fio da historia. Proseguia o Conde Duque suas interrogaçoens, e quãdo chegou a pregũtar a causa da escusa dos Procuradores Populares, contra todo o artificio, mostrou grande indignaçõ; como aquelle que se havia empenhado

sobejamente em prometer, ou desejar sua vinda. Logo como a natureza faz, q  
siguão as palavras, o passo dos pensamêtos, assi como em seu animo hia  
passando da ira, ao proposito da vingança, assi passou a preguntar pellas forças,  
e disposição, com que se achava o exército da Estremadura. Informeyo, segundo  
o que sentia: dizêdolhe: *Que o exercito era pequeno; mas q para a moderação, e  
descuido, em q os Portuguezes se achavão, muyto inferiores forças, serião  
excessivas*. Então recebendo de mi as cartas, que levava, e prometendome  
[A132] os interesses de meu aumento, fui despedido de sua presença, e da  
intervenção, que tive em todo este negocio, sendo o que manifesto; em o qual,  
supposto que até seu fim não tornei a ser ocupado, nem por esse desvio me  
escuzei a sua observação: tanto pello julgar importantissimo â Nação Portugueza,  
quanto porq tinha eu nelle, mais que a parte comum, os passos, perigos, e  
dispendios, que ja me havia custado.

Recebido em Madrid este ultimo desengano, se depuzêrão de todo aquellas  
negociaçoens, que não fossem encaminhadas a riguroso castigo. A este fim, se  
despachârão ordens, para que os exercitos se movessem, de tal maneira, que de  
todo se mostrasse aos Inquietos, quão vizinha, e inexcusavel tinhão ja sua ruína.  
E porque neste tempo, os Populares achandose interiormente Reos, da inteireza  
com que se havião escusado de aparecer diante del Rey, resolvêrão de esperar,  
qual fosse a demonstração deste sentimento: o proprio silencio, ou temor, que os  
detinha, julgavão os Ministros Castelhanos, a intervallo da preparação, que os  
Portugueses farião para sua defesa.

Por esta causa, foy mandado de Madrid a Evora, Dom Miguel de  
Salamanca, práctico na lingoa Framenga, e de presença semelhante. Havia  
ocupado em Frandes o posto de Veedor géral, donde passou ao de Secretario de  
Estado do Infãte Regête D. Fernão. Tinha juizo, e industria para qualquer  
[A133] negocio, e das materias da guerra, sufficiente conhecimento. O traje de  
peregrino, disimulava com a lingoa, e sembrante, o animo, e comissão. Entrou  
por Galiza em Portugal, cujas Provincias discorreo atentadissimamente; passou a  
Evora, de alli a Villa-viçosa, e por Elvas, havendo visto, e notado a força, e  
disposição da Provincia de Alentejo, entrou em Castella: dando parte de sua  
observação ao Duque de Bejar; que depois, ao mesmo fim, mãdou por alguns

Capitães práticos, confirmar as noticias, que de Dom Miguel havia recebido. Sirva de aviso aos Principes, e Naçoens, que no tempo da occurrencia das armas, evitem todo o concurso de estrangeiros; particularmête, os q com pretextos de piedade, pretendem atravessar suas Provincias: porque outro affecto os não move, senão a cautela, e artificio dos êmulos.

Litigava, todavia, Diogo Soares, contra os progressos de seu inimigo; e parecêdolhe para este efeito, lançar mão do pouco que havia obrado em Evora, começou a culpar as acçoens do Linhares, por lhe fazer novo cargo, e mostrar ao Conde Duque: *Quão perto estivera de tornar a revolverse o Reyno, por meyo de sua arrogancia.* Assi aliviava os culpados, para carregar aos inocentes: cujas simulaçoens, de algum modo, forão uteis â moderação; porq como se passavão ao Linhares, por meyo de aquelle instrumêto, as culpas dos Procuradores, ficavão elles, e a Cidade não tão gravados, do novo escandalo, q de sua escusa [A134] recebêra o Valido, a quem se persuadia, que a falta dos Povos consistira, não em sua vontade, mas no temor, que o Linhares lhes infundira. Desta malicia, se passava a outra mayor, mostrando como de longe: *Que ao mesmo Cõde era agradavel a alteração, para cujo progresso, se entendia encaminharse a especialidade, com que solicitâra a prática, e graça da Casa de Bragança.*

Erão estas materias o assunto, que mais occupava os Tribunaes, Juntas, e Ministros Castelhanos; dôde os que as duvidavão, convinhão na cautela, com que devião evitarse seus efeitos. Os que mais crêdito davão às sospeitas (e estes os mais) acudião com prontos, e violentos meynos de castigo, sendo de parecer: *Que se a fim de ruim consequencia, para outros Vassallos, se contemporizava com os Portuguezes, o mesmo vinha a ser perdellos todos pella omissão, que pello atrevimento; senão que a omissão era mayor culpa, pois carregava sobre os Ministros, e menor o atrevimento, que sô se achava na peor parte do Povo.* O Conselho de Estado de Espanha, ainda que não tão florente, como nos tempos passados, se achava todavia rico de sujeitos de grande prudencia, a quem parecia: *Que o açoute somministrado aos Inquietos, se devia reger com grande temperança, olhandose o estado do Imperio, dilatação, e contrastes de Espanha. Que por nenhum modo fosse tal, que estimulados de lástima, ou medo, os Vassallos, que em Portugal se achavão firmes (mais, e melhores) quizessem*

*obrar de maneira, que recebendo todos o golpe, sahisse mais pequeno a cada hum: porque muytas vezes succede, que a porfia, ou excesso da emenda, estraga pella desesperação [A135] de muytos, muyto mais, que com a pena de poucos remedêa. Que a revolação se não deixasse, nem à ira, nem ao esquecimento, antes q cõ vagarosa, e apressada destreza, se fosse cauterizando aquelle erpe interior, que lavrava pello corpo da nação Portugueza, primeiro que chegasse ao coração, e se fizesse mortal, decependoo da união da Monarquia. Que o remedio, continha duas partes: a presente de castigo, que se havia de executar logo, e a futura de prevenção, que tambem desde logo, se havia de ir introduzindo. Mas que medidas ambas, não erão de tanta importancia a primeira, como a segũda.*

Haviase ordenado pello Conselho de Portugal, á Princeza Margarida, enviasse a Evora, hum Corregedor da Corte (cargo preminente aos mais do Reyno, em todas as materias crimes) e assi foi feito; passando a Evora, Diogo Fernandes Çalema, com toda aquella companhia de ministros inferiores, e gente que o acompanhava, quanta era conveniente para sua segurança, e autoridade.

Porém, os Populares de Evora, inconsideradamente, não tinham até então entendido, como, ou de que, devião temerse: descuidãdose de sua conservação, remedio, ou defesa, em quanto não vião, que o exercito Castelhana batia seus muros. Então achandose subitamente visitados da Justiça, que animada do mesmo exercito, não mostrava algum receyo em obrar o necessario: começaram todos a desordenarse, cõfusos, e temerosos, sem saber que meyo seguirião: porque o medo, co o perigo, já era igual em os que punhão as mãos, ou entendimento na presistencia [A136] da revolação publica. A Justiça foi proseguindo em suas averiguaçoens, até proscrever, como Reos de sedição, e cabeças de amotinados, a Sesinando Rodrigues, e João Barradas: pello qual crime, forão condenados à morte, e em estàtua justçados, com horrêdos pregões, e bandos, prometedores de grãde honra, e interesse, a qualquer pessoa, que vivos, ou mortos, os entregasse nas mãos da Justiça. Algũs outros dos que na alteração tiverão menor parte, e por isso menos advertidos se confiãrão, forão tãbem presos, e condenados, huns á forca, outros a galés, e desterros perpetuos; mas

todos homens vis, e sem nome, e que os mais erão delinquentes, e por outros delitos merecedores das penas, que só ao caso da sedição referião.

Em quanto em Alentejo, e suas fronteiras, ou já os Ministros das armas, ou da justiça, procedião desta sorte, pello Reyno do Algarve, andava mais soberba a vingança. Estava seu castigo (como dissemos) á conta do Duque de Medina Sidonia, que já havia arribado a Ayamonte, com hum suficiênte troço de exercito, de gente mais lustrosa, que disciplinada. He certo, que aquelle Duque, não tinha outras ordens de mayor rigor, que o de Bejar, acerca da entrada no Reyno; mas ou porque julgandose mais soberano, lhe parecesse q o negocio donde sua pessoa intervinha, della só havia de ser dependênte, ou porq o Marques de Valparayzo, que o acõselhava, por de terrivel natural, o guiase por caminhos mais asperos, [A137] determinou proceder no Algarve, mais q o de Bejar, em Alentejo, riguroso, e absoluto. O q conferido cõ Hêrique Correa da Silva, Governador do Reyno (por meyo de Constantino Cadena, a quem a Princeza mãdára por Comissario da Infantaria, que alojasse, e conduzisse, quando fosse necessario) se acomodou: *Em que algũas Companhias Castelhanas passassem o Rio, e se viessem alojar nos lugares mayores.* Porque só assi lhe parecia, poder superar a soltura do Povo: que observando os passos de Evora, como se lhe viõ igual na culpa, não esperava de lhe ser desigual no castigo. Mas esta eleição, descobriõ depois grandes inconvenientes, havendoselhe seguido mayores delitos, de roubos, homicidios, forças, e escalamentos, obrados pella gente de guerra, que os mesmos, pellos quaes, vinhão ministrar a pena aos moradores. Se as armas são licenciosas nas mãos dos amigos, como nas dos inimigos poderão ser moderadas? Mandou logo entrar o Valparayso, seis mil Infantes, em lugar das companhias que se havião consentido; e concorrendo nas resoluçoens o Governador, como hospede, e os hospedes, como Governadores, o assentado por todos, se consultava cõ o Duque, que desde Ayamonte, dispunha o que julgava mais conveniente; cujas resoluçoens, câ se executavão, pellos Ministros da Justiça Portugueza; q a Princeza Margarida, juntamente havia despachado ao Algarve, quando a Evora. Entre elles o principal, Pero Vieira [A138] da Silva, Doutor em leys, e Desembargador dos agravos, q nesta comissão, deu grandes sinais da prudencia, e modestia, com que havia de exercer o supremo lugar de

Secretario de Estado, que agora exercita. Desta maneira se processarão as causas, formãrão os processos, e pronunciarão as sentenças; sendo as de morte, em numero, e callidade, quasi iguaes às que em Evora se havião executado: a cujo fim, succedeo a despedida das armas Castelhanas, que contra o parecer do Valparayzo, hũa vez entradas no Reyno, não convinha deixallo; desejando perpetuar no Algarve, aquelle presidio, como havia pedido, e consultado a el Rey de Castella.

Neste tempo, a Junta de Badajós, proseguia em dar forma, não só às materias militares, e judiciaes, mas também às politicas: porq a tanto se estendia sua comissão; da qual o poder, cada dia se dilatava, desejando o Conde Duque, que pois não obrára grandes cousas, obrasse dilatadamente; para que assi o governo de Portugal, e os animos dos Portuguezes, fossem perdendo o receyo, à estranha forma do Regimento, que procurava introduzirlhes. Pareceo: *Que pois Evora se havia comedido aos novos tributos, convinha que là em Badajós se ajustasse a distribuição, e assento delles*. De que á Princeza Margarida se hia avisando, requerendo de sua jurisdição, só a parte servil, com que havia de concorrer a estes efeitos. E porque tal negocio se julgava, ser hũa boa parte do castigo comum, de aquelles Povos, pois o suplicio, e pena de [A139] dano, a poucos havia alcançado, não se parava hum só instante, nesta artificiosa execução.

Porém, como segundo o acordo, que estava tomado nas materias do Reyno, ainda estando concluida a primeira parte de sua resolução, quanto ao castigo, faltava a segunda, quanto à precaução, convinha que nesta segunda, e mais importante parte do remedio, não houvesse algũa detença. Para o que por secretas intelligencias, que com Portugal se tinham verificadas, à custa do bem publico, por hũa larga, e interior observação, foi informado o Conde Duque, de quantos, e quaes serão os sujeitos, que convinha levar do Reyno, transplantandoos á Corte, debaixo de varios pretextos: à maneira que os antigos Reys Assirios, arrancãrão de Jerusalem os cepos das mais nobres, e opulentas familias, de toda a região de Judà; que depois espalhãrão por Assiria, Média, e Babilonia. Com tudo, havendose entendido, que o chamamento dos Grandes, sendo como consequencia das alteraçoes do Reyno, em tempo que elle estava já

sossegado, podia ocasionar nova, e mayor revolução; se tratou de evitar esta sospeita, com a prática de outra sutil materia de Estado: tendo por seguro remedio deste inconveniente, aquelles que o dispunhão: *Que se os Portuguezes vissem chamar a Castella, entre as pessoas, que lá podião ser de algũa sospeita, outras das que naquella Corte tinhão mayor aplauso, facilmente entenderião, que a todas convocava hum proprio espiritu; o qual não podia ser perigoso, cõtra os sujeitos [A140] de mayor estimação para aquella Coroa, entre os quaes, os outros haverião sem falta, de passar a propria fortuna.* Esta arte, cuja utilidade era muy aparente, julgou o Cõde Duque, suficiētissima para nosso engano; porque verdadeiramente elle e os outros Ministros Castelhanos, temião mais nossa resolução, que nossa industria; donde procedia, que estimandonos até temernos no valor, no conselho, nem nos temião, nẽ nos estimavão.

Disposto tudo, segundo esta tenção, forão chamados muytos de aquelles, q na opinião do vulgo, não corrião na Corte algum perigo. As cartas convocatorias, só dizião: *Que sua Magestade, desejoso de dar forma a algũas cousas, que acerca da administração do Reyno, era informado, necesitavão de emenda, tanto nos Tribunaes da Fazenda, como nos de Justiça; querìa formar hũa jũta, apâr de sua real Pessoa, dos mayores Ministros, e mais práticos de Portugal, para entender delles, como de talentos que tanto estimâva, quaes serião os meynos proporcionados, ao melhoramento, que se pretendia: para cujo efeito, tanto que recebessem a carta, por mãos da Princeza Margarida, se puzessem logo a caminho, e fossem a sua real presença; porque com todo o affecto de Principe amigo, os esperava.*

Forão, pois, os chamados: Dom Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, Prelado, a quem o Povo, e Nobreza, amou igualmente. Com a virtude propria, esmaltava a herdada, que em illustre sangue lhe foi repartida; e cõ o exercicio de divinas, e humanas letras, fez digno de mayor aplauso, o sangue, e a [A141] virtude. Dom Sebastião de Mattos de Noronha, Arcebispo Primàs de Braga, sujeito de grandes pêsamentos, mais discreto, que prudente. Amava os negocios, porque os não praticàra. Seu lustre, e valor, o fazião antes estimado, que bemquisto. Dom João Coutinho, Arcebispo de Evora, Fidalgo de grande casa, e parentes; rico, e esplêndido, mais que beneficoso; porẽm de tanta bondade, que

muyto primeiro gozou, q mereceu, a aceitação comum que possuía. Dom Gaspar do Rego da Fonseca, Bispo do Porto, homem que devia à arte, o que não à natureza; e à fortuna, muyto mais que à arte. Animo áspero, quanto executivo, o fez subir, e manteve em hum alto estado. Supria com a diligencia, a industria, e com a severidade, se negava ao exame de seu talento; havido por mayor, dos que o conhecêrão menos. Dom Diogo da Sylva, Conde de Portalegre, Governador que fora do Reyno, com juizo mayor, que util. O mando q conseguiu, apeteceu, e desprezou igualmente. Herdàra mais parte da sutileza, que da disciplina do Pay, Ministro sabio, em tempos sabios; à differença do filho, a quem os presentes, ou maliciosos, ou ignorantes, não respondêrão com igual festividade. Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, do Cõselho de Estado, e Presidente da Fazenda: que nos primeiros Magistrados alcançou mais fama, que nos ultimos; donde a calumnia, se não fez golpe, ameaçou algũas acçoens, que conferidas com [A142] as primeiras parecião desiguaes. Tam estimada foi a principio sua reputação! Dom Martinho de Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, Capitão dos Ginetes, Presidente do Paço, e do Conselho de Estado, pessoa de grão modestia, mas inferior actividade. Nunca ofendêra algum interese; do publico era defensor, melhor com o desejo, que com a execução. Dom Francisco de Castel-branco, Conde do Sabugal, Meirinho mór do Reyno, a quem zelava, e de quem era estimado. A desgraça lhe déra mayor gloria, que a fortuna: porque vivendo como Cidadão, alcançou hum respeito, que o preferia, aos mayores Ministros. Dom Francisco Luis de Lencastre Comendador mór de Avis; que como até então passasse sem occupação pública, seria havido como procedesse. Fora de particular, ainda que igual procedimento, mais se lhe esperavão os empregos que pretendia, pellos meritos passados, que presentes. Francisco Leitão, Desembargador dos Aggravos, cujas letras se adornavão de eloquencia, em que se descubria espiritu facil pera receber os relevos que lhe imprimisse a força do interesse. Diligente, e sutil instrumento pera obrar vontades de Poderosos. Pouco depois destes Ministros, forão com a mesma efficacia, chamados tres grandes sугeitos da Companhia, dos quaes ja antecedentemente havemos feito menção. Erão, o Doutissimo Padre Sebastião do Couto, que por sua larga idade, e doença, que o escusou da jornada, antes de ser excuso della, deixou [A143] de a pòr em

efeito. O Padre Alvaro Pires Pacheco, que partindo de Lisboa, a executalla, foi divertido no caminho, com sospeitosa violencia; a qual o deteve oculto até a liberdade do Reyno. O Padre Gaspar Correa, q passou á Corte, para dar razão de si, e dos mais convocados; e que depois de trabalhos indignos a sua Religião, juizo e pessoa, foi reduzido à Patria.

Estes erão os Prelados, Ministros, e Religiosos que el Rey mandou acudir a sua presença; e supposto que de todos os Estados forão muitos mais os sujeitos, q se destinárão para aquella trãsmigração, pareceo: *Que ella se dispuzesse cõ tal ordem, q antes q hũs se desenganassem fossem convocando os outros.*

A vista de hũa demonstração tam desuzada, se levantárão por toda Espanha varios juizos, nos quaes, com os Castelhanos, e Portugueses, concorrião igualmente os estrangeiros. Todos os Politicos se introduzirão a discorrer sobre a causa desta novidade, como cousa que envolvia, e ameaçava o repouso, não sò de Espanha, mas de toda a Monarquia. Os Portugueses a temião com mayor affecto, e entre nòs mais, aquelles sobre quem estava iminente o perigo. Por huns, e outros corria ja vaga a fama de, *que Portugal seria despojado da dignidade de Reyno, reduzindoo a Provincia, a qual se haveria de unir cõ as outras de Espanha, com quem se faria comũ em leys, habito, e lingua.* Dizião: *Que para este effeito, se havião ja aberto insensivelmente os alicerces, e como o primeiro [A144] passo de aquella obra, era enfraquecer os Portuguezes, de armas, navios, gente, e dinheiro; logo que se houvesse consumado a evacuação destes perigosos generos, em que já se entendia, era tempo de pòr as mãos, na nova forma da Republica.* A outros parecia: *Que hum Rey Catholico, e justo, não devia dar tão violento remedio; contra o que ao mesmo Reyno, solennemente prometèra, e jurára. Que bastava reter aquelles Grandes, e Prelados, sem os quaes (e os outros que se esperavão) não ficarião no Reyno, sugeitos capazes de fazer algum movimento. E que quanto à Casa de Bragança, el Rey devia por taes modos confialla, e trazella a si, que o proprio senhor della, se entregasse voluntariamente em suas mãos. Porém, que esta diligencia, já seria mais dificultosa, não havêdo sido a primeira; e que entretãto os sucessos da Monarquia, o rendimento, ou impaciência, dos Portuguezes, iriã mostrando o*

*modo, pello qual convinha chegar ao fim deste gravissimo negocio.* Tais erão as comũs práticas dos Castelhanos, sempre queixosos de nossa competencia.

Mas aquelles Ministros, que não só pella obrigação comum, se vião forçados a dispór o còmodo de sua Coroa, mas pella particular, desejavão de não cõtradizer o gosto do Valido, não cessavão de vètilar, acerca dos meynos mais proprios a nossa ruína. Alguns destes, porque participando da contrariedade das Naçoens, obravão segundo ella; outros porque desta opinião esperavão grandes aumentos: por ser callidade das cousas temporaes, que hũas não possão aumentarse, sem que outras se diminuão.

[A145] Neste tempo, os Portuguezes chamados, não erão ouvidos, nem havião recebido outro aviso del Rey, senão: *Que seguissem a Corte, atè se lhes declarar o negocio, para que a ella forão vindos.* Esta resolução, produzio muyto contrarios efeitos, dos que esperavão os Castelhanos, e os Portuguezes temião; porque as pessoas, q se achavão no Reyno, assombradas do golpe, que vião sobre os convocados, forão cobrando novo animo. Entendendo: *Que se as culpas contra elles presumidas, forão da pèssima callidade, de que se receavão lhas arguíssem, sem falta, que com menos temperança, se haveria já com todos chegado ao exame, e ao castigo.* Da propria sorte, aos chamados pareceo: *Que com a retenção de suas pessoas, por algum tempo na Corte, se havia de moderar a indignação, contra o Reyno concebida.* Pellos quaes discursos, huns, e outros, aquelles esforçados da confiança, e estes soportando do receyo, se conservarão mais constantes, do que por ventura puderão, se o aperto se proseguira, como havia começado. Com tudo, a dilação não era temperança, mas arteficio: porq como as deliberações, q se querião praticar em Portugal, estavam dependendo (segundo já dissemos) de outras occurrencias da Monarquia, ellas varias, e dificultosas, não davão lugar á introdução das novidades elegidas: nem por entretanto, parecia pequena politica, guardar inviolavelmente aquelle segredo, atè o dia, que ajustados os negocios exteriores, se pudesse voltar aos de Casa, com toda a efficácia de que elles necessitavão.

[A146] Mas para que em nada se perdesse o tempo, e das mesmas conturbaçoens pùblicas, se tomasse motivo para dissimular melhor a paixão particular; a titulo da guerra de França, e designios dos grandes inimigos da

Coroa de Espanha, se ordenou, como o Reyno fosse sangrado, das mayores forças; da sorte que os Médicos costumão, purgar primeiro os corpos, que pretendem sejam curados, com dilatadas mésinhas. Mandarão: *Que Dom Afonso de Lencastre, Marques de Porto Seguro, fizesse em Lisboa hũa leva de Cavallaria, sem algũ limite de numero, nem subalternação a outro algum Ministro, ou Tribunal. Que em nossas Ilhas se levantassem varios terços de Infantaria; os quaes navegassem â Corunha: pouco tempo depois de hũa copiosa leva, q havia passado das mesmas Ilhas, á guerra de Pernambuco. Deuse a Diogo Soares, o cargo de superintendente, neste serviço; que elle encomendou, a Belchior Correa da Franca, e Francisco de Betancor, hum sua feitura, e outro não mal affecto. Que no Reyno se formassem quatro Regimêtos, de gête paga, e escolhida; os quaes el Rey, depois de feitos, e pagos pello dinheiro de Portugal chamasse ao serviço de Castella.* Como logo se vío, mas com contrario sucesso. Destes quaes se deu cargo Jorze de Mello, que pella parte de Coimbra, e Comarcas visinhas, ajuntou grande, e bom numero de gête. O mesmo a Alvaro de Souza, a quem coube o partido de Entre-Douro, e Minho: donde fez mais luzida, que obediente leva. Assi D. Pedro Mascarenhas, pella Beira, e Estremadura; e Rodrigo de Miranda, em o Campo de Ourique, que teve [A147] por praça de armas; como o Mascarenhas, Castellobranco, o Mello Coimbra, e Guimarães o Souza. Mandavão: *Que juntamente com estes, se levantassem mais dous terços de Infantaria voluntaria; logo assinados para marcharem à guerra, donde a ocasião mais viva fosse.* Fui eu encarregado do primeiro, o segũdo não houve efeito; e se me repartirão as Comarcas de Elvas, Pinhel, Porto, Viana, Miranda, e Moncorvo. Que os galiões que se achassem no Reyno, fossem logo entregados a Cabos, e Ministros Castelhanos; e assi se executou cõ o galião S. Tereja, hum dos melhores, que vío jámais o mar Occeãno; e São Baltezar, pouco inferior a este: os quaes forão postos, â ordem do Almirante, Dom Thomas de Chauburu, que com varias fortunas, e para a mayor tragedia, conduzio a Tereja â Corunha; donde depois passou a padecer incendio, no conflito do Canal de Inglaterra. cujo successo, tâbem havemos escrito. Por causa dos contrarios ventos, escapou São Baltezar, que ainda hoje dura, vencedor de inimigos, e tempestades. Quizerão: *Que à Casa de Bragãça, se pedissem mil*

*Vassallos armados; cuja leva, governo, e condução, se encarregou a D. Antonio Tello. E que como em Castella, na Junta de Coronelias, se praticava, se praticasse tambem no Reyno, o ajustamêto de postos, e mercès, a todos os Vassallos, que por assento quizessem encarregarse de servir a el Rey, com levas de Cavallaria, Infantaria, Navios, e bastimentos; donde como cevo do aumento, a que por aquella via se encaminhava, no lugar, honra, e interesse, muyto mais depressa, que por qualquer [A148] outra; os homens se movião, e esforçavão, a emprenderẽ cousas mayores, que seu cabedal, e suficiencia; de que o Reyno receberia aquelle dano, que apurou a sustancia de Castella, e entre nòs, vinha a ser muyto mais irremediavel.*

Já então entenderão os Portuguezes, que tantas prevençoens, e abalo, davão sinal de algum grãde designio. Mas ou enfraquecidos, do mesmo que sospitavão, ou sospitosos, do mesmo que os enfraquecia, sobre que todos se encaminhão ao sentimento, nenhum ao remedio: porque nos Reynos, (a diferença das Republicas) sendo o perigo de todos, o cuidado he de poucos; dõde vem, que em potencias iguaes, as Monarquias são mais suficientes ao aumento, as Republicas, à conservação. Todos os Grandes, e Ministros de Portugal, conhecião com quãta diligencia caminhavão ao precipicio; mas como o modo de evitallo, estava á conta da Princeza Margarida, que quando não obediente, interessada, sempre se dobrava à vontade del Rey, e disposiçoens do Valido; por mais que todos se vião perder, aquelle que mais fazia, se desviava do perigo; mas não com o braço ou grito, detinha os outros, para que deixassem de cair nelle.

Então havendose já entendido na Corte, como em Portugal, se não parãva nas obras referidas, donde muytos trabalhavão por edificar a ruina, huns por temor, outros por interesse, alguns por ignorancia; pareceo ao Conde Duque, era já tempo de lhes dar a beber aos Portuguezes, aquelle [A149] amargoso vaso, que na preparação não fora menos desabrido, que na experiencia. Assi resolveo, que para que naquelle procedimento, houvesse algũa sombra de legalidade, devia ser a primeira diligencia, interrogar, e ouvir os Prelados, e Ministros, que já tratava em foro de Reos. Logo disposta com extraordinario segredo a negoceação, forão avisados em hum dia, ora, e instante, para que todos dentro em breve espaço, acudissem à casa de varios Ministros Castelhanos,

cominandoselhes aos Portuguezes, crime de lesa Magestade, se huns, a outros, comunicassem o chamamento, nem algũa outra materia, que da conferencia dependesse. Para o exame do Arcebispo de Lisboa, foi nomeado o Cardeal Borja; o de Moscoso, ao Arcebispo de Evora; e o Confessor del Rey, Inquisidor gèral de Espanha, ao Arcebispo de Braga; ao Conde Dom Diogo, o Duque de Villaferrnosa; ao de Miranda, o Conde de Castriho, Presidente de Indias, e do Conselho de Estado; ao Conde de Santa Cruz, o Marques de Santa Cruz, do Conselho de Estado, e Mòrdomo mòr da Raynha; ao de Sabugal, o Conde de Onhate, do Conselho de Estado e Presidente do Conselho de Ordês; a D. Francisco Luis de Lêcastre o Marques de Castro-forte, do Conselho de Estado de Espanha; e a Francisco Leitão, Jozé Gonçaves do Conselho real, e da Camara; hum dos mayores, e mais aceitos Ministros, togâdos, de aquelle tempo. Tal foi aquella grave conferencia; cujo rigor, [A150] e designios, correspondeo ao secreto cõ q se obrou; e este de tal maneira observado, que ainda hoje metidos os annos de pormeyo, e a mudança dos Imperios, alcançamos poucas, e incertas noticias, da formalidade de aquelle acto: donde muytos entendêrão, que manifestandoselhes aos convocados, como irrevogável a proposta, da nova forma de governo, e leys, que el Rey mandava dar a Portugal, só se lhes pedia parecer, acerca do modo, porque mais facilmente se devia introduzir; sem dar lugar á disputa, de ser, ou não ser, justa, ou conveniente. Muytos affirmârão: *Que a cada hum de aquelles Ministros Portuguezes, se lêra em modo judicial o libello, processo, e sentença, que ocultamente forão contra o Reyno fulminados, sem ser ouvido; pella qual sentença, era privado da Régia dignidade; dandose el Rey por absolvido do juramento, que lhe fizera: do qual, a perfidia Portugueza (dizião elles) o havia desobrigado, segundo o parecer de seus Theologos, e Juristas. E que para prova de essa (que elles chamavão, perfidia) não sò se articulava a presente alteração, mas se deduzião casos, ou vãos, ou corrutos, ou supostos: desde o tempo do primeiro Reynado, de Dom Felipe o Segundo; huns, a outros sucessivos, como obstinação continuada: dos quaes em nenhum dos presentes, tão sómente havia noticia, quanto mais culpa.*

Duvidouse a cerimonia da cessão; do intêto nũca: e ao assombro dos que concorrerão nella, devemos melhor informação, de sua iniquidade, que a propria

eloquencia a pudera haver feito, se pudéra. Os mais práticos na materia de Estado, dizião: *Que [A151] outra cousa se não esperava para a execução, que hum braço poderoso, que obrasse conforme o coração, e voz do Principe. E que desocupado o poder marítimo, que Dom Antonio de Oquendo, Almirante Real do mar Occeáno, trazia a seu cargo contra França, no mar Mediterraneo (que depois contra Olanda, passou ao Canal de Inglaterra) deceria logo a invernar a Lisboa; donde se havia de principiar a mudança das cousas publicas.* Mas o Altissimo Deos, que pellas justissimas leys, de sua sapientissima vontade, julga as Coroas do mundo, revogou, por impensados meynos, a sentença dos homens: ordenado, que aquella poderosa armada, q se destinâva para nosso açoute, o recebesse tão grande, pellas mãos de seus inimigos, cõ miseravel fuga, e horrivel incêdio, que não só perdesse à vista delle, a força, e o concelho, mas também a mayor parte do vigor Espanhol, célebre em outras idades.

Este tão custoso desvio, nos servio de embargos, â rigurosa execução, a que estavamos condenados. E porque as ruínas de Espanha, se forão ocasionando hũas, das outras, sucedendo, pouco depois, o levantamento de Catalunha, a que se seguiu a liberdade felicissima, deste Reyno, nos reservou Deos, do ultimo golpe da injuria, que para nós caminhava, ou nós para elle. Sendo este o fim das alterações de Evora; as quaes, como fausto, e elegante preludio, da redenção Lusitana, afirmão muytos dos diligentes investigadores das cousas futuras, que se achão predictas de longos tempos, no Oráculo da Sybilla; [A152] e que os Astrólogos havião pronosticado este notavel, e misterioso movimento: trazendo a esse fim, Versos, e Vaticinios, a que dou menos credito, que ao proprio Caso. O qual, em favor de nossa Republica, nunca póde ser tão bem explicado, como sucedido.

[N153]

NAUFRAGIO DA ARMADA  
PORTUGUEZA  
EM FRANÇA.  
Anno 1627.

EPANAPHORA TRAGICA.  
SEGUNDA.

DE  
DOM FRANCISCO MANUEL.

*Escritta a hum amigo.*

Devem os homens amantes da Razão (Amigo N.) guardar em suas acçoens hũa tal ordem, que a propria armonia dellas, mostre serem guiadas pella luz racional: não só escolhendo as obras dignas, mas as competentes.

Toda esta proposição, parece que ignoro, ou quebranto, convidandovos agora, e de tam longe, [N154] a ler hũa Rellação, q nẽ pella matéria, nẽ pello estado, nem pello tempo; se julga em algũa parte, cõforme á precisa observação, que vos tenho proposto.

Porque quanto â materia: eu, senhor, vos convido a ouvirdes a historia de hum successo lamentavel, cuja lembrança, tão longe està de ser grata aos ouvidos dos homens, que antes lhes poderia ser molesta, segundo as tragedias que refere.

Quanto ao estado: quasi de outro mundo vos escrevo, posta entre mi, e vòs, não só Africa inteira, e os imensos mares, que dividem America, da Europa; mas interpostos silencios, annos, e successos, que por larguissimo intervallo nos apartarão.

Pois pello tempo: ainda parece que nessa parte incorro em mayor desproporção, referindo hum caso, jã não lembrado no mundo: porque hoje em o dia que dou principio a escrevelo, se prefazem trinta annos, que elle teve seu fim.

Porèm para que possa dar algũa desculpa a minha inadvertencia, ou por ventura reputação, â advertencia com que agora ponho a mão nesta obra. Direi: *Que pella melancolica callidade della, não deve certo ser desprezada.* Convem vos lembreis que o seu preço, he semelhante ao que costumamos dar a hũa lamina, que pintou algum famoso artifice, sem embargo, q contenha tristes historias. Quem diria ser mais deleitavel, como ver copiados de hũa rude mão, os triunfos de Bacho, ou dilicias de Venus, sendo alegres; que as Tragedias de Adonis, ou [N155] naufragio de Leandro, do pincel de Apelles, Zeuzis, ou Thimâtes? Porque ou seja na pintura, ou na escritura (entre as quaes ha tanta semelhança, que já disserão Sabios: *Era a pintura muda historia, e a historia elegante pintura.*) não se prèza, nem olha tanto as figuras, mortas, ou vivas, que alli se nos oferecem, quanto o nobre primor, com que a Natureza se vé imitada, ou quasi competida, da mão dos eminentes varões, que ou debuxando, ou escrevendo, a retratâo.

Quanto mais (amigo) que aquelles prazeres da tenra mocidade, troca, e engeita por outros exercicios, senão tão contentes, mais oportunos, a idade madura: julgando por desiguaes, ou indignos, os empregos, em q a puericia faz seu lanço. Já là vão aquelles annos, em q nas Cortes de Portugal, e Castella (donde fomos companheiros) idolatramos a suavidade dos enganos deleitaveis; aquella assistêcia dos teatros, aquella porfia dos passeos; os dias q se gastavão em delicadas cõversações, as noites em musicas primorosas; nossas disputas sutilissimas, nossas Academias elegantes. Tudo, senhor, olhado agora cá do lõge da vida, he sê falta occupação inutil, e não sei se escãdalosa, cõparada cõ a importãcia das verdades, q agora nos cõpetem. Dõde infiro, q não por demasiadamête severo o caso, sobre q vou armando este Discurso, elle deixaria de ser a vosso estudo conveniête: nem à doutrina de aquelles, q nelle quizerẽ aproveitarse, para outros negocios semelhantes.

[N156] Ora que direi por escusarme da disparidãde do lugar, e tempo? Direi a verdade do que me succede, para q vejais se vos satisfaz essa desculpa. Escrevo hũ successo maritimo: porq ha dias q vivo entre dous máres, que com seu obstinado movimento, me estão sempre oferecendo especies produtoras de semelhãtes lãbranças. Hũa Relação de tẽpestades: porq as que de presente padeço

em minha sorte, não me deixão admitir imaginação mais serena: sendo sem duvida, de mayor perigo as injurias do animo, que as da vida. Que quereis que escreva, ou que quereis que cuide hum afligido, senão aflicções? Os Medicos que bem filosofão pellos sonhos do enfermo, indicão a callidade do morbo predominante: visto q em males, e bens, cada cousa engendra outra cousa q se lhe parece. Ajūtase aqui a memoria não ociosa em seus efeitos; porque (como já disse) cūprindose hoje trinta annos, que passei este naufragio (não sei se para consolar, ou agravar os presentes) me está a memoria com tanta viveza, representando aquelles trabalhos passados, como se realmente agora me vira entre elles: donde Themistocles respondeo avisadamēte contra a presunção de Simonides, por boca do nosso Poéta.

*Se me desses hũa Arte, que em meus dias*

*Me não lembrasse nada do passado,*

*O quanto melhor obra me farias?*

He verdade, que de muytos annos a esta parte, me dispuz a escrever alguns sucessos notaveis de nossa [N157] Republica, entre os quaes logo elegi o presente: tanto por ser nosso, e meu, e se achar em esquecimento, ou desprezo de nossos autores; quanto porque as circumstancias que nelle concorrerão, pòdem ser de grande utilidade à observação de materias, já Militares, já Politicas.

Ainda mal, porque para acreditar, o que disser nesta Relação, tenho já tão curto numero de testemunhas, que eu serei só o autor della. Pois dos poucos que deste naufragio escapárão vivos, são hoje mortos, quasi todos. Grande cõfusão por certo, para o descuido cõ q vivemos! Perdoãolhes aos homens, a furia das ondas, a braveza dos vêtos, o rigor dos perigos, cõ mais facilidade, q a brandura das oras; q súrda, e suavemēte, os vai cõsumindo. Cõ tudo assi pello q eu tenho na imaginação apontado (q até aquelle tẽpo, estava em limpo, por se não haverẽ nelle escrito outros trabalhos) como pellas memorias, q guardei desde aquelles tẽpos de minha mocidade, em algũs papeis mais verdadeiros, q elegantes; espero que por defeito da verdade, não deixe minha historia, de merecer tão alto nome. Della fez a primeira mção D. Manoel de Menezes, Heroe jütamēte, e Cronista deste successo: não pella nobre occupação de ser Cronista mór do Reyno; mas porq cõ mais comodo, pudesse referillo aos Ministros, diãte de quẽ se justificava. Esta

se estãpou em Lisboa, o anno de 1627 sendo escrita em Madrid a quinze de Mayo do mesmo anno. Logo Dom Gonçallo de Cespedes, [N158] na sua historia de Felipe Quarto, escreveo tambem nosso naufragio; mas tão brevemente, q não temos q lhe agradecer a noticia, ou condenar o silencio; suposto lhe não faltãrão boas informaçõens, que muytos lhe comunicãrão, e eu lhe dei particularmente; por ser o Cespedes, pessoa de minha amisade, e vesinhança, escritor de nossos tempos, e cousas; menos desafeiçoado aos Portuguezes, que outros de sua nação Castelhana: justo agradecimento a boa hospedage, que achou em Lisboa, donde muytos annos viveo, depois de perseguido, e desterrado da patria; que com semelhantes provas de desprezo, parece que faz a legitimação dos filhos benemeritos: como já Roma, e Grecia, fizerão aos mesmos, que lhes dẽrão mayór nome. Por cuja acção, Dom Gonçalo, justificou melhor a limpeza de seu sangue, e costumes; que Geronimo Franqui Conastagio Genoves, que se intitula Gentilhomen de aquella Republica: o qual ingrattissimamente, havendo achado na nossa, mayor amparo, e sendo de nação, por nenhum interesse oposta aos Portuguezes, com a qual sempre guardãrão boa correspondencia; procurou quanto pode infamar, antes que escrever as acçoens, que com atrevida pena furtou a nossos historiadores; molhandoa mais vezes, que na verdade, na adulação, ou interesse, com que destruiu a gloria, e credito, que por seu engenho merecia; em tal maneira, que podemos dizer: *Que elle se roubou a si mesmo, mais que a nõs*. Pois a pesar [N159] das imposturas, com que quiz escurecer nossa fama, os Portuguezes ficãrão reputados, por gente valerosa, no mundo, e elle por autor fabuloso do tempo.

Luis de Torres de Lima, em o livro a q deu nome Avisos do Ceo, cifrou nas poucas palavras, de hum breve Capitulo, esta Tragedia, porq lhe servio de mayor asunto a suas exclamaçoens, que a sua historia. Mas em lugar dos nossos, Gabriel Bertolameu Gramondo, Presidente do Parlamento Tolosano, em os seus elegantissimos Annaes de Luis Treze, Rey de França, trocando a inteireza, pella efficacia, descreve de tal modo, este acontecimento, que lhe deverã Portugal para sempre, senão a fidelidade de sua escritura, a benevolencia, com que aventurou o seu crèdito pello nosso.

Porém havendo já dito tanto, ainda vos não disse a razão; porque cá de tam longe, vos vou buscar, là entre os arvoredos de vossa Quinta; com tão desigual presente. Seria por ventura, por entender, que os erros que aqui se acharem, ninguem melhor que vòs, os poderia emendar; pois ao largo estudo da poética, historia, e policia, ao alto juizo, que em vòs ha, tambem logrado, e conhecido entre nòs; digna occupação podia ser a correcção dos desconcertos de hum amigo, que tanta estimação, e provas tem feito de vossa amisade. Seria porque tratando esta Relação de algũas materias militares, a ninguẽ melhor que vòs, se podia oferecer? Tudo foi porque a [N160] experiencia, e valor, que em tudo tendes mostrado (jà passando a Africa, contra os Pagãos, nos primeiros annos, já defendendo em outros mais adultos á Patria de seus inimigos) sempre deu glorioso exercicio, a essas tâtas lingoas da Fama: que para vòs erão mais que as cento, assinadas dos antigos: porq erão todas as lingoas, de quantos com justo louvor, apregoavão vosso merecimento. Bem se viò; quando contra a sentença do Filosofo, que afirmou: *Era mais devido, perder pellos Principes a vida, que a saude*; vivendo vòs de essa riqueza tão falto, não só mil vezes oferecestes a vida ao cutello da morte, mas outras tantas entregastes a saude, aos fios da enfermidade. Poderemos assi dizer: *Que não levou só Homéro despois de morto, a gloria da contenda das sete Cidades, que procuravão a pôsse de suas cinzas*; porque já agora vimos, que sobre vossos achaques contendião muytos pòstos, a qual os havia de lograr, ocupados em si mesmo. Se era sómente para se apiadarem de hũa tão desmerecida infelicidade, justa foi a ocasião de sua discordia; se para vos afligir (como era) com novas obrigaçoens, cuidados e molestias, não merecião em verdade o sacrificio, que de vòs mesmo lhe fizestes: pois não consente a razão natural, nem o Direito Civil, afligir aos afligidos: cousa que hoje entre nòs só vemos, que se consente (ò Deos, e que tantas vezes!) perdoe o Direito, e a Natureza.

Agora que entendo, descançais de tão honrosas [N161] fadigas, nesse vosso Bom Retiro (porque he justo o melhor) resolvì fazervos este presente, por duas razoens. A primeira, para que possais lograr com mayor agradecimento a mercé, que Deos vos fez livrãdovos da perigosa vida do Mar, cuja deslealdade já conhecestes em as navegações, que haveis feito a Inglaterra, e Barbaria. A

segunda porque pondovos Deos, no lugar, em que vos espero, avalieis com certas noticias, os meritos de aquelles que servem aos Reys, não já tanto expostos ao furor da guerra dos homens, quanto á dos Elementos, Moncerrate Antartico, 5. de Fevereiro de 1657.

V. A.

*D. F. M.*

Chamou, com elegancia, o Poeta Portuguez: *Princeza das Cidades do Mundo*, à nossa insigne Cidade de Lisboa, minha Patria. E não com menor propriedade, lhe chamou outro Poeta: *Raynha das aguas do Universo*. Olhando bem a Magestade com q, sobre as Prayas do Tejo (q lhe servê de solio) preside a todas as Ribeiras do Mar Occeáo, cujo golfo, como praça, lhe preparou diãte a Natureza; a qual praça se dilata, até as remotissimas ourelas da America setêtrional, q tẽ por muro, à parte do Occidête, cõ mais de mil lingoas de terreiro, entre a Costa de Hespanha, q leva o mar Athlâtico, e o remanête da Florida, q vẽ decêdo do Polo Artico, por se enxirir nas estendidas Provincias da nova Espanha: em tal modo, q Lisboa, como joya da testa de [N162] Europa (cuja cabeça se nos propoem a antiga Iberia) esta oferecendose, antes que outro Porto, ou Cidade, para descanso de todos os peregrinos navegantes, que de Asia, America, e Africa, vem buscar aquelle célebre Empório, como o mais certo, capaz, e seguro de todo o Occidente.

Por esta causa assentárão os Politicos, e confirmou a experiencia: *Que aquelle Principe, que senhoreasse esta manifca Cidade, se habilitava para dominar todos os mares, e terras, que jazem no Emisferio oposto, além das aguas*. Donde com tão justa razão, como esperança, os Reys Portuguezes, se intitulavão, senhores dos Paizes (isto são *Algarves* na lingoa Arabiga) de além do mar; não se limitando só às fraldas da Mauritania (como alguns entendêrão:) nem desprezando a gloria de Conquista, Navegação, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e seus adjacêtes: dos quaes títulos, a pesar do Hugo Golsio, que os contradisse no seu *Mare liberum*, compuzerão o real ditado nossos Monarquas, com o qual, atè os tempos presentes, seus sucessores se nomeão.

Provase melhor este discurso, em aquelle elegantissimo livro do Sítio de Lisboa, que escreveo doctamente, Luis mendes de Vasconcelos; autor não menos illustre na erudição, que no sangue: o q bẽ se corrobora e fortifica, com o novo Opusculo de nosso piadoso, e sábio Amigo e Mestre, o insigne Varão Manoel Severim de Faria, Chantre de Evora; que a morte ha poucos tempos nos roubou, porque [N163] ainda que de larga idade, copiosa em frutos de letras, e virtudes; sempre durão pouco ao mundo, os Varões, que como este vivem nelle. Ambos estes graves autores, em seus discursos (assistidos de toda a observação de

divinas, e humanas letras) deixão assentada a màxima referida, na cõsideração de nosso estado; pello felicissimo sitio, de tão illustre Cidade: em ordem ao qual, já dos Romanos foi chamada, *Iulia Felis*. Esta verdade, bem se cõfirma na emulação dos estrangeiros; entre os quaes, nem o Botero, nem o Bodino, deixâo de reconhecer a vêtagem, com que nossos Reys se preferião aos mais de Europa, pella disposição de se estabelecerem no senhorio das Conquistas do Universo.

A esta causa forão sempre continuas, e poderosas as Armadas de Portugal, tanto na viagem de suas remotissimas Regiões, e Colonias, quanto na guarda das costas do Reyno. Porém recebêo mayor lustre, e credito, pella temperança (se já não dissermos descuido) que começou a haver em a guerra de Africa, reduzindose sómente â defesa das praças, Ceita, Tangere, e Mezagão. Introduziose por esta causa nas Armadas, o serviço da nobre juventude do Reyno, que antes em Africa, como soberba escola do valor Portuguez, se executava; sendo louvavel costume dos nossos, que durou alguns annos, depois da perda del Rey. Dom Sebastião, não cingir espada dentro na Corte, algum filho de Fidalgo principal, antes ao modo da antiga Cavallaria, [N164] passavão a Africa, por receber sua ordem; uso, e preceitos da mão dos famosos Generaes, que então com menos pomposo nome, dos que agora se costumão não com menos glorioso officio, só com o titulo de Capitães se contentavão.

Ajudou depois a esta mudança, a transferencia, que os Reys fizerão das Cartas, que chamão de *Comenda*, para as Armadas da Costa, sendo ellas ordenadas, pello santo instituto de nossa Religião de Cristo; para sustentar a guerra, contra Pagãos, inimigos de seu santissimo nome; conforme a Bulla aurea de nossa instituição, expedida em Avinhão, pello santo Padre João XXII. no terceiro anno de seu Pontificado, que foi o do Senhor 1319. Por esta causa os Fidalgos Portuguezes, começâo a se entregar â guerra marítima, servindo de continuo em as Armadas; porque ainda que os discomodos, e riscos da navegação, sejam grandes, se achava por mayor conveniencia assistir cinco verões, fóra de casa, descansando nella, a mayor parte do anno, que por tres inteiros, desterrarse do mimo da patria: porque os tres annos de Africa, forão comutados a cinco Armadas da costa, quasi â imitação dos Cavalleiros

Hospitalarios, que em cinco semelhantes caravanas se habilitão para Comendadores de sua Ordem Gerusalemítana.

Em alguns, e não poucos tempos, continuãrão assi nossas Armadas, a cargo de diferentes pessoas. As mayores que as governãrão, em propriedade: [N165] outras que as tiverão annualmente. Dos primeiros forão os Condes da Feira Dom João Pereira, Antonio Pereira de Berredo, e Christovão Falcão de Sousa. Muytas vezes costumavão os Reys Castelhanos, que então região este Reyno, mandar assistir suas forças navais, no porto de Lisboa; cuja ordem quasi durou tanto, como o officio de General do Mar Occeãno, em a pessoa de Dom Luis Fajardo (nobre Cabo, de aquelle tempo) pello qual respeito nossa Coroa de Portugal, nunca formou Armada, propriamente sua: ou por não arriscar, a autoridade das pessoas que nella occupasse, em companhia de aquelles, que pella ventura de sua nasção, sempre querião ser mayores; ou por se julgar desnecessaria, tam grande despeza, que convinha mais aplicar aos grossos dispendios, das conquistas. Estes annos concorria Portugal sòmente com algũs navios, bem fornecidos, que se incorporavão com a Armada Castelhana: sempre porèm capitaneados de Fidalgos Portugueses, de grande callidade, e merecimento.

Cõ tudo desta propria prevenção, se nos seguio mayor dano que utilidade; porque como nossas Armas não tivessem Cabo, que as governasse por si mesmo; tambem não tinham Ministro, que procurasse, sua conservação; donde se seguio a perda, ou falta, que despois em vão se lamentava, vendo que os Navios, Galés, Artilharia, e pertrechos, de nossa Coroa, feitos, e fabricados [N166] a seu dispendio, quasi como cousa divoluta, nos era arrebatada: donde procedêrão aquellas notaveis summas, de todos os generos de munições militares, de que, segundo affirmão nossos manifestos, foi despojada esta Coroa: havendo alguns, que sobem a numero de tres mil pessas de artilharia, as que Castella tirou de Portugal, durante o tempo de nossa sogeição.

Por este, e outros motivos, se teve por certo, que a resolução de aquelles Principes, e Ministros, em conservarem sempre junto de nòs suas armas, não era casual; antes procedida de algũa profundissima consideração de estado; porque não satisfeitos dos presidios do Reyno, cujas fortalezas estavão em seu poder, desejavão lançar mais poderoso fiador, ou mais repetido, a sua desconfiança.

Desta sorte entêdião os melhores: *Não era sômente a boa disposição de Lisboa para o apresto, e despacho das Armadas, a que obrigava a tão continua assistencia; mas a profunda politica de aquella nação; que sempre a instigou a viver com nosco prevenida*: porque não ha mayor estímulo em a guarda da cousa, que se possui, que o escrupulo interior com que se logra como alhea. Esta propria desconfiança havia feito, que contra a liberdade do Reyno, se dêsse o governo de suas galês a Castelhanos; como foi primeiro, ao Cõde de Elda, e depois ao Marques de Barcarrota: bem que como ainda não estava desembuçada a violencia, que andãdo mais os annos, acrecentou o silêcio comum, e interesse particular; honestarão [N167] esta força, pondo os dous Generaes referidos: que o primeiro era filho de Portugueza, e o segundo com tanto sangue, afinidade, e visinhança de Portugal, que justamente se esperava fossem ambos (como o forão) gratos a toda a Nobreza. Usarão assi com nosco, os primeiros Ministros Castelhanos, como o destro cavalleiro, que unta de mel o duro freyo, com que espera domar, o potro, de que pretende servirse em guerra, e paz. Alguns tempos depois, quando já esta Armada de galês, por unir-se cõ as de Espanha, se havia extinguido, tornou a resucitar; mas sômente em sua vazia dignidade, com o preminente titulo de General, das galés de Portugal, que foi dado a Dom Jorge de Castro, Filho de Dom Martim Affonso de Castro, Visorrei que fora da India; por cuja morte, sucedida em Genova, na ultima guerra de aquella Republica, e Carlos Emanuel, Duque de Saboya, pellos annos de 1625. passou a D. Affonso de Lãcastre, filho do Duque de Aveyro, D. Alvaro: que tâbem, sem jámais meter seu cargo em exercicio, falleceo, não ha muyto, em Castella, cujas partes seguio nas presentes alterações; de maneira, q soube achar aquella Coroa, por conveniencias de seu serviço, dous Castelhanos, que parecião Portuguezes, e dous Portuguezes que parecião Castelhanos; donde se ocasionou a extinção da Armada de galés, tão antiga, nobre, e util, para a defensa de nossos portos, e meneyo das frotas que entrão, e saem nelles: a qual a juizo de muytos práticos: [N168] *Se tem por igualmente necessaria a Armada de Alto bordo*, que todavia se conserva: suposto que pello desprezo, que havemos visto fazer desta advertencia, nem os Principes, nem os Ministros devem cõsiderar este modo de defensa tam importante, como esses práticos o ponderão.

Segundo cremos, não se havia dado forma até aquelle tempo, acerca das preminencias, que para com nossas Armadas devião gozar as Castelhanas, ou nós, acerca dellas; nem tampouco, quaes serião as dos Portuguezes, para com as outras Nasçoens da Monarquia. Entrou então no governo do Reyno, pellos annos de 15. a 16. Dom Diogo da Sylva, Marques de Alemquer, filho do Principe Ruy Gomes da Sylva, Fidalgo Portuguez, que passou a Castella, em serviço da Infanta Dona Isabel, quando foy a ser mulher de Carlos Quinto, Emperador de Alemanha: e como o Marques Dom Diogo, fosse homem discreto, e sem duvida, amante da Nasção Portugueza (cujo natural não mudava, ainda q mudasse, a opinião de sua origem) tratou de acomodar entre as duas Coroas, a dignidade das armas, da de Portugal, e outras suas prerrogativas; as quaes desde os primeiros annos de nossa união, os Aragonezes, por ser seu Reyno, mais ántigo q o nosso (e em a Monarquia também mais antigo) encõtravão cõ papeis, demãdas, e officios; de q resultou a nossa Coroa, não pequeno prejuizo; agradavel aos Castelhanos, porq entẽdião, q em quãto litigavamos cõ os Estados inferiores [N169] em ordem á igualdade, não aspirariamos com elles á competencia. He de saber, que as bãdeiras navaes do Reyno de Castella, de grandes tempos a esta parte, só pintão em o Campo branco, hum Escudo coroadado, e nelle as armas de Castella, e Leão: sem mais adorno, tymbre, ou folhagẽ: e quãdo muyto, por introdução reprehensivel, se havia permitido acomodar nos dous angulos inferiores da Bandeira, duas breves tarjetas, com as armas dos Generaes supremos; o que aos outros se não consentia. A forma desta Bandeira, não querião os Ministros de Castella, se equivocasse com algũa outra da Monarquia; e como os Portuguezes, tambem de longo tempo, a trouxessem semelhante, só nos brazões diferente, se acordou no Conselho de Estado de Castella, que a Armada de Portugal usasse de sua antiga Bandeira; porẽ que se distinguisse visivelmente da Bandeira Castelhana. Então o Marques de Alẽquer, vendo q em seu governo, e por sua intervenção tivera efeito este negocio, aludindo â Sylva de seu apelido, fez lâçar pello cãpo branco de nossa Bãdeira, hũa silva verde, procedida do mesmo escudo (não sã misteriosa vãogloria) a qual silva ocupava tão espesamẽte todo o claro do pano, que quasi o fazia parecer de outra cor; com cuja prevenção os Ministros Castelhanos, se dêrão por satisfeitos, quanto algũs

Portuguezes por ofêdidos, vêdo assi enlaçar as altas insignias de seus Principes, com as dos Vassallos particulares. Tal he o costume dos nossos, que não [N170] me determino a dizer, se foi mayor este sentimêto, se a enveja, de ver tam sublimada aquella frondoza sylva, que a muitos servia de estímulo, algũas vezes desordenado.

Porêm sendo esta a Bandeira constituida quanto á forma, quanto às prehemencias, se resolve favoravelmente a nosso partido, se por ventura ouvesse tenção de observar o resolutivo. Ordenouse: *Que a Capitana de Portugal, abatesse sua bandeira por guinda mayna* (como chamão os maritimos, que he decer, e subir o Estendarte) *â Capitana de Castella*, q por diferença das outras Capitanas, gozava o nome de *Real de Espanha; o mesmo à sua Almiranta Real*, (que em tudo recebe iguais prehemencias) *e que as Capitanas dos outros Reynos da Monarquìa, usassem com a Capitana de Portugal, o mesmo comedimento, que ella com a Real de Espanha; e que nas salvas, forões, e ordens, houvesse semelhante correspondencia*: a qual nõs, pello discurso dos annos, melhor pagamos, que recebemos.

Era por este tempo, General da Armada de Portugal, Dom Afonso de Noronha; cujo nome he ainda tam lembrado, que me escusa de outro Elogio. E porque, segundo a nova ordem, havia de ser Dom Afonso o primeiro que lhe dêsse satisfação, achou elle, por mais conveniente a sua honra, eximirse do cargo de General perpétuo, q começava a exercer, que não ser o Ministro primeiro de aquelles abatimêtos; em q presumia abater, não só a opinião de sua [N171] pessoa, mas ainda parte da autoridade do Reyno; o qual, como bõ Portuguez, tanto desejava levantar. Deixou, finalmête, o posto, em que, de servêtia, lhe succedeo João Rodrigues Roxo, práctico marinheiro, e soldado valeroso; a quem grande copia de annos, e serviços, fez subir a lugar tam alto: porq não ha escada mais certa, para os grãdes cargos, que serviços continuados com paciencia: donde foy sentença, e opinião de hũ grande Ministro, de cuja boca, como sentença, e como conselho a ouvi muitas vezes: *Que aquelle que cõtra vontade dos Valídos, quisesse mãdar os exercitos de seu Rey, sofrendo, vivendo, e ferindo, o conseguiria infalivelmente.*

Dom Geronymo de Almeyda, Fidalgo de mais valor, q ventura, ocupou tambem annualmente este posto de General; atè q pouco depois, foi declarado nelle, cõ callidade de perpetuo, D. Antonio de Atayde; o qual, andãdo os tẽpos, não sã custosos intervallos, vimos Cõde de Crasto de Ayro, por mercè del Rey D. Felipe, e da Castanheira•, por sucessão; Embaxador extraordinario a Alemanha, sobre as ourrencias das bodas de Fernando (hoje Emperador III. deste nome, entam Rey de Ungria) e Infanta de Espanha D. Maria, q falleceo Emperatriz. Não parou aqui a sorte do Conde D. Antonio: passou a Governador de Portugal, donde depois deceo a Presidẽte da Mesa da Conciência. Assi joga cõ os Grãdes a fortuna; que já pella proporção de sua propria grãdeza, parece, emprega em seus golpes, as grandes [N172] forças, que para os abalar, são necessarias.

Porém, sucedendo que os èmulos, ou as desgraças (que são sombras inseparaveis dos homens, como a sombra o he do corpo) levãtassẽ ao General D. Antonio, certa calunia, pello omisso socorro, que dera (ou pello socorro q não dera) à nao, em que da India vinha, o anno de 1622. Dom Luis de Souza, por Capitão (o qual depois de tres dias, de valerosa peleja, se rendeo a desoito navios de Argel, que defronte da Ericeira, poucas legoas ao mar, a investirão, e em parte queimãrão) durante pois a causa de seu livramento, q pendéo no Juizo dos Cavalleiros, e Tribunal das Ordens (donde depois sahio absolvido, e com o titulo de Conde gratificado) foi feito provimẽto, de Governador da Armada, em a pessoa de D. Manoel de Menezes, de quem muyto diremos adiante.

Tal era o estado, e ordem de nossas forças marítimas, quando o anno de 1624. foi ocupada dos Olandezes, a Cidade da Bahia, a vinte e quatro de Mayo, por Jacobo Vilichenio, General de 26. naos grossas, que alojavão tres mil combatentes: excessiva força, por certo, para acabar mayor empreza, quanto mais contra hũa Cidade aberta, e defendida de oitenta soldados pagos, que não passava deste numero seu presidio: pello q antes, podemos cõtar, por vencedor o descuido de Portugal, que não o valor de Olanda; sendo que nesta parte, a nenhum inimigo sou devedor; porque conheço ser distante [N173] cousa, confessar o esforço dos èmulos, do que sua razão. Alguns quizerão defenderse, e o intentãrão; porèm os mais não quizerão, cõforme o Governador Diogo de

Mendoça desejava; o qual procurou sacrificar com elles as vidas na desesperada defesa de aquella Cidade.

Este tam violento accidête fes dar outra forma às cousas de nossa Armada; a qual de novo fornecida de gente, navios, e vitualhas, em cõpanhia da Real de Espanha, e seu General Dom Fadrique de Toledo (Heroe principal de aquelles tempos) levou em socorro da Bahia o General Dõ Manoel de Menezes, em tal conformidade, que esse foy o primeiro anuncio da vitoria: porq a prudência, e industriados Cabos, vêceo a cõpetência dos súbditos em todas suas discordias. Consequiose em quarenta dias aquelle triunfo, cõ nova reputação dos Portuguezes; q em dispendios, ousadia, e cõstancia, se fizerão segunda vez conhecidos, e louvados das nasções amigas, e inimigas. Porém a mesma felicidade q lhe concedeu, a fortuna das Armas, lhe não outorgou, o infortunio das ondas; cujo trabalho, e perigo sepultàra entre ellas, a muytos nobres: outros entregàra nas mãos dos èmulos, dos quaes pouco havia os fizera vencedores: tam varia he em suas prosperidades esta mulher monstruosa! Com duas rodas move o seu carro; porém sem comparação he mais velóz, e cruel aquella, que piza sobre o Mar, que essoutra, que trilha sobre a Terra.

[N174] He costume das Batalhas, que ninguem saya dellas, suposto que vencedor, com tam inteiras forças, que não necessite do longo descanso, para restaurallas: donde póde ser que olhasse, quando disse Santo Agostinho: *Fora mais danosa a Roma, a vitoria de Cartago, que sua propria resistencia; porque a vitoria, trouxe o ocio, e a contenda, o vigor; por cuja causa ja ensinárão os Sábios: Que duas mãys de diverso parecer, engendrão filhas, tambem diversas; mas trocadas reciprocamente: porque a guerra, sendo fea, he mãy da paz fermosa; e a Paz bellissima, he mãy da torpe ociosidade*: razão porque os Gregos proferirão aquelle célebre Proverbio: *Da guerra, a paz, da paz, a abundancia, da abundancia, o ocio, do ocio, a malicia, da malicia, a guerra*: como vemos, que em continuo movimento pellas Republicas sucede. Competente era logo o descanso a nossas Armas; depois de tantos trabalhos padecidos, se por mão do excesso se não estragasse: porem parece, pella mesma razão, que os homens forão nascidos, para trabalhos (cuja herança lhes pertence do mais antigo avoengo) se escusão, a sua natural occupação, amando tam sobejamente o

repouso, que não querem parar nelle, até o não tornárem de licito, vicioso, e de louvavel, reprehensivel.

Desta maneira podemos afirmar, sucedeu às Armas Portuguezas, que cançadas da viagem, guerra, e volta, da restauração da Bahia, forão entregues a tamanho descuydo, como se ja entre nós, não pudesse haver ocasião de tornar a ellas, contra a observação [N175] do certissimo costume das Monarquias; que ellas (segundo o corpo humano) quanto mayores seião, estão mais sugeitas à variedade, e corrupção de humores péssimos, de que adoecem, e morrem, como nas passadas se tem visto; e no corpo da Monarquia de Espanha, se experimentou custosamente; donde sêdo nossa Coroa hum principal membro, ficou tanto como os mais, exposto ao cõtagio das enfermidades do tempo.

Então ordenou el Rey Dom Felipe: *Que pois a ausencia de suas Armadas, deixára sem abrigo as Costas de Portugal, e Castella, havendo nova occasião de temer invasões, assistisse no Porto de Lisboa o General Thomas de la Respur.* Este em propriedade governava os galeões da Prata, soldado antigo, e prático nas cousas da navegação, em que muito tem florecido a gente Biscainha. Juntou por esta ordem Thomas de la Respur, alguns navios de varias esquadras, e veyo juntarse com Dom João de Mendoça, Marques de Inojosa, que por Capitão géal dos presidios Castelhanos, era de pouco tempo vindo ao Reyno, a fim de defender suas costas, dos assaltos, que não pouco se lhe temião; cujo receyo foy tam eficaz em aquelles Cabos Castelhanos, e Portuguezes, a quem estava encomendada nossa defesa, que os obrigou a lançarem as primeiras trincheiras a Lisboa; desiguaes, e fracas para qualquer acontecimento: *Havendo assi quebrantado (como alguns dezião) a grande opinião de aquella famosa Cidade, que em sua imensa grandeza [N176] tinha até aquelle tempo assentado o credito de sua melhor guarda: não certo em a diligencia dos reparos comuns.* Dizem: *Que aquella fortificação, (e outras que depois infelizmente, para se não proseguir, se começárão) sô ficou servindo, de confessar às gentes de Europa, era Lisboa capaz dos mesmos temores, e perigos que as mais Cidades do Mundo.* Alguns não julgando essa acção a impiricia, mas a conveniencia, entendião: *Que o Marques Dom João buscava meyo para se perpetuár; no officio, e assistencia de Portugal, com pensamento, ou desejo de governalo,*

*facilitandolhe o perigo, que esforçava as dificuldades que para conseguillo reconhecia.*

Por conta das prevençoens, se havião neste tempo fabricado em Lisboa dous navios, de mayor grandeza, que perfeição; seus nomes Sam Felipe, e Santiago; cujas capitaniãs nomeou o Marques, com poder especial, em Acenso de Siqueira de Vascôcellos, e João de Sousa Falcão; nos quaes não faltãdo outros mèritos, foy por então o mayor acomodarêse ambos, a receber da mão do Ministro Castelhana os pòstos, de q outros Fidalgos Portuguezes, fizerão hõrado, mas impertinête escrupulo. Ambos estes Capitães, em seus navios, guarnecidos, de pouca, e bizonha gente, se agregárão á Armada do Respur, cujo Capitão General o mesmo Marques se nomeava; entêdendo: *a poderia conservar separada do mais exercito naval, que governava Dom Fadrique*; não sem pensamento, de que a troco desta vaidade, a sustentasse nossa Coroa; pois (segundo os Ministros [N177] de Castella affirmavão) *Sò a beneficio nosso, se havia congregado aquelle poder no Mar, com grandes expensas da Monarquia*; porém depressa, trouxe o sucesso o desengano, sendo brevemente divertido esse poder, para o serviço de outros Reynos.

Avizinhavase o tempo de sair, a esperar nossas frotas de Oriente, e Occidente; que de ordinario, pellos fins de Setembro, vem demandar a altùra de Lisboa; mas parecia aos Ministros impossivel, dispor na mõção presête Armada, capaz destes efeitos.

Governava aquelle anno de 1626. ao Reyno, por si sòmête, sê outro acõpanhado, o Cõde D. Diogo da Sylva (que o fora de Portalegre) ausente entam em Castella, o Conde do Basto D. Diogo de Castro, outro de nossos Governadores: que á imitação dos Consules de Roma, despois dos Reys, e antes dos Emperadores, tinhão no governo sucedido; e suposto que o Cõde D. Diogo da Sylva, era Ministro de grãde cuydado, suãve modo, e alta discrição (de quem ja dissémos muyto em a primeira de nossas Relações) elle proprio cõfessava sua confusão, procedida do pouco aparelho, que entam havia para conseguir o necessario.

Constava toda a força, e numero de navios Reays, que se achavão em Lisboa, de poucos, e desbaratados vasos; entre elles o melhor, a Capitana, q viera

da Bahia. A não Chagas, q o anno antecedente havia chegado da India. O galeão Sam João, que tinha feito a mesma viagem. O galeão Santo [N178] Antonio, que por se julgar defeituoso, a não fizera. Assi o mostrou despois, o anno seguinte, em o socorro da Rochella, servindo de familiar escolho, a toda a frota que acompanhava de Espanha, e Frãça; donde muytos virão tam perto, o naufragio, quanto virão a este navio perto de si mesmos; porque em fortaleza, e imutabilidade, pouco se diferenciava de qualquer penhasco perigozo, dos que em seus golfos, e costas, o Mar conhece. O galeão S. Joseph, que viera do Brazil destróçado. Os dous novos galeões S. Felipe, e S. Tiago, que atras nomeamos; e a Urca Santa Isabel, que sendo das menores, e menos bem reputada não, que aos Olandezes forão tomadas na Bahia, houve por isso de caber em satisfação do despojo, tocante a nossa Coroa. Destes oito vazos, era força se formasse a Armada, de aquelle anno; mas quando nelles se achasse, o numero sufficiente, tambem em o da Artilheria, se cõsiderava grande falta; porque na defesa, e guarda da Bahia, ficàra de nossa Coroa a mayor parte, e outra se havia perdido cõ os navios que naufragárão de ida, e volta. De gente não havia menor impossibilidade, pella propria razão, da que ficàra, e se perdéra; porèm de todos, seria mais facil o remedio deste defeito, pella certeza que hà de não faltarem soldados, onde se acham Portuguezes.

O modo da Milicia, que hoje se usa em Europa, não he antigo, suposto que não de todo diverso da constituição dos primeiros exercitos; e porque [N179] pòde ser materia agradável, direi della brevemente. Nossos passados, que punhão a mayor felicidade das batalhas, em o valor, e cõstancia com que as litigavão com seus inimigos; não sabemos que na guerra se governassem por regras scientificas, como os Romanos, e ainda os Gregos; segundo lemos em os escritos de Vegecio, e Onossandro Platonico, que dos preceitos militares de hũa, e outra nação, forão excellentes recopiladores. Entendo que a causa desta nossa antiga omissão (se já não foy demasiada ousadia, inimiga de ordem, e suas vagarozas observações) seria por ventura, porque guerreando nós tantos centenarios de annos, com nações diversas, que nos vierão a invadir a pátria, não acertamos o colligir de todos, hum modo certo de guerra, por serem varios aqlles de quẽ eramos oprimidos; nẽ nos atrevemos a receber a disciplina militar da hũa sò

gente, porque logo se experimentava inutil para com a outra. Com tudo, pello que se escreve nas Historias, e com bom juizo se pode entender dellas, eu creio que da Milicia dos Mouros (contra quem outro seculos campearão as armas de Espanha) recebemos a mayor parte dos institutos militares; tanto por ser esta a ultima nação com que batalhamos, quãto por se julgar por mais bellicosa que as antigas; como se viu no efeito: pois em brevisimo tempo meteu debaixo de seu jugo, o pescoço, nunca de antes bem domado, de huns, e outros. Esta doutrina, sobre barbara, proveitosa, se estendeu mais [N180] especialmẽte o uso da Cavalaria, em que os Africanos mostram mayor destreza; e a nós passou cõ seus termos, armas, e nomes, inteiramente. De aqui veyo, que antes que Carlos Quinto, Rey de Castella, passasse alguns Castelhanos a Alemanha, e de aquellas Provincias trouxesse às nossas, alguns estrangeiros; em todas as guerras de Castella, Navarra, Aragão, e Portugal, se não conhecia o modo militar presente, que pellos moradores dõ Norte, começou: bem que muitos annos depois, não subio â perfeição scientifica, em que hoje a vemos.

A esta causa sendo a Infantaria, a principal potencia dos exercitos, della se não servião os Cabos, em aquella ordem que convem; antes repartida a gente em partes desiguaes, a q ora chamãrão Hostes, ora Bandeiras, quasi temtuosamente pelejavão, sem receber da arte algum beneficio; com a qual vemos, que poucos bem ordenados, não só se defendem, mas supêrão, a muytos mal conduzidos. Esta notavel confusão durou entre nós, quasi, até os tempos del Rey Dom Afonso o Quinto, que com mais luz, e juizo, dispos hum particular regimento de sua Milicia; que andando tempo, melhorou el Rey Dom Manoel; e o levou antes â perfeição, que ao exercicio, el Rey Dom Sebastiam: mas hum, e outro, ainda semeados de abusos, se os houvessemos de comparar, com a ultima prática da nova guerra.

Deceu, finalmẽte, de Alemanha e Italia, aquelle [N181] louvavel costume, de repartir em determinadas porçoens, toda a Infantaria do exercito. A estas partes chamãrão os Romanos: *Legiões*, mas constavão de numero muyto crecido; porque a Legião antiga comprehendia, seis mil soldados; e os *Regimentos* Alemãos (que assi nomeão elles suas Legiões, a que nós chamamos *Terços*, ou, *Coronèlias* ) não passãrão nunca de tres mil Infantes, como oje os Terços

Espanhoes excedem poucas vezes de mil; por ventura, de esse numero chamados: *Terços*, por ser a terceira parte de hum Regimento Alemão. Depois alguns reformadores da Milicia, cõ animo de escusar soldos, mais em lisonja da fazêda dos Principes, q em ordẽ à utilidade militar; instituirão em nossos tempos os Terços de dous mil e quinhentos Infantes, repartidos em dez companhias, com duzêtos e cincoenta soldados cada hũa; cuja prática cedo se julgou impraticavel, nascendo (como he uso) de hum mesmo parto, a ley, e a trãsgressão.

Forão os Portuguezes os ultimos, q abraçarão as regras desta Milicia, q ainda hoje, cõ gravissimo dano da guerra do Oriête, se não pòde introduzir. Era a razão, porque nas guerras particulares de nossa gête, que se reduzião a conquistas da India, e praças de Africa, não parecia de grande conveniencia, mudar a fórma primeira, com a qual ellas se ganhãrão, e forão conservadas. O mesmo se pudèra entender na India, em quanto não foy invadida das nasçoens [N182] Setêtrionaes, que com sua entrada, praticãrão logo todos as ordens, e riguroza disciplina de Europa; a cuja defensa, quasi inutilmente, se opoem nosso valor, regulado pellos antigos preceitos, e esses mal observados; os quaes com facilidade (como vemos) contrasta a Milicia moderna, desprezando a vaidade, com que naquella parte, persiste na desordem da guerra antiga, nossa nasção.

Porém, depois de unidos os Portuguezes, e os Castelhanos, não he razão, negarlhes a gloria, de os havermos tido por Mestres, da nova sciência militar; em que nos pagãrão outros bons usos, que de nòs aprendêrão: se levantãrão em Portugal alguns Terços regulares, de Infantaria Portugueza, suposto que volantes, e não de firme pè de exercito; dos quaes, naquelles primeiros annos, forão Mestres de Campo, Gaspar de Sousa (depois Governador do Brazil, e do Conselho de Estado do Reyno) e Dom Jorge Mascarenhas, que em ambos os lugares igualou ao primeyro; e em outros muytos postos, e titulos lhe excedeo. Este he aquelle Dom Jorge, que foy varão, entre os nossos, assáz notavel (e ainda entre os do Mundo) pella desigualdade de fortunas q passou, até ser dellas rendido: ocasionandolhe a morte, dentro de duvidas, muralhas, e cadeas; sobre largos annos de vida, e serviços. Têpos depois destes Mestres de Campo, alcançou Dom João de Menezes (que disserão de Penamacor) o mesmo cargo; levantando no Reyno hum Terço de Portuguezes, [N183] para passar a servir nos

Estados de Frandes, onde brevemente falleceo. E porque a nossa nasção trasplantada em alheas terras, dizem os estrangeiros, lhe succede o que aos pomos da Persia (ditos por ella Pèrsicos) q notavelmête se melhorão em sabor, e virtude; lembrado o Archiduque Alberto, do valor dos Portuguezes, que por cinco annos governâra, pedio a el Rey Dom Felipe III. seu cunhado: *Se conservasse sempre nos Paizes baixos, hum Terço de nossa gente; não menos pella utilidade de Portugal, que pella dos Paizes: porque para este Reyno, seria escolla de Capitães; e para aquelles Estados, seminario de valentes.* Entam foy promovido a este lugar, Diogo Luis de Oliveira, do Conselho de Guerra de Espanha, pessoa de grandes méritos, ja entam, pellas callidades do sangue, e experiencia, que nelle concorrião; ás quaes, acrescentando seis annos de Mestre de Campo em Frandes, foy transferido ao governo do Brazil, que exercitou tres trienios; donde passou a Mestre de Campo General, da guerra de Espanha, cõtra França, pellos annos de 1637. e foy o primeiro que em Castella, com tal titulo, capitaneou exercitos dentro da patria: na discordia obstinada, que todavia cõtinúa, entre os Reys, Catholico, e Christianissimo.

Despois pretendeo Dom Francisco de Mello (hũ dos mayores Ministros da Monarquia) acomodar na sucessão daquelle Terço de Frandes, a Dom Alvaro de Mello, seu irmão, de quem havemos fallado [N184] em a Relação primeira, mas os accidentes da nova guerra de Pernãbuco, não evitãdo o efeito do posto, brevemête cõseguido, lhe divertio pello menos, o do lugar; applicãdose ao Estado do Brazil, aquelle Terço levãtado para Frandes. Porèm despois, se não serena, aliviada a Republica, por este, ou por outros fins (como cuidãrão algũs Estadistas) foi por diãte a prática, e execução dos Terços, para aquelle serviço consignados; dos quaes a mi me coube boa parte, sendo ocupado, em aquelle q se pretêdia conservar nos Paizes baixos, adõde passei, esperando alcançar a imitação dos nobres exemplos, que alli me havião deixado tão grãdes antecessores; mas as mudãças de Reynos, e Monarquias, mayores intentos costumão mudar: porque os negocios grandes, nunca pãrão em pequenas consequencias.

Entendese por este largo, mas não inutil discurso, como em nossas emprezas, não tinhamos usado, antes deste tempo, a cõdução dos Terços

militares; servindose todos aquelles annos as Armadas do Reyno, de gente collecticia; junta sómête para hũa, ou outra ocasião; a qual, cessando se espalhava; de maneira, que já mais podíamos conservar, nem Capitães, nem soldados velhos. Este inconveniente procurou se atalhasse, e atalhou, Dom Antonio de Atayde, sendo provido de General perpêtuo, da Armada Portugueza (como temos dito) porque logo que se lhe conferio o cargo de ella, alcançou ordem del Rey, para que em Portugal se levantasse, e [N185] fosse fixo na Armada hum Terço de Infantaria natural; cujo primeiro Mestre de Campo, foi o Almirante (tambem perpetuo) Dom Francisco de Almeyda, pessoa de grande suficiencia, para mayores occupaens, como já tivera. passando á India; e depois quando lhe encarregãõ os governos de Mazagão, e de Ceita, donde por condição dos têpos, foi o ultimo dos Portuguezes q governou: mas não será o ultimo dos Portuguezes que a governem.

Durou este Terço sò, e em boa disciplina, até que com a perda da Bahia, se entendeo era necessario fazer mayor esforço de gente, para sua restauração; pello que resoluto o governo do Reyno, sobre reclutar o antigo, mandou levantar novo Terço, com nome de: *Terço do socorro* (porq ao velho chamavão: *da Armada*) e *cõ animo de que acabada a empreza do Brazil, se reformasse*: porque os Ministros Castelhanos, com algũa estudada dissimulação, fomentavão nosso descuydo; não lhe sendo intrinsicamente desagradavel, ver desarmados os Portuguezes; já como preságos do sucesso de nossa liberdade, que insensivelmente lhes pruiã nos coraçãoes: de que eu posso dar grandes provas, pello muyto tempo de minha vida, que gastei na prática de aquelles Ministros, em guerra, e paz.

Foi encarregado este segundo Terço, a Antonio Monis Barreto, fidalgo mancebo; porém já então de grandes serviços, e conhecido valor; cuja especiosa presença, outra sorte lhe prometia, sendo elle [N186] hum dos homens de melhor arte, e figura, que houve em seu tempo, em toda Espanha; cuja gentil disposição lhe trouxe, como succede, ocasiões de hõra, e de perigo. Pudera dizer delle mais, se nelle me fora menos; será com tudo, força nomeallo, e julgallo nesta Relação muytas vezes, como a estranho; porque quem he amigo de Platão, ainda he mais amigo da verdade.

A propria causa (como apontamos) e outras mayores, que havia desbaratado os navios de nossa Armada, consumira tambem a melhor parte da gente de ambos os Terços, velho, e novo, depois da jornada da Bahia. As poucas, e faltas Companhias, que forão chegando, se alojãrão em Cascaes, onde com outra gente miliciana, recolhida para defenza da Praça, assistirão aquelle verão de 1626. sem proprio Cabo que governasse a Infantaria; porque o General Dom Manoel de Menezes, e o Mestre de Campo Almirante, Dom Francisco de Almeida, havião passado à Corte de Castella, em seguimento de suas pretençoens; e o Mestre de Campo Antonio Monís, se achava reformado por premio da viagem; entendendose, que para descanso da Fazenda real, convinha alivialla de superfluos gastos. Se os Ministros sempre alcançassem a verdadeira distinção do superfluo, ou necessario, grande serviço farião aos Principes, escusandolhe as custosas demasias, que consomem os patrimonios Reaes; mostra, todavia, o sucesso, [N187] que muytas vezes se escusa o preciso, e se prosegue com o desnecessario, de que procedem novas desordens; e por hum que se poupa com violência, se desperdição cento liberalmente. Confesso que não sou dos mais amantes da parcimónia, mas conheço, que hum dos laços, em que mais vezes tem caído a improvidencia dos Principes, he esta dourada proposição de seu alivio, e desempenho; que de ordinario lhes ocasiona, miseraveis perdas, e incomódos.

Este (que referimos) era o estado das armas, que se empregavão em guarda da Costa do Reyno. O qual bem considerado pello Conde Dom Diogo da Sylva, fazia instancia por consultas, e lembranças ao nosso Conselho de Castella, que assistia junto a el Rey: (fonte das disposiçoens de todos os negocios) *Para que á nova Armada que se hia preparando, de seis navios, se declarassem os Cabos, e Capitães, que havião de governalla.* Quando depois do tempo muyto entrado, recebeo em Madrid ordens Dom Manoel de Menezes: *Para que viesse servir seu Posto, agora em a propriedade confirmado; como a Antonio Monis o de Almirante perpetuo, e Mestre de Campo da Infantaria, do modo que Dom Francisco de Almeida (promovido ao governo de Mazagão) o exercitava. Que os quatro navios restantes, se repartissem. O primeiro a Dom Antonio de Menezes, filho herdeiro de Dom Carlos de Noronha. O segundo a Gonçalo de Sousa, filho*

*herdeiro de Fernão de Sousa, Governador de Angolla, e Veador que [N188] fora da Casa de Bragança. O terceiro a Manoel Dias de Andrade, fidalgo da Ilha da Madeira, antigo Capitão de Mar, e Guerra; e o quarto a Cristovão Cabral, Cavalleiro de São João, filho de Antonio Cabral, Chanceler da Corte, e Rellação de Lisboa; o qual Christovão Cabral, era Capitão do Terço novo; e que Domingos Gil da Fonseca, natural de Viana, Capitão do mesmo Terço, se embarcasse com sua Companhia, que constava de boa gente, de guarnição na Capitana Real.*

Repartidos os navios nesta forma, tocava a Dom Antonio o Galeão São Joseph. A Gonçalo de Sousa, Santiago. A Manoel Dias de Andrade, São Felipe; e a Christovão Cabral, Santa Isabel. O General ocupou sua Capitana; ao Almirante vinha assinado, por navio de mayor porte, o galeão S. João de mil toneladas; o qual por sua ruim fabrica, e mareação, era o mais inhabil do exercicio, para que fora eleito, em Madrid, dos Ministros de nosso Conselho, como depois se viò em sua lastimosa tragedia.

Estes, e mayores desconcertos, procedem de que as materias se desviem das pessoas, experimentadas; porque se bem o juizo dos homens seja capaz de todo o humano conhecimento, tem este regra sua limitação, nos actos práticos; cuja comprehensão pende da sciencia experimental, jâmais sem ella dispensado, a algum grande talento. E como a sutil especulação, poucas vezes se humilha aos rudimentos das cousas, todos os [N189] discursos fundados sómente na teórica dos Ministros, ou Estadistas, resvalão depois de praticados, a grandes inconvenientes. Vemos que não obstante tantos desenganos, os Principes se acomodão a menear suas expediencias, e negocios, antes por mão dos especulativos, que dos práticos, não fazendo algum caso dos exemplos, que lho contradizem. He pois, questão profunda dos politicos, qual seja a causa deste comum desacerto? Eu creio ser a semelhança, ou afinidade, que ha entre os Principes, e os Especulativos; o qual se não acha entre os Principes, e os Práticos; porque jâmais hum Rey, pòde saber perfeitamente as materias infimas, nem ainda as mediocres, as quaes só conhece confusamente, por beneficio de algũa leve contemplação; o que lhe não sucede em os negocios de alta

importancia, que os Monarcas costumão professar, como doutrina propria de sua dignidade.

Estando já pròxima a saída da Armada, a cujo apresto, notavelmente adiantou a declaração dos Cabos della, entrou no governo do Reyno, por terceiro Governador. D. Afonso Furtado de Mendoça, que fora Arcebispo Primâs de Braga, e vinha promovido ao Arcebispado de Lisboa. Era D. Afonso, Varão de grande peito, onde mal podia cubrir cõ o roxete pacífico, o ardor do animo belicoso, que mostrava em todas as materias militares. Tomou o juramento de seu cargo, Domingo dez de Setêbro, [N190] de aquelle anno, e no seguinte dia, recebeo a presidencia da semana, na Mesa do despacho ordinario, que alternativamête entre si destribuição os Governadores: preferindose aos mais, em voz, mando, assento, e firma aquelle que presidia. Desta jurisdição ocasionado, ou compelido de seu natural, procurou o Arcebispo Governador, expedir a Armada, dentro de sua semana; mas não sendo possivel pella contingencia das cousas marítimas, se contentou com visitalla algũas vezes, deixandoa tão disposta a fazer viagem, que só o vento para sair, e navegar lhe faltava.

Agora parece, que neste lugar devo fazer menção das pessoas de callidade, e pòstos, q por aquelles navios se embarcãrão; não achando outra mais conveniente parte, para referilas, nem sendo razão, esquecer dos companheiros nos trabalhos, entre os quaes, os homens contraem mayor afeição; porque como da fortuna triste, sempre fuja a ambição, e se desvie a enveja, vemos que nessa fortuna se amão os homens cordealmente: porque obrão então como devem, as obrigaçoens da natureza. Quanto mais, que se por tirar seus nomes do esquecimento, nos puzemos a este trabalho, particular obrigação nos corre, de os fazer manifestos.

Erão os Aventureiros, que se embarcãrão, com o General Dom Manoel de Menezes (darei primeiro os mortos) Ruy Gomes da Sylva, filho de João Gomes da Sylva. Christovão de Mendoça, filho de [N191] João de Mendoça que disserão Cassão. Nuno de Mello, filho de Antonio de Mello, o de Bucelas. Manoel de Sousa Coutinho, filho de Christovão de Sousa Coutinho, senhor de Bayão, que faleceo despois, sêdo o ultimo governador da Maláca. Antonio de Figueiredo de Vasconcelos, e Luis Gomes de Figueiredo, seu irmão, filhos de

Jorge de Figueiredo de Alarcão, e ambos, com outros dous irmãos seus, morrerão na guerra viva, em varios tempos, em serviço deste Reyno. Dom João da Sylva, filho de Dom Fernando da Sylva, de Campo Mayor. João de Sousa Falcão, filho de Christovão Falcão de Sousa, General que foi da Armada de Portugal. Egas Coelho, filho de Egas Coelho, senhor da Ilha de Mayo. Luis Barreto Sernige, filho de Manoel Barreto. Luis Borges de Castro, filho de Simão Borges. Ayres Ferreira de Miranda, filho de Antonio de Miranda. Manoel da Camara, filho de Domingos da Camara, General que foi da China. Dom Francisco de Sousa, filho de Dom Francisco de Sousa, que foi Capitão de Ormuz. Dom Antonio de Lima, filho de D. João de Lima. João Freire de Andrade, filho de Reymão Pereira, senhor de Baleizão. O Capitão Domingos Gil da Fonseca. O Capitão Lourenço Mousinho. O Capitão Inacio de Mendoça de Vasconcellos. E dos vivos: Luis Martins de Sousa, que oje governa Angolla. Ruy Dias Pereira, irmão de João Freire (de quem já dissemos). Lourenço Cirne da Sylva, filho de João de Cirne, senhor da Agrela. [N192] Gonçalo da Costa Coutinho, filho do Doutor Pero da Costa. Cosmo do Couto Barbosa, q varias vezes foi despois, Almirante da Armada deste Reyno. D. Francisco Manuel, que para ser mais conhecido, lhe assinamos por sinaes, seus imfortunios.

Em companhia do Almirante Antonio Monis, se embarcou hum filho seu natural; por nome Luis Barreto. Martim Afonso de Tavora, filho do Reposteiro mòr Ruy Lourêço de Tavora. Dom Diogo de Carcome, filho herdeiro de D. João de Carcome. Francisco de Moura, filho de Alexandre de Moura, que governou Pernambuco. Alexãdre de Moura de Albuquerque, filho deste Frãcisco de Moura. D. Manoel Lobo, filho de D. Francisco Lobo. Duarte Dias de Menezes, filho de Damião Dias de Menezes. Gaspar de Sousa da Cunha, filho de João de Sousa. O Sargento mòr Sebastião Galhardo.

Com Dom Antonio de Menezes: Nuno da Cunha, filho herdeiro de João Nunes da Cunha, senhor dos Mógados de Sam Vicente da Beyra; e pay de João Nunes da Cunha (a quẽ não he justo apartarmos destas memorias, como nunca o apartamos da lēbrãça). Pero Lopes Lobo, filho de Luis Lopes Lobo. Simão Mascarenhas, do habito de S. João, filho de Pero Mascarenhas, Comêdador de Alcaçar. Antonio Gonçalves da Camara, filho de João Fogaça Déça, Governador

que foi da Ilha da Madeira. Antonio de Sampayo, filho de Manoel de Sampayo, senhor de Villa-flor. D. Lourenço de Almada, filho [N193] mais velho de D. Antão de Almada, Embaxador de Inglaterra. D. Manoel Coutinho, filho herdeiro de D. Luis Coutinho, gẽtil-homem que foi, da Camara do Principe Filiberto de Saboya. D. João de Viveros, filho de D. Francisco de Viveros. Fadrique Alvarez de Toledo, filho de Pedralvares d' Abreu, senhor da Bezelga. E D. Francisco de Menezes, filho herdeiro de D. Bernardino de Menezes, pessoa nestes tempos assaz conhecida em Castella, e Portugal por sua alcunha, partes, e progressos.

A Gonçalo de Sousa, acompanhavão, D. Duarte Lobo, filho de D. Rodrigo Lobo, que foi General da Armada Portugueza. Fernando da Silveira, filho de D. Luis Lobo da Silveira, senhor de Sarzedas, q foi em propriedade, Almirante da mesma Armada, e do Conselho de Guerra.

A Manoel Dias de Andrade: Dom Antonio Lobo, filho de D. Pero Lobo de Elvas, seu cunhado Antonio Correa de Çuniga de Setuval. Antonio de Freitas da Sylva, que depois foi Tenente de Mestre de Campo General do Brazil. Fêlis Ferreira, pessoa de conhecido valor, e industria, Alvaro da Costa da Sylva, de iguaes procedimẽtos; e outros muytos nobres da Ilha da Madeira, que por não serem naturaes nossos, não estamos em seus nomes tão presentes, como desejavamos; por contribuir não só â verdade, mas â obrigação, em que aquella famosa, e ilustre Ilha, com beneficios, e aplausos, nos tem posto.

[N194] A Christovão Cabral, seguio a mais luzida, e prática gente, que então se achava em Lisboa; entre os mais, Diogo Gomes de Figueiredo, agora Mestre de Câpo, e q o foi no uso das armas, em que he excellente, do serenissimo Principe de Portugal, Dom Theodosio, que Deos haja. Paulo de Parada, que em quanto servio entre nòs, procedeo sempre cõ grande opinião de bom soldado; e com a mesma, foi no exercito de Catalunha, Mestre de Campo dos Veteranos Portuguezes: e depois que là se esqueceo da Patria, mas não das obrigaçoens, subio por seu comprimento, a eminentes lugares da Milicia, naquella Coroa. Francisco de Freitas, filho do Sargento mór Manoel de Freitas, soldado de exquisito valor, destreza, e boas partes, cultivadas das letras, que lhe comunicàra seu tio, o douto Padre Fr. Serafim de Freitas, da Ordem da Mercè: Varão entre os nossos, tão sábio, que lhe foi cometida a impugnação, e resposta,

ao livro que Hugo Golsio, Olandes, sábio herege, escreveo da liberdade do Mar, contra o poder das Chaves de S. Pedro; e justificação dos titulos Reaes, que a nossos Reys pertencem, por investidura Pontificia; em cuja defesa, Frey Serafim escreveo o seu, e nosso livro, de Justo Imperio Lusitano.

Estas forão, por mayor, as pessoas de mais conta, que na Armada de aquelle anno se embarcãrão, em foro de Aventureiros; sem referir muytos outros Capitães, e Oficiaes reformados, por ser numero [N195] proluxo, e mais competête aos livros da Emmenta, que aos das historias. Com tudo, poderia ser, que alguns sugeitos, não menos notaveis, que os referidos, esquecessem: porq a memoria he potêcia fragil; porê bastará q a malicia, não tenha algũa parte em sua ofensa, quando da pena se dem por agravados.

Depois de haver tres vezes, em vão, intentado sair a Armada (cujo repetido impedimêto, se declarou apresagio) ultimamente se fez á vèla, quarta feira pella menham, vinte e quatro de Setembro, seguindo em tudo a forma de seu Regimento; pello qual se lhe ordenava: *Que procurando conservarse na altura de 38. graos, e dous terços, cincoenta legoas apartada da Costa, bordejasse até 20. de Outubro; porque não se encõtrando as Naos da India, até aquelle tempo, o governo de Portugal, teria cuydado de acodir com novas ordens, segundo os accidentes, mostrassem ser necessàrias.*

Posta a Armada, na altura de seu Regimento, se proseguirão com bom tempo as voltas, em que se havia de sustentar; até que fazendo terça feira, trinta de Setembro, o caminho de Les-sueste, por todo o quarto da Alva, ou Modorra (como lhe chamão os rudos, que he entre nós a terceira vigia da noite) se descobrirão ao romper da menham, pella volta do Loes-noroeste, desaseis embarcações, q navegando em boa ordem, dirigião suas proas a nossa Armada; de que avisado o General Dom Manoel de Menezes (primeiro por sua propria vîgilancia, que pellas rondas, e officiaes do navio) mandou se puzesse em [N196] ordem de guerra; o que se fez com tal presteza, que assi por esta ordẽ, como pellas forças de aquella grãde Capitana (que foi a melhor nao, q em seus tempos navegou no Mundo) ella só, parece que prometia a vitoria de mayores emprezas: tam soberba, e sofrega se mostrava da batalha. Antonio Monis, quanto a inhabilidade de sua Almiranta, lhe deu lugar, reduzio os mais navios a forma de

peleja. Porém declarandose o dia, já de todo, forão reciprocamente conhecidos ambos os Estendartes de Portugal, e Castella.

Era esta esquadra hũa principal parte, a que se reduzira em Cadis, aquella Armada feita em Lisboa, em q antes fallamos, que do governo do General Respur, havia passado ao do General Francisco de Ribeira: este fora aquelle vëturoso Capitão, que no Archipelago, cõ poucos navios, q governava no Visorreynado de Napoles do Duque de Ossuna, Dom Pedro Girão (cujos feitos, e ditos, tanto celebrou nosso amigo Dom Francisco de Quevedo) desbaratára setêta e duas galés da Armada do Turco. Almiranteava ao General Ribeira, Dom Nicolas Judice Fiesco, Gentil-homem de Genova, e proprio governador de hũa esquadra de navios, fabricados naquella Republica; cujo segundo Cabo era Dom Paris Judice, irmão do Governador Dom Nicolas. Tambem por estes navios se tripulãrão (assi chamão os soldados á destribuição, que se faz delles) algũas bandeiras da Infantaria Portugueza, [N197] que o Marques da Inojosa (como já dissemos) a expensas da Coroa Castelhana, levantára no Reyno o anno antecedente. Tres hião a cargo de Capitães naturaes nossos. Dom Diogo de Cisneiros, nascido em *Portugal*•, ainda que de sangue castelhano. Dom João de Ribeira das mesmas callidades; filho de Martim de Ribeira, Sargento mòr do Castello de Lisboa; e Dom Pedro Mascarenhas, filho de Dom Jorge Mascarenhas; depois Conde de Castello-novo, e nestes tempos, Marques de Montalvão. O qual Dom Pedro entre muytos filhos de seu pay, que todos forão de conhecidos méritos, guardou a Sorte para instrumento da ruína de sua casa, pella propria inconsiderada acção, com que entendeo engrandecela. Assi errão por ambição nossos juizos!

Avistandose nesta forma, ambas as Armadas, houve lugar a primeira vez (e creyo que a unica) de se exercitar com a Capitana de Portugal, aquellas cortezias, e preheminencias, que pellos novos acordos (já referidos) lhe estavam determinadas; mas suposto que o General Castelhana duvidasse alguns pontos do assentado; fiandose da interpretação das ordens, que he a origem dos mayores desserviços, q se fazem aos Reys, houve de acomodarse, sem instancia, a seguir de dia a Bandeira, e de noute o Forol da Capitana Portugueza: suposto q no

abatimento do Estendarte, sempre se conservou resistente, recolhendo, e soltando, como he uso.

[N198] As salvas forão como de menor, a mayor Cabo. Começou o General Ribeira, desparando de sotavento sete pessos, a quem Dom Manoel respõdeo com cinco, e com duas boas viagens (costume urbano dos navegantes) ás tres, cõ q o salvou o Ribeira. Aos Governadores, e Almirâtes, respondia com hũa só peça, salvando com cinco, e outra boa viagem, e toque despois de Clarim; com o qual, sem peça, nem boa viagem, satisfazia a todos os mais navios, que com tres pessos, e tres boas viagens, o saudavão.

Nossa Almiranta, por inteiro pagava as salvas dos Cabos Castelhanos, e aos mais com algũa ventagẽ da Capitana, correspondia: os outros navios se tratavão igualmente.

Seja disculpavel a dilação, que contra meu costume faço, na informação destas materias; porém, como pretença a pratica de cousa util, para ocasiões que cada dia sucedem, já que estas duvidas, poucas vezes se soltão pello preceito, senão pello costume, conveniente serà aos futuros, deixarlhes advertidos os exemplos passados: pois tambem o mais honesto fim da historia, não he sómente deleitar com a relação dos sucessos, mas fazer delles lição para os vindouros, donde se funda sua mayor utilidade.

Pello Sargento mór Guadalupe, fez logo o General Francisco de Ribeira, comedida mensagem a Dom Manoel de Menezes, onde referio: *Como havia alguns dias, que de Cádiz partira em sua demanda, por haver [N199] recebido ordens Reaes, que até 15. de Outubro, o acompanhasse, seguisse, e obedecesse naquelles mares, para ajudar cõ a Armada de seu cargo, ao recolhimento de nossas naos da India. Porém, que se até esse dia, ellas não apparecessem na Costa, elle General Ribeira, se voltasse a barlaventear sobre o Cabo de São Vicente, esperando alli os galiões da prata; nos quaes seu antecessor, Thomas de la Respur, havia de vir aquelle anno, do Mundo novo.*

Dom Manoel, reconhecendo a ordem, e mostrando estimalla, respondeo, estava pronto â sua observancia, pello que della lhe tocasse. O mesmo executou cada qual de aquelles Cabos, com toda a demonstração de externa benevolencia; porque por evitar emulações, e desconfianças, D. Manoel, prudêtemête desviou

os côgressos, e vistas de hũs, e outros, declarando tal uso por absurdo de ruim disciplina; sendo, como são, tão violentos os accidentes da navegação, que pella sobeja confiança, de alguns Cabos, tem sucedido no mar grandes inconvenientes: entre os quaes, foi exquisito o acontecimento de Dom Antonio Tello de Menezes, que sendo Capitão de hũa nao da India, por semelhãte descuydo, se partirão ellas, deixãdoo em terra: falta q elle despois valerosamente satisfêz; porque saindo sem efeito, em seguimento da Armada, em hũa ligeira caravella, tornou das Ilhas ao Reyno, e delle por terra partio, e chegou â India, vinte dias antes de sua volta a Portugal.

Os dias se passãrão sem encontro, nem novidade; [N200] e como os Cabos Castelhanos, quasi violentamente obedecião, julgandose oprimidos, sem algũa utilidade (como era certo a não havia, para sua occupação, naquella parte) apenas se havia cumprido, o termo que trazião por ordem, quando com iguaes ceremõias às primeiras se apartãrão. Proseguio a Armada Portugueza algum tẽmpo mais, por aquella paragem, aos bordos de mar e terra, em que se sustentava; porém, vendo Dom Manoel, que nem as nãos se descobrião, nem os Governadores avisavão, excedendo sua assistẽcia, aos dias que trouxera para continua-la; e considerando, igualmente, que o tempo reverdecia, e quão perigosas, sobre horrendas, são as primeiras tẽpestades do anno, na costa do Reyno; se resolveo em buscar terra, donde tomasse informação do sucesso das nãos, e frota.

A terra não era descuberta, quando se reconhecêrão algũas embarcações, que della vinhão, na volta do mar, buscando a Armada; a qual não a caso, mas como se fosse conduzida de grão providencia, navegava a encontrallas: porque o destino das cousas, sóe induzir os homens, aos mesmos fins, de que ha de ser executor nelles.

Com duplicadas vias avisavão a Dom Manoel os Governadores de Portugal: *Como por justas causas, havia el Rey despachado ordens, despois de saída a Armada, para que as nãos da India arribassem ao porto da Corunha em Galiza; mas que sendo logo melhor informado* (he de notar, quão vizinhas andão, na atẽção dos Principes, a [N201] verdade, e a mentira) *já por mar, e terra se lhe havião remetido varios avisos, para que proseguissem a Lisboa sua*

*viagem; o qual porto, poderião vir buscar, desviandose quarenta legoas da Costa, donde acharião a Armada, que as esperava. Pello que, elle Dom Manoel, devia logo irse na volta de Galiza, outras quarenta legoas apartado da terra, para que vindo as nãos, como poderia esperarse, decendo de mayor altura, fosse certo seu encontro; porque era possivel, que sem embargo de toda a diligencia dos avisos, elles não achassem as nãos donde as buscavão. E que por quanto a mesma contingencia se considerava possivel entre a Armada, e as nãos, aquelle caso se ficava conferindo no Conselho de Estado, para que de sua resolução se lhe despachasse outra Caravela, que por ventura chegaria antes de ser posto a caminho.*

Porém, pouco depois de haver Dom Manoel respondido segundo convinha: *Que ficava obediente ao que se lhe ordenava, contra todas as dificuldades\*, que se lhe opunhão.* Chegou terceira ordem, do mesmo governo, referindo: *Como já as nãos havião entrado no porto da Corunha, sobre cuja certeza, o Conselho de Estado dispusera: que elle Dom Manoel fosse logo juntarse com ellas, porque o inimigo, que se afirmava aprestarse em sua demanda, breve e poderosamente, não tivesse lugar de intentar algũa sorte nos tesouros do Oriente, que em aquellas nãos se cõduzião; o que mais se podia relear, pellos desejos da vingãça q havia mostrado; e não menos, porq a vizinhança de Galiza, e Inglaterra ( cujo Principe era entam o mayor émulo de Espanha, como adiãte diremos) bẽ convidava suas armas a qualquer atrevimento.*

[N202] Quem bem reparar, na variedade, e repugnancia destes avizos, duas cousas achará nelles, dignas de grande consideração: a primeira seja, o ver por quam exquisitos caminhos, caminhou para nós a infelicidade deste successo; segunda, notar a improvidencia, com que se governava hũa Monarquia tão grande; pois, segundo o que se colhe da pouca constancia das ordens referidas, todo seu erro procedia por falta de informações verdadeiras, que certificassem aos Ministros, dos disignios contrarios; sem a qual observação, nenhum Principe póde governar, como convem, seus Estados. Porém, porque varias vezes havemos aqui feito menção destes inimigos, e dos temores, que delles procedião,

será justo, e agradável aos que lerẽ, dar algũa razão, de quem fossem estes èmulos de Espanha, e da causa de sua inimizade cõ ella.

Depois da morte da impia Rainha Isabel de Inglaterra, succedeo em sua Coroa, com as de Escocia, e Irlanda, Jacobo Estuardo, filho da santa Princesa de Escocia, Maria Eduarda, prima de Isabel, e sua sucessora immediata, por ella tiranicamente degolada, com falsos, e injustos pretextos; os mais da verdadeira Religião, que Maria professava, e Isabel aborrecia. Porém, o altissimo Deos, Juiz recto das Monarquias, mostrou aos sequazes de Isabel, que pello mesmo caso que ella pretendéra apagar com o sangue, as luzes de Maria, esse mesmo [N203] sangue (como a agoa acẽde o lume da canfora) acẽdeo mayor claridade, na descendencia da inocente Rainha; entregando a seu filho Jacobo, o cetro de toda a Grão Bretanha; que na Europa, por sitio, valor, e potencia, foy em todas as idades, Reyno particularmente sinalado. Sahio el Rey Jacobo Estuardo, Principe de grande sabiduria, valor e industria; e porque, como tal, reconhecera em os Ingrezes, além da natural elevação de seus pensamentos, algũ interior descontentamento, vendo a Coroa Britânica em estranha cabeça (porque o Rey, segũdo mostramos, não era nacido em Inglaterra) desejava sábiamente Jacobo, unir-se por casamẽtos, com a Casa de Austria; julgando sua potencia, e autoridade, suficiente arrimo da Casa Estuarda, para qualquer sucesso, que já parece que previa. A este fim precedendo artificiosa comunicação de seus interesses, com Dom Diogo Sarmiento da Cunha, Conde de Gondomár, Embaixador ordinario de Espanha, junto a sua pessoa; resolveo mandar hũa embaixada, indicadora de seus pensamentos, a el Rey D. Felipe o IV. de Castella: q poucos annos havia, entrára no regimento de seus Reynos; tanto por esta causa, como porque Jacobo, sábio mestre da Politica, julgava por grandes arras em seu partido, negociar com hum Rey mancebo. Elegeo para esta função o Milord Digbi, Conde de Bristol (*Milord*, soa ainda em Inglaterra, segundo antigamente entre nós, os Ricos homens; ou tambem como *Monsieur* [N204] em França, no rigor da palavra, que hoje deslocou a cortezia, e a lisonja: porque, *Mi*, he a mesma particula que, *meu*: e *Lord*, quer dizer *senhor*, como tambem no proprio significado disserão: *Mon Sieur*, os Francezes. A este nome *Milord*, correspõde no estado feminil o nome *Lede*.) Partido o Milord Digbi a Espanha, o

Parlamêto de Lõdres se deu por mal satisfeito da mensagem, e mais do segredo, que della propria, por lhe não ser de todo manifesta antes de expedida. Mostrava tanto sentimento contra el Rey, que lhe pareceo a elle necessario assegurar aquelles Ministros com hum grande razoado: cuja cõpia se acha escrita na Quinta parte das Pontificais de Frey Marcos de Guadalaxara, capitulo 2. pagina 559. A este se opuzerão tambem alguns poderosos do Reyno, e entre elles, com pretexto de Religião, tomou a voz da dũvida o Arcebispo de Cantarberì, que *Cantuária* chamãrão os Latinos: lugar jã illustrado por seu glorioso Pontifice Santo Thomas Cantuariense. Mas el Rey, havendolhe respondido, douto, grave, e elegãte, desprezou seu parecer (despois de o haver confutado) e nelle todas as contrarias opinioens dos mais Ministros Parlamentarios, que à sua cõtradizião: pella qual opinião, procedeo tãto adiante, que enviou seu proprio filho com novo exemplo, pretender suas bodas á Corte del Rey Catholico, por pouco diverso modo de aquelle que se acha nos fabulosos livros de Cavalarias; donde se [N205] escrevem por este modo, os famosos casamêtos dos Principes de Grecia, Trapizonda, e Catayo.

Esta acção, que em aquelles tempos foy de toda a Europa disputada, e contravertida; ou ainda dos mais julgada por leve (e como tal indigna de hum Rey sábio) se conheceo despois ser profundissima; porque receoso Jacobo de algũa violencia intêtada por seu Parlamento, quis salvar do perigo do incendio (como o outro Pintor Romano) a mais valiõsa de suas imagens: tendo por certo, que achandose o Principe Carlos, seu filho, hospede del Rey de Espanha, não ousaria, o Parlamêto de Inglaterra, cometer acção contra seu pay, q pello filho, e pello amigo não fosse terribelmête castigado. Mostrãrão despois os tẽpos, q toda esta maquina fora movida pella eficacia de hũ coração preságo; tẽdose por certo, q se o casamêto de Carlos, Principe de Gàles, houvera o pretêdido efeito cõ a Infanta de Espanha D. Maria, o não ouvera, de q o mesmo Carlos, ja Rey de Inglaterra, chegasse à miseravel tragedia, em que ha poucos annos, perdeo, como Reo, não como Rey, a vida em hum teatro público.

He desviado de meu intento, referir aqui por menor os accidentes desta grande negoceação, da qual somente, me pertence dizer: que sendo ella desfeita, por impensadas razoens, com desprazimento de ambas as Coroas; quanto mais el

Rey Jacobo se tinha (a despeito dos seus) empenhado na execução tanto mais sentio o estorvo de seu [N206] bom efeito; e como seja pèssimo costume das amidades humanas, q quando chegão a se corrõper, logo se resolvem em finissimo odio, succedeo, que todo o amor, e afeição, que aquelles Principes Ingrezes tinham mostrado para com Espanha, se passou a hũa proterva corrupção de vontades; pellas quaes, o Rey, e Reyno de Inglaterra, erão movidos a dispòr, contra os Espanhoes, terribes efeitos de vingança.

Segundo este fim, se preparavão, por todo o Norte, grandes Armadas, que favorecidas da ausencia, que o anno passado havião feito (como ja dissemos) as forças maritimas das costas de Espanha, passando ao Brazil, puderão infestallas; como aconteceo, na interpreza intentada contra Cãdis, pellas armas Ingrezas, que com poderosa frota, de cento, e mais navios, se dispuzerão ao sacco, na occupação de aquella Ilha. Foy contrario o successo, â esperança dos èmulos, os quaes, segũdo os Ministros Castelhanos erão informados, no anno presente, determinavão satisfazerse, da quebra passada, interprendendo nossas nãos da India: porque nòs, com todo o descuido, a que deu ocasião a larga paz, assi navegavamos os vastos Mares do Oriente, e Occidẽte, como se não transferiramos, de hũa a outra parte, as riquezas do Mundo, ou nelle fosse já morta a cobiça da gente.

Estes, que havemos referido, erão os inimigos, e esta a causa de sua inimizade; agora tornarẽmos a pegar do fio dos acõtecimẽtos, q vamos referindo.

[N207] A primeira cousa que o General Dom Manoel de Menezes intentou, depois de haver recebido a ultima ordem, foy repartilla com sua Armada; dando ao Almirante, e Capitães della, novo regimento, segundo o novo serviço, que lhe era mandado fazer. Mas, porque todas as cousas, por secreta disposição da Providencia, se fõsem encaminhando á perdição que estava destinada; succedeo, que havendose aquella menhãa, antecedente aos avizos, descuberto dous navios de Mouros, dos quaes se achava mais vizinha, a Urca Santa Isabel, por ser o tempo calmoso, se entendeo della, q ajudada dos reboques, se poderia adiãtar, até combater com o inimigo, o qual a força de vella, e remo procurava apartarse. Chamão rebocar, os Maritimos, quasi revocar, a aquelle movimento de impulso, que as embarcações pequenas communicão ás mayores, para que possão em

alguns casos melhorarse: verbo não tam barbaro, que não seja fundado no Dialectico Latino.

Continuou Christovão Cabral, Capitão de aquella Urca, antes com obstinação, que esperança, o alcance, que hia dando aos dous pyratas; de tal sorte q veyo a desenganarse, de q os não entrava, a horas, que apenas as falúas da Armada tiverão tempo para se recolherem a seus navios. Logo sobrevindo aquella noute, o primeiro temporal do anno, foy tam subita a furia dos mares, que nenhũa diligencia aproveitou, para que as falúas se salvassem. [N208] Era o dia 18. de Outubro, em que a Igreja celèbra a festa de Sam Lucas Evangelista. Parece que neste dia tem particular imperio as tempestades, segũdo as lembranças q ainda temos de memoravel tormêta de Sam Lucas, no anno de 1611. se não he que o touro bravo do Mar, por mais indòmito, se embravece de novo, o dia que ve triunfante aquelle sagrado Cronista, vendo que elle recebe outro touro, por misteriosa insignia sua.

Depois da perda das embarcações ligeiras, ficou o General impossibilitado a poder, cõ a brevidade conveniente, avisar aos navios de seu cargo, da jornada a que se dirigia. Elles ja carregados de grão peso do vento Sudueste, cada qual, segundo suas forças, o sustentava; donde procedeo, que o dia seguinte todos se havião desviado, e mais que todos, a Almiranta, por ser ruim não de governo. Esta correo quasi ao Norte, e os mais com pouco melhor volta, forão recebendo o vento de modo que menos os trabalhasse. Dom Manoel, vendose apartado de sua Armada, considerou, como sumamente prático nas materias de navegação, que os companheiros. mais compelidos da tempestade, que não sua Capitana, haverião *cortado largo* (chamão assi, os Marinheiros ao ir mais á vontade do vento) mandou: *Se fizesse com sua não o mesmo caminho*, atè que rendendo o tempo, voltou ao Sueste; pello qual rumo, navegando com pouco pano, brevemête houve vista da mayor parte dos navios, [N209] com que logo se incorporou; e nestes bórdos de Noroeste, e Sueste, se entreteve até 25. de Outubro, a fim de esperar pella Almiranta, da qual se entendeo podia acharse à parte do Noroeste, dõde pareceo aos pilotos haver corrido, desviandose da costa. Mas era a verdade, que o Almirante Antonio Monis, vendose oprimido da borrasca, entràra a se reparar della, na Ria de Vigo. Era tam especial refugio de

nossas Armadas, q lhe pareceo a muytos Capitães deste tempo, se devião empregar as forças de Portugal antes em sua occupação, que em outras desaproveitadas emprezas, a que felicemente se divertirão: se he certo que ás honrosas occasioens como essas forão, se lhes pòde fazer cargo da inutilidade.

Tornou o tempo, com novas furias, aos progressos passados, cujo impétu tomando em popa nossa Armada, e avizados já os navios da nova viagem, foy em demanda do Cabo de Finis terra, a quem de varios nomes ornârão os antigos Geógrafos, e Historiadores, pois sendo hum so Promontorio, agora lhe chamão: *Herna*; agora: *Nerion*, ou: *Nerico*: agora: *Strinio*, *Aràtrabo*; e tambem *Artàbro*, como lhe chama o nosso Poeta, e se pòde ver em Florião do Cãpo lib. 3. cap. 28. Fique para os Filósofos, e Mathematicos, a razão da perpétua luta de ventos, que de contino achão os navegâtes sobre os Cabos do mundo; entre os quaes não ha outro algum em Espanha tam fertil de tormêtas [N210] como este de Finis terra; que segundo forão aquellas q para dobrallo varias vezes, tenho passado, bem pudemos, com licença dos Geógrafos, assentar no Mappa dous Cabos Tormêtorios; ainda que da gloria, desta cruel antonomazia, ficasse defraudado o nosso tam cèlebre Cabo de *Boa esperança*; a quem a obstinação do atrevimento humano, sobredourou os perigos, com o falso resplendor de tam suave nome.

Falta de Piloto prático, foy a Capitana em busca do Cabo, que sendo visto, mas não conhecido, de nossos marinheiros, era forçoso apartar da terra por toda aquella noute. Porém, voltando a ella, ao outro dia, e vendo, que faltava por muitas horas, se entendeo haverse dobrado: porque correndo a costa de Espanha, desde o Promontorio Sacro (hoje dito de: *S.Vicente*) pello rumo de Norte Sul; deste cabo de *Finis*, até outro que lhe demóra ao Nordeste, dito dos naturaes, com nome humilde, de *Prioulo* (que parece ser o *Celtico Promontorio*, que disserão os antigos) se encurva a terra, formando hum simicirculo, ou arco mixto, de varias porções, ou segmentos de rumos; donde porém, os mais se avizinhão a Lesnordeste, e Oessudueste, em cuja distancia, poucas vezes (sem embargo das costas) se estende rectamente a linha de Nordeste sudueste. Conforme esta informação, e sem mais noticia que as incertas dos viciados, ou viciosos Roteiros, se foi a Capitana, com vento largo, correndo a terra de [N211] longo, em demanda da Torre de Hercules, mais notavel baliza daquella costa;

que estando meya legoa apartada da Corunha, ao Norte della, serve de atalaya para se buscar seu porto. Acerca desta Torre, se convertem em fabulas, as Historias, que vulgarmente lhe chamão de: *Hercules*, affirmando por incerta tradição, que na sublimidade della havia hum espelho, em cujo lume se vião as Armadas, quando decião do Norte. Na cidade de Coimbra se acha celebrada, tambem por obra de Hercules, a Torre Quinaria, que hũa, e outra, segundo as mais verisimiles observaçoens da antiguidade, forão obra de Romanos, em tempo de Julio, e Augusto Cesar. E por ventura, destes Monarcas, ou de seus Ministros, ou Artifices, consagradas a Hercules, de quem tomárão o nome, em beneficio, e obsequio de sua fortaleza, e duração.

Ao Sul desta famosa Torre Herculea, passada a Ilha Cezarga (tambem assáz conhecida dos antigos) se prolongão huns perigosos baixos que nossas Cartas mal apontão, ditos dos naturaes: *Jacentes*. Apartãose da costa por menos de hũa legoa; estendendose mais de outra, com certissimo perigo de sua vizinhança. Era já de noute, quando sobre elles deu fundo a Capitana, tam determinadamente, como se por derrota viesse buscallos. Por sua popa surgirão Sam Joseph, e Sam-Tiago; porque Sam Felipe, e Santa Isabel, cortârão mais ao mar, não fiando da costa, donde, voltando sobre a terra, dous dias despois [N212] entrãrão na Corunha sem perigo.

Entre os de aquelle baixo, quasi insensivelmente, pella serenidade do tempo, se achava a Capitana, porque sendo o vento manso, e sobre a terra, com marè chea, e de agoas vivas, não rompe o baixo em modo que o pareça. Mas como Dom João Fajardo, Marques de Espinar, que entam governava o Reyno de Galiza (procedendo segundo a disciplina maritima, que muitos annos professára no posto de Almirante Real, de seu pay Dom Luis Fajardo) fosse avisado pellas vigias da costa, do lugar em q os Portuguezes havião surgido, o q se cõfirmou com a grossa artilharia, que Dom Manoel a tempos fazia desparar, para que lhe acudissem da terra com Piloto da Barra; despachou diligentemente tres falúas, com Antonio del Castro, bem prático mareante de toda aquella costa, e outros mais, que se dividissem pellos navios, como logo se fez: sendo recebidos, não com pequena turbação dos hospedes, aos quaes, em chegando, denunciãrão o mortal perigo, em que estavão, se a baixa mar os achasse surtos. Dom Manoel

mandou que governasse o Piloto mór de Galiza; elle entam, recebendo a náó em seu governo, fez com grande diligencia, picar a amarra; e sendo dos mais navios imitado, com notavel presteza, se fizerão todos à vella. Era o vêto Susueste, que sem algum risco os foy apartando da terra: porém, cerrandose a noute, e sobrevindo escuros, e pesados chuueiros, hora do Sul, hora do Sueste, cõ [N213] tam grandes embarcações entre Cabos vizinhos, e ignorados, da mayor parte dos navegantes; he certo, que forão aquellas horas de perigosa confusão, para huns, e outros, não faltando muytos, que entre o que vião, e consideravão, interpretassem a ruim pronostico, que em dia dos *Finados* (como nós chamamos a aquella celebridade, que pellos defuntos fieis, faz a Igreja, o segundo de Novembro) fosse o mesmo dia em que se passasse o Cabo de Finis; e em cuja noute succedessem, e se armassem tâtas ocasiões, para dar motivos, e desculpas a qual quer agouro: se os agouros desculpa tivessẽ. Cõ tudo, o Piloto Castro, com grande cõfiança, prometia tomar porto a todo o tempo, fiado em sua larga experiẽcia; não pouco sospeitosa, e repugnada dos Pilotos de altura Portuguezes, q julgavão, a grande temeridade os alheos modos de aquella sua extraordinaria navegação: pella qual, depois de render varias vezes o bórdo com hũa, e outra volta, achãdose cada vez mais sotaventado da abra da Corunha (cuja entrada, e sahida, necessitão de mais de hum vento) havendo licença do General, e cõformidade dos Officiais do Mar, foy cometer a entrada do Ferrol, para donde o vento em popa lhe servia. Quem visse em noute tenebrosa, e de grão tempestade, hũa náó, a mayor que entam havia em Europa, proejar contra hũa alta serra, nunca vista dos que a buscavão, entre a qual muyto defendido de grossos montes, e sumido entre elles, desemboca [N214] o porto de Ferrol, he sem dùvida, que quando não temesse, julgar podia a maxima temeridade, tal resolução, que mais horrivel fazião os bramidos do mar, que soãva, vizinho da hũa, e da outra parte, rompendose na barbara penedia; da qual, contra as ondas, se guarnece toda aquella enseyada. Porém, como o castigo prevenido a nossa gente, para mayor pena, ou justificação, estava disposto a mais longo prazo, ordenou o Ceo, que vencidos tantos riscos evidentes, sem tropeçar em algum delles, a Capitana tomasse porto, na terceira guarda da noute; com tanta segurança, e boa viagem,

como se em dia sereno, entrasse pella amiga barra de Lisboa, cõduzida de algũa aprazível viração.

Secas, e infrutíferas se pódem chamar aquellas Historias, das quaes se não tira outro fruto, que a precisa narração do successo dellas; e ao contrario, utilissimas, e deleitaveis aquellas, que sem perder o fio dos acontecimentos propóstos, nos levão por tal caminho, que juntamente chegamos ao fim da informação dos successos, e ao da cõprehensão de varias materias, que com a historia de elles, fazem harmonia. Por este modo de historiar (que he aquelle que eu desejo ler) pretendo escrever sempre; instruindo brevemête aos leitores das occurrências da acção, que lhes ofereço, conforme se verâ nas Historias, que tenho publicado: e como esta regra, segundo minha opinião, favorecida da melhor parte dos Autores Historiògrafos, tenha lugar em todos [N215] os negocios, que se desejão perpetuar na lembrança das gentes, parece que muyto mais propriamête se pòde introduzir neste modo de cõpor Historias, que agora seguimos em Relação; a qual não requiere tam èpicas observações, como a particular historia, de hum sujeito heroyco: tendo mais proporção, com o Poema mixto, que com a Epopeya. Por esta causa, e a de aliviar aos que houverem lido, e se aparelhão para ler as tormentas, trabalhos, e tragèdias, de que consta a narração deste Naufragio; me pareceo, não improprio desvío, oferecer neste lugar hũa sumária noticia do Reyno de Galiza (que já com Portugal fez hum proprio Estado, quando possuído del Rey Dom Garcia, que o foy seu, e nosso) por haver sido este Reyno principal teãtro das acçoens, que referimos, conformandome tambem neste costume, com os antigos, e modernos Escriitores.

Galiza, he Reyno antigo de Espanha, que já foy Coroa separada de Leão, e Castella. Da parte do Sul, se divide de Portugal, pello Rio Minho, ao Oriente, tem Leão; ao Norte, as Astùrias; pello lado do Occidente, a fralda Maritima de Galiza, comprehende toda a terra, que se acha entre os Rios, Minho, e Oviedo. O primeiro que entra no Occeãno occidental, entre Bayona, e Caminha; e o segundo, pouco abaixo de Ribadeo, com 65 legoas de distancia de hum a outro; porque começando em Bayona, que jãz hũa legoa do mar, cercada de [N216] certas Ilhas, a que os Geógraphos disserão, *Crias*; a cinco legoas se descobre a Ria da Redondela; da qual, a Ponte vedra, principal lugar de Galiza, contão tres

legoas; e seis de Ponte vedra ao Padrão: onde se venéra, pouco distante do povo, aquelle tam conhecido passo, chamado vulgarmente: *Buraco de Sam-Tiago*. Do Padrão a Muros, bom porto, que fas o Tamar, rio salgado, ha cinco legoas; quatro de Muros a Corcovião: cujo nome he tristemente famoso, pella perda, que naquella costa fez, a grande Armada do Adiantado. Deste porto ao Cabo de Finis (de quem já dissemos) ha duas legoas; e delle a Mugia, quatro: aqui jáz aquelle grande, e perigozo penhasco, dito dos naturaes: *Villão de Buria*. De Mugia a Laja, ha tres legoas; da Laja a Malpica, quatro; de Malpica a Cayon, outras quatro. Passado Cayon, se acha a Corunha, a duas legoas. Abrese aqui a terra a receber o mar, donde forma hũa fermosissima abra, pella qual se servem tres grandes portos: Corunha, Ferrol, e Betanços; a esta abra chamãrão os antigos: *A Ganude*. Da Corunha ao Ferrol. contão duas legoas; e deste porto ao Cabo de Prioulo, outras duas: saye esta ponta, do continente da terra, largo espaço, e vay encontrar as ondas, que temerariamente a combatem. Do Prioulo â Ensejada de Cedeira, são quatro legoas: he esta Ensejada notavel, por ser frequente de lastimosissimos naufragios. A duas legoas despois, se segue Ortigueira: são ally os nomeados Penedos, que tomão o [N217] mesmo nome. Delles a Biveiro, se mède tres leguas; e de Biveiro a Sam Cebrião, duas. Defronte se vêm as antigas Ilhas Trileucas; de Sam Cebrião a Basma, poem tres leguas; e de Basma, a Rebadeu, cinco; em cujo termo acaba a costa de Galiza, dividida, das Asturias, pello proprio rio Oviedo, que deu, ou recebeu, o nome, a sua antiquissima cidade, Corte dos primeiros Reys, restauradores de Espanha: o qual rio, entra no mar pouco abaixo desta villa.

João de Viterbo, e Berozo, querem, que Noè viesse a Espanha; e entre outros povos, edificasse a Noya, em Galiza: persuadidos, por ventura, da semelhança do nome. Este he aquelle povo, a quem Ptolomeo chama: *Nouium*, e Estrabão: *Noeuia*. Por mais verosimil se tem, que o Patriarcha Tubal, em memoria do Avò, consagrasse a sua lembrança, aquella fundação; se a caso, em tanta miseria, como hoje padece, se pode conceder tam illustre antiguidade. Mas o Berozo, e o Viterbo, são de suspeitosa fé, em seus escritos, adulterados por João Aneo: conforme a docta censura, que lhe faz, nosso eminentissimo

antiquitario, o Conego Gaspar Barreiros, que anda incorporada, em o famoso livro de suas Memorias.

Alguns forão de parecer, que Teucro, Capitão Grego, dos que sobejãrão da guerra Troyana, fundasse a cidade de Elenes: a qual, segundo a doutrina de Florião do Campo, parece ser Pontevèdra, [N218] o que se confirma com parte de seu nome; porque *vedra*, no vulgar de nossa lingua (entam comũ a Portuguezes, e Gallegos) val o mesmo que *vetera*, na latinidade. Outros dizẽ, que *Anfilocòpolis*, q depois se chamou *Anfiloquia*: tam varias são as opiniões do principio desta Provincia, em cuja historia referem tambem que da terra de Suèvia sairão gentes Gregas, ditas: *Almuzudes*, ou *Almovidés*; os quaes, por sua familiar astucia, ocupãrão o porto da Corunha; e que nesta occupação se quebrou o Espelho fatal, que havia na Torre de Hercules; mas estremando, como he razão, as verdades das fabulas; he certo, que Galiza foy assi chamada corrutamente do nome *Gallecia*, em o qual já se havia tambem corrompido, o mais proprio, q primeiro tivera, sendo chamada: *Gallogrecia*, pella mistura dos Gallos, (hoje Francezes) e os Gregos, que na primeira idade a ocupãrão.

He terra de bom temperamento, declinante a frã, e seca, mas não excessivamente; sendo com excesso, excellentes suas aguas, e frutas, pella amenidade dos valles, em que pòde competir com a famosa Arcãdia. Seus mais notaveis rios são, o Minho, de opulentas aguas. O Syl, illustre pello vermelhão, que em si cria. Avia, pellos vinhos generosos. A parte Oriental da terra, he montuosa, e bem provida de bosques, e animaes sylvestres; a gente he inclinada ao trabalho, pobre, e contenciosa. A nobreza antiga, e grãde; que penosamẽte se conserva pella falta [N219] de bens, de que gèralmente toda a Provincia carece, em seus estados. Esta he Galiza.

Chegado o General Dom Manoel de Menezes a Ferrol, se inteirou das noticias de sua Almiranta, recebendo breve carta de Antonio Monis, onde avisava: *Como em 19. de Novembro, depois de trabalhos, e perigos, tomàra o porto da Corunha, que viera buscando. em razão do recado q lhe dera hũa das Caravelas, q â Capitana o levára por escrito. Que já por conferencia, com os mais Cabos Portuguezes, e Castelhanos, que ally concorrião (em ausencia delle General) havião dado conta a el Rey de seu cõgresso, para que desde Madrid se*

*lhes despachasse a ordem q havião de seguir.* Erão aquelles Cabos (além do Almirante Antonio Monis) o Governador do Reyno D. João Fajardo, e Vicente de Brito de Menezes, Capitão mór das nãos da India; fidalgo velho, que suposto fora ornado, de antigos mèritos, se achava ja incapáz, por sua idade, de sofrer os trabalhos de tam larga navegação: e menos ainda, a assistêcia dos negocios, que della procedião: em cujo meneyo, por extravagante modo, não deixãrão de intervir, aquelles particulares respeitos, e interesses, q se tẽ encarregado da perdição do Mũdo. Direi dos presentes, o q sò servir para intelligência deste caso, sem culpar a algum dos que nelle tiverão parte; mas culpando, em seu lugar, a ruim natureza dos homẽs, a cuja maliciosa influencia podemos adjudicar (sobre os pecados, que tambem de sua corrupção procedem) as causas de tam lastimosos danos.

[N220] Dom Manoel de Menezes, foy homem de mayor disciplina, nas sciencias, e valor militar, que prudencia civil; donde procedia, tratar, não poucas vezes, os negocios, e as pessoas, com mais secura, e liberdade, do que pede o trato urbano das cortes: e como elle, nas materias das náuticas, fosse mais sábio que todos os homens, que naquelle tẽpo servião em Portugal (e ainda em Castella) por essa propria razão, que intervindo nas resoluçoens, nenhum seria ousado, a contradizelo; desejavão os mais cabos, por acomodar seus pensamentos (se já não fossem seus interesses) *Que ausente Dom Manoel, da Corunha, onde elles concorrião, se determinasse a jornada; parecendolhes melhor, darlhe desculpa, do que sem elle obrassem, que não lhes dar elle lugar, a obrarem como pretendião.* Nesta fórma consultavão a el Rey, e el Rey a elles; ou entendendo, que o General se achava presente nas consultas, ou que pella distancia, nam poderia acharse nellas. Porém, Dom Manoel, alcançando, por algũa boa observação, que entre os tres, Dom João Fajardo, Vicente de Brito, e Antonio Moniz, havia já pouca concordia, procurou quanto pode, desviar-se de suas negoceações, prevenindo o ruim sucesso dellas. Diziasse: *Que Antonio Moniz procurava a vinda a Lisboa, de qualquer maneira, a fim de mostrar, que a anticipação da jornada, era fruto de sua diligência. Que Vicete de Brito, desejava ser assi absolvido do cargo: porq despachandose sua fazêda fôra do Reyno, e despêdêdo a tâbẽ fôra, lhe resultaria mayor comodidade. Que D. João* [N221]

*Fajardo, solicitava a descarga das nãos em seu porto, e jurisdição; e com pretexto de assegurar os tesouros Reais, aspirava, a aumentar os propios.*

Era por este tempo el Rey Dom Felipe IV. que nos governava, mancebo de vinte e hum annos: e porque nos animos dos moços, ainda que Principes sejam, todos os appetites obrão violêtos, succedeo, que sendo el Rey aconselhado, ou induzido, mostrou: *Que desejava ver* (outros disserão, haver) todo o cofre da pedraria, que as nãos trazião; estimado aquelle anno em grande summa de cruzados: e para que esta custosa novidade tivesse melhor pretexto, se despacharão ordens pella Coroa de Castella, e seu Conselho de Fazenda, a Dom João Fajardo (segundo affirmão, que elle as havia pedido) para que: *Logo tratasse de assegurar aquelle precioso Erario, e cõduzilo por terra a Madrid, com boa conta, guarda, e razão; e que persuadissem aos Ministros, e cabos Portuguezes, que ally se achassem, ser esta sua mayor conveniencia: para que entam houvesse mais facilmente lugar de ser el Rey provido dos diamantes necessarios a certas joyas, que mandava obrar; por cuja causa, com proprio dispendio, se obrigava a enviar, o remanente da pedraria a Lisboa, para que lá se entregasse, a quem pertencesse, e a tomada se pagasse.*

Não foy esta ordẽ de Castella tam secreta, que o nosso Cõselho de Portugal, rezidẽte na Corte, não tivesse noticias della; o qual, prevenindo o remedio de tantos danos, e ruins consequencias, para o Reyno, ordenou prõtamente a D. Manoel de Menezes: [N222] *Se passasse logo do Ferrol à Corunha, donde com os cabos, e pilotos Portuguezes, fizesse celebrar hũa junta, acerca do modo da viagem; e que o mesmo Conselho ficava consultando a el Rey, quantas razões havia, para que se rovogasse a ordem dada pello Conselho da Fazenda de Castella.*

Disserão: *Que erão muytos, os inconvenientes, e que assi se seguião. Primeiro, o ruim exemplo: por se entender, que se hũa vez por mãos de outros Ministros, se meneasse o negocio do Oriente, era elle tam suãve, que a troco de qualquer pretexto, lhes ficaria em nosso dano esse Comercio. O segundo, que como em o cofre da pedraria não tem os Reys mais que seus direitos (porque o cabedal Real vem em pimenta sòmente) era sobre injusto impraticavel, que ausentes os donos de tanta riqueza, ella se distribuisse pello arbitrio de gente*

*incerta, ou impèrta na prática do valor de aquellas cousas. O terceiro, q se os dirêitos pertencentes à Coroa de Portugal, sendo hũa boa parte das rendas do Reyno, e todo o principal, de que se torna a aprestar a Armada da India; não acudissem com tempo a Lisboa, se ficava impossibilitando a futura frota, que em Março seguinte havia de fazer viagem. O quarto, que a experiencia tinha ensinado, que jamais aquelles negocios se desviârão da primeira ordem, em que nossos Reys os havião posto, que não fosse para sua ruína. Quinto, que querendo el Rey servirse das joyas, em que se fallava, de Lisboa se remeteriãõ os diamantes escolhidos, ou lavrãdos, pellos mais excellentes artifices, que ally concorrem; por donde el Rey, sem queixa particular, ou dano público, ficaria melhor servido.*

Chegada esta consulta às mãos Reais, he muyto [N223] para engrandecer, o animo, justiça, e clemencia de aquelle Principe; porque dentro do mayor affecto de seu desejo, se deixou vencer da razão (o que certamente muyto nos obriga a louvalo). *Conformouse com o Conselho de Portugal, e aprovou o mesmo que elle já havia disposto, acerca da sahida da Armada; porque, além das razoens referidas, ella se julgava conveniente, em quanto os Rumbergues estavão, por causa do inverno, em seus portos recolhidos.* Chamavão entam Rumbergues, a certos poderosos navios Ingrezes, de que se formou hũa Armada Real; dizião, que por ter o mesmo nome, o mestre que os fabricâra.

O Governo de Portugal, com repetidas ordens, e meynos proporcionados dispunha desde Lisboa, a execução, do que o nosso Conselho de Madrid havia resolutto, porque o Governo igualmente com o Conselho, estava receando: *Que se dêsse em algũa dificuldade invencivel, suposto haverem já vencido as primeiras que se opuzerão.* He porq a cobiça tendo presente, o que deseja, nunca se acobarda, em procurar seu logro, â custa dos mayores inconveniêtes. Afirmo, q havia razão, para que temessem aquelles Ministros; suposto q a não houvesse para tam sobeja cautela. Quantas diligencias se fizerão por homens, e tempos, pella cõservação de aquelle tesouro, podemos dizer: *Que forão enxadadas, que lhe abrirão em meyo das agoas, miseravel sepultura.*

O General, avisado da jornada, que se lhe mandava fazer, em beneficio do cōgresso, partio por mar [N224] a aquella Cidade, levando consigo algũas pessoas particulares, além dos officiaes deputados para a conferencia.

Sendo chegado, e recebido, com grande aplauso, se deu principio á Junta, q por algũs bons respeitos, foy celebrada em casa do Governador D. João Fajardo, cujo hospede era D. Manoel. Os mais, chegando a votar, forão de parecer: *Que se não perdesse ocasião da sahida, estando sempre aparelhados, para receber os primeiros tempos.* Estes, co as brizas do Norte, e Nordeste, costumão decer do Pólo, pellos ultimos dias de Janeiro, logo que o Sol se despede do Trópico contrario: porque os vapores da terra, coãdos pella neve boreal, que ocupa suas regiões, resultão em ventos frios, e sutis, a quem vulgarmẽte nossos marinheiros chamão: *Brisa ventante*, que de ordinario se esforça com a nova influencia, que o Sol lhe vay mandando; se já não dissermos, que o nome *Briza*, se deduz do antigo verbo, *Brizar*: que hoje dizemos, *Embalar*: sendo tal o efeito de aquelle poderoso vento; e tem proporção com o nome Grego: *Brephos*, que significa, a criança, por ser esta Briza, o primeiro vento do anno, dito Infante de essa causa.

Porẽm, como se conhecesse, que para sair da Corunha, onde a terra, e o mar fõrmão hum feyo revolto, à feição da *Linha espiral*, que dizem os Geõmetras; são necessarios ventos Suestes, e Lessuestes, com os quaes naquelles meses, se não pôde navegar para Lisboa, sem evidente perigo, [N225] foy por todos assentado: *Que as náos, e Armada saíssem da Corunha com os terrais, a dar fundo na Abra, que dissemos dos tres portos; e que achandose ally surta, se lhe saltasse o vento ao Nordeste, com que a Capitana Real podia sair do Ferrol, ella sahisse logo, a se ajuntar com a Armada, e as náos; porẽm, que se toda via o vento Sueste, Sul, ou Sudueste, que corria, permanecesse, as náos, e mais navios, entrassem no Ferrol; donde com o primeiro bom tempo, poderião sair todos juntos, a navegar pella volta de Lisboa.* Tal foy o acordo gèral; que sò teve de desacordo, o deixar contingente a ida das náos, e Armada, ao Ferrol, a se ajuntar com a Capitana Real, sua cabeça. Pello que, em todos os casos, donde já os subditos mostrãrão afeiçãõ, a se desviar da obediencia devida convem, que se lhe não deixe alguma porta aberta a desculpa, da execuçãõ de sua vontade; senam que com imperiosissimo preceito, se lhes evite toda a interpretaçãõ, ou

arbitrio das ordens superiores; porque, sem falta, o desejo humano he artifice de muy custosas màquinas, que a todo o risco o conduzem a aquelle fim, algũa vez pretendido.

Voltou o General, a se fazer prestes; o que se cõseguio breve, mas não facilmente, por ser à custa de grande dispendio, e trabalho. Erão os primeiros dias da segunda década de Dezembro; mas outo, depois de sua chegada, estava D. Manoel já disposto para sair a navegar, sem outra falta que a do [N226] vento, por todo aquelle mes cursante, do Sul ao Lessueste.

Jáz o Ferrol, como havemos dito, coroado de outeiros eminentissimos, de aspera subida, donde largamente o mar se descobre; e com grande distincção, e vizinhança, o porto da Corunha. Em hum destes montes, fes o General, se provesse hũa sentinela, que avizasse do movimento dos navios. Erão 21. de Dezembro, festa de Sam Thomé, Apostolo do Oriente, quando as náos fizerão sembrante, de querer sahir; por ser, a seu juizo, fausto dia o do Apostolo Indiano, para qualquer acção das náos da India. Avizou o soldado da vigia, a disposição do que estava vendo, e como a frota se levava, e fazia á vella; da qual nova, persuadidos por gozo, ou curiosidade, muitos, deixando o navio, cometião a subida do monte; a cujo alto chegarão poucos, e fuy eu hum delles; porque a idade pueril, antes que juvenil, em que me achava, me deu mais azas, que forças, para acabar a empreza. De todos os que subirão forão vistos os navios, ja bordejando fóra do porto. Esperavão que a Capitana das náos, e Almiranta da Armada (ultimas embarcações que desferirão o pano) lhes dessem fórma, e exemplo do que devião fazer. Tinhase mais, q outro navio, à parte do Ferrol, a Almiranta da India, governada de Pedro de Anhaya (soldado de grande valor, e experiencia) o qual em virtude do assento, e observação dos ventos, que cursavão, entendia tomar com [N227] os companheiros aquelle porto; porèm, sendo já na Ensejada toda a frota, disparando a Capitana hũa pessa, e outra a Almiranta da Armada, com vêto assáz escaço, pois não passava de Les sueste, se forão saindo ao mar, sem fazer algum movimento de virem demandar o Ferrol, como estava disposto em caso que cursasse o mesmo vento que corria.

Póde duvidarse entre os práticos, a razão porque as Capitanas da India, em nossos mares, como nos seus proprios, usão actos, que parecẽ de preferencia,

ainda quando acompanhadas de nossas Capitanas, e Almirantas Reais: sendo que o cargo de General de nossa Armada, he muyto preminente ao de Capitão mór da viagê da India: porq temos visto, q sê intermissão de outros póstos, passou a Visorrey de aquelle Estado, D. Afonso de Noronha, deixando, o de General da Armada, e q do proprio governo da India veyo a General da Armada, o Conde Antonio Tellez, que agora o destrocou, pello Visorreynado da India: donde bem se prova, quam superior posto seja, ao de Capitão mór das nãos; pois não se negando, que nelle se empregârão em todos os tempos, as pessoas de mayor calidade do Reyno, todavia, aquella razão de ser hoje officio anũal, e venal, lhe abate algũa parte da preminencia, cõ que começou. Porém, como em nossas nãos da India se naveguem os mayores interesses, e cabedais do Reyno, e sua principal conquista, para cuja boa guarda, e cobro, as Armadas se instituirão, pede a disciplina [N228] militar, que não por parte da mayoria, mas da importancia, essas proprias nãos sejam as que fação os sinais, e usem das insignias, com que melhor possam ser seguidas, e acompanhadas. Desta causa procede (e não de mayor antiguidade, que alguns alegârão inadvertidamente) o costume, em que as Capitanas da India estão, de fazerem de noute o forol, em cuja vigia as seguem as Capitanas, e Almirantas Reais; dispararẽ, para render o bórdo; e todos os mais usos maritimos, que exercitão, a fim de se conservar com ellas, conforme companhia, a sua guarda conveniente. Passou adiante algũa pessoa escrupulosa nas juridições, vendose em lugar, donde podia examinar a causa dellas; e mostrou vontade, de destoucar de suas bandeiras do tope (que são as sublimes) às Capitanas da India, dizendo: *Que pois de noute fazião forol, pellos respeitos referidos, devião reconhecer de dia a superioridade devida às Capitanas Reais; porque entam escusavão a insignia da Bandeira, ficando, como era justo, por algũa demonstração, denotando a obediencia, que as mais Armadas reconhecio à Real do Reyno:* cuja opinião, com algũs exemplos, se favorecia.

Este negocio não foy pouco disputado, quando se litigou, tanto que para resolvelo, mandou el Rey Dom Felipe, fazer em Madrid, hũa grave Junta de Ministros Castelhanos, e Portuguezes, de Guerra, e Estado; os quaes, depois de madura cõsideração, assentârão: *Que por tres razões devião sempre gozar suas*

*Bandeiras as Capitanas da India: A primeira, [N229] pella urbanidade devida, a hospedes tão importâtes ao Reyno, os quaes a troco de imensos trabalhos, trãsfериão as riquezas do Oriente, em beneficio, não só de Portugal, mas de toda Europa. A segunda, porque na melhor parte houvesse lugar a honra, q o grande Rey D. Manoel, instituidor destas frotas Orientais, lhe quis conceder, dandolha por premio de sua ousadia. A terceira, porque a bandeira das naos da India, não era insignia Real, mas Religiosa; e por essa causa, ornada da Cruz de Christo: à qual milicia compete todo o util dominio, das Conquistas Orientais; cuja original jurisdicção, se encorpòra em o Sumo Pontifice, cabeça da Igreja. Pello que, não seria razão, abaterse hũa insignia quasi sagrada e ecclesiastica, ante as insignias, posto que soberanas, meramente seculares.*

Persuadime a esta digressão, por dar noticia de hum negocio, igualmente oculto, que importante; do qual, segundo conferí, não poucas vezes, com ministros, e soldados, nenhũa noticia se achava entre elles. De aqui procedeo, que movendose, ha poucos annos, outra dũvida semelhante, no Reyno; por ocasião da Capitana, da nova frota do Brazil, já por se não ter inteiro conhecimento desta materia, vierão ellas a cair, em muytos inconvenientes perduraveis, e de grande consequencia.

Da extravagante viagem, que as náos, e Armada levavão, foy avisado logo Dom Manoel, por todos os que a notãrão; porem, como entre elles não havia pessoa prática na navegação, todos os officiais della se persuadião, que era engano, [N230] e confusão de gente bizonha. O General quasi seguia o mesmo parecer, mas vindo a menhãa, e subindo, e decendo homens de experiencia, ao mesmo lugar, donde os primeiros tinhão vigiado, se não descobriõ em todo o mar navio algum, e sòmẽte sinais de tempo vario, com mostras de vir a tempestuoso. Poderei afirmar, que forão estas novas a Dom Manoel, as primeiras que teve de seu naufragio, logo delle predicto; em cuja opinião proseguio tão vehemente, q algũs estranhãrão entam sua porfia.

Altamente discursou nosso mestre, o famoso Historiador, e Filosofo, João de Barros, quando resolve, que seria grande mingua da Natureza, havendo ella repartido tão sabias prevenções ao instinto dos animais rudos, não dotar o homem, animal soberano, de algũ secreto, por onde tivesse luz de seu futuro

perigo. Este tal he, sem d'ũvida, aquelle interior movimento, que se acende nos corações humanos; pello qual, hũas vezes ousão, e outras temem, emprezas, não desiguaes, desigualmente; a que chamão os Filozofos: *Coração preságo*; sempre verdadeiro na sentença do nosso Poeta, que tambem teve a mesma opinião que o nosso Historiador, porque sem d'ũvida parece que participárão ambos, suposto que de diversos rayos influidos, da luz de hũa propria Mente.

São miseraveis aquelles erros (e são estes, os mais, e mayores da Republica) que não só comprehendem [N231] aos mesmos, que os obrão, mas alcanção por participação, exemplo, ou consequencia, aos inocentes, que nelles não tiverão parte. Bem conhecia Dom Manoel (como dissémos ) o perigo, mas tambem conhecia, lhe era forçoso, ser participante delle. Por esta causa logo se fes prestes, para sair, e correr a mesma fortuna, que não merecia. Por ser obrigação do mayor, igualarse no trabalho com os subditos. Com tudo, o Ceo parece que embargava esta resolução, interpondo invenciveis dificuldades. Com razão forão chamados já: *Crueis, e desatinadas*, muytas leys da Honra, quando encontrão as da Razão, e Natureza.

Corrião os ventos Suis, e Susuestes, que durárão tres dias inteiros, depois da saída da frota; até que em 24. de Dezembro, havendose acalmado, saltou subitamente o ar ao Norte, com mostras de pouca estabilidade. Até aquella hora não havia noticia entre nòs, da causa de novos accidêtes, tam poderosos, que obrigassem ás nãos, e Armada, a proseguir sua viagem, fóra de tempo, e contra o prometido; mas chegando esse dia por terra, hum correyo do Governador da Galiza, se entendeo delle, que na hora da saída da Armada, mostrando o vento algũa ventagem, se assentâra entre os mais (sendo do proprio parecer elle Governador) *Que se não perdesse, a melhora do tempo; o qual se punha de sorte, que escusandolhe a aquellas grandes naos, andar tomando portos, convidaria tambem a Capitana Real, para sair, de aquelle em [N232] que se achava, cõ o que todos (segũdo convinha) navegassem a Lisboa: nem elle Dom Manoel ficava necessitando de outro aviso, que esse que lhe daria o bom tẽpo, e a noticia, de que os companheiros, pello não gastar em vãõ, cometião a jornada, contra o assentado.*

Quem notar os enleyos destas ordens, e pareceres, tam opostos, quando deixe de entender por elles, o curto ser da prudencia humana, não deixará, pello menos, de conhecer, quão ocasionadas sejam ao perigo, as resoluçoens, que se tomam em materias da navegação: donde o vento, sem firmeza, he o principal instrumento desta obra.

Era pella madrugada, o dia de Natal, quando a Capitana se fes â vella, rebocada pello canal do Porto, de 22. barcos bem equipados. A esta mesma hora, escreveo Dom Manoel a el Rey, hũa carta, que segundo o discurso, que continha, provado despois, pella verdade do successo, mais pareceo vaticinio, que aviso; porque havendo referido, em constantes, e breves razões (quaes erã as deste verão, em todas suas práticas) todo o progresso de aquelle negocio, rematava dizendo estas poderosas palavras: *Com tudo, Senhor, por seguir a estes cegos, vou perderme com elles; julgando ser assi mayor serviço de V. Magestade, e honra minha, que escapar para ouvir sua triste sorte, e dar a V. Magestade (ainda que sem culpa) tam ruim conta, das armas, que me tem encarregado.* Afirmárãome, que juntamente com esta del Rey, se despedira por letra, dos amigos ausentes. Foy notavel, e observado [N233] de alguns: *Que achandose tão firme no conhecimento do perigo que esperava.* Pois o incitou a escrever nesta maneira: *nunca mais fallou nelle, antes com animo forte, mostrou sempre despezallo.* Afecto assaz conveniente a todos aquelles, que por obrigação de seu posto, devem repartir constancia aos suditos, dentro dos mayores perigos.

Havendo gastado a Capitana, quasi todo o dia em sair do canal, era já posto o sol, quando se achou no meyo da enseyada, conduzida de algũas bafagens do Nòrdeste, que esmorecido da tempestade (que já o vencia) ou tarde, ou pouco respirava. Confirmouse o sinal della, com hum paredão de grossas, e negras nuvens, que da parte do Sudueste vinhão subindo, a qual os mal advertidos mareantes, julgavão embate do Nòrdeste, que no mar ventava rijo; por ser costume destes ventos refranger nas nuvens opostas, donde batem, como a pèla na parede; de que procedem tal vez no mar grandes enganõs, acerca da pronosticação dos ventos: como acontece aos pilotos, quando demarcão o Sol, por causa das reflaçõens, persuadidos de sua aparente figura; que impressa nos

vapores transparentes, interpostos na parte ortiva do horizonte, não sendo o verdadeiro Sol amanhecido, observão falsamente o retrato, q delle reflatão as agoas, á maneira que se mostra no espelho o que já deu causa a não pequenos erros, que se pagão com lastimosos naufragios, trazendo errados [N234] pontos nas cartas, pello ruim uso da demarcação•, do qual ainda que de passo, quizemos advertillos.

Com aquelles bafos do Nòrdeste, suposto que frouxos, e intercadentes, se fez até meya noite o caminho de Loès-sudueste, a fim de deixar a costa, pois o vento era largo, para poder apartar della; mas acalmando de repente, tardou pouco em soprar da parte do Sudueste, procedido de melencolicos nublados, que já vinhão toldando o Ceo. Pouco antes da menham, cursava o vento forte com mares, que bẽ mostravão ser de longe impellidos de grande força de tempo. Todavia, se navegou o dia seguinte, pella volta de Loès-noroeste, não sem abatimento; porèm ainda assi, em respeito da volta antecedente, havia largo mar por onde correr, sem impedimento do cabo de Prioulo, que demorava por aquelle rumo, segundo o parecer dos Pilotos. Acendia-se por instantes a tempestade, sendo costume, ou malicia de aquelles ventos o proprio, que contra a saude humana, vemos na febre aguda: que sempre começa com pulso igual, e distinto, por esconder sua mortal calidade•, até que chegados os termos decretorios, ou criticos, se descobre a peçonha do mal, quando já tẽ menos remedio. O mesmo acontece nas grãdes tormentas, que ellas já mais ao principio insinũão a ferosidade, que despois mostrão. Assi podemos afirmar, succedeo neste notavel diluvio; porque parecẽdo [N235] antes não mais, que hum tempo ordinario, segũdo a estação do anno, em q nos achavamos, em breves dias chegou a tão exquisito furor, que os mais experimentados homens na proluxa navegação do Oriente, e Occidẽte, em q nossos Portuguezes dão quasi inteiro abraço ao Mundo, confessarão não haver visto semelhante luta de ventos, e mares, como a que se padecia.

Pareceme que posso ser culpado, dos que forem lendo esta Relação, não achando até aqui continuada a dos sucessos das naos, e navios, que as seguião; dos quaes ha tanto, que não fazemos memoria. Mas he de saber, que as concertadas historias, que de famosos Autores achamos escritas, são muyto

semelhantes a hũa trança de mais, ou menos fios; a qual poderia mal guardar seu labor perfeito, se todos elles não forẽ entretecêdosse igualmente, agora parãdo huns, para que dem lugar ao curso dos outros; e outras vezes trabalhando aquelles, que ha pouco estavam quedos, e detendose os q trabalhãrão atè então. Por esta causa seguindo nós, até aqui o fio dos acontecimentos referidos á Capitana da Armada, como parte principal della, voltaremos agora a dizer dos mais companheiros, que tambem a seu tempo havemos de deixar em silencio, quando cõvenha aplicar a pena aos sucessos da Capitana, tanto pello ser, como por ser o anfiteatro donde os padecemos.

Depressa conhecerão sua ruim eleição os navegantes, [N236] porque os tempos que esperavão favoraveis aos principios do novo anno de 1627. parece que de proposito se opunhão com dobrada força, ás esperanças de sua salvação. Quẽ primeiro que os mais receou o perigo, a que se havia exposto, foi o Piloto mòr das naos da India, Manoel dos Anjos; hum dos mais excellentes, e experimentados mareantes, que cursãrão aquella larguissima carreira. Este vendose em mar tão cingido, com tão poderosas embarçaõens; a porfia do tempo, e falta de pòrtos, a que se ajuntava a ignorancia delles; as noutes grandes, os dias cubertos, a gente, parte desmayada, e toda impìrita na navegação que fazião: julgando assi a perdição por infalivel, propòz consigo proprio de escapar por todas as vias ao naufragio, ainda que fosse socorrendose de hũ dos portos de Inglaterra: donde ha muytos capazes de receber as mayores naos do Mundo; cõ este pensamento quanto podia, bolinava pello Nóroeste; porèm como a não fosse grande, e já pello trabalho da viagẽ mal mareada, era tal seu abatimento, que quando aproava ao Nóroeste, fazia o caminho do Nórdeste, e ainda menos; pello qual rumo era impossivel poder, montar a ponta da menor Bretanha, chamada: *Heisant*, com parcel de cinco legoas, que bota ao mar além de seu arrecife. Esta foi a ultima esperança de salvação, que perdeu o Piloto mòr, Manoel dos Anjos, não tambem encuberta delle, despois de perda, que não fizesse [N237] participes de seu *reseyo*•, aos companheiros; os quaes, em continuo trabalho, prèces, e desesperação caminhavão em demanda da morte. Nam era tam eficáz o temor dos mais navios; porque, por falta de perícia, não lhes foy tambem igual o conhecimento do perigo, em que se achavão, persuadidos enganosamente os

mandadores, que com pouco favor do vento, poderião montar ao pégo de Bretanha. Porém, quanto mais porfiavão por aquella volta, mais abatião, e se chegavão à costa, avizinhandose, ao ultimo risco.

Dentro delle achou a vida, o galeão San-Tiago, governado de Gonçalo de Sousa; porque vindo com vento Oeste, buscar a terra ao Susueste, entrou na Concha de Guetâria, pequeno porto de Biscaya, adonde dando fundo, e sendo prontamente socorrido dos Biscainhos, na mesma hora em que se apercebião para acabar, se lhes trocou o perigo, em salvação (sendo só este o navio desta frota, que Deos foy servido reservar do naufragio) e despois cõ glorioso successo, havêdo pelejado, â entrada de Lisboa, cõ quatro nãos Holâdezas, tomou porto.

Erão já dez de Janeiro, quando em a segunda conjunção da Lúa (em cuja melhoria tinhão posto sua confiança, os afligidos navegantes) crecérão de novo as tempestades, que com arrebatadissimo curso, vierão trazendo todos os navios ao naufragio. Poucas vezes se havião encontrado no tempo da viagem, huns, a outros; e da Capitana da [N238] Armada, sò teve vista, e falla, por hũa tarde, o Galleão Sam Joseph, que disse: *Havia pouco tempo se apartâra, da Almiranta da India; porém, q* (como a semelhança do juizo final, cujo retrato em parte aqui foy visto) *não se puderão valer huns a outros, os amigos, nem os parentes, por ser costume da còlera da Fortuna, não deixar obrar as cortezias da Natureza.*

Dom Manoel, amava com justas causas, a Dom Antonio de Menezes, Capitão deste navio Sam Joseph; donde, além de sua pessoa, de tanta qualidade, como virtudes morais, corria manifesto perigo, a mayor parte da nobreza de aquella Armada, que a D. Antonio seguia. Mas era tal o estado do Galeão, em apertos, lastimas, e desconfianças, de que avisavão, os embarcados nelle; que a Capitana, sem embargo da compaixão, officio, e amisade, foy forçada, a se desviar, por não incorrer sabidamente, no inescusavel naufragio, a que já via entregues os cõpanheiros; dos quaes, aquella noute, se apartarão, até o ultimo dia. De tal sorte encarregou Deos ao homem, a vida que lhe deu, que como cousa sua, o obrigou, a guardalla, contra todo o interesse da alheya conservação, dandonos cuydado sò da propria, sem ofensa da humanidade.

Este mesmo dia, ao por do Sol, houve a Capitana vista de hũa não grande, que se entendeo, ser a Capitana da India, a qual já com determinada força, ou

impaciencia, navegava, a buscar a terra, em que se perdesse. Foy fama, que entendendo a tinha [N239] mais longe, encalhara essa noute sobre hum banco de aréa, que jáz ao mar da costa da Madalena, junto ao Cabo dito *Cabriton*: da qual não, sendo possante, e bem fornicida de gente, não sabemos que escapassem mais de cinco pessoas, tres Portuguezes, hum Cafre, e hum Indiano; mas destes Portuguezes tambem sabemos q nenhum chegou a Portugal; por se dizer, haveremse largamente aproveitado de seu despojo.

Desta maneira acabou a vida, Vicente de Brito de Menezes, Capitão mór das nãos da India, em idade de setenta annos, muytos delles gastados em serviço del Rey, no mesmo Estado, e em varias partes; e não poucos, em os perigos, que tras consigo a idade juvenil; principalmente em aquelles, que sem temperança se entregão â sua liberdade; dos quaes, Vicente de Brito disserão, haver sido hum de esses, vivendo intemperadamente, boa parte de seus annos, mas sempre com valor empregados, que lhe póde servir de honrosa desculpa, aos impetus da mocidade. Nesta propria não acabou a vida, não sendo larga, Dom Francisco Manuel, filho de Dom Rodrigo Manuel, que viveo em Evora: o qual Dom Francisco, achandose na India Capitão de Dio, casado, e com filhos, sem haver acabado o trienio de seu governo, o deixou generosamente, por se ir embarcar aventureiro cõ o General Nuno Alvarez Botelho (famoso de nossos ultimos Herões de aquelle Estado) em cuja companhia se achou, na batalha [N240] do Poço de Gurrate, que nas costas da Persia, deu, e ganhou Nuno Alvarez, aos inimigos de Europa: da qual batalha, saindo Dom Francisco mortalmête ferido, se embarcou para o Reyno, cõ pouca convalecencia; donde, por falta de cura, fistulandose a chaga, nem por tam grande ocasião, nem o ser passageiro, além das persuações dos medicos, e amigos, se quis voltar por terra, a Lisboa, cõforme as ordês, q recebêra elle, e Jorge de Albuquerque, filho de Fernão de Albuquerque, Governador q fora da India, que na não tãbem vinha; e obedeceo logo. Mas Dom Francisco, chamado da voz da opinião, ás portas da morte, contra todas as mais, que lhe advertião seu perigo, correo para elle, deixando aos sucessores mais nobre, que felice exemplo, nada premiado, nem de todo conhecido: razão que me fes dilatar estas regras em seus louvores, se já nome, appellido, e sangue, não forẽ bastãtes, para me absolver da censura, quando com

tam pequeno elogio, pareça demasiado. Outros muytos soldados de importancia ficãrão sepultados entre aquellas aguas; dos quaes eu desejei trasladar os nomes, pois não podia os ossos, a estas letras, para immortal memoria delles: porque, pois Deos me livrou do risco de aquelle naufragio, os livrasse eu se pudesse a elles, tambem do naufragio do esquecimento.

Por todas as bárbaras arêas de aquella estendida praya de Arcajona, que se dilata entre a Concha de Sam João de Luz, atè Burdeos, cidade principal [N241] da Gazcunha, forão tomando lugar de sepultura, nossos navios, e os Portuguezes, que nelles navegavão. Haviase já em nove de Janeiro perdido a Almiranta de Portugal, com Antonio Moniz, seu Cabo, e todos os fidalgos, e pessoas de posto, de aquelle navio; sendo, para mayor lastima, tal o modo de sua triste morte, que a fes ainda mais sensivel, pellas circunstancias, que pello sucesso. Tinha o Alferes Antonio Rapozo (pessoa bem intelligente no mar, e criado antigo do Almirante) prevenido hũa balsa de madeira, bem ligada de cordas, em que poder salvarse, e consigo a seu amo, e capitão; da qual, sendo já entregue, no derradeiro ponto do naufragio, e acompanhado de marinheiros escolhidos, se lançou às ondas, levando em meyo da balsa, o Almirante, e seu filho; de tal maneira acomodados, que segundo o aperto do tempo, nam se pudera achar mais segura embarcação, para chegar com vida. Era com tudo grande a luta das ondas, e arêa, naquella ultima parte, que chamão: *Lingua de agoa*, ou *Rollo do mar*, os navegantes. O que tudo se fazia mais perigozo, e incerto, pella multidão de lenhos espedaçados, que andavão soltos vagando sobre a agua; de cuja furia, revolvida hũa pezada lata, armada de agudos prêgos, cõ que se arrãcãra do navio, de tal sorte encapelou• sobre a balsa, e os q nella vinham, que revolvendose entre todos, com hum de aquelles cravos atravessou a garganta ao [N242] Almirante, de que logo ficou morto, participando o filho, que nos braços trazia, do proprio golpe, e successo; que se fes mais lastimoso, chegando a terra, o pay, e o filho, nesta maneira atravessados: sem que, dos que conduzião aquelle tragico teatro, algum perdesse a vida, senão aquelles mesmos, para cuja salvção, elle fora fabricado. Aqui vemos com que liberalidade de perigos, se costumão haver os Fados para aquelles, que fatalmente são perseguidos; porque na tragedia destes miseros naufragantes, andavão as mortes em competencia, a qual primeiro havia de

empregar nelles, a crua força de seu braço. Por esta causa, agora, os vemos juntamente sumergidos do mar, degollados do ferro, precipitados das ondas; finalmente, tragados das aréas, que até os fins dos tempos houverão de usurpar seus ossos, se a piedade, e amor maternal, à custa de grandes lagrimas, e dispendios, não fizesse conduzilos a outro melhor porto, nas prayas sagradas do nosso Tejo, donde para sempre repousão, na religiosissima Casa da Madre de Deos de Lisboa; para que, em memoria de aquellas aguas, suas homicidas, lhas possão lançar bentas, e de perdão qualquer afeiçoado, â sua boa lembrança.

Muytos forão a este tempo, de opinião: *Que a interior descõformidade, q havia entre os dous Cabos mayores Dom Manoel de Menezes, e Antonio Moniz, dera causa a esta perdição.* Não duvido eu, que a discordia entre os que mandão, seja origem de grandissimos danos, [N243] nem tam pouco ignoro, como testemunha de vista, a pouca afeição, que entre os dous se achava; por razão do diverso natural, que em ambos obrava differentissimos efeitos; porque D. Manoel, sobre velho, e muyto entregue às regras da Filosofia (que professava, mais severa do que convinha a hum varão civil) era pessoa de condição austéra, com conhecida mistura de extravagancia; e a de Antonio Moníz, se mostrava de grande afabilidade, e policia, ainda que não de todo fosse perfeito da disciplina conveniente. Acrecentavão: *Que desta desunião procedia ser o General mal obedecido; porque o Almirante era mais amado, em que se fundava, o desejo, e disposição de se apartar, facilitando por todos os meynos, a curta gloria, de meter no Reyno (ausente o General) as náos, e Armada, que estavam a cargo alheyo.* Tal foy a prática, ou censura, que entam correo entre os mais discursivos, e melhor informados dos públicos sucessos; que cada qual esforçava, ou defendia, segundo o odio, ou afeição, com que se achava. Podemos afirmar, que se em o Almirante houve culpa, por emulação, ou ruim conselho (certo vicio dos mancebos) foy sobejamente da fortuna castigado. Juizos são altissimos de Deos, conformar poucas vezes, a nossos olhos, as penas, e as culpas, por confundir nossos juizos; que não poucas vezes se atrevêrão; a querer sondar a profundidade da Providencia divina.

Ainda nas horas da desgraça parece, ha melhores, e peyores instantes. A vista da Almiranta de [N244] Portugal, que acabou com fim tam funesto, deu a

costa, o galeão Sam Felipe, que acertando ditosamente, a investir com hum fosso alto, que o mar tinha aberto na aréa, pode sustentarse nelle direito, de tal sorte, que saltandolhe o leme fóra, do primeiro toque, veyo logo em pensamento aos officiais do mar, que se no leme (pois já estava firme na praya) pudessem afixar hum cabo do navio, a gente se salvaria com pouco risco, ainda que nam com pouco trabalho: ao que oferecendose alguns marinheiros, déstros nadadores, muitos perecêrão na empreza, e outros antes della, perdêrão animo, e forças. Crecia o mar entre tanto; e como a este fim crecesse o desejo do remedio, pella medida do perigo, se lançou a nado com gentil determinação, o Alferes do navio Antonio de Araujo Mogueemes soldado de valor; e q andando o tempo, padeceo outro menos honroso, mas não mais pio naufragio, em desesperadas cadeyas. Tambem, nem para este estava guardada a gloria, da salvação dos cõpanheiros, logo felizmête executada por Felix Ferreira, natural da Ilha da Madeira, honrado nella por nascimento, e por valor, em toda a parte. Este com animo, e forças invenciveis, mais arriscado que Cesar, foy elle a barca de si mesmo, donde nam sò escapou sua fortuna, mas a de tantos, que por sua industria recebêrão a vida. Chegou a terra, e obrando quanto os outros desejárão, ou prometêrão; e foy causa, de que aquella parte do povo Lusitano, nam a pé enxuto [N245] pellas agoas, mas quasi pellos ares, transferisse o amargoso passo da morte à vida; pello qual facilmente, todos a conseguirão menos vinte e tres homens, que sofregos de seu dano se lançârão ao mar antes de tempo, como se houvesse hora, em que elle lhes faltasse para perecerem sem remedio.

Com pouca diferença de sortes, fizerão seu naufragio a Almiranta da India; cujo Cabo se perdeo nella, com quasi toda a gente. O galeão Sam Joseph, e a urca Santa Isabel, da qual com poucos companheiros se salvou o Capitão Christovão Cabral. Mas do galeão S. Joseph, porq a lastima fosse mais sensivel, não escapou outra algũa pessoa de nome, que Dom Francisco de Menezes, a quẽ os estranhos sucessos q lhe esperavão, parece q o estavão chamando da Corunha a Lisboa, primeiro q a partida da Armada; a qual voltãdo a buscar, não achou já no porto: comprando por esse breve desgosto, não menos que a vida. Semelhante sorte, mas por diversa causa, succedeo a João de Sousa Falcão. Todos os mais dignos de melhor fim, ficarão entre as ondas, e os combates de desapiadados

lenhos; mais crueis, que a propria tempestade; porque sendo elles nellas, o azillo dos homens; aqui forão seu flagello. Acabârão nesta tragedia muytos herdeiros de nobres casas, que algũas de todo acabarão com elles tambem; entre os quaes foi o mesmo Dom Antonio de Menezes, Capitão do navio; em cuja [N246] intempestiva morte a Patria perdeu hum Alumno, Marte hum Dicipulo, as Musas hum Amigo.

Jâ em todos os galeões, e nãos se havia executado a ultima sentença, que só a Capitana de Portugal embargava, não tanto com as exquisitas, e incansaveis diligencias que fazia, quanto com perpetuos rogos, e lagrimas ao Ceo, em que todas as oras se ocupavão os navegantes. Poderia acontecer, que outro algum navio do mundo, padecesse igual trabalho, mas tantos juntos, não he verisimil se achassem em outro.

Tres dias depois de sua infausta navegação, se não acendeo fogo; nem pello discurso da jornada havia a este respeito outro mantimento, de que sustentarse, que algũas frutas, que para refresco se havião recolhido. Os grandes balanços da nã, abalârão seus mastros de maneira, que por se não assegurarem delles os officiaes da mareação, poucas vezes se largava ao vento, o pouco pano, que elle havia deixado. Era o vêto cada vez de tão mayor força, q a propria enxarcea, servia de velame. Do continuo combate das ondas, veyo pello discurso dos dias, a desconjuntarse de sorte, o grande corpo de aquelle navio, que não havia em todo elle juntura, por donde ao tempo do balanço, não coubesse hũa mão sem algum perigo. Por esta causa faltârão logo os mastarèos, e os mastros se renderão de modo, que foi maravilha permanecerem firmes todo o tempo da tempestade. Porém como se todos estes trabalhos [N247] não bastassem para castigo, permitio Deos, fazello mais horrivel, hũa madrugada, a tempo que as tormentas de novo se enfurecião: porq armandose bẽ eminente ao navio, hũa negra trevoada foi tão furiosa de rayos, que caíndo alguns junto delle, hum se lhe chegou tanto, que fendeo o mastro grande, desde o alto, até o lugar donde se encaixa; deixando queimada a vèla mayor, e assombrados de sua vista, e estrondo, muytos homens. As agoas do mar entravão já de maneira pellos desconjuntamentos da nã, que bem se via se anticipavão as agoas, a tomar posse della, porém as ondas golosas de seu risco, já não querião entrar, senão por cima

do bõrdo, como usão os valerosos soldados, na escalla de algũa fortaleza. Seguindo esta confusa desordem, crecia o curso cada hora dos lamentaveis desastres: soltandose hũa vez o cabrestante, com que se pretendia levantar hum pouco a verga grande, causou na debilitada Infantaria tanto dano, como se algum tropel de furiosas couraças, a desbaratasse em campo razo. Do alto da emmastreação, se precipitavão cada hora ao mar, ou ao mesmo navio com mayor risco, os mais ousados marinheiros, que se aventuravão a sobir, para remediar qualquer obra. Muytos roubárão os mares, de dentro do convés; e estes erão de outros julgados, por mais ditosos que os que ficavão dentro: aquelle acabava de hũa só morte, e os que ficavão padecião tantas, como gozavão de instantes de vida; vendose a cada instante nas mãos de [N248] mais crũa morte. Contra o costume do medo, parece que ainda as noutes, erão menos penosas (sendo hũ vivo retrato do Inferno) só porque se dissimulava entre as sombras da escuridão, aquelle horror, a que a luz do dia, dava mayor fealdade. Ninguem já pedia, ou desejava vida, antes parece que causava alvoroço a visinhança do ultimo dano, por ser o derradeiro. Os homens, a quem a continuada fadiga, não dava espaço ou termo, andavão desfigurados, e vendose cada hora, cada hora se desconhecião. Todavia, o General constantemente vigiava, animãdo aos seus, com razões, e exemplos; poucas vezes, e em pouco, seguido dos officiaes maritimos, que como forão os primeiros a levar os trabalhos da tormenta, forão tambem os primeiros, que a desempararão. Dou fé, que sendo força ferrar de noute, hũa contra mezena, não se achou mais que o Mestre, que subisse â pena della, sendo velho de setenta annos, e seis, ou sete fidalgos moços, que alli acodirão; sem que a violencia, ou a obediencia pudessem obrigar a gête do mar, para que regesse a mareação do navio. Caso houve em que o General constringido da necessidade, e disciplina, tomou o timão, e governou manualmente, como qualquer marinheiro, mas melhor que o mais destro.

Neste estado corria a Capitana de Portugal, o dia catorze de Janeiro; que amanheceo de novo atribulado, e melencolico: como vestido já dos capuzes annunciadores de quantas mortes tinha prevenidas. [N249] Juntamente pella confusa claridade da menhãa, se descobrio a terra, alta, e grossa, e jũto della hũa pequena embarcação, que pella propria volta a demandava. A vista da terra

causou novo temor, q acrecentava o não ser conhecida, por falta de ponto, já na carta perdido; porque entre os desanove dias da tẽpestade, hũa só vez se pode usar do Astrolabio, e nenhũa do Radio, ou Balestilha. Por esta causa, esquivandose os pilotos de aquella volta, quizerão cortar mais largo, procurando seu desvio; porẽm como Dom Manoel considerasse, que a embarcação de que houverão vista, com toda a diligencia buscava a costa; entendeo, que sem falta seria (como era) navio prático da terra, a que se dirigia: pois cõtra as leys da navegação, hia a buscalla; e porq em tão miseravel fortuna, qualquer noticia lhe podia servir de remedio, ordenou: *Que velejando o possivel, governasse a Capitana pella esteira do navio.* Que com pequena distancia se lhe adiantava. Era esta embarcação, hũa Zabra Biscainha, da companhia de vinte, com que Dom Martim Ediãquez, saíra do porto de Passagem na Guepuzcua, com hum socorro de Infantaria, e dinheiro, para os Estados de Flandes; a qual Frota, sem escapar hũa só embarcação, fez com a nossa Armada, igual naufragio, na mesma costa.

Não se tinha até o meyo dia descuberto outra terra, que aquelles altissimos montes; cuja eminência desfallecia antes de decer ao mar. Porẽm sendo [N250] já mais chegados á costa, se foi descobrindo a barlavẽto, outra lingoa de terra baixa, q demorava pello rumbo do Noroeste. Servio a vista della já de ultima desesperação, por se entẽder era impossivel mõtalla, ainda q conviesse. Então porque o temor não he racional, havendo grande perturbação em todos, causada do sobresalto deste desẽgano, sem embargo de ser o mesmo que buscavão; reconhecẽdo D. Manoel a novidade, e quão custoso podia ser o enleyo a todos os que o padecião; com palavras constantes, e animo segurissimo, ordenou: *Que o navio tornasse a ser seguido, na forma de antes.* Com tal resolução se fez o mesmo caminho, servindose da embarcação, como de norte carta, e piloto. Quando já pellas duas horas da tarde, foi reconhecida hũa breve abra, que se fazia na volta da terra alta, mas tam prateada das escumas do mar, que se não olhava para parte, onde as mesmas escumas não mostrassem que esperavão com a mortalha, aos afligidos navegantes. Acrecentou este temor o visivel naufragio do proprio navio, que até aquelle tempo se estimava, como instrumento da salvação; porque hum pouco sotaventado do pequeno porto, que mostrou querer

tomar, investio nas arèas; as quaes a penas havia tocado, quando posta em salvo a gente (a que deu facil modo, o pequeno porte da embarcação ) encapellou sobre o mar, tão furiosamente, que de poucos golpes a desfes em meudos pedaços.

[N251] Dom Manoel avisado deste successo (não se soltando já mais a sonda da mão) mandou logo dar fundo, por avisarem se achava a não em quinze braças; mas não foi com tanta presteza, que se executasse, antes de estar em nove. Era já tam curta a distancia do navio, à terra, que pellas prayas se divisava a gente que a ellas concorria; a qual pello modo do traje, se pode conhecer estrangeira, e por esse mesmo sinal, pareceo de França. O sobresalto presente, não dava forças ao discurso, para que em nada advertisse; viãose sómente os profiosos sinais, que de terra se fazião, persuadindo, se cortassem todos os mastros: as quaes demonstrações forão tam repetidas, que reparando nellas a gente do mar, e declaradas pella necessidade, que cedo se conheceo, á custa das feridas que a não logo começou a dar sobre no fundo, antes de lhe saltar o leme fóra (o que não tardou muyto) se deu principio a cortar os mastros, e se acabarão de cortar brevemēte; mas elles se por hũa parte lhe servirão de alivio, por outra lhe dèrão nova guerra, porq prezos pella enxarcea de sotavêto, combatião contra o casco do navio, furiosamente, impelidos da resaca, que o mar desde fóra vinha levantãdo: pello modo, q jugavão contra as antigas muralhas os Arietes, ou Vayvens Romanos. Custou despois seu desvio, não poucos perigos, e mortes, dos q nelles intervierão. Seguiose ao cortamento dos mastros, o desfazer as obras mortas, com igual lastima, que [N252] cõfusão; por serem todas de entalhamêto precioso, ficou assi o navio mais leve; posto q erão desordenados os balanços, que dava continuamente; e de tal sorte, que nem atados os homens, podião passar de hum bõrdo, a outro, por acodir ás faenas necessarias. A agoa do fundo, vinha por instantes sobindo, e vencendo o navio, já cativo de seu pezo; o q obrigou a se não parar toda aquella tarde, e noite, com bombas, e gamotes, procurandose conservar até o dia, aquellas taboas, nas quaes só tinhamo posto a esperanza do humano remedio.

Qual a noite fosse, sendo das largas do Inverno, e em altura grande; poderá bem considerar, quem se haja visto em semelhante fortuna. Toda se passou em confissoens, votos e testamentos; outros mais providentes, que piadosos, em

fazer jangadas, e prevenir artificios, dõde pudessem lançar-se ao mar, no final aperto, que por instâtes aguardavão. Dom Manoel não ignorando o risco, em que se via, igual, e comum ao de qualquer outro, mostrou sempre animo inteiro, e com tanto excesso cõstante, que passava a reprehensivel: porque não são menos obrigados os Varões sabios, q os outros homês, a observar as oportunidades dos tẽpos. Sou bem lêbrado de hũa notavel cousa, a este proposito, por haver eu nella tambem sido parte. Mais fóra de tẽpo foi succeder ella então, que referilla eu agora. Assisti cõ D. Manoel quasi toda a noite de aquella tribulação, porq lhe devia amor, e doutrina; [N253] e querendo elle mudar vestidos, como todos, a seu exemplo fizemos, ornandose cada qual do melhor que tinha; porque morrendo, como esperava, fosse a vistosa mortalha, recomendação para a honrada sepultura. Em meyo desta obra, e consideração a que ella excitava, tirou D. Manoel os papeis que consigo trazia, entre os quaes abriu hum, e voltando para mi (q já dava mostras de ser afeiçoado ao estudo poético) me disse sossegadamente: *Este he hum soneto de Lope da Veiga, que elle me deu, quando agora vim da Corte; louva nelle ao Cardeal Barbarino, legado a latere do Summo Pontifice Urbano VIII.* A estas palavras seguio a lição delle, e logo seu juizo; como se fora examinado em hũa serena Acadêmia; tâto q por razão de certo verso, q parecia ocioso naquelle breve poéma, discorreo, ensinãdome o que era: *Pleonàsmo, e Acirologia*, e no que diferião; com tal sossego, e magisterio, que sempre me ficou viva a lembrança de aquella acção, como cousa muyto notavel: sendo tudo explicado com tão boa sombra, que influio em mi grãde descuido do risco: donde vim a entender, que a esse fim, devia de mover comigo tão estranha prática, para o tempo.

Por todas as horas desta tremenda noute, se forão lançando ao mar, homens atrevidos, e inconsiderados; havendose armado das prevençoens, que julgavão convenientes a seu remedio: e como nem delles, nem do successo, houvesse quem voltasse cõ a nova, alguns dos q ficavão, se persuadião ao mesmo; [N254] não ouvindo, nem vendo naufragar aos outros pella distancia, horror, e escuridão, que a tudo cõfundia. Porém, dos que depois se salvarão, foi entendido não escapar algum destes. Era no principio do quarto d' alva, quando milagrosamente chegou á Capitana, hũa falúa rompendo os mares, com duas pessoas sômête q

informarão ser aquelle o porto de S. João de Luz; logo com o secreto possível, forão introduzidas ao General, em cuja presença sem algum secreto (que o perigo poucas vezes he continente) de parte do Magistrado de sua Villa, representarão a Dom Manoel: *Como os senhores de seu governo, mandavão salvar naquella embarcação sua pessoa, por ser hum General Espanhol, e Portugues, segundo mostrava seu estendarte; a cuja nasção tinham particular affecto, e desejo de valer em tudo, como havião mostrado com os mais. Que na deliberação não parásse, porque hũa hora so podia haver de intervallo, de aquelle ponto à morte, sua, e dos que o acompanhavão.* Dom Manoel, com digno repouso, respondeo: *Seria o ultimo;* mas os Enviados manifestarão: *Que trazião por ordem, não embarcar a outra algũa pessoa primeiro que elle, nem seria possível salvar os mais, antes do General posto em terra; porque então partirião della, outras falúas, que se ficavão preparando para remedio da mais gente.* A esta temerosa sentença, acudirão todas as pessoas de conta à Camara, donde Dom Manoel se achava; das quaes foi instantissimamente rogado, se embarcasse por salvação, quando não fosse sua, dos companheiros. [N255] Todos pedião o mesmo: huns porque crião ser assi o que os Francezes dizião, outros porque ausente o General, aos mais ficava disculpavel o desêparo do navio, porq cada qual desejava røper já os laços da obrigação, despois de ver rotos, os fios da esperança.

Desta sorte persuadido Dom Manoel, nomeou algũas pessoas de mayor experiencia para guarda da Capitana; a fim de que em boa ordem dispuzessem a embarcação da gente della. Forão os nomeados: Luis Martins de Sousa, Nuno de Mello, Luis Barreto, Luis Borges de Castro, com os Capitães, Cosme de Couto, e Lourenço Mousinho; dos quaes só dous escaparão vivos. Logo, levando em sua companhia a Ruy Gomes da Silva, Christovão de Mendoça, Dom João da Silva, Manoel de Sousa, com o Capellão mòr Frey Paulo da Estrella, que despois foi Bispo de Meliàpor (varão de valor, virtude, e singileza, louvavel) Fizico, e Çurgião mor, e o Estêdarte Real; se embarcou com igual risco, do que podia passar no conflito do naufragio; mas ajudado do favor divino, chegou a salvamento a terra; por beneficio da tregua, que o mar, e vento costumão fazer, quando o Sol se descobre no horizonte.

Importou sua presença, a vida dos que se salvarão; e de tão premio necessitava o emprego da vida, e opinião, com que por esta jornada, comprou seu remedio. Fez logo com maravilhosa pesterza, despachar doze falúas, e algúas pinaças (são embarçaçoens [N256] mais seguras, que ligeiras) em demanda da gente, que já lutava com os braços da morte, não como antes com seus ameaços. Tal era a desesperação, que muytos por fazer mayor a necessidade, se lançavão do navio às ondas, a fim de que na salvação fossem aos outros preferidos: os quaes se não preferião nesta salvação aos outros, lhe preferião na morte; que inconsiderada, ou medrosamente o anticipavão. Tão ruim conselheiro he o medo, que aborrecendo a morte distante, por fugir della, busca outra mais visinha.

Apenas repontou a marè, quando os mares novamente embravecidos, ao modo do destro, lutador q se arma de mayores forças, para o ultimo cõbate; investirão juntos aquelle miseravel, e disforme vulto; com tal furia, que os montes que de longe estavam olhando a desigual contenda, parece que se abalavão, ao impetu de tamanhos golpes. Este violëtissimo accidente repartio novo temor aos Francezes, que governavão as falúas, receando, com razão, outro semelhante caso, qual o que poucos dias antes havia sucedido a seus naturaes; porque a fim de socorrer a não Almirante da India, tragára o mar 40. pessoas, das que nas embarçações sutis (quaes estas erão) havião intentado aquella obra. Todavia animados pella força do influxo, q os movia, sem se vècerẽ do temor q se lhes representava, forão chegãdo â Capitana, e recebẽdo, como de salto, poucas pessoas; porq cõ a preza de duas, ou tres, se apartavão.

[N257] Não se póde bem referir a desordem, espanto, e confusão, deste tempo; ainda se imagina melhor, dos que nunca o virão, do que se cõta pellos experimêtados. Tres ondas, que parece tinhão a seu cargo o fim destas tragedias, derrubárão o seu teatro; tres mares, não forão mais, sumirão horrendamente aquella celebre Capitana: Santo Antonio, São Diogo, e São Vicente; porque ainda sendo tantos os Patrões, e Tutelares della, como disse o Profeta, que os Sãtos só rogão o digno, em o tẽpo oportuno, parece que o não foi este, para que diãte do Senhor interpuzessem suas rogativas. Da força do primeiro mar, se romperão todas as amarras que estavam no fundo. O segundo encostou o buco, sobre os bancos do arrecife. O terceiro o sumergio com tanta brevidade, que

desejando Dom Manoel regular o tempo que duraría o naufragio (com seus olhos visto de terra) afirma nas certidões que passou delle, haverse desfeito aquella Capitana, em menos da outava parte de hum quarto de hora; que segundo boa computação, matematica, se hum quarto tẽ 15. minutos, em só dous minutos de dilação, e ainda menos alguns segundos (que vem a ser hum brevissimo instante) se acabou a Magestade de tão potentissimo, e vitorioso lenho; aquelle q pouco tẽpo antes coroado de bandeiras vencedoras, cortando por quasi meyo mundo, os Parallelos, os Climas, e os Meredianos, de hũa, e outra Esfera, triunfou dos Mares, Regiões, e Inimigos.

[N258] Sempre antes de tempo chega a morte por mais prevenida, e chamada que seja: sem embargo, que tam avisados do perigo, como de subito, e impensadamente, se acharão assaltados todos os tristes navegantes, naquelle momento de seu naufragio. Não escapârão alguns por virtude de humana diligencia, salvo por aquella altissima efficacia, que os tinha escrito no livro da vida; em cuja obediencia, dos proprios instrumentos do dano, erão respeitados; havendo porẽm, a fortuna baralhado, mortos, e vivos, que em breve espaço povoârão indistintamente todas as prayas: onde a cada passo, se achavão lastimosos espectaculos; porque não só se vião já defuntos e horriveis aquelles que pouco antes conversavamos; mas seus corpos espedaçados, e ainda quentes, já não conhecidos. Jazião os troncos humanos sã cabeças, e as cabeças, sem corpos, nadavão sobre as ondas. Em outra párte se juntavão braços de diferentes estaturas, pernas de diversa composição; muytos, em quem a vida tinha por termo, o mesmo termo da terra; se lhes acabava antes de chegar á terra, o termo da vida.

Se com o excesso desta tragedia, algum pode igualarse; foi só o da piedade, com que o recebo, e consolou aquelle generosissimo Povo: donde as matronas mais principaes, e as donzellas mais recatadas discorrião pellas largas, e soberbas arêas, obrãdo com os naufragantes, singulares acções de conforto: com tal affecto, como se cada hum de aquelles [N259] miseros, que jámais havião visto, fosse seu filho, irmão, ou esposo. Alcance o vigor da verdade, neste encarecimento, o que não alcança o mayor trõpo da eloquencia humana; deixando atrãs todos os hyperboles, de que a Retorica se adorna. Poderei mais que algum outro dar razão

deste successo; porque ou já pella pouca idade, em que o padeci, o sentisse menos, ou por particular mercê divina, eu me achasse em melhor disposição, que outro algum dos escapados, fui encarregado do enterro dos mortos; os quaes dèrão carga a noventa e seis carros, que para os conduzir ao povo, me forão remetidos. Sendo tantos, a todos, se lhes deu eclesiastica sepultura, todos alcançârão sufragios da Igreja, com tal còmodo, que alguns se houverão de enterrar, menos honradamente se fallecessem no proprio leito, da patria.

He Sam João de Luz, povo visinho ao Rio Vidaço, que divide por aquella parte, Espanha, de França; e jáz pouco desviado para o Norte, das eminentes serranias, onde algũas legoas antes do mar, se acabão os famosos Montes Pirinéos, que pondo termo à *Galia, e Hiberia* (como lhes chamarão os antigos) procedem por espaço de outenta e quatro legoas, que se contão de Sam João de pé do Porto visinho, ao mar Cantabrico, até o Cabo de Creuz, ou Cruzes, segundo extremo dos Pirinèos, que se molhão no mar Mediterraneo; com o que se convence de falso, o que Lucio Marrineo Siculo, refere: *Haver achado nestes montes, parte, donde atravessandoos, pode ver [N260] ambos os mares de Setentrião, e Meyo dia*. O proprio povo dito: *Sam João de Luz*, se divide em duas villagens, atadas de hũa larga ponte, sobre hum esteiro salgado: onde aquella parte que olha a Espanha, dizem os naturaes: *São Vicente de Siburu*, como *São João de Luz* a outra, que olha para França; mayor, mais rica, e principal. A lingua comum, he Vasconsa, que se estêde a toda a Gascunha, Guepuzcua, Biscaya, Alava, e boa parte das Navarras; q he aquella a grande terra, a quem os Romanos chamarão: *Cantabria*, quasi *Canto*, ou ilharga do *Ebro*; suposto que a propria Provincia, em que Sam João de Luz está fundado, seja chamada em Frãça: *Terra de labor*: q cõ o Principado de Bearn, e senhorio da baixa Navarra, entrou em a Coroa Cristianissima.

Os costumes destes *Vascos*, ou *Gascões*, como de ordinario são chamados; todos parecem dignos de homens bons. Guardão verdade em tratos, e palavras, de que são zelosos, e amigos de que se lhes mantenha: prezão muyto a liberdade, e nas paixões do animo, poucas vezes se moderão; servem lealmête a seus Principes; por cujo obsequio, tem padecido grandes danos na guerra presente; da qual os mayores progressos (como já na nossa Catalunha deixamos escrito) se

executãrão, por esta terra de Gascões, e seus contornos, com varios sucessos, como na guerra acontecem.

Se conforme pretendemos referir, houvessemos de louvar, a nobreza, e humanidade destes Povos, [N261] exercitada com todos aquelles, que em sua costa naufragarão; grandes elogios, em copiosas sumas, não erão bastantes, para engrandecer a menor parte da hospitalidade, que os Portuguezes achãrão nestas catolicas gentes; pello que agradecido dignamente o nosso Conselho de Portugal, fez consulta a el Rey, propondo: *Que por gratificação do affecto, que os vassallos desta Coroa experimentarão em aquelles pòvos, parecia que Sua Magestade devia ordenar, que já mais os navios, e mercadores delles, pagassem direitos alguns das fazêdas, que commerceassem para Portugal, ou ao menos se lhes concedesse esta franqueza, por boa copia de annos, em memoria do beneficio, que delles havia recebido este Reyno em seus naturaes.* Foi Autor desta consulta, Dom Francisco de Bragança, filho de D. João, e neto do Duque D. Jaime de Bragança, e de sua segunda mulher, a Duqueza D. Joana de Mendoça. Era Dom Francisco Ministro Ecclesiastico de nosso Conselho, e faleceo eleito, unico Patriarcha do Oriente. Não sabemos que el Rey se cõformasse com o cõsultado, e proposto; antes pello contrario em nossa injuria, vimos que por razão de estado da Monarquia, poucos annos despois, se retiverão embargados em Lisboa sessenta navios q de S. João de Luz, Siburu, e Bayona, vinhão carregar de sal; sendo esta a ultima viagem, que em frota fizerão a nosso Reyno, aquelles honrados moradores, com que não só por vãos pretextos, perdemos a nobre acção do agradecimento, mas a util, como era este gentil comercio. E pois [N262] da nossa parte, em modo publico, não houve (por culpa dos tempos passados) algum genero de reconhecimento, para com esta nação; justo será, que nòs agora neste lugar, façamos de nossas obrigações, hũa perpetua lembrança aos tempos vindouros: sêdo certo que he boa parte da satisfação de importãtes dividas, a memoria dellas; e que nenhũas estão tanto no vigor de seu beneficio, como aquellas a quem por obra, nada diminui o agradecimento.

Tal foi finalmente a origem, processo, e fim do naufragio, que prometi relatarvos; cuja perda naquelle tempo, quizerão os mais republicos, se pudesse avaliar neste Reyno pella mayor, que elle padeceo despois da del Rey Dom

Sebastião. E porque della se possa fazer verdadeiro juizo, vos apontarei aqui em junto, as addições do que se perdeo neste lastimoso successo. Duas naos da India, que segundo o melhor computo, importavão aquelle anno tres milhões; nellas mais de seis-centos homens, cõ a melhor marinhangê de sua carreira; cincoenta e duas pessas de bronze, que por ambas se repartião. As pessoas de Vicente de Brito, Capitão mòr dellas, seu Almirante; insignes pilotos, e mestres, além dos nobres, que alli naufragarão, de que já tenho feito algũa memoria; a Almiranta de Portugal, notavel navio de quarêta canhões, quinhêtos Infantes, o Almirante Antonio Monis, todos os fidalgos, e homens de posto; o galeão S. Joseph, de trinta pessas, seu Capitão, e illustre cõpanhia, cõ quatorcêtos homens; [N263] o galeão S. Felipe de vinte e oito pessas, onde por escapar a mayor parte da gente, foi menor a perda, e a lastima. A urca Santa Isabel de vinte e seis pessas, e cõ ella duzentos cõpanheiros, q erão a flor de nossa Infantaria. A Capitana de Portugal, que foi em seu tempo, o mais real, e possante navio, que navegava, com a mayor parte dos fidalgos, e officiaes delle, sessenta pessas, quatro-centas e setenta e nove pessoas; quanto mais, q a mais importante callidade deste naufragio, foi perder nelle Portugal todas suas armas marítimas: donde se pode com razão lamentar (e ainda agora pòde) não só a perda das armas, não só a dos tesouros, mas a da nobreza, havendo assi inutilmente acabado, tantos homens illustres, tantos herdeiros de casas principaes, tantos casados, que ficárão faltando a suas familias, tantos capitães valentes, tantos mancebos de altas esperanças, tantos soldados destrissimos, tantos pilotos, e marinheiros expertos, que são as alfayas mais importantes ao adorno, e utilidade de hũa Republica, e que não sem grande dilação pòdem tornar a ajuntarse.

Mas porque entendo desejareis saber ainda em particular, o remate deste successo, segundo o estilo, que guardei em referilo, continuando com os acontecimentos da Capitana; como cabeça do corpo de aquella Frota, e os de D. Manoel de Menezes, General della; da qual cõpanhia pella assistêcia, que eu lhe fiz, poderei dar melhor razão; resta por saber.

[N264] Que sendo já manifesto nosso naufragio, concorreo logo com acçoens de comprimento, devido â pessoa de hum General del Rey de Espanha, o Conde de Agramont, Governador perpetuo de Bayona de França, tres legoas,

distante de S. João de Luz, para a banda do Norte; porque suposto que toda a Provincia de Gascunha, era então pertencente ao governo gèral, do Duque de Espernõ, o qual assistia em Bordeos; havia o Conde de Agramont, em particular tenencia aquella Cidade. Este despedindo pella pósta hum genro seu, por nome: *Monsieur de la sale*, com o pesame do successo; veyo fazer de parte do sogro, e da Cidade, honrada visita a D. Manoel; o qual o recebeo como era devido, respondêdo ao Conde, e Magistrado, em cartas latinas (por lhe ser lingoa familiar) em as quaes sobre: *lhe reconhecer a compaixão que mostravão de seu successo, recomendava o trato de nossa gête, e cobro da fazenda Real*; interpondo por semelhãte causa, semelhãte rogo ao Duque de Espernon, a quem tãbem escreveo em igual estilo. Mas estes Ministros del Rey Cristianissimo, já por seu proprio serviço, havião mandado ordens convenientes, segundo o interesse de sua Coroa; porque postas gentes pella marinha, officiaes de justiça, e guerra, evitassem o excesso, com que as fazêdas que escapavão dos mares, não escapavão dos homens.

Sobre as grandes riquezas, que cada dia, com mais ou menos dano, se hião descobrindo, foi fama antes [N265] de nossa saída de França, estarem já em salvo em suas prayas, cento e cincoenta canhões de bronze, dos quaes despois, eu, e muytos, vimos alguns em praças, e navios del Rey de Frãça. E porq ainda q as Coroas estavam então pacificas, e o Cõselho de Portugal, concorreo com recomendações ao Embaxador de Espanha, Marques de Mirabel, q residia jũto a el Rey Cristianissimo, solicitadas por Jurdão de Freytas da Silva, e Alvaro Galvão, falecendo o primeiro, e ausentandose o segundo; não houve efeito aquella justa negoceação, atè que com a rotura da guerra do anno de 1635. se acabãrão de perder as esperanças de algum cobro.

Dom Manoel, tanto a este fim, como ao de recolher a Infantaria, que escapãra, e lhe dar a forma conveniente, para reduzirse a Portugal; porque com o duro inverno de aquella Região, não padecesse na terra novo trabalho; deu aviso a Biscaya, onde a varios, e importantes negocios da Monarquia, havia decido o Secretario de Estado de Castella, Martim de Aròstigui; o qual cõ grande cuidado acodio logo com efeitos, e creditos, para que o General, e a Infantaria, fosse

socorrido; e se tratasse de sua redução a Espanha, não menos pella opinião, que pella utilidade.

Estâdo as cousas nestes mèritos, arribou a aquelle lugar, desde Flandes (donde passava por terra a Corte de Madrid ) o Marques Ambrosio Spinola, que a D. Manoel fez grandes honras, e agasalhos; [N266] aconselhando, que logo saísse de França, donde menor pessoa, bastava para dar forma aos negocios, porque nella se detinha. Deste parecer persuadido Dom Manoel, poz em efeito sua jornada à Corte; e foi nella recebido dos prudentes Ministros, mais como Profeta, que Capitão; pello aviso tão constante, que lhes havia dado, do fim de sua viagem, logo no principio della. Todavia o vulgo que só julga pella ley dos sucessos, em parte culpava a Dom Manoel, porque era sô aquelle a quẽ via presente; de cuja opinião (esforçada por ventura dos émulos) el Rey se fez tambem participante, negando por alguns mezes, os ouvidos a seu General, afligido, e inocente.

Mas vendose Dom Manoel tocado instantemente de aquelle mal, a que os Medicos modernos chamão: *Flatos hypocondriacos*, que com menos pomposo nome, os antigos chamavão: *Ventosidades melencòlicas*, deixando os negocios temporaes, por se entregar aos do espiritu, já com facil licença, q del Rey havia alcançado, se partio a Portugal; donde poucos dias despois de chegado, agravandose a enfermidade, faleceo em 18. de Julho de 1628. e foi misteriosamente enterrado na Igreja da Madre de Deos, junto â sepultura de Antonio Monis, seu Almirante; que assi fez a morte conformes, aquelles a quem a vida diferentes.

Foi Dom Manoel de Menezes, filho de D. João de Menezes, que disserão de Campo Mayor, por ser [N267] herdado na visinhança de aquella Villa. Quando moço, Dom Manoel, deu mostras de grande applicação ás boas letras; tanto que sendo filho mais velho, estudou como para letrado. Inclinou se com felicissimo progresso, ás sciencias Mathemáticas, em que teve por Mestre ao Padre Delgado, discipulo de Clavio. Soube com perfeição a musica, e professou a historia Romana, e Grega: de cujo idioma tinha algum conhecimento: e singular noticia, por longo estudo, das linhagens do Reyno; logrado com tal satisfação de si proprio, que muytas vezes lhe ouvi: *Desejàra ter officio de poder*

*casar, elle sòmente, aos homens de Portugal; porque sò elle, lhes poderia dar a cada hum, a molher que lhe competisse.* Amava a Poesia, e della antes a poetica, que a versificatoria: o que lhe procedia de ser nos versos (que tal vez provou a fazer) infelicissimo; quão prático nos preceitos da arte, assi no modo Lyrico, como no Cômico, Satyrico, e Epico. O seu Autor latino era Tacito, o Grego Tucídides; e dos Poetas vulgares, estimava pella variedade o Ariosto: confessando sobre os heroycos, a eminencia do nosso Camões.

Viveo largos annos retirado; em os quaes fazendo grãde cabedal de estudos, se declarou pretendête ao officio de Cronista mòr, q alcãçou pellos annos de 1618. por morte do famoso Historiador Fr. Bernardo de Brito; o qual officio (pella de D. Manoel ) tornou logo à Religião de São Bernardo, em que se continua; sucedendolhe, a despeito de varios, e [N268] dignos pretendêtes, o Doutor Fr. Antonio Brandão; cujo sobrinho dicipulo, e sucessor immediato, he oje o Doutor Fr. Frãcisco Brandão, q tâtos eruditos testemunhos, como livros, tem dado de seu talento. O mesmo ponto fez D. Manoel na pretensão, ao officio de Cosmògrafo mòr, que dias havia estava vago por Manoel de Figueiredo, dicipulo do nosso insigne Pero Nunes; e elle bẽ instruido nas navegaçoens; o qual officio por falecimêto de D. Manoel, passou ao Desẽbargador Antonio de Maris, q disserão: *Agulha fixa*; porq na averiguação deste segredo, navegou à India, presumindo o tinha alcançado por propria especulaçãõ, com a qual sãõ infinitos os enganados.

Na occupaçãõ de Cronista, sabendo eu tudo, o que Dom Manoel escreveo (porque já naquelle tempo, elle me tratava como a dicipulo, já o ajudava a dispór alguns papeis, e anotarlhe as noticias, que continhão) me afirmo, em que só deixou escrito, boa parte da Cronica, del Rey Dom Sebastião, com que, violêtido de ordens Reaes, determinava sair a luz em breves dias; e nos que durou a jornada, que tão tragicamente rematamos, escreveo em mar, e porto, a restauraçãõ da Bahia, tambẽ por expresso mãdamento del Rey: hũa, e outra, erãõ historias secas, e de extraordinario estilo, porèm fiel; q ambas se devẽ cõservar entre seus papeis, e livros. Tinha de muytos annos impressa hũa Relaçãõ em portugues, e latim, do successo, e batalhas q teve na não São Julião, com a qual sendo Capitão [N269] mòr de aquella viagem, se perdeo na Ilha de Comoro,

além de Madagascar, ou Sam Lourenço. Aos ordinarios livros de linhagens, havia feito certos escolios, e notas, muyto mais conformes com a verdade, que com a politica. Depois escreveo, e fez estampar, a breve Relação, deste naufragio, que ao principio referimos. Tais forão seus progressos, na faculdade das letras; mas será razão, que tambem demos noticia dos empregos das armas, que continuou largamente; sendo elle em Portugal, e em qualquer outro Reyno de Europa, hum dos Varões, que melhor juntarão neste tempo, a profissão de Letras, e Armas.

Começou a servir na guerra, quando a vinda dos Ingrezes a Lisboa, que o Prior do Crato, Dom Antonio, cõduzio com grande Armada, em socorro de seus direitos; e como Dom Manoel fosse então mancebo, e fosse tal, não sendo comumente conhecido, com presença muyto semelhante aos naturaes do Norte, succedeo, que por algũas companhias de gẽte miliciana, foi prezo, com vós: *De que era espia dos Ingrezes, que entre os Portuguezes se dissimulava*. Por esta causa, reteve toda a vida, a alcunha de Framengo: como em Portugal viciosamente sam chamados, sem distincção, todos os Estrangeiros. Passada esta ocasião, continuou o serviço da guerra nas Armadas, em as quaes foi brevemente Capitão dos melhores navios; e quatro vezes depois Capitão mor das naos da India, donde só duas [N270] viagens fez a salvamento, e das restantes, hũa se perdeu, e arribou outra, de que lhe resultarão mais calunias, que mercês pelas duas que acertou; ambas de mayor credito, que interesse: o qual elle desestimava, e a penas conhecia, por ser de coração alto, e exquisitamente desapegado de pompas, que reprehendia com sobejo desprezo.

Assistindo em Madrid o anno de 1611. passou a Paris, em companhia do Duque de Pastrana, seu parente, em grao não remoto, quando foi por Embaxador del Rey Dom Felipe III. concertar as bodas entre as Coroas, Catolica, e Cristianissima. Assi o nomea a historia Pontifical, em sua quinta parte quando escreve esta cèlebre embaxada; da qual D. Manoel, vindo pouco satisfeito, não admirava, como parece o merecião, as grãdezas da Corte de Frãça. Depois se retirou a viver, junto de Campo Mayor, em a sua famosa quinta, quasi solar seu: e jaz bem no meyo da linha, que divide Portugal, de Castella, hoje por esta causa, devoluta. Deste retiro, a modo dos antigos Capitães Romanos, foi

chamado para o governo de nossas Armas marítimas, q mandou cinco annos; levando no exercito, que conduzio â Bahia, debaixo de sua mão, mayor nobreza, que outra algũa pessoa, que não fosse Real, tinha até então mandado, entre os nossos. Nesta empreza tão felice, ganhou nova opinião, ou confirmou a antiga de valeroso soldado, homem robusto, destro mareante, e limpissimo ministro; voltando ao Reyno, não [N271] teve outra occupação, ou despacho, que a continuação de seu posto; havendo elle dado sinaes aos ministros de Estado, de desejar o governo do Algarve, por viver, como dizia: *Abraçado com os seus livros, e os seus compassos*: dos quaes era tam afeiçoado, que poucos dias antes q falecesse, tinha determinado abrir hũa Aula de Cosmografia, por obrigação de seu cargo, em o Convento de S. Vicente de fõra; a cuja lição, convidava com grande gosto aos amigos. Sirva de nova gloria, a lembrança das moderadas pretenções, e curtos despachos deste Varão, a aquelles que na idade presente, tem conseguido com tanto menor trabalho, tanto mayores premios.

Esta foi a vida, e acçoens de Dom Manoel de Menezes; o qual, como se vé no discurso, deste breve episódio, se pôde estimar por hum dos grãdes homens, que deu Portugal, de muytos tempos a esta parte; porque em callidade, meritos, e virtudes, se igualou aos mayores, de que temos lembrança: entre as quaes virtudes, resplandecia nelle, hum entranhavel amor â nobreza deste Reyno, que pois lho não satisfez quando vivia, sendo de alguns nobres murmurado, sem razão, razão serà desempenhar para os presentes, e futuros, com as demostraçoens de reverencia, e afeição á sua memoria, aquelle amor, com que se faltou â sua vida. Emẽdaremos assi nõs, em o que pudermos, esta falta, para os presentes e futuros; pois aos passados não podemos advertir sua obrigação. Eu pello menos, nẽ a elle, nem a outro [N272] algum digno de fama, terei já mais por acredores da gloria, que lhes pudera adquirir em meus escritos, contribuindolhes, quanto â limitação de minha pena, for possivel; a ver, se por ventura, tãbem despois de meus dias, acontece que algum vindouro honre ao meu nome, quanto eu procuro eternizar, e engrandecer o dos passados.



[D273]

DESCOBRIMENTO  
DA ILHA  
DA MADEIRA.  
Anno 1420.

EPANAPHORA AMOROSA.  
TERCEIRA.

DE DOM FRANCISCO MANUEL.

*Escritta a hum Amigo.*

Amigo. Muytos tempos ha, que desejo aliviar o animo, escrevendo algũa obra de mais divertimento, que as passadas; porque elle oprimido de cuidados grãdes, acurva como o hombro, ao peso da desigual carga. Até o proprio Atlante, de cujas forças a fabulosa antiguidade, fiou o mundo inteiro, se vio necessitado das robustas costas de Hercules, para que sobre ellas descançasse, ou pello contrario [D274] correrão perigo o mundo, e o Atlante que o sostinha.

Jà sabeis, e os nossos, e os estranhos, como o meu genio (bem, ou mal) apetece este exercicio da pena, e tinta; e que dos varios empregos que fiz, com minha escritura, mais reprehensivel pôde ser a obra, que a materia. Provei as Historias, as Poesias, as Politicas, as Moralidades: em todas achei inconveniente. E suposto que aos mayores, vêce a gloria, ou o interesse, eu ignorando ambos estes affectos, confesso vos que me acho medroso, para Coronista, rudo para Poeta, confuso para Filosofo, melêcolico para Moral; mas para tudo me acho ainda menos, que para me achar ocioso.

Comecei os annos passados, a escrever algũas memorias de sucessos notaveis de nossa nação, que ou forão mal escritos, ou o não forão. Aquelles cujas informaçoens, eu não pedisse ao estudo dos livros, e só de minha lembrança facilmente os recebesse; porque além de que faltando (como a mi me faltão) o gosto, e saude, logo o estudo he molesto; haveis de saber, Amigo, que

de ordinario vem a esquecer no Mundo as cousas, que nelle traziamos mais presentes: a razão he, que por velas de contino circũstantes, nunca tememos, que nos faltem; á maneira que da agoa, ninguem faz tesouro, por ser cousa, ainda que estimavel, ordinaria.

Alguns dos discursos, que vos digo, tenho acabado, e outros perto do fim, nenhum da perfeição. [D275] Mas havendo (já ha muytos annos) lido aquellas singulares Relações do Cardeal Bentivollo, tanto ha que fiz proposito de o imitar, com outras, em nossa lingua Portugueza. E quando cheguei a ler a fuga do Principe de Condè, e notei o vagar, e galantaria, com que hum tão grave juizo, se deteve em retratar os affectos do amor humano: certificovos, que me fez enveja; entendendo eu então de mi, que para semelhantes materias, era mais conveniente a minha pena, que a do Cardeal: posto que sábio, velho, e religioso.

Vendome agora nesta solidão, a cujo favor vim fugindo da justiça, ou da injustiça do povoado; me puz a discorrer vagarosamente, sobre de que maneira eu poderia satisfazer, aquella interior promessa, escrevendo a relação de algum successo grande, que pertencesse a este Reyno; procedido, ou ilustrado, de affectos amorosos. Mas depois de larga volta de discursos, me pareceo, que nenhum era mais proporcionado, ao que eu desejava, que o notavel descobrimento da nossa celebrada Ilha da Madeira; em o qual (como vereis nesta Relação, que delle vos ofereço) se achão todas as varias acçoens, que fizerão intrincadas, e por isso agradaveis, as historias do Mũdo; ou com adorno retorico, ou singileza historica, se relatem, na erudição profana dos Gregos, e Latinos.

Resta acomodarvos o presente. Porém qual dos que vos conhecẽ, duvidará que nos casos de Amor, [D276] e de ousadia, não ha entre nós outro mais práctico? Assi vos estimão, galante, as damas, como os inimigos vos confessão valeroso; porque não sem proposito o vosso Cupido, là foi ser filho de Marte: nem se ignora, que costumão ser Martes, todos os filhos de Cupido. Filhos chamarei do Amor (por esta razão Martes) aquelles cuidados tão valentes, aquellas resoluções tão deliberadas, contra o mayor perigo; ou senão chamarlheshei, Hercules, que por jogo no berço se ensayava, espedaçando serpentes. Assi hum amoroso pensamento, já ao primeiro dia se esforça a lutar, com impossiveis, e se avésa a vencelos.

Pois se por parte do amor, vejo em vòs tantas afinidades, com este meu assunto; quantas mais poderei achar, discorrendo pellos outros acontecimentos, de que he composto? Porque se por viagens, por naufragios, peregrinaçoens, perigos, e tragedias, o vou vendo, de todas essas acçoens a vossa vida, he hum retrato. Navegastes moço a climas inclemêtes. Combatestes na menor idade, com varonil esforço. As tempestades do Oceano, deixarão em vosso animo, não receo, mas disciplina. Os perigos, e tragedias militares, anticipandose em curso ao tempo, e em numero aos annos, só vos servirão de pullir, não cõtrastar, a fortaleza. Pois na peregrinação, quẽ vos igualou? Ainda os proprios companheiros, que vos imitarão na sorte, em a constancia, com que a sofrestes, vos puderão emular, mas não competir, [D277] vos puderão competir, mas não exceder. Quando os mancebos illustres vossos iguaes, pìsavão em Portugal os estrados do Paço, ou o mimo dos jardins de Lisboa, cõ molle passeio; vòs então sem abrigo, quãto mais adorno, hieis atravessando os incognitos desertos de nossa barbara America: asperos atè para às feras, que antes os recebem por patria, que morada. Lâ vos fizestes digno de aquelle nome, que para não perderdes, sois obrigado a cõservar cõ obras arduas; do qual, nem a inveja, nem a ingratição, quando se vos oponhão, consintais que vos despójem. Mas se vos vimos madrugando ao trabalho, tambem vimos que o aplauso, não foi preguiçoso para vòs. De ahi veyo, que os pòstos grandes, e as emprezas estimadas, corressem para vosso cuidado, antes que vòs para sua pretensão. Desta maneira costuma o Sol, tocar primeiro os montes mais altos, sem que se queixem os valles, de que depois lhes amanheça.

Porém se considerandovos tão grãde, me faço devedor de hũa oferta, que vos seja proporcionada; razão será advertirvos, não desprezeis esta por meu, ou seu valor, ser pouco. A vontade serve nas obras do animo, como a cifra na Arimetica: sempre dá preço a todas as cousas, a q se ajũta. Da minha võtade, bẽ creyo q estais seguro; mas se serà por ventura por si mesmo, pouco para estimar esta materia? Não serà: que já a estimarão muyto, engenhos grãdes, de quem foi tratada, e a quẽ oferecida. O nosso Livio Portugues (bem se sabe que digo João de Barros) [D278] começou a escrever della, em a sua primeira Década de Asia. O Doutor Manoel Clemente, que foi Prégador de tres Pontifices em Roma,

compoz desta historia, hum livro em latim, q dedicou á Sãtidade de Clemẽte VII. Poucos annos ha, q Manoel Thomas, nosso amigo, publicou da propria acção, o seu Poema, chamado *Insulana*. Antes, e melhor que todos, Francisco Alcaforado, escudeiro do Infante D. Henrique, fez de todo o sucesso hũa Relação, que ofereceo ao mesmo Infante, tam chea de singileza, como de verdade; por ser hum dos companheiros neste descobrimento: a qual Relação original, eu guardo, como joya preciosa, vindo â minha mão por extraordinario caminho.

Refirovos o avoengo destas memorias, porq a antiguidade as tẽ justificado, e ennobrecido. E tambem porque conheço, não he meu credito bastante, para que por si sómente, inculque ao Mundo, como verdadeira, hũa historia tam exquisita. Bellas 9. de Setembro de 1654.

V. A.

*D. F. M.*

Aquella antiga, e grande *Bretanha*, que nos tempos primeiros, foi *Selva*, *Calidonia*, *Albion*, entre algũas gentes, *Anglia* depois, e agora *Inglaterra*; governava pacificamente, o grãde Rey Dom Duarte Terceiro, que foi pay do Duque de Lencastre, João de Gand; e este, segundo genro [D279] del Rey Dom Pedro o cruel de Castella, e sogro pello primeiro matrimonio, de Dom João o Primeiro de Portugal: a quem justamente chamarão *de boa memoria*.

Era ja Londres Corte Ingreza, Cidade principalissima, èmula das mayores do mundo, em opulencia, e assento; a quem o Thâmasis Rio natural, que nace em os campos de Oxfordia, lhe serve de moldura, com abundantes agoas, pella parte que olha ao Setentrião; donde depois vem decendo, para ser a mais grossa vea, em o braço do Oceano Boreal: que se estende, com nome de *Canal de Inglaterra*, entre as famosas Provincias, Grão Bretanha, e França.

Antes foi célebre, e agora verificada a sentença do Grego, que nos disse: *Era bellissima dama a Paz, porẽ que com tudo concebia a Ociosidade fea, e indigna, mas ordinaria filha, de mãy tão bella*. A ociosa opulencia de Londres (sempre como vemos, e lemos) ocasionada a grãdes feitos, convidava à mesa de suas delicias, aos mancebos Ingrezes. Entre os mais, Roberto o Machino, nobre da segunda ordem, desprezando os jogos, e banquetes, a que o persuadião seus iguaes, com práticas, e exemplos, se singularizava, em pensamentos mais altos. Animo forte, juizo excelente, idade gentil, fortuna prospera; erão seus ìntimos conselheiros: ajudandose das partes pessoaes, que em Roberto (não a caso) fizerão concurso.

Com mayor callidade, e superior riqueza, celebràva [D280] então a fama por toda a Cidade de Londres, o nome de Ana de Arfet, donzella fermosissima: e com cuja beleza, os outros dotes de corpo, e espiritu, tinham feito aquella paz, que lhes falta em os mais dos sugeitos, donde se desencontrão. A seu matrimonio aspiravão Principes. Da Corte, Provincia, e Reyno, estimada como hũa maravilha de muytas maravilhas. Era esmalte de suas perfeições, seu recato. Então o Amor, que tomou dos rayos, entre que foi nacido, o costume de forcejar contra o mais robusto, ordenou como reciprocamente, fossem ouvidas, e desejadas as partes de ambos. Dias ha, que da noticia para o agrado, se traçou hũa escada secretissima por donde ordinariamẽte se serve (não sã precipicios) hum certo affecto, que

algũas vezes se chama: *Curiosidade*, mas sempre he appetite.

Não escrevo amores, senão o successo delles: força será, com tudo, temperar segundo o tom, o instrumento: prevenhase desta consideração, o animo de aquelles, a quẽ tal vez, parecer reprehensivel a brandura da pena, ou o asseo do estilo, cõ que se escreve.

Perigãrão, em fim, no excesso, as finezas de Roberto, e Ana. Foi logo escandalo a correspondencia; porque a inveja vestida de zelo, começou a solicitar como emmenda, o que era vingança. Os pays de Ana advertidos, queixosos os parentes, el Rey avisado, resolveu com seu Parlamento, que Roberto fosse prezo, e Ana casada á eleição dos seus; que com hum Milord de alto estado (assi chamão em Inglaterra [D281] aos grãdes senhores) tinhão já feito capitulação, jûtamente de seu matrimonio, e seu desvio: ajustãdo, que Ana, e seu esposo, se saíssem â cidade de Bristol (que se aparta de Lõdres, muytas legoas) cujo assento, he no mar Hibernico, em hum Canal, que da propria cidade, toma o nome: *De Bristol*, pello qual, he assás conhecido dos navegantes.

Roberto oprimido da dor, e da prisão; como homem discreto, todo seu cuidado empregava em assegurar a fé de Ana, e a indinação del Rey; buscãdo, e seguindo os meyoas cõveniêtes, a fazer propicia nella, a firmeza, e nelle a piedade. Tudo cõseguido: ausente Ana, el Rey satisfeito, Roberto livre; então lhe pareceo, q já era tẽpo de desagrar o amor, o gosto, e a hõra. E porq sẽpre foi força cõfiar, de quẽ he preciso valer, descobrio, a parentes, amigos, e criados, a ousada resolução, em q se achava. Juntos hum dia todos em secreto, parece que lhes disse.

*Bem indigno fora eu de vossa companhia, se com tais companheiros não intentàra cousas grandes. A razão do meu agravo, escusado he lembrarvola, não vos compadeceis vós tão mal de minha honra, não vos vay nella tão pouco, que vos esqueça? Bem sei eu, que se fosse tão vil que passasse por estas injurias, vòs sois tão honrados, que me não deixarieis passar por ellas. Não ha em nõs, mais de hũa sò alma, contra o engano de aquelles que presumem, he ella toda inteira, aposento de aquella vaidade, que elles chamão: conveniencia. E pois he certo, que hum só espiritu nos anìma, lá nesse espiritu tem sua morada o Amor, lá o Gosto, là a Vingança. Tão [D282] grandes hospedes trago em meu peito. O*

*amor ferido da injuria, o gosto da perda. So a vingança se acha inteira, e briosa, para tornar pellos agravos dos outros. Mas sem vòs como será isto? Não afrontão os inimigos, quando offendê; os amigos si, quando faltão em ajudar á emenda, das ofensas dos inimigos. Aquelle que me deseparar de vòs outros, esse he o q me agrava, não aquelle q me tem queixoso. Vede qual de vòs quererá fazer o mesmo que aborreceis, em todos os que estais aborrecendo. Nenhũ excesso se desmancha, sem outro excesso. Bẽ quizera eu, obrar de maneira, q poupasse os vossos riscos. Mas como já não pude escutar, a demasia das sem razões padecidas, agora não poderei diminuir o empenho dos perigos, cõ q nos havemos de satisfazer dellas: queixaivos de quẽ nos ocasionou tanto, não de quẽ tanto vos pede. Porém se algum dos circumstantes, provou já o golpe de hum desprezo, aconselhe a minha dor, os remedios da sua; se o não provastes, ó não creais que antes da morte, se satisfâs hum amor ofendido!*

Então recebida hũs de outros, fé, e palavra, prometêrão todos, de sojeitarse a hũa propria fortuna. Concertârão, q passassem cautelosos, e acautelados â cidade de Bristol, em varias cõpanhias; dõde prevenindo os mais conformes instrumêtos que podião• assegurar sua fugida, roubassem a Ana de Arfert; cujo consentimento (industriosamente comunicado de Roberto) era o norte, que lhes influia, e cintilava, a presistencia desta resolução. A vesinhança do mar, assegurou o facil modo da fuga; França pouco distante seu breve cõmodo; amparo, a emulação de aquellas duas Coroas. A prospera fortuna esperavão [D283] do valor de todos; e o valor, da cousa, que emprendião; porque segundo a lição dos exemplos, menos ousados, que o amor, tem feito a gloria.

Seguiose ao Conselho a execução. Esta he hũa arvore, que quer se lhe recolhão flores, e frutos juntamente. As fermosas razões são flores; frutos, as obras a que nos persuadem; se o tempo se interpoem, entre as flores, e os frutos, digo: entre o cõselho, e a execução, inutilmente se corrompe, hũa, e outra novidade de flores, e de frutos.

Assentârão, como hum dos mais destros companheiros de Roberto, entrasse por criado, em casa do esposo de Ana; cujo nome por decõro deixou de escrever o mesmo Roberto, a quẽ devemos esta historia. Sucedeo como se dispoz, e despois de recebido para palafreheiro, tomou cargo de pêsar hũa

fermosa pia, em q Ana saia algũas vezes ao cãpo: ou só, ou acompanhada de seu marido; porq a singileza de aquelles tẽpos, teve para si, que o mais sevéro guarda damas, era a honra das mulheres honradas: duvido se assi o presume, o tempo presente.

He Bristol, hũa das cidades de mais comercio, de toda Inglaterra; e porq a esse respeito, se achão em seu porto muytas nãos aparelhadas, para sair delle havia já Roberto, e seus cõpanheiros, posto os olhos (entre aquellas q estavam mais prõtas para navegarẽ) em hũa poderosa embarcação, q de forte, ligeira, e guarnecida, tinha o melhor nome; o descuido de seu Capitão, o cuidado de Roberto, prometião della certissima [D284] preza; só lhes faltára o tẽpo para intentalla; porque como as mais disposições prevenidas, não era depẽdente de sua ousadia. Haviãose preparado de hũ barco, q lhes franqueasse a passagem da terra ao mar; em o qual, todos os dias a hora sinalada, discorrião, como por divertimẽto a marinha; sã q de algũa pessoa fossẽ notados: cõtra o costume de agora, q em nossa gẽte ateou, atè chegar a incẽdio, porq fazẽdo da malicia providẽcia, quizemos purificar tãto o vicio das sospeitas, que as subissemos a virtude.

Erão entrados os nortes: monção que se esperava, para executar o roubo de Ana. Ella avisada do criado, amigo e companheiro de Roberto, propoz o dia, em que sem falta sairia a seu passeio: o qual de ordinario soia ser pella ribeira do mar, que frequentava em seu batel Roberto; sendo esta a mais desembaraçada parte dos olhos do vulgo. Assi para q a força fosse em tudo socorrida da industria, e ambas jũtas se facilitassẽ, usou de tal arte o fingido criado de Ana, q tres dias antes de sua saída, pos em desesperada sede a pia, de q curava, não lhe consẽtindo beber algũa vez, em todos aquelles tres dias, a fim de q melhor conseguisse seu intẽto: como succedeo logo.

Ana q se achava deliberada ao ultimo precipicio, tratou de acomodalo de sorte, q lhe fosse menos penosa a falta de sua riqueza. Recolheo as mais preciosas joyas de seus cõtadores, em grãde preço estimadas; de q em si mesmo fes tesouro, entre as quaes foi memoravel, hũ Crucifixo de subido valor pella obra [D285] que era exquisita, e pella materia, q era ouro, e diamantes. Este lhes foi despois a mais fiel cõpanhia, q Ana, e Roberto achãrão, em as tragedias

futuras.

Tudo, e todos aponto; a hora chegada, já o amoroso aventureiro, com seu barco, e sua gente, estava esperando bem armado, na estância costumada. Quiz o esposo de Ana, fazer, fatalmente, mais solene sua desgraça, acompanhandoa aquelle dia; o que ella com bom semblante, mostrou haver estimado. Mas a penas saíndo ao campo, descobrirão a marinha, e se ouviu distinto o ruído das agoas, quando reconhecêdoas, desbocada, e furiosamête a faca de Ana, correo a se lançar nas ondas, sê q a força, ou industria do fingido criado, q a levava de redea, pudesse fazer outra cousa, q dirigir aquelle cego animal, para o lugar mais proximo ao barco de Roberto, q já reconhecia. Elle, q para começar sua vêtura a seu parecer, lhe não faltava mais q o fim de aquella desgraça, saltãdo ligeiramête em terra, como levado a caso de piadosa diligência, n' alma, e nos braços, recebeo o golpe de tão misteriosa queda. Foi brevemente socorrido dos seus; e com incrível presteza, embarcados Ana, e Roberto, e os mais, desaparecêrão da praya, antes de se advertir o desastre, quanto mais o delito.

Suavemente os Etnicos, quizerão deixar sábia nossa ignorancia, disfarçando no deleite, a doutrina; porq os asperos exêplos q propunhão â posteridade, lhe não fossê tão enjojosos, q estremecida do horror dos sucessos se fugisse por riguroso, do util escarmêto [D286]. Assi unguimos de amargoso azebre, a teta saborosa, de q queremos desafeiçoar o minino: assi em doce asucar, revolvemos a desabrida purga, q se ministra ao enfermo. A Infância do mûdo, necessitou de fabulas, que encobrissem verdades, para serem recebidas; e ainda hoje a doença dos tempos, pede ficções, que dissimulem a saude, para que seja agradável. Aquelle Jupiter, agora em Ouro, agora em Cisne, agora em Novilho disfraçado, que tâtas vezes com seus artificios, preverteo a honestidade das mais recatadas Ninfas, nenhũa outra cousa quiz ser, salvo aquelle cuidado, com poder, e industria, mais que humano (que por isso o fingirão Deus) que soe facilitar impossiveis, a fim de satisfazer suas desordens. Saiba pois quem tiver Ledas, Dánaes, e Europas em sua guarda, que não he menos que hum Jupiter, quem intenta sua ruína; como contra hum Jupiter se recate. O q antes forão Ninfas, são agora mulheres, e que serâ hoje das mulheres, que querem ser Ninfas?

Igualmente, que o roubo de Ana, fora de antes resoluta a interpreza do navio; aquelle que, como dissemos, havião já entre si elegido, Roberto, e os que o acompanhavão. Era o dia de festa, achavase desempedida a embarcação de seus officiaes, e marinheiros, por onde com grande facilidade foi occupada. Não faltavão entre os amigos de Roberto, alguns que tivessem conhecimento da náutica, aos quaes encomendada a derrota (que era aos portos [D287] de França) e a diligencia a todos, porque a todos cõvinha pór em seguro, vidas, e liberdades: em hũ instante, picarão as amarras, desferirão, marearão, as vélas, e sairão prosperamente do porto, mais á vontade da fortuna, que da sciencia; porque o vento esforçandose cada vez mais, se apoderava sem ley algũa das vèlas do navio e da liberdade dos navegantes.

O escãdalo, que na Cidade de Bristol, e em toda Inglaterra, se seguiria a tão atrevida novidade, o fervor com que se lhe previniria o castigo, parece que fica encarecido, com se contar o successo. Mas porque os olhos do temor, nem sempre são cegos, fazendo Roberto o mesmo discurso, que podião fazer seus ofendidos, e vendo que ao marido de Ana, seria cousa facil, ajudado da justiça, ordenar, que se desamarrassem outras algũas nãos, que com o proprio bom vento, viessem em demanda da sua; tomou por conselho dos mais, resolução de velejar, quanto lhe fosse possivel: porque se na parte que restava do dia, perdessem de vista a terra, depois de noite, furtarião o rumo a qualquer embarcação, que os fosse seguindo. Assi determinados, largarão como soberão, ao ar todas as velas, navegando por aquelle dia, e noite, tão velozmente, como costumão quantos caminhão a sua ruína; até que amanhecendo, engolfados no mar, e nos receyos, começãrão a conhecer como o Amor he o mais ruim dos pilotos. O vento até alli prospero, suposto que não mudado, era já [D288] mais tempestade, que monção; porque o comprimento, ainda de nossos desejos, nunca pàra, senão em o castigo delles.

Ana até alli, como suspensa, pella estranheza do que lhe sucedia, pouco acordo lhe sobejára do primeiro acidente, para sentilo, ou estimalo. Porém, as modestas caricias de Roberto, lhe tinhão dado a entender, navegava mais segura sua honra, em sua propria vontade, que na náo suas vidas: *O roubo* (dizia elle) *que della havia feito, sò fora resgate, por não ver em mãos de possuidor injusto, aquellas perfeiçoens, que a ventura lhe vendéra, a pezo de finezas. Que o Amor*

*mais legitimo, he o mais avaro, e o liberal nunca verdadeiro; porque (da sorte que os ambiciosos) so se emprega em ajuntar seu tesouro, mas não em possuillo; sò em o amar, e guardar, em gozallo nunca: pois he certo, que dos averes, e dos amores, tudo quanto se logra, se diminue, quanto se gasta, se perde; se pôde chamar infelice o cuidado, a quem sò a impossibilidade fez comedido; e ditosissimo aquelle, que desprezando as licenças da ocasião, permanece limpo. Ninguém podia levantar seu nome, sobre os mais amantes, se revolto nos costumes dos outros, fosse como hum delles. Que elle aspirava sempre a ser amador mais alto, subindo a mais alto fim, a gloria de seus pensamentos; porque sendo o desengano noite, do dia dos amores, já mais era possivel declinar ao aborrecimento, aquelle a quem nunca os interesses havião amenhecido.*

A taes razões correspondeo Ana, segundo lhe permitio o temor, e alvoroço: que sempre forão da discrição, os mayores inimigos. Então ambos de [D289] novo resignados, hum na vontade do outro, cada qual prometeo: *De tomar por ley, o gosto alheyo, e por fiador de suas verdades, ao tempo.* Aquelle tempo que, a pagar as dividas de todos por quẽ fica, fora a mais pobre creatura do mundo.

Quando a Dama algũa vez, mais aliviada das molestias do mar, e elle mais esquecido de sua soberba, saia a divertir-se, vendo as agòas, tambem Roberto as via em sua vista; mas cõ diferẽte affecto, quão diferẽte he o temor, da saudade. As ondas se se meneavão â maneira de jogo, diminuião os cuidados de Ana, e os seus olhos se se humedecião, como por lisonja, aumentavão os de Roberto. As nuvens, que guiadas do vento, vinhão da mesma parte que elles deixavão, entendia Ana, que lhes trazião recados de sua patria; acusando a ingratição, com que della se havia partido. As escumas que hião correndo contra o curso do navio, e se ficavão atraz delle, julgava ella, se lhe oferecião para levarlhe reposta. Tudo em fim era lastimas, sem ver outra cousa, que hum mar nunca visto, e hum ceo desusado: de q no coração de Ana se começavão a alevantar grandes affectos de saudade.

E pois parece, que lhes toca mais aos Portuguezes, que a outra nação do mundo, o darlhe cõta desta generosa paixão, a quem sómente nõs sabemos o nome, chamãdolhe: *Saudade*; quero eu agora tomar sobre mi esta noticia. Florece

entre os Portuguezes a saudade, por duas causas, mais certas em nós, q em [D290] outra gente do mundo; porque de ambas essas causas, tem seu principio. Amor, e Ausencia, são os pays da saudade; e como nosso natural, he entre as mais nações, conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens, occasionão as mayores ausencias, de ahi vem, que donde se acha muyto amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão, porque entre nós habitassem, como em seu natural centro. Mas porque tenho por certo, que fui eu o primeiro neste reparo, parece que não será reprehensivel, que me detenha algum tão, por fazer anatomia em hum affecto; o qual ainda que padecido de todos, não temos todavia averiguado, se compete às injurias, ou aos beneficios, que do amor recebem os humanos: ou se sem amor, também, se podem experimentar saudades.

Do Amor, houve quem disse: *Era o unico affecto de nossa alma*; porq até o Odio, que he do Amor a cousa mais dessemelhante, se afirma ser o mesmo Amor; porque he certo, que ninguem pode ter Amor a hũa cousa, que não tenha odio à cousa que for contraria, aquella que ama; ou de outro modo: ninguem pode odiar hũa cousa, que não ame aquella cousa contraria da que aborrece. Se esta regra fosse certa (de cuja validade não disputo) bem se seguia, que sem Amor, não pôde haver saudade: com tudo nós, vemos, que muytas vezes a saudade se contrahe com cousas, que antes da saudade não amavamos.

He a Saudade, hũa mimosa paixão da alma, e por [D291] isso tão sutil, que equivocamente se experimenta, deixãdonos indistinta a dor, da satisfação. He hum mal, de que se gosta, e hum bem, que se padece; quando fenece, trocasse a outro mayor contentamêto, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhoria se acaba a saudade, he certo, que o amor, e o desejo, se acabãrão primeiro; não he assi com a pena: porque quanto he mayor a pena, he mayor a saudade, e nunca se passa ao mayor mal, antes rompe pellos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor de suas agoas, muyto espaço depois de misturarse com as ondas do mar, mais opulento. Pello que, diremos, que ella he, hum suave fumo do fogo do Amor, e que do proprio modo, que a lenha odorifera, lança hum vapor leve alvo, e cheiroso, assi a Saudade modesta, e regulada, dá indicios de hum Amor fino, casto, e puro. Não necessita de larga

ausencia: qualquer desvio lhe basta, para que se conheça. Assi prova ser parte do natural apetite da união de todas as cousas amaveis, e semelhantes; ou ser aquella falta, que da devisão dessas taes cousas, procede. Compete por esta causa aos racionaes, pella mais nobre porção que ha em nós; e he legitimo argumento, da immortalidade de nosso espiritu, por aquella muda illação, q sempre nos está fazendo interiormente, de que fóra de nós; ha outra cousa melhor, que nós mesmos, com q nos desejamos unir. Sendo esta tal, a mais subida das saudades humanas: como se dissessemos hum desejo [D292] vivo, hũa remenicencia forçosa, com que apeteçemos espiritualmente, o que não havemos visto jâmais, nem ainda ouvido: e temporalmente, o que está de nós remoto, e incerto. Mas hum, e outro fim, sempre debaixo das primissas de bom, e deleitavel. Esta he em meu juizo a theorica das saudades, pellos modos, que sem as conhecer, as padecemos, agora humana, agora divinamente.

Cinco dias havia, que navegavão, sem que a terra, que hião buscãdo, se lhes descobrisse; porque a falta de governo, e sobejo vento, que de ordinario corria, fora causa, de que insensivelmente se apartassem da costa de França, adonde se encaminhavão (mas em vão) seus desejos. Os amigos de Roberto, cujos animos ainda erão livres, de affectos mais poderosos, que o cuidado da vida, como he o amor, começarão a temêla. Porém a fortuna, tinha já igualado, culpados, e inocentes: ou pello menos, como acontece nos grandes delitos, não fazia distinção de culpa, a culpa, para lhe proporcionar o perigo.

Por horas conhecião os miseraveis navegantes, caminhavão à perdição, com aquelles proprios nassos, que ignoravão; e mais o remedio delles. Sobre todos, misero Roberto, padecia em seu risco, o de todos, mas incomparavelmente sentia mais o trabalho, em que por sua causa estava vendo a cousa, que mais amava: nem o proprio consentimento de Ana, lhe diminuia parte da lastima, que lhe tinha; porque o Amor, nunca foi homem de justiça. Fique embora [D293] para a Razão o deixar padecer a cada hũ, o fruto de seus erros, que o Amor não póde achar razão, para que padeça quẽ se ama, ainda que padeça menos do que merece. Se o Amor perdoa suas proprias ofensas, como acusará as que só forem da prudencia, olhandoa mais como inimigo, que como diferente?

Quasi desabrigada de todo governo, corria despois de treze dias de viagẽ, a

não de Roberto, pellos largos, e perigosos desertos do mar Oceáno; quando ao amanhecer á parte do ponente, se descobrio assás visinho o sembrãte da terra, que segundo cada instãte com os rayos do Sol, que nella descansavão (porque da larga carreira de seu oriente, até aquelles mōtes, não havião parado em parte algũa) se hia mostrando altissima, e povoada de barbaro arvoredos. Foi sua vista a todos alegre; mais a Ana de Arfet, que afligida com as molestias de tão incerta, e trabalhosa viagem, julgava haver achado nova vida, e seguro repouso, em a nova terra, que se lhe oferecia: tão facilmete erra nosso juizo, sobornado do desejo.

Roberto por dobrados motivos, ancioso do porto, fes como à custa de muyto trabalho, se tomasse; dōde já sendo entrados, se lhes mudou em assōbro o receyo. Nenhũ dos cōpanheiros conhecia aquelle lugar, e os mais experimētados na navegação, duvidarão, pudesse aver terra, em hũa paragẽ do mũdo, nũca até então, descuberta dos homẽs. Esta opinião esforçavão os sinais, q cõ igual maravilha, q curiosidade estavão de cõtínuo observãdo, os cõfusos navegãtes, [D294] nenhũ rastro de q fosse habitada, se descobria na terra, porẽ todos de habitavel. A immẽsa cãtidade, e simpleza dos passaros, causava nova admiração nos homens, e nos passaros, nenhum espanto sua companhia; porque varios nas cores e figuras, quanto cõformes na inadvertẽcia, de qualquer enxarcea do navio, fazião ramo, campo de suas praças, dos homens companheiros: bem parece que os não conhecia, quem tanto delles se confiava.

A cobiça, ou por melhor dizer, a necessidade, levou diligentemente ao porto os mais ousados, armãdo por esse efeito, com sufficiente guarda o batel do navio. Quis Roberto ser dos primeiros, mas nem Ana, nem os amigos lho consentirão. Porém intentada, e sucedida sem algum desastre, a viagem da não â marinha, tornãrão brevemente cheos de alivio e esperança, de cousas mayores, e havendoa reconhecido, relatãrão: *Que a terra era deserta, mas saudavel, e pacifica; e q verdadeiramente era terra, e não iluzão*: do q ainda muytos se não certificavão. Chegadas as novas, que se esperavão, para desembarcarẽ, logo a desembarcação se poz em efeito, saíndo do navio, Ana, e Roberto; senão com todo o regalo, cõ toda aquella comodidade, que a ocasião concedia. Acõpanhouse Ana de suas joyas, sendo em primeiro lugar, escolhido por mais ìntima perola, o Crucifixo devoto, de que sempre se acompanhava. Com tão breve apresto, e doze

dos melhores, que o seguião (e erão as pessoas, com quem Roberto tinha mayor [D295] parentesco, e confiança) se passarão á terra, deixando a náó guarnecida do resto da gente, e com suave navegação chegãrão á marinha: nũca até alli pisada de pè humano.

Iluminava então o Sol os arvoredos; cujos ramos, meneados brandamente da matutina viração, mostravão (como por amostra de sua riqueza) diferentes cores; mas todas naturaes e cõcertadas. As agoas igualmente deleitosas aos olhos, e ouvidos, enchião a vista de fermosura, a orelha de harmonia. Nenhum animal ostentou a força, ou a ligeireza; porque desde a meninice do mũdo, até essa hora, ignoravão como os homens, aquelle trãsito, que despois deverão a sua industria. As brenhas, e florestas espiravão saude, nunca, nem agora, penetradas de algum venenoso bicho. A prática, parece que ficou a cargo das aves, que com estranhas vozes, não se sabe se culpavão, ou engrandecião o atrevimêto humano; que á custa de tantas tragedias, quis cozer os retalhos da terra, por industria de aquella agulha, que duvidavamos se nos foi dada, por galardão, ou castigo. Corria o ár, não só puro, mas perfumado das flores, sobre as quaes passava sua leve carreira. Ellas jãmais logradas da vista, ou do olfato, para que forão feitas, parece, que como em dia de suas bodas, se havião composto de nova fermosura. Eminêtes os oiteiros, e profũdos os valles, em sua desproporção, guardavão arquitetura, rigurosa e agradável; aquelles pejando, o vêto de ramos soberbos, e estes despejados [D296] de todo o impedimento das florestas, convidavão as mãos ao roubo, e as plantas ao passeio, sobre ervas saúdaveis, e cheirosas.

Pouco distante da praya, se descobria hum sitio, donde parece, que a natureza havia esmerado, todos seus primores. Formava hum campo breve, e redondo; cujas paredes erão loureiros, iguais, na rama, e altura; a quem como verde tapeçaría de folhagens, armavão bastissimas eras. Em a parte superior, se via hũa arvore, que como mais mimosa dos elementos, sobia sobre as outras; seu nome foi ignorado de todos os que chegãrão a vela; assi sua opulencia, assi sua fermosura. Havia o tempo, aberto em seu tronco, hũa capaz morada, toda cuberta de finissimo, e dourado muzgo. A vizinha ribeira, que da serra ao mar, contête hia caíndo, ministrava a aquelle sitio, conformes a dilicia, e a comodidade; serviãolhe de ladrilho as mimosas areas, que o rio por sobejas engeitava, e

despedidas da corrente, se espalhavam por hũa, e outra banda, sem dano da amenidade dos prados, que lhe servião de leito.

Reconhecido este lugar, foi logo occupado de Roberto, e Ana, e todo o resto entregue ao descanso, e morada de seus companheiros; para que alli edificassem os reparos convenientes, contra a inclemência dos tempos, o tempo que na terra se detivessem. Mas em quanto os mais se entretinhão na fabrica de sua silvestre morada, Ana, e Roberto, persuadidos interiormente, de mayor desejo, que o repouso [D297] de suas fadigas, buscãrão modo de consagrar a Deos aquella planta, e o lugar, que nella mais persuadia as delicias humanas. Como costumão os Capitães insignes, purificar com cristão sacrificio, os templos mais profanos, dos povos que avassalão, assi foi levantado novo Altar ao Senhor; donde com singular devação, collocãrão a imagem de Christo Crucificado, que Ana levava consigo. Não estranhou os desertos, aquelle divino estendarte, pois já desde sua figura, quando vara, e quando serpente, fora nelles arvorado, fora delles reconhecido.

Em paz, se possuio tres dias a paz do Porto; os quaes, alguns gastarão em saboroso commercio da terra, ao navio, outros em penetrar, e descobrir atentamente o certão da Ilha. Já enredandose nos laberintos de seus bosques, já vencendo as altissimas serras, por alcançar a ver as agoas, de que se rodeava. Mas como a fortuna do mar, seja ainda mais avara de sua estabilidade, que outra algũa, dispos como na noite sucessiva, ao terceiro dia de sua bonança, se levantasse tão subitamente, hũa tão rigurosa tempestade, da parte a que os marinheiros chamão *Noroeste* (e he aquelle vento, cujo lugar achamos, igualmente distante do Norte, e Occidente) q sem respeito ás forças, ou industria humana (em vão opostas ao comum perigo) a náo foi impellida dos ventos, e das ondas, e como despojo de ambos, de improviso arrebatada, em tal maneira que mais [D298] perdidos se julgavão, os que hião com tanta violencia, que os que ficavão em tanta desesperação. Viose depois como forão iguais os perigos, mas por mais breve, foi menor o dos navegãtes; os quaes em dous dias puserão termo aos trabalhos do mar, trocãdoselhes aos de hũ miseravel cativoiro, porque naufragando em areas de Africa, passarão da tumba, podemos dizer, à sepultura: tanto monta da náo, ás masmorras de Marrocos. Os Mouros da costa, avisados do

costume, de casos semelhantes, decerão dos montes á marinha, para não perdoarem a aquelles proprios, a quem o mar perdoasse: tanto mais inimigos dos homens, são os homens, que os elementos, tanto mais ambicioso o interesse, que a morte.

Amanheceolhes mayor tempestade a Roberto, e Ana, que a mesma, que hião padecendo seus companheiros; quando havendo passado a tormenta de aquella noite, virão pella menham o porto, e não virão o navio; e se bem a furia dos ventos, e mares, se havia mitigado, bem advertirão todos os que ficavão em terra, como ainda que em seus cõpanheiros houvesse animo, não havia sciencia para tornar a resgatallos dos braços, da ultima desesperação, com quem já andavão a braços. Quanto mais, que estavão crendo, os que melhor entendião, a não seria brevemente çoçoborada das ondas, segundo a desprevenção, com que navegava, e a pouca arte de aquelles que a região.

[D299] Duro successo, temeroso até à consideração, quando a pena pretende referillo! Com tudo não tomou este golpe, desapercibido o leal coração de Ana; porq fidelissimo conselheiro, desde o primeiro passo de seu caminho, ou de seu descaminho, lhe prometia hum fim lamêtavel; mas como a presença dos males, seja horrivel, fraco o mais forte peito das mulheres, e o perigo, cõtrario do discurso; o espiritu de Ana se estreitou tanto, que desde aquella hora, até a de sua morte, nunca mais as palavras, lhe souberão o trãsito do coração, à boca. Costumão os olhos, ser neste caso sustetutos das razoens; porque a alma, não necessita do estrondo das palavras, para explicarse; mas nem o alivio destas mudas práticas, lhe deixou a sorte, ao desaventurado mancebo, vendo que sua querida dama, havia posto igual silencio na vista, q nas razões: nũca mais abrira os olhos se quer, para fazer mais saudosa, aquella ultima e eterna despedida.

Tres dias gastou a morte, em acabar esta empreza. Suas passadas ousadias, mostrãrão que não fora respeito o dilatala; antes providencia, e misericordia, divina; para dar mais lugar ao arrependimento e desengano. Bem se vio em a quietação e alegria, com que Ana despedio a alma, fixos os olhos em o Christo, o coração levantado a Deos. Morreo Ana, e Roberto, não acabou a vida logo; porque lhe ficavão ainda muytas lastimas, que negocear, primeiro que acabasse. Já disserão os Sábios: [D300]*Que a morte para ser hum dom suavissimo no*

*mundo, sò lhe faltára o ser bem mandada, e obediente; porque se a morte acodisse a tempo, a todos os brados dos mofinos, sem falta podia contarse por beneficio celestial. He voluntaria, surda, e discortés; porém responde: Que ella não veyo ao mûdo por serva, mas senhora dos mortaes. Ha quem lhe diga contra isto?*

Não se havia despedido de Ana, com o espiritu a fermosura, antes parece, que de novo a informava; nẽ Roberto com a vida, se havia apartado dos pés de Ana, até que desenganado, de que o desmayo era perpetuo, começou a se lamentar nesta maneira.

*Em fim, senhora, tu acabaste; e sou eu a causa de que perdesses a vida! que me fica agora a mi que perder, para satisfazerte? perdertehei a ti propria, pois a ti, só contigo, posso pagarte; isto está feito. Ana, já te não devo nada, pois já te tenho perdido. O maldito amor! O desestrada fê! que tanto credito te merecêrão. Quem tal presumira? porque para te ser menos custoso, te quisera menor; mas eu fiz quanto pude, para te desobrigar, pois sem meritos entrei, até querer. Mais podião então temerse os meus excessos, que os teus precipicios. Tu, senhora, tu, me deste o valor que me faltava, e que outrem me não pudera dar; tanto era o valor, que me faltava para chegar dignamente a ser de ti conhecido, que sò em ti podia acharse; e esta liberalidade, do muyto que tu eras, não era eu poderoso para diminuirte, nem recebendo o grande ser que me deste: porque elle em ti foi tão grande, que nem quando me enriquecias de merecimentos, ficaste delles menos rica. Aborrecerá o mundo desde agora (com muyta razão) [D301] meu nome, como a complice de sua mayor tragedia. O como fará bem o mundo! ò como eu o estimo! Passarei por amor do meu amor, mais esta sem razão, e esta mofina; mas acabese de crer, e seja agora, que só o negar adoração às perfeições, he idolatrìa; não o adorallas; posto que sem perfeição. Pois eu que fis mais que os outros, em te julgar por divina? Haver entêdido melhor o que tu eras? Essa he a culpa. O meu amor hum fiador foi, das dividas que todo o mundo te devia. Tu não naceste, Ana, para ser vista, sem ser amada. Preguntalhe agora a causa, de te haver assi feito, a quem te fes? Se algum saber, ou se algum queixume, se atreve a inquirir este segredo. Ameite, eu o confesso, e te ofereci eu só por jûto, todo aquelle amor, que todos jûtos te*

*devião. Errei? ou atrevime? ou quando sò por mi mesmo te quizesse, era delito, quererte de hũa vez, o que te havia de amar por toda a vida? Os teus merecimentos montavão tanto, que apàr delles, nenhum excesso, era excesso. Bem se vé logo, que nem por te adorar excessivamente, fis mais do que era obrigado; ora, fosse embora maleficio: por unico pudera escapar, como inocente, em tempos, donde todas as culpas do amor, nacam do que falta, não do que sobeja. Tal fê, donde foi vista? enveja pudera ser dos Astros, que sobre nós influyem, se o odio se não houvera entronizado, entre as estrellas, que já hoje, mais com sua discordia, que conformidade, ou nos movem, ou nos ensinão. Tu acabaste, he verdade: tu acabaste, pois comece desde agora amor, a buscar Templos de pedra, como vulgar divindade, em que ser venerado; porq aquelles tão limpos coraçõens, que tinha por altares, e fazião seu culto diferente, jazem em cinzas por terra. [D302] Ay fermosura donde estás, que aqui não apareces, nem me ajudas a chorar a perda de ambos? mas eu q ignoro? não apareces, porque já desapareceste do mundo. O ditosos, ò mofinos viventes, os que vierem a tempo, que não possão haverte visto? que grande sorte vos espera a todos, vivendo desobrigados das leys da fermosura! que grande desgraça a todos vos compreende, não chegando a ver a gloria, que aqui se tem hoje desfeito! Ilustre Sol humano, se alguém te negou, que eras Sol, venha agora a reconhecer entre estas agoas teu occidente. Sol foste logo em nascendo; porque teu resplendor, para alumiar o mundo, não esperou a cerimonia dos dias. Sol foste vivendo, e tua vida foi auge, de mayor claridade; porque nem os olhos do aplauso, quãto mais os da inveja, puderão subir tam altos como tu vivias. Sol foste morrendo, porque agora hão de crescer no ocase de tuas luzes, seus maravilhosos efeitos. Mayor has de ser na morte, á vista da firmeza, que pareceste na vida, á vista da afeição; porque estas lagrimas minhas, te hão de mostrar sempre a essas posteridades, igualmête crecido, que adorado. Porém, eu, que choro? quando piadoso o Ceo com nossos extremos, te veyo sepultar na parte mais inocente, e mais esquecida; a fim de que a paz, e a veneração, já mais te faltem. E pois no mundo, não havia sepulcro, que te fosse digno, por isso quis que fosse ignorado. A mi só me fez merecedor de que o acompanhasse, e o soubesse; minha memoria será o vaso de tuas cinzas, e minhas cinzas, serão a urna de tuas memorias. O*

*quem pudera dizerme, se seria delito, o acabar contigo logo? Nam pòde ser; que seja licito, antes fora ousadia fenecer contigo de hum proprio golpe. As flores mais mimosas da Primavera, são as que primeiro acabão, que quanto ás [D303]ervas, e plâtas rusticas, ou se lhes dilata, ou se lhes muda o fim, para o Estiò: só cõ as rozas falecẽ as rosas; e eu vivirei de puro, nam ousar a morrer como desejo; mas cõ tudo, bem pudera a morte ser nesta ocasião desentendida, permitindome este primeiro, e ultimo atrevimento.*

Então abraçado com os pès da defunta dama, se entregou todo a hum terribel desmayo. As lagrimas dos circunstantes, multiplicavão a confusão, e a saudade; quando tornado em si Roberto, por diligencia dos companheiros, e licença do mal, que intercadente às vezes, descansava, para tornar mais furioso (costume de algoz tirano) hum dos circũstantes, mais ancião que os outros, e mais experimentado nos sucessos de amor, e do tempo, tomando pella mão ao miseravel mancebo, em presença de todos lhe fallou neste sentido.

*Que he isto Roberto? Es tu por ventura tam vanglorioso, que ainda da miseria em que te ves, queiras tirar vaidade? Entendes, que os futuros admirarão por unica, tua desgraça? ou tua firmeza? Como te enganas, porque entre as tragedias de hum mundo, sempre tragico, nenhũa estimada novidade, tras a mayor desventura. Se tu viras acabar todos felices, os amores dos homens, eu te concedera, que tomarás para ti a preminencia das infelicidades; porém quem vio jãmais vida amorosa, que nam a visse afogada, nas lagrimas do desastre, ou do arrependimento? Tu ignoras, haver cingido a Providencia divina, este cuidado humano (ou desumano) de perigos, e de escarmentos, a fim de que os homens pudessem viver no mundo? Se ainda cego, e resolutu nosso engano, atropella tantas [D304] leys contra nòs mesmos, que seria, se pella boca do horror, nos nam fossem intimidados estes decretos? A crueldade, que se executa (se se executa) nos delinquentes, he misericordia, para os que havião de ser malfeitores, se ella não fosse: pois as lastimas dos outros, te não advertirão, razão he, que te percas; mas não que se perca em teu sucesso, aquelle escarmento, que já desde agora, o Ceo está destinando, por lição a outros, que melhor fieis a seus preceitos, haverão de recebela. Deixa a fortuna, que inocente em teus desvarios, se não se ri, se absolve delles facilmente; porque em vão*

*prefilhamos nossos desatinos, a sua inconstancia; quando he certo, que mais que a fortuna, somos nosoutros a ventura, e a desgraça, de nós mesmos. Cada qual, he seu fado proprio, seu astro, nosso juizo, sua estrella, nossa vontade. Que fins ditosos, he licito que espere aquelle, que por ruins principios, se encaminha? O edificio, melhor se conhece pello alicerse, que se lhe abre, que pello disenho, que se lhe dibuxa; entre a pintura, e a fabrica, se interpoem o conselho, e a mudança. Obras, e pensamentos, correm sempre fraudulenta irmandade. Confesso, que são irmãos; mas à maneira de aquelles antigos Câstor, e Pólux, que nunca vemos vemos luzir conformemente. Bom he, Roberto, que tu queiras hoje, receber hũa desesperada morte, porque te não sahio prospero teu delito? Que mais fizeras, se foras tu o juiz contra ti proprio? O ditoso si, que pôde cançarse da ventura, que goza; pois nós somos somos tais, que até do bem, desejamos mudança. Mas porque o desditoso, ajudará com sua desesperação, sua propria desgraça? Espera, detente, que a sorte que tu levas, nam leva ruim geito de te fazer pouco desgraçado; para que te anticipas tu [D305] a recebela? Nam me dirás que a esperavas, quando a emprendeste? Acaso enganoute o amor? nam por certo; porque elle nam costuma a dar menos fadigas, das que promete, nem te prometeo menos, das que te tem dado. O dia, que te puzeste ao excesso, de que agora te lamêtas, com esta sua condição, seguiste os atrevidos estêdartes de seus avêtureiros. Porque te queixas? de que te desesperas? se esse amor teu amigo (ou teu inimigo) nam foi para ti mais confiado, ou mais cauteloso, em tuas demasias, q soe ser para o mais justificado em seus empregos? Olha melhor teus passos, enganado moço, verás q tua dor he sobeja; porque foi falsa tua esperãça; nam porq tua desgraça, fosse excessiva. Amaste, foste amado, atrevestete, e achaste quem por ti se expuzesse ao ultimo perigo. O quantos com menos satisfação, te excedem nos estragos! Nam chores pello que nam gozaste; porque tudo o que se te desviou ao logro, tês poupado ao aborrecimento. Queres ver se ganhaste? ora mède a dor do que perdeste, pello que já te custa; que logo conhecêras, nam tinhas cabedal, para contribuir a obrigações mais valiosas. Tua Ana, he falecida discretamête. Enterroua na solidão destes desertos a fama, q desde o povoado a vinha seguindo, e perseguindo. As vozes que até aqui forão de escandalo, ou nam passarão*

*adiante, ou se passarẽ, tu as veràs trocadas de escandalo, em piadade. Ouvirà o mundo esta historia, ja a tempo, q todos se compadeção; porq chegandolhes mais cedo a noticia da tragedia, que a da liviãdade, não haverà quẽ deixe de se lastimar da primeira, antes que se indigne da segunda. Tu procuras te deixemos acabar aqui, junto de aquelle teu amoroso spectaculo, os poucos dias que te restão de vida? como pode ser, ò Roberto? que tu queiras sobejar à razão de teu [D306] amor, e aconselhasnos, que faltemos nòs â de nossa amisade. Amisade, e Amor, tudo he o mesmo; mas se por ter melhores fins, que o amor, a amisade, queres q seja mais debil, isso, he negarlhes todo o valor às virtudes. Queres morrer perto do que quizeste, porq lhes tẽs querido, nòs queremos viver, ou morrer em companhia tua, porq te amamos. Porque te amamos, te seguimos; pois porque te seguimos, queres que te deixemos? De nossos ausentes companheiros, estou seguro, sentirão là donde os levou o fãdo, muyto mais o deixarnos, que seu proprio risco; o que elles fizeram forçados da força de tantos elementos, não, nam serà razam, que nòs o façamos voluntarios. Hũa sorte nos trouxe, a hũa igual desaventura; ou todos escapemos della, ou pereçamos todos nella. Tu vieste obrigado dos affectos do amor, a quem ninguẽ resiste, nós de outros mais racionais: por isto, mais forte deve ser o laço de nossa obrigação, quanto a razão está mais que o amor, em seu sentido. Somos nós menos obrigados a seguir, o que a razão nos aconselha, do que tu ês a obedecer, o que o amor te manda? Dous remedios, todavia nos ficão, e nam he desesperado o mal, donde se pòdem escolher os meynos de sair delle: esta terra he habitavel, aqui poderemos viver, em quanto tardão para nos vir buscar outros mofinos, com cuja perda nos ganhemos. Nam pòdem tardar muyto, porque as desgraças de nam caberem já nas cortes, e cidades, necessitão de novos limites, adonde espalhem seus acontecimentos. Se te parece melhor, tentar com nova ousadã os mares, e os ventos, quanto mais cedo o começarmos, veremos mais depressa, se estão já (como creyo) arrependidos de nossa perseguição. Em quanto se nos conserva inteiro, aquelle barco (que nam acaso nos deixou alli a fortuna) e em quanto [D307]se nam corrompem os mantimentos, que aqui temos guardados, façamos embora segunda viagem, em busca da vida, já que da primeira q fizemos, so havemos vindo a encõtrar a morte. Animate Roberto, e como mais*

*valeroso páganos, ensinandonos a vencer perigos, aquelles que nós vencemos, por obedecerte. Para hũa, e outra fortuna, nos tês fidelissimos: ò não troques não o valor, de obrigações tam grandes, pello officio de hũas inuteis lagrimas, que sempre (com as memorias de que procedem) podes levar contigo.*

Quem considerou já cortezia da miseria? Novo amor, nova fidelidade, se acha em o estado infimo; donde quero infirir, que a mais ardente febre, de q adoece, e morre toda amisade do mundo, he a enveja dos homens. Então porque a enveja não tem entrada nos casos adversos, cessando seu péssimo efeito, fica nos primeiros termos, a humanidade, para obrar naturalmente, de huns, a outros. Esta he a razão, de que no comum perigo, vemos, que os homens se valem, se acodem, e se lastimão, como gente racional; e que raras vezes succede fora deste successo.

Aquelles companheiros de Roberto, que se achavão em terra, despezão as vidas, á vista de sua desgraça, lhas oferecião constantes, para remedio della. Porém elle insistia firme em sua desesperação, como se ella fosse, de aquellas que descobrem• nos apertos dos homens, alguns raros caminhos, para sair delles. Muytos tem achado perto da desesperação, o seguro, para o mayor perigo; eu não quisera [D308] curar meus males, com ervas difinitivas, que mais vezes matão, que remedeão. Mas pois se não perde o discurso, em averiguar o proveitoso, acabemos esta materia, não facil, mas necessaria.

O humano juizo, alimentado de erros (como das peçonhas o outro Mitridates) porque de ordinario confunde o valor das cousas, de ordinario ignora, o que he licito dar por ellas; donde procede, que por algũas vilissimas, costuma fazer excessos, e por outras de grãde utilidade, não quer moverse hũ só passo. Aquelles casos, para cujo fim, se necessita de cõstãcia, e diligência, podẽ remediarse cõ desesperação do remedio; porq a furia, a q a desesperação nos incita, brevemẽte se cõverte em obstinação, q fas fortaleza, e em ira, que produz diligencia; pello q já se disse, que o furor ministrava as armas, sendo esta a razão de se salvar, tal vez, do perigo, o que se desespera nelle. Porém isto, não succede em os casos q só da tẽperança, ou humildade, podẽ receber melhoramẽto: porq nestes tais, nunca a desesperação sería conveniente, produzindo, como dissemos, efeitos opostos, aos q lhe são necessarios, quaes a paciência, e esquecimẽto. Assi

vemos, que o ferro ha mister o fogo, q o lavre; e logo o barro, apetece a agoa q o molifique; o vidro, pede o ar, para q lhe dè forma; e o grão, ama só a terra, em q pode produzirse; e assi viramos, q o fogo queimâra o grão, o ar secâra o barro, a agoa imaniquilâra o vidro, e a terra destruíra o ferro; se o uso dos elementos, ou das materias, se lhes trocasse, [D309] não ha regra géral para curar os efeitos. Hũas de nossas desordens, são violentas, outras profiosas. As paixões, primeiro se hão de conhecer, q castigar. Ninguẽ pròve as emendas de hũs, para outros, que a todos lhe virão sem medida: estragarâ a virtude das mesinhas, e a esperança da cura dos males. Assi entendo, fallando nos termos licitos da desesperação, tantas vezes inadvertidamente receitada, para remedio de humanos trabalhos.

Depois de largo, e lastimoso debate, foi mais lastimoso o concerto: prometendo Roberto aos seus, que se a vida lhe durasse cinco dias, elle se embarcaria com os mais, para donde a fortuna quizesse lançallos; mas que se sua morte succedesse primeiro, elles, se fossem logo, dando antes a seu corpo sepultura, junto ao cadaver de Ana; o qual com comum consentimento, e proluxas lagrimas, havião já enterrado ao pé de aquelle altar, que cõstituirão; servindolhe de cabeceira, e docel, o tronco, e rama da fermosa arvore, que ao principio dissemos. Ornârão de hũa grande Cruz de madeira, aquelle bårbaro, e piadoso tumulo, por testemunho de sua religião; apar do qual, em versos latinos, elegiacos, escreveo Roberto sua historia, na maneira, que fielmẽte procuramos referilla; acabandose em hum elegante Apòstrofe: em que pedia: *Que se em algum tempo, algũa gente da ley de Christo, viesse a povoar aquelle deserto, por reverencia do Senhor Crucificado (que alli ficava tomândo posse de aquella pequena parte do seu mũdo) quizesse [D310]edificar em o lugar proprio, donde como em Betel. Se lhe havia levantado a primeira Ara, hum templo a Jesu Salvador, por ser assi voto da nova piedade, que em tão inculto deserto, louvára o santo nome de Christo.*

Em quanto o saudoso amãte, se ocupava em suas lagrimas, e exclamações, q de cõtinuo ao Ceo fazia junto à sepultura de Ana; os mais se entretinhão em preparar agoada, matar e secar aves, acomodar as vèlas, e reparar a embarcação, a que pretendião entregar, segunda vez, as vidas. Não só o termo concedido ao mancebo, mas o tempo os detinha; atè que entre si concertadas (parece) hũas, e

outras sortes, a menham do dia quinto, depois da morte de Ana, indo buscar o triste Roberto, miseravel vista! o achavão morto sobre o mesmo teatro.

Jũto deste espectaculo, não sei qual fosse mayor: a lastima, ou a saudade? Em fim vencidas, foi aberto hũ igual sepulcro a Roberto, q fora para Ana a sepultura, e com semelhãte inscripção de sua morte, o deixãrão, de tantos trabalhos, repousar em paz para sempre.

Lugar era este, para que eu me detivesse hũ pouco, a praticar com os amantes, que ha no mundo; mas que lhes dissera eu, que o mesmo mundo lhes não haja muytas vezes dito? Que lhes contãra, que elle lhes não haja mostrado? ou de q mais servirão minhas amoestaçoens, que seus proprios desenganos.

Em fim, embarcados os peregrinos Ingrezes, forão [D311] em breves dias, fazendo a propria viagem, que antes em a não, havião feito seus companheiros. Deulhes porto a propria inimiga aréa de Africa, que elles saũdarão, como de salvação, sendolhes de pesado cativeiro. Assi succede, que a nossos bens, e males, poem taxa, aquelle estado de q vimos a elles. Algum Tyrano, teve já por clemencia o golpe, que ministrava, a quem podia tirar a vida. O cativeiro lhes pareceo repouso a estes mofinos, porque fugião ameaçados do cutello da morte.

Passãrão em breve da escravidão do mar, à dos barbaros, e delles, ao poder del Rey de Marrocos; ao qual sendo levados, o primeiro alivio que encontrãrão, foi a miseria de seus companheiros, que em a não havião corrido semelhante sorte.

Erão então (como hoje, as de Argel) as masmorras de Marrocos, ocupadas de grande numero de catolicos, com igual lastima, que injuria da Crisandade; entre os quaes, se achava hum cativo, de nação Castelhana, natural de Sevilha; cujo nome era *João de Morales* (a quem João de amores, chamãrão erradamente alguns antigos: quiçã por quererem fazer de amores toda esta historia) era Morales, homem prãtico na arte de navegar, que largos annos em officio de piloto, havia experimentado, segundo a rudeza, com que naquelles tempos, a navegação se exercitava. E como por pessoa industriosa, nas cousas do mar, se afeiçoasse mais eficazmente à relação, que lhes fazião os Ingrezes, procurou durante [D312] sua companhia, que foi de largos annos, entender delles a situação, paragẽ, sinais, e noticias de aquella nova terra; da qual, tão

maravilhosas cousas lhe referião, e foi de sorte a diligencia, que pos no exame, e memoria de tudo, que se fes igualmente capaz, que os proprios de quem aprendia, em o mesmo que lhe ensinâo: donde procedeo, que pella grande esperança, presagemente concebida de aquelle segredo, elle o guardou para si sómente, todos os annos que tardou, em não poder delle aproveitarse.

Agora farei hũa digressão, em beneficio desta historia; porque tomandose o conhecimento dos termos importantes, ao fim do que se conta, vai o juizo claro, e confiado, sem fazer reflexão aos antecedentes, que lhe não he necessaria, pois todas as noticias, que pretencem, ao que se lhe manifesta, acha juntas consigo. São nestes casos, estas tais digressões, verdadeiros Tropos historicos, e não proluxos Pleonasmos, pello que nunca costumo desculparme delles.

Vendose o nosso Rey Dom João o Primeiro, de boa memoria, já desocupado das guerras de Castella, não quis, como varão constantissimo, esperdiçar a serenidade de sua Republica, em o repouso, com que licitamente pudera gozalla, despois do largo trabalho de sua recuperação, e defensa. Armou nobre exercito; cõ o qual passando o Mar, antes que algum Principe de Espanha, conquistou aos Mouros, [D313] a• illustre Cidade de Ceita, e antigo povo de Africa, a quem deu memoravel nome a perda de Espanha, que por suas portas teve principio. Alcançou Dom João, este triumpho, pellos annos de 1415. ajudado não só dos Vassallos, como filhos, mas dos filhos, como Vassallos, servindolhe de Capitães de suas hostes, o Principe, e os Infantes; entre os quaes se sinalou, em valor, e disciplina, seu terceiro filho Dom Henrique, Mestre insigne de toda a arte militar, e de nossa milicia de Cristo; por ser mais rico, e afeiçoado ventajosamente, a empresas difficultosas; cujos intentos, crescendo em a virtuosa emulação do que via conseguir a el Rey seu pay, em si mesmo se estava cada hora ensayando, para mayores efeitos.

Havia o Infante estudado, entre as materias, Mathematicas, com mais afeiçoão, a Cosmographia; e como em Africa, praticasse acerca della, com muytos Judeos, e Mouros, noticiosos das Provincias remotas, e das costas, e mares que as cercão, instantemente se inflamava seu coração, em o desejo de descobrilas, e ganhalas; não para acrescentar os dominios temporaes, mas para dilatar a Fè Catholica, e reverencia do nome de Cristo; de cujo divino oraculo, he fama, foi

animado a tal empreza.

Resoluto, em fim, a fazer a Deos este serviço, e este beneficio ao mundo todo; para melhor executar seus propositos, recolhêdose da jornada de Ceita, [D314] se ficou no Algarve; donde em a Angra de Sagres hũa legoa apartada do antigo Promontorio, que *Sacro*, disserão os Romanos (e dahi *Sagro*, a *Sagres*, a quem chamamos hoje *Cabo de Sam Vicente*) fundou hũa villa, em ordem â sua assistencia, e mayor comodo das navegaçoens que intentava: á qual deu por nome: *Terça Nabal*, quasi Nabal Tercena; denotando o exercicio, para que a havia levantado. *Darsena*, e *Arsenal*, chamão os Venezianos a seu famoso Almazem de galés, donde se fabricão, e guardão; a que nõs dizemos: *Tercena*, *Taraçana*, e *Ataraçana*, os Espanhoes. He nome célebre, a quem muytos tem por voz Persiana; e dos Persas difundida aos Arabes; porque *Ters*, em idioma Pèrsico, significa navio, e *Hane*, casa: como se dissessemos casa de navio. Outros querem que seja nome Arabigo: quasi obrador, ou casa donde se trabalha: deduzindose, da raiz *Darsenaà*; e algũs dizem que Hebreo, dizendo: *Darasinaá*: que tudo difere pouco; cujas memorias trazemos; porque se veja cõ quanta erudição, aquelle sábio Principe, pos o nome a sua villa: *Terçana Nabal*, ou *Terça Nabal*. Que despois em mais Portugues, e grato modo, foi dita: *Villa do Infante*.

Por este tempo, e desde este lugar, começou D. Henrique novas conquistas, e descobrimentos; revolvendo cada dia suas embarçaçoens, os mares do Atlantico, e Occidental; cujos seyos, por muytas centenas de annos, estiverão incognitos; e ainda [D315] a juizo dos melhores, nunca forão trilhados de outras gentes. Suposto que os Gregos; ambiciosos do louvor de suas acçoens, com mayor pompa, que verdade, as engrandecerão; donde achamos escrito em Herodoto: *Que os moradores do Ponto Euxino, tinham por cousa certa, que o Mar Atlantico se comunicava com o Mar roxo, ou seyo Arabico*. E proseguem: *Que nos Annaes de Egypto, se lia, como hum antigo Rey, chamado Neco, mandâra alguns Fenices, que desde o Mar roxo, corressem todo o Meridional, e entrando pellas columnas de Hercules, passassem ao Egypto*. O que, diz, fizeram, com periodo de dous annos. Tambem affirmão: *Que no tempo de Xerxes, o Capitão Satâsper, dobrou o Cabo de boa Esperança, e se recolheo a Egypto*,

*pello estreito Gaditano. Estrabo conta, por fé de Aristonico Gramatico: Que Menelão, navegou de Cadiz à India. Pomponio Mela: Que Eudoxo, fugindo de Iathico Rey de Alexandria, saô pello seyo Arabico, e chegou até Cadiz. O mesmo parece que disserão, Plinio, Solino, Marciano, Artemidoro, Xenofonte, Lampsaceno; porém naquelles tempos de nossas conquistas, entre as gentes de Europa e Africa, nenhũa noticia se achava, de taes navegaçoens, nem despois a descobrirão os Portuguezes, em os povos de Asia; o que não pouco enfraquece o credito dos autores referidos; e fas muyto pella opinião dos nossos, com quem se conformou o Poeta Portuguez, quando disse: *Por mares nunca de antes navegados.**

[D316] Entre as pessoas, que o Infante D. Henrique ocupava nestes descobrimêtos, foi principal (pello menos, não se sabe de outra mayor) hum nobre Cavalleiro de sua casa, que disserão: *João Gonçalves Zarco*. Duvidase, se por alcunha, apelido, ou façanha. Fora criado no Paço, e disciplina del Rey Dom João o Primeiro, e por elle, dado em grande estimação ao Infante. Não havia ainda neste tempo, os livros dos Filhamêtos, dõde permanece escrita a Nobreza civil: cuja invêção, ou forma, se achou no Reynado de D. Afonso Quinto. Por esta razão, não por falta de callidade, que em João Gonçalves houvesse (pois segũdo affirmão os que delle escrevem, era sobeja, e adiantada á de seus cõpanheiros, como se lé em João de Barros) se achava nelle menos, o titulo de Fidalgo, da casa do Infante; a quem servia nos postos de mayor confiança, e autoridade: qual o mando que lhe entregou cõ suas armas, em que de força havia de concorrer a mão del Rey; cujo Capitão mór do mar, algũs dizem que era; e este o mayor titulo, que nossos Reys, davão aos Cabos, de seus exercitos, no mar, ou no campo. He tambem de advertir, que nas armas do Infante, se incluyão as da Religião de Cristo; de cujas rendas, Dom Henrique fornecia seus navios; o que sendo, como he, sem duvida, resulta em mayor honra, da pessoa de João Gonçalves, e preminencia do grande lugar, que logo em seus principios, ocupou neste Reyno; o qual se lhe conferio por sangue e merecimentos; havendo [D317] sido hum dos Capitães, que el Rey Dom João o Primeiro, armou cavalleiros, o dia do assalto de Ceita; e que despois em todas as emprezas de Africa, acõpanhou a el Rey seu senhor, e o Infante seu amo, com tanta singularidade,

que se diz delle: *Foi o primeiro Capitão, que introduzio em os navios, o uso da artelharia.*

Nesta forma governando sua Armada, discorreo João Gonçalves, pello estreito de Gibraltar, a fim de passarse â costa de Africa, nos principios do anno de 1420. havendo já em o anno atrás passado de 1418. como acaso, descoberto a Ilha do Porto Santo; vindo arribado por razão de grandes tormentas da viagem, que aquelle verão fizera, em demanda do Cabo Bojador. Não estavam ainda as contendas de Portugal, e Castella, por este tempo tam acabadas, q entre os subditos, não houvesse algũas ocasiões de discordia, donde procedia, que Portuguezes, e Castelhanos, costumavão prenderse, quãdo no mar se achavão, sem outro pretexto, que julgarse o agressor mais poderoso.

Falecera em Castella, a 5. de Março de 1416. o Mestre de Calatrava, D. Sancho, filho ultimo del Rey D. Fernando de Aragão; o qual Mestre deixára em seu testamento, hum rico legado por sua alma; para que de Marrocos, fossem resgatados muytos cativos Castelhanos, e entre estes foi hum dos que receberão primeiro liberdade (pello resgate do Mestre de Calatrava) o piloto João de Morales, de [D318] quem havemos feito particular menção, e correrá igual por todo este tratado. Navegàra aquelles dias, de Africa, a Tarifa, em hũa fusta q conduzia a Espanha, a mayor parte dos resgatados Castelhanos, quãdo sendo descoberta, da Armada de João Gonçalves, e perseguida dos navios mais ligeiros, veyo, sem algũa defesa, a seu poder; mas o Capitão atentando a miseria dos rendidos, como tão certo da clemencia do Infante Dom Henrique, lhes deu logo liberdade, reservando só para si, a João de Morales, que como pessoa mais pràtica, e de longo cativeiro, quis apresentar ao Infante; entendendo, poderia alcançar delle, algũas das noticias, que buscava; do qual proposito, sendo certificado João de Morales, tam pouco recusou a nova prisão, q como homem astuto, se ofereceo voluntariamente, para servir com hũa grande oferta, à curiosidade do Infante Dom Henrique: pràticamente desde logo a João Gonçalves, parte do segredo, da nova terra, que esperava inculcarlhe, e corroborando as noticias, que della tinha, com a historia do Ingrez Roberto, segundo de seus companheiros a havia entendido.

Mais rico desta esperança, que de outra algũa presa, se voltou logo João

Gonçalves, ao porto de Terça Nabal; donde fazendo relação de sua breve viagem, e facil encontro, apresentou ao Infante, a pessoa de João de Morales; a quem deu conta de sua arte, e segredos. O que tudo sendo do Infante, ouvido e examinado, já não sabia a hora, em que havia [D319] de começar tam grande empreza, e tanto a seu genio acomodada: porque sobre ser cousa sabida, que os Príncipes fazem ventagem aos mais homens, na sutileza de seus espiritus, em nada se mostra mais expressamente, que no appetite, a diferença, ou melhora, que ha entre seus, e nossos affectos.

Julgo, que nas obras do animo, as quaes são sempre agitadas de dous agentes: razão, e gosto; aquellas donde só a razão influye, se executão vagarosamente: como vemos, que a terra cria com grande espaço, as ervas que lhe trasplanta, por mais que lhas cultivem; e pello contrario, produz com grande vigor e diligencia, as suas plantas proprias, sem beneficio da humana cultura. Assi mesmo os homens, são efficacissimos em obrar, segundo sua condição, e remissos, quando contra ella; mas então será diligente e regulada, aquella acção, em que a justiça, e o appetite, activamente se conformem; com tudo, porque estas costumão ser as menos vistas no mundo, por isso vemos o desigual passo, com que procedem as cousas justas, e injustas. Aquelle Principe, será pronto, e felice em suas operações, que tiver vontade de obrar como deve.

Foi a primeira resolução do Infante, que João Gonçalves, passasse logo a Lisboa, donde se achava el Rey seu pay, para lhe comunicar este negocio; e para satisfação, assi del Rey, como dos Ministros, trouxesse logo consigo, o piloto João de Morales, que com boas razões, satisfizesse ás duvidas, que lhe [D320] seriam opostas; porque aquellos, que não tiverão sorte, ou arte, para achar cousas novas, soem vingarse dá ventura, ou destreza, dos que as descobrirão, fazendoas impossiveis, se valiosas, e quando possiveis de nenhum preço.

A este fim, proveo o Infante logo a Armada de outro Cabo, e João Gonçalves, na maneira proposta, se passou de golfo, a golfo; do mar, á Corte: adonde o acompanhãrão as pessoas de mayor posto, e inteligencia, como forão os Capitães: João Lourenço, Francisco do Carvalhal, Ruy Paes, Alvaro Afonso, e Francisco Alcofarado, primeiro Cronista desta historia, com alguns outros homens de Lagos, práticos na navegação, q se dizião: Antonio Gago, e

Lourenço Gomes; a cuja memoria não quero ser devedor, antes quero q elles o sejam a minha lembrança.

Não bastou o bom affecto, com que el Rey D. João ouviu a João Gonçalves, e seu piloto, nem o muyto gosto, pouco risco, e menos dispendio, com q o Infante representava aquella empreza, para que ella deixasse de ser, por alguns ministros reprovada; porque o Infante Dom Henrique, tinha junto del Rey émulos, a quem não era grata sua grandeza. Quando as pretençoens dos Principes naufragão, e se perdem nas ondas da Corte, e nos bancos que a atravessão, como se escapãrão as dos humildes vassallos? Como chegãrão ao porto de bom efeito? mas consolense os pretendentes, que as mesmas Cortes, tambem [D321] tomão de mar aquelle costume, que regûla os perigos e naufragios, pellos tamanhos dos navios, que nelle navegão, donde procedeo o antigo, como vulgar proverbio: *Que a tormenta, he tam grande, como a embarcação, que a padece.*

João Gonçalves, em Lisboa honrado, mas não despachado del Rey, avisou ao Infante, do ruim caminho, que tomavão suas pretençoens: e como lhe custava tanto trabalho, persuadir aos ministros del Rey, que recebessem os tesouros, que para o Rey, e Reyno, vinha a oferecerlhes, como pudera custarlhe se para si os pretendesse, pedindoos ao Reyno, e ao Rey; mas D. Henrique, sendo igual na actividade, e paciencia (como devê ser os Varões grandes) tomou diligentemente resolução, de avistarse com el Rey seu pay; a cuja presença já chegado, desfes logo as duvidas, que detinhão ao despacho de João Gonçalves; por tal maneira, que no principio de Junho de aquelle anno, saio em demanda da Terra-nova, em hũ navio, bem armado de gente, e petrechos, com hũ varinel, que o acompanhava (embarcação de remo, que então usavão; cujo nome ainda retemos nas varinas sutis, de que hoje nos servimos) tal foi a frota, cõ q partio de Lisboa: porto não sómête celebre entre os melhores do mundo, por si mesmo, mas por haver sido aquelle notavel ponto, donde se tirarão linhas de gloriosas conquistas, e incriveis descobrimentos, a toda a circunferencia de todo o Universo.

[D322] Corria desde o descobrimento da Ilha do Porto Santo (adonde João Gonçalves, agora dirigia sua viagem) hũa confusa fama, entre os Portuguezes, que alli povoárão: *Que desde aquella Ilha, à parte do Nòrdeste, aparecia no golfo do mar, certa escuridão continua, e cerrada desde a agoa ao Ceo, a qual*

*já mais se desfazia, ou alterava, mas com medonho ruído (que algũa vez se ouvia no Porto Santo) parecia guardada sobre naturalmente. E como até aquelles tempos, por falta do Astrolabio, e Balestilha (mais moderna) ninguem navegava por altura, mas jũto â costa; era julgado por impossivel, ou milagroso: Que quem perdesse a terra de vista, pudesse tornar a ella. Esta inadvertencia, tinha os homens tão rudos nas cousas do mar, que de todo ignoravão seus segredos: donde vinha, que a paragem desta escuridão, era gèralmente julgada, por hum *abismo*, e ainda com esse nome nomeada. Outros asseguravão ser: *Boca do Inferno*, favorecidos da opinião de alguns Teologos, que participantes do proprio temor, que os simples, mostravão ser possivel, com argumentos, e autoridades. Os que das historias, se prezavão de ter melhor noticia, tinham para si: *Que ella fosse aquella antiga Ilha Cipango, por misterio de Deos encuberta; donde foi fama, se retirarão os Bispos, e povo Catolico, Lusitano e Espanhol, quando a opressão dos Serracenos; e que tratar da averiguação desta verdade, seria erro, e pecado manifesto, contra a Providencia divina: que ainda não era servida declarar aquella secreto, com os sinais que precedirião a seu descobrimento; os quaes so achão [D323] escritos (dizem elles) nos antigos vaticinios, que desta maravilha fallão.* Tal, e tão confuso era o juizo, que já se fazia de aquella remota sombra: donde sem duvida, tiverão seu principio as vaidades, que ainda hoje predominão nos corações de algũa gente, abraçadora de vans esperanças; os quaes erros, como principiados de sombra, não he muyto, que tragão escuros, e ofuscados, aos entendimentos dos homẽs, que os recebem.*

Navegava na volta da Ilha do Porto Santo, João Gonçalves, com calmarias proprias do tempo, e proprias ao intento, que levava; e porque com o escuro da noite, lhe não succedesse: *escorrer a terra.* (Assi dizẽ a seu desencontro, os marinheiros) recolhia em a noite todo o pano, para não navegar mais de noite, do que pudesse ver de dia; cõ tudo, não foi larga a viagem; e em breve tẽpo chegado ao Porto Sãto, cõtinuou logo em observar, cõ os mais da terra, aquelle temeroso semblante, que estavam vendo; o qual, o piloto Morales, julgava ser principio da terra nova, que hião buscando. Feito conselho, pareceo: *Que na Ilha se detivessem, por todo o quarteirão da Lua presente, a fim de se notar, se a sombra se desfazia, ou se mudava.* Mas ella sempre appareceo em hum lugar

proprio, com que de novo, deu grande temor à gente ruda, em vez de lhe poder dar esperança.

O piloto constantissimo, era de parecer. *Que segũdo a informação dos Ingrezes, e roteiro, que por ella havia formado, não podia estar muyto longe, a terra encuberta; [D324] certificando a João Gonçalves: Que por causa do alto, e vastissimo arvoredos, os rayos do Sol, nunca enxugavão o campo, donde procedia tão grande humidade, que ella era causa dos vapores, de que o Ceo se cobria, e essa sem falta, a escuridão que estavão vendo; por donde tinha por acertado, que em derrota fossem logo, a demandar aquelle nevoeiro, debaixo do qual tinha por certo, acharião a terra, ou certos sinais della.*

Todos entendião o contrario, e se opunhão ao voto de Morales, dizendo: *Que elle por ser Castelhana, e mortal inimigo do nome Portuguez, pretendia expòr a tanto perigo os circunstantes. Que assàs fazião os homens em pelejar com outros homẽs, mas nam era de seu poder, contrastar os elemẽtos: antes ousadã de gente idolatra, querer apurar os segredos divinos. De aquella sombra, nam havia que esperar outra cousa, que a morte; e caminhar a buscalla, sem mais esperança, era tentar a Deos, e merecerlhe fosse desapiadado o perigo; que o mesmo Infante, se daria por mal servido, gastandolhe sem razão tais criados, e peor el Rey, vendo esperdiçar vidas de Vassallos, tanto para se pouparem para mais uteis empresas. Que João Gonçalves se queria ser grande, já lhe bastavão seus serviços: e que dos valentes, nunca fizera a fortuna os desesperados: conservassemos, e regessemos bem as terras, que possuãmos, sem ir furtar ao mar, as q Deos para si lhe dêra, sò por fazellas participantes de nosso desvario. Finalmente, que elles nam eram alli vindos, nem se inculcavam para mais que homens.*

Só o Capitão, prevalecendo em seu animo, e desejo, se deliberou consigo proprio: *A que pois vinha a [D325]vencer perigos, e dificuldades, a primeira que se havia de vencer, era a vontade de seus soldados, que tão contraria da sua, experimentava. Aos quaes, havendo com dissimulação ouvido, e confortado, como o tempo deu lugar, sem que a algum dêsse parte de seu intento, se fes â véla, hũa madrugada, com o varinel de sua conserva: e deixando a Ilha do Porto Santo, lançou a proa, para a parte de aquella temerosa paragem, aonde a sombra*

se via; fazendo toda a força de vèla, para que o dia, lhe não faltasse com luz bastante, a fim de reconhecer, tudo o que pudesse, da terra que esperava achar facilmente. Aumentavase com a visinhança da escuridão, o receyo de todos; porque cada vez parecia mais alta, e cerrada, totalmente chegou a se fazer horrivel. Quando ao meyo dia, se ouviu rebentar o mar, com medonhos bramidos, que atroavão inteiramente, o ambito do Horizonte. Não se via sinal algum de terra; porque a nevoa cobria já a agoa, e o Ceo, depois que pella visinhança, se metêrão debaixo della. A vista de tam notavel confusão, e quasi nas mãos do perigo, se levantou hum publico clamor, requerendo a João Gonçalves: *Que arribasse, e nam quizesse tomar por sua conta, o dano de tantas almas.* Porém elle por fazer mais justificada sua constancia, que o receyo, a que a voz pública o induzia, chamando ao convez do navio, os marinheiros e soldados, lhes fallou desta maneira.

*E quem vos disse a vòs, amigos, e companheiros, [D326]que não amava eu minha vida, como vós outros as vossas? Eu certo, não fui o que vos persuadio; porque seria prezarme, falsamente, de mayor coração, dos que vos vejo; os quaes eu conheço bem desde os perigos passados, quando vencendoos com vosco, alcançamos para todos, honra, e premio. Se agora ousou mais do conveniente, he porque vos levo comigo. Pois porque vos tendes vòs, em menos conta, daquella em que vos eu tenho? Conhecer o risco em que estamos, e o a que podemos ir, vos louvarei muyto; porque assi se verá no mundo, que não acaso, mas de proposito, atropellamos, mais que humanas dificuldades. Não estranho o fim de vosso temor, os meyo do remedio delle, só vos não aprovo: senão dizeime: Com que justiça podeis vosoutros lograr a gloria, que entre as gentes vos està esperando, se a troco della, não entrasseis aventurando as vidas? Não sabeis, que os mercadores, quando nam arriscão, nam podem ganhar, licitamente? Quereis ser mayores, q vossos iguais, na fama, sendo iguais com elles, no repouso? Essa he usura de falsa reputação. A que saímos (me dizei) de nossa Patria? A que nos mandou aquelle, que temos por senhor? Para que nos honra? Para que nos sustenta? Para que fica sendo pay de nossas mulheres, e filhos? Para que se constituyte fiador de nossas obrigações? Ajuntase tudo isto, por ventura, para que deixemos no melhor, em vão, seu*

*serviço, e desejo? Ora olhai, senhores, como a vida he hũa sò, he hũa sò a morte; logo sem razão, temeis mais os elementos, que os homens; porque nẽ os elementos vos matarão duas vezes, nẽ os inimigos, quando possão, deixarão de vos tirar hũa vez a vida. Que mais alivia, a quem a perde, ser pilouro, ou de espada seu homicida? O cutello de ouro, na mão do algoz, não será cutello? Da [D327]propria maneira, se vos não negais a oferecer a vida por Deos, pello Principe, e pella Patria, cõtra seus èmulos, q mais cruel vos serà o àr, ou a agoa, de que agora temeis, que a lança, ou a frecha inimiga, a q andais oferecidos, se tudo vos tras a morte? Pesai ora hum pouco em vosso juizo, a diferença, com que entraremos pellas portas de nosso Rey, e Infante, dandolhe razão, de ter já por nossas mãos, sugeitas a seus pês, novas provincias, ou nam lha dando, mais que do vil temor, com que desistindo da empreza a que nos mandou, lhes desobedecemos. Em verdade, amigos, que neste caso, os perigos se trocarião; porque fugindo nòs delles, e cuidando os deixavamos atrás, elles nos perseguirião, atè nos aparecer lá diante: e então seria bem mais miseravel cousa, morrer là da injuria, que aqui da desgraça. Tende, tende, por certo, que vencido este receyo, que agora nos oprime, todos os inconvenientes se tem facilitado. Nunca a noite he tão escura, como quando quer amanhecer. A força desta confusão, que agora nos cerca, he o mayor sinal da felicidade, a que já estamos visinhos. Passemos animosos adiante, examinemos bem a verdade destes assombros, custemnos mais que o receyo; e o que atêgora só he fantasia, seja experiêcia. Demos do perigo, no escarmento; e quando de todo a sorte, e a natureza se nos oponhão, eu serei o primeiro, que trate de vos salvar as vidas. Porém vejamos antes com os olhos, quem nos ofende, e de que contrario fugimos.*

Todos com nova alegria, limpos já subitamente do temor passado, disserão: *Que estavam dispostos a morrer com elle, e por elle. Que governasse, não sò como Capitão dos homens, mas senhor das vidas, e liberdades; porque a [D328] tudo lhe obedecerião levemente.* O tempo se mostrava calmoso, e para que as correntes das agoas, não levassem o navio, contra sua derrota, mandou João Gonçalves, equipar dous bateis, que revocassem com força, e diligencia o navio, e varinel: dando cargo destes revoques, a Antonio Gago, e Gonçalo Luis, homens

de conhecido valor, e esperiencia. Com tal prevenção forão correndo de longo da nevoa, levando por baliza o estrondo do mar, chegando, ou desviando, segundo elle era mais, ou menos.

Para a parte do nascente, não corria tam longe a neblina, nem se mostrava tão escura; porém, sempre as ondas bramavão, com espantoso estrêpito. Assi proseguia João Gonçalves, sua viagem, quando por entre a escuridão, descobrirão huns vultos, ainda mais negros, que ella. Não deixou reconhecelos a distancia, nem faltarão alguns (como de ordinario succede, donde muytos concorrem) que affirmassem, haverem visto, Gigantes armados, de temerosissima grandeza. Entendeose depois, que as penhas de que he guarnecida a terra pellas prayas, fazião sembrante destas imagens, que confusa, ou medrosamente, vião aquelles navegantes. Achavasse já o mar mais claro, e a agoa mais batida, verdadeiro sinal de costa, que pouco depois, com subito alvoroço, e sumo contentamento, se descobrio distintamente; vendose hũa ponta de terra, não muyto alta, a quem João Gonçalves, logo chamou: *Ponta de S. Lourenço*; porq [D329] como he uso, hia invocando o favor deste glorioso Martyr, para que lhe conservasse pròspero o vento que levava.

Notavel cousa he, o coração humano, poucas vezes persistente em hum affecto, seja de gosto, ou pena. Ver aquella facilidade, com que se lança do prazer, ao pesar, e do nojo, à alegria; fes como muytos sábios o desprezassem. Com tudo, se com melhor filosofia meditarmos nesta sua condição, acharemos, que com grandissimo cuidado, a Providencia nos dotou este attributo, de que injustamente nos queixamos; porque quem pudera viver com o homem de coração immutavel? Que força bastaria a domalo? Que razão a persuadilo? Se dêtro em sua fraqueza, fragil, e debilissimo, concebe tão duras resoluções, que seria sentindose armado de hum vigor firme, e robusto? Esta foi a razão (cõ que já se confundirão alguns antigos) do misterio, por elles não alcançado, com que a Natureza negou ossos, e nervos ao coração, concedendoos aos outros membros humanos. Foi (como em tudo sábia, e quãdo escassa, providête) a fim de q se não achasse no coração do homẽ, materia de propria fortaleza; para q vendose della necessitado, só viesse a recebella, por mercé da razão, ficãdolhe assi sêpre vassallo, e obediête. Esta inconstancia de affectos, q com facilidade se transferem,

e se convertẽ, huns, em outros, nũca se acha tão expressa, como nos homens q navegão: porque em hũa mesma hora, jã se vem na morte, jã na vida, [D330] jã na prosperidade, jã na miseria. Agora prometem não tornar ao perigo, e logo se esquecem delle; ordenando assi Deos, esta variedade de seu affecto, para ornamento, e comercio do mundo: o qual fora impossivel conservarse, se os homẽs se lembrassem sempre do seu trabalho, ou do descanso: donde jã hum sábio chamou: *Fermosura da vida, ao esquecimento da morte.*

Dobrada a primeira ponta, que se descobria, para a parte do Sul, se vio logo a terra alta, povoada de espesissimo bosque, desde a eminencia das serras, até a fralda do mar: recolhida por aquella banda hum pouco, a nevoa, que só coroava os montes. Aqui se confirmou o prazer, e se despedio de todo, a desconfiança; vendose como tudo o que jã se via, era terra natural, e verdadeira. Abraçarãose huns, a outros, e todos (havendo a Deos rendido graças) as derão ao capitão, pellos animar, a fim tam glorioso; e ao piloto, pellos haver guiado a elle. Quem em mais tivera os perigos, agora mais os desprezava. Pouco depois, se foi vendo hũa Bahia grande; a qual, reconhecida de João de Morales, entendeu logo, ser o *Porto dos Ingrezes*, que até então, toda esta terra por este nome, era demandada. Chegou ainda com dia, João Gonçalves, a surgir nelle; mas porque o Sol se transpunha, ordenou, que com grande vigilancia, se passasse a noite. O sono, he hum baixo, que não estã nas cartas dos mareantes, em que mais naufragios tem sucedido, [D331] que em nenhum outro que nellas esteja.

Ruy Paes, o dia seguinte, em seu batel armado, costeou a terra, de ordem de João Gonçalves, que delle fiava muito. Topãrão a mesma rocha, a cujo pé desembarcou Roberto; e guiados de alguns sinais, que João de Morales trazia em lembrança, e confirmavão por alli, não poucos gastados vestigios, caminharão por entre o mar, e o arvoredado, achando algũs trõcos feridos do machado, e outros rastros certos, de que a terra fora já pisada de homens. Passãrão adiante, quando como atalaya de toda a floresta, se impinava a grande Arvore, aqui nomeada tãtas vezes. A hũa parte, e a outra se vião, as duas agrestes sepulturas, saudandose, com igual saudade. As Cruzes, e os Epitafios, confirmavão o primeiro testemunho; cuja vista, ainda que jã prevenida das noticias, produzio logo em todos piadosissimas lagrimas. Disse o Seneca: *Que entre os parentescos*

*dos homens, era o primeiro grao, a humanidade.*

Voltaarõse o proprio dia, dando a João Gonçalves a ultima certeza, de quanto o piloto havia prometido. Então dispõs sua desembarcação, que executada com a cautela, e solenidade possivel, tomou logo pòsse de aquella Ilha, ou terra firme fosse, por el Rey D. João de Portugal, e pello Infãte D. Hêrique, Ordem, Mestrado, e Cavallaria de Cristo. Foi então cõ as cerimonias catholicas, bêta aquella agoa por dous Religiosos, e com ela purificado o âr, e a [D332] terra, invocando a Deos cõ prêces, e rogativas santas, ordenouse o verdadeiro altar, cõsagrandose cõ o alto sacrificio da Missa; e foi levãtado em o proprio, que Roberto, e Ana, havião erigido, fazendose ao Ceo particular commemoração de suas almas. E succedeo, com algũa proporção, ser feita esta nova visita do Senhor, a aquellas montanhas, o proprio dia que a Igreja celebra, a Visitação de Santa Isabel, a quem a Virgem Santissima foi buscar, e nella o Divino Verbo Encarnado, tambem às montanhas de Judèa, outro tal dia.

Mandou despois João Gonçalves, que a sua gente cingisse tudo o que estava descuberto, por todas as veredas que se achassem, até ver se se encontrava algũa povoação, ou rastro de gente, e animais, procurando trazerlhe qualquer, que fosse visto, vivo, ou morto; mas sendo executado com nenhũa outra cousa se recolhêrão, os descobridores, que com alguns pãssaros de diversas maneiras, que sem algum trabalho, ou industria, às mãos tomavão.

Rico, a seu parecer, deste facil despojo, se tornou ao navio João Gonçalves; donde chamado a conselho, se assentou: *Não voltasse ao Reyno, sem q se visse mais particularmête o restante da terra, pois o têpo dava lugar para q assi se fizesse.* E porque a fralda da marinha toda era fragosa, foi de parecer João de Morales, como homê prático: *Que da bãda do mar, e dêtro da agoa, poderia ter o proprio defeito, pello que seria mais conveniente proseguir [D333](como até então se tinha usado) a descuberta em bateis, que não em os navios, livrandoos desta sorte dos perigos de baxos, e correntes, que podião acontecer em costa não conhecida.* Assi foi feito, tomando João Gonçalves, para sua pessoa, e companhia, o batel do navio, e dando cargo do outro, ao Capitão Alvaro Afonso.

Passada hũa alta ponta, que demorava ao Ponente, se vião entrar juntas no mar, quatro famosas Ribeiras de agoa purissima, de que João Gonçalves, fes

encher logo algũas vasilhas; porque desta tal agoa, se mostrava o Infante Dom Henrique, tão sequioso, como o Santo Rey David, das agoas da Cisterna de Belem: não conduzida com mayor risco de seus Vassallos, a sua presença, nem esta, pello Infante, menos a Deos sacrificada. Passarão avante, e descobrirão hum valle, que outra ribeira fendia graciosamente, mandou reconhecelo por alguns soldados, que só de fontes o achãrão abundante. Seguiose outro de fermoso arvoredado, e como em lugar de batalha, que o tempo lhe tinha dado, se vião sem ordem, derrubados grossos troncos de arvores exquisitas. Dos quaes ordenou o Capitão, se levantasse hũa altissima Cruz, com que deu nome a aquelle sitio: *Santa Cruz*. Seguindo a costa, lhe sairão de hũa lingoa de terra, que mais que as outras se lançava por entre as ondas, tantos bandos de aquellas importunas aves, a quem os Latinos [D334] chamãrão: *Monedulas*, por sua condição cobiçosa, *Graculus* tãbem, donde nos: *Grãlhos*, de q a gente pareceo mal segura, segũdo sua fome, e multidão. Esta foi a causa de q aquella ponta, fosse nomeada como os proprios passaros, que a habitão; nome que ainda lhe dura. Outra se divisava logo, como duas legoas mais abaixo, abrindose entre a que se deixava, e a q se descubria, hũa fermosa enceada, cingida de terra, menos soberba, a quem hum igual arvoredado servia, como de Coroa; cujas mais altas pontas, significavão os cedros, que de quando, em quando, se erguião, sobre as outras arvores, quasi em proporcionados termos: certificãdo assi, o que dos Cedros disserão os antigos: *Que donde os ha, sempre excedem a quaesquer prantas de seu contorno; donde forão comparados aos soberbos, ou symbolo delles, conforme se le no Sábio: Vi o injusto, levantar-se como os Cedros do Libano, e quando tornei a passar, já de alli, havia desaparecido*. Porque desta arvore tão arrogante, affirmão os naturaes: *Que tras sempre suas raizes à superficie da terra;* e os moradores de nossas Ilhas, assi o confirmão: nas quaes elles nacẽ em grãdeza, e bõdade, avantejados aos antigos de Syria. Com tudo, seu cheiro, e incorrutibilidade, os fas cèlebres, entre as famosas arvores, que no mundo se conhecem.

Desta enceada dos Cedros, forão passando a outro valle, do qual procedia hũa lagem, que entrando no mar, como hum natural, e capacissimo caes, apercebia facil desembarcação do mar, à terra; de que [D335] convidado João Gonçalves, ordenou, que Gonçalo Ayres, a experimentasse; desembarcando em

aquelle valle, com bom numero de soldados: para que penetrando mais o certão, do que até alli fora feito, pudesse trazer as ultimas noticias, do que havia pella terra dêtro; mas Gõçalo Ayres, voltou brevemête sê outra nova informação, que haver visto, como o mar cercava toda a terra; donde se acabou de conhecer, que ella era Ilha, e não *Continente de Africa*, como a alguns até então lhes parecia.

Ainda assi, se não deu o Capitão por satisfeito, entendendo, que por ventura, a Ilha podia ter algũa povoação mais apartada; pello que procedendo cõ sua viagem, sempre arrimado á terra, descobrio hum espaçoso campo, despejado do importuno bosque, que por qualquer parte se encontrava. Viase todo cuberto de viçosissimo funcho: medicinal erva, até para as serpentes; das quaes se escreve, não podem sem esta mésinha, mudar a pèlle antiga, com que se remoção; q a ser concedida para os homês, fora de singular preço: *Marathen*, lhe chamárão, sublimandoa, os Gregos, *Faeniculum*, os Latinos, donde nòs *Funcho*. Da copia delle, que neste campo se levantava, tomou nome: *Funchal*, ha muytos annos celebrado, pella Cidade alli edificada, cõ o proprio nome Metròpoli da Ilha, e q no foro espirital, o foi ja de todo o Oriente. Os Portuguezes antigos, com grande diferença das outras nações, conquistadoras do mûdo, mostrarão a singileza, e pouca ambição de seus [D336] animos, nos nomes que derão ás terras de seus descobrimentos, não lhes mudando os que tinham, e se de novo lhos impunhão, erão aquelles que a natureza, não a vaidade, lhes oferecia. Procedião deste valle do Funchal ao mar, tres caudalosas Ribeiras, e defronte delle, na boca da praya em que se rematava, se erguião dous Ilhéos, que como guardaventos, ou briombos, de aquelle lugar ameno, para seu reparo tinha alli prevenido a natureza.

Nestes Ilhêos, tomou abrigo para suas embarçaõens, João Gonçalves, e nelles agoa, e lenha, de que jã se via falta. Porém debaixo de toda a paz, e segurança, que via, como esperto Capitão, nunca cõsentio, que seus soldados dormissem algũa noite em terra, em quanto ella de todo não estivesse sabida.

O dia seguinte, fazendo a mesma derrota, chegou a ver a ultima ponta, que para o Sul havia divisado. E nella mandou logo arvorar aquelle santissimo Padrão da Cruz, que em todas as partes, por ordem, e devação, deixava levantado. Dobrada esta ponta, appareceo hũa praya, que por sua capacidade,

mansidão das agoas, que nella quebravão vagarosamente, chamou: *Praya fermosa*. Passando mais abaixo, entre duas pontas, desagoava hũa furiosa corrête, mas de tão claras agoas, que brindarão a curiosidade de alguns, que lhe pedissem licença para ir vela. Concedea o Capitão a dous soldados de Lagos, que elle muyto presava. Os quaes desprezando o váo, e mais as vidas, quizerão passar a [D337] nado sua torrente, que de novo assanhada, parece, de tanta ousadia, arrebatou os mancebos; e de tal sorte os levou, já sem acordo, que a não serem dos companheiros prontamente socorridos, logo alli perecerão. Deu este successo ocasião, a que aquella Ribeira, se chamasse, dos *Acorridos*, como nossos antigos pronunciavão, e nós hoje, dos *Socorridos*; cõ mais decente memoria, que a cèlebre enceeda dos *Agravados*, de que no mar de Arabia (tambem por outro successo) fazem menção nossas historias.

Pouco adiante se mostrava hũa rocha delgada, que mais que as outras se erguia, abraçada de hum braço do mar (ou já seja rio) que por entre o outeiro, e a rocha, se entremete fazendo largo remanço. Recolherãose alli os bateis, parecendolhe ao Capitão, que por ventura aquelle lugar guardasse mayores segredos, que os passados; porque a marinha toda se estava vendo, sovada de pés de animais, o que até então em nenhũa outra parte havião achado; porém cedo forão desenganados desta novidade, começando a saltar na agoa, com grande alvoroço, muytos lobos marinhos (de tão espantosa, como estranha presença) desde a concavidade que se fazia, pella fralda do môte, na qual se formava hũa lapa grãde, â maneira de camara, lavrada pellas ondas (que furiosas batê na terra) cõ barbara arquitetura; dõde aquelles animais, tomavão recreação, e fazião vivenda: da [D338] qual camara dos lobos, que nella forão descubertos, por ventura, à maneira que em Roma, os Germanicos, e os Africanos, pellas Provincias que trouxerão ao Imperio; veyo quasi insensivelmente, o apellido: *de Camara de lobos*, a João Gonçalves, que depois deu nome a sua familia, e descendencia: hoje entre nós não só conhecido, mas illustre, segũdo mostraremos, pello que delle nos cabe.

Aqui se tornava a cerrar, tanto a nevoa cõ o mar, se erguião tanto os rochedos, e se multiplicava tanto o estrondo das agoas, que parecia impertinente audácia, sobre o passado, aventurar a hum ruim successo, todos os bons, que se

havião conseguido desta jornada. Determinado o Capitão, e noticioso de quanto a Ilha continha, se recolheu aos Ilhéos; donde deixâra surtos seus navios; e dentro em poucos dias, preparado de agoa, lenha, aves, prantas, ervas, terra, e todos os outros sinais que pode haver, e ao Infãte serião mais agradaveis, se voltou para o Reyno; aonde com prospera viagem, chegou pellos ultimos de Agosto do mesmo anno. Mas sabendo que o Infante Dom Henrique, o esperava na Corte del Rey seu pay, sem fazer demora no Algarve, se partio a Lisboa; em cujo porto entrou, sem haver perdido navio, ou homẽ, e havendo ganhado para este Reyno, a melhor Ilha do Mar Oceano Occidental. El Rey, e o Infante, receberam a João Gonçalves, com suma alegria, a qual, dos sinais de seus generosos [D339] peitos resultou a todo o Povo. Derão publicamente graças a Deos, pella mercê que lhes havia feito, descobrindolhes novas terras, e mares, que sogeitar a seu bendito nome. Depois desta solenidade, pareceo conveniente, ouvir a João Gonçalves, em audiencia publica, para que os Embaxadores, e Estrangeiros, que frequentavão a Corte Portugueza, pudessem fazer mayor conceito desta acção, comunicandoa a seus Principes, e naçoens: arte que entre os grandes Monarcas, sempre foi observada: dissimular igualmente, as ruins novas de seus sucessos, e inculcar as boas. Da qual arte não devia de ter noticia, certo ministro, de papeis de nosso tempo, que com importuna cifra, remetia a relação das prosperidades do Estado, ao Embaxador, que assistia na Corte do Rey, de quem estava mais depẽdente.

Chegado o dia da audiência, e presentes todas as pessoas Reais, e os primeiros senhores do Reyno, q então cõcorrião na Corte de Lisboa. Os Embaxadores, Ministros, e Criados; cõ toda a põpa decête, entrou na salla, João Gonçalves, acompanhado das pessoas de mayor conta de sua Armada; e posto de joelhos diante del Rey (segundo nosso antigo uso) lhe beijou a mão, com os mais que o seguião; e feito ao Infante Dom Henrique, o acatamento conveniẽte, sendo por el Rey mandado alçar, fallou desta maneira.

*Contarvos, Senhor poderosissimo, os trabalhos que passamos [D340] nesta peregrinação proluxa, ainda que breve, por mares nunca vistos, e terras nunca descubertas, fora em algum modo prezar os serviços, que nella vos fizemos; mas elles, posto que grandes, já não tem valia, junto da mercè, que nos*

*estais fazendo, folgando de nos ver, e ouvir em vossa real presença: honrainos menos, poderemos dizer mais. Agora tudo parecerá inferior a nossa obrigação, ainda que se crea, ou se estime por mayor que nossas forças, o que havemos obrado. Aqui vejo eu, com quanta providencia, a natureza escondeo aos passados, seus segredos, reservando para vós a chave delles. Do vosso nome, deu o nome, para que a esse sinal se vos descobrissem novos mundos: esperava que sò a quem como vós, com fortaleza os havia de defender, com justiça os havia de governar, com felicidade se houvesse de descobrir. Esta terra q agora vos achamos, não he, Senhor, mais que hũa amostra, das que para vossa Coroa tem guardado. He a primeira pousada, que aparelha, à larguissima viagem de vossos conquistadores. Não pòde ser mais certa a palavra, que se vos dà, da dilatação deste Reyno, que havervos Deos dado por filho, o serenissimo Infante Dom Henrique; o qual, como dedo Index da mão do Altissimo, está apontando as veredas do universo (às mais naçoens incognitas) por donde vossos Vassallos caminhem a conduzi-lo a vossa obediencia. Nòs por ventura, que fizemos, senão obedecer seu recado, e crer seu aviso? Elle mais nos descobre, q nos manda. Seu despacho, he nosso guia; já não himos a buscar regiões, mas a trazellas: não a achallas, mas a ensinarlhes o caminho, por dõde hão de vir a vós. Tanto misterio, tanta verdade, encerrão os preceitos do Infante vosso filho. Prezense embora os outros Reys do Mundo, de que suas gêtes [D341] venção outras gentes, porque nunca poderão justamente medir sua gloria, com vossa gloria; seus triunfos, com vossos triunfos. Conquistarão os Gregos, aos Persas, e os Romanos, aos Gregos; porém, os Portuguezes, em vez de estados, conquistão elementos. As vossas quinas, se ajoelhão as ondas do temeroso Oceano; e os ventos não se atrevem a desenrolar por mal, vossas bandeiras. Abrenlhe por seus golfos, respeitoso caminho, como acabamos de ver, todos os que aqui vedes. E se acaso em tempestades, e diluvios se mostrão ousados, he sò para que se veja, quanto poder, quanta força, depoem em vosso obsequio. Chore Alexandre a falta de Mundos, sobre que estenda sua soberba, q se o Mundo não responde á vaidade de sua ambição, he porq quer satisfazer a tẽperança de vossa modestia; para vòs se faz mayor na posse, do q foi para elle no desejo. Isto merecem ao Ceo, os Reys q não pretendem alargar sua grandeza, estreitando os*

*Reynos alheos. Merecem, como em vós estamos vendo, que o Ceo lhes alargue as ensanchas ao Mundo, para avantejalos aos mais, com suas crecenças. Ditoso vosso aumento, que a ninguem diminue: estranho, certo, mais no modo, que no efeito; porque crescer sem a injuria alhea, ainda he mais raro, que ser grande. Grãde vos fizestes, sem fazer nenhum pequeno; por essa razão, durará vossa grandeza, porque he propria.*

Então referindo particularmente, e mais particularmête respõdendo, informava a el Rey, e ao Infante: *Da bondade da terra, sua capacidade, sitio, e forma. Da verdadeira historia dos Ingrezes* (que já pello piloto João de Morales, fora inculcada, mas agora cõ os sinais infalivel). *Da paz, e abũdãcia da Ilha;* a qual el Rey [D342] logo alli deu nome: da *Madeira*, segundo a quantidade de imensos bosques, que lhe referião haver *nella*•, e grossos trõcos de madeiros estranhos, que João Gonçalves, fes apresentar a el Rey, e ao Infante; com tudo o mais, que da nova terra havia trazido.

Pouco despois foi ordenado, que no verão seguinte (porque o presente estava já no fim:) *Tornasse João Gonçalves à Ilha da Mãdeira, com titulo de Capitão, e povoador della.* Ao qual hoje acrecêtão, o de *Cõdes*, aquelles q possuẽ seu mórgado. Houve a jornada efeito, em Mayo de 1421. Concedêdolhe el Rey: *Pudesse levar do Reyno, alèm das pessoas que lhe parecesse, que com elle fossem voluntarias, todos os criminosos, e os condenados que houvesse.* Porém, João Gonçalves, com nobre advertencia, não admitio a sua companhia, nesta segunda viagem, algum homem, que de culpa, ou accusação fea, estivesse notado. Desta sorte apercebido, com sua mulher, Constança Rodrigues de Sã, a quẽ outros dizem, de Almeida, e João Gonçalves, seu filho herdeiro. Elena, e Beatris suas filhas, que despois casarão nobremente, saio de Lisboa, e chegou em breves dias à Ilha, ja dita da Madeira, lançando ferro em aquelle proprio porto, que até então se chamava: o dos *Ingrezes*; ao qual, João Gõçalves, por memoria, e honra de Roberto, O machino, seu primeiro descobridor, deu nome: *Porto do Machino*, que despois vulgarmente se disse: *Machin, e Machico*, como hoje se nomea, pello vicio, q em nós ha, de pronunciar curvamente a letra, *K*, dizêdo sempre, *Cha*, [D343] em lugar de, *Ca*, quando o, *H*, sucede ao, *C*; a que os Latinos derão ocasião, suprimdo o character proprio dos Gregos, *K*, com estas duas

letras, *C, H*, porque do, *K*, grego só usão em duas dicções, *Kalendas*, e *Kírios*, e nossos vulgares em nenhũa; escrevêdo, *Monarchia*, e *Chiromancia*, com os mais semelhantes, sempre por as letras, *C, H*, dizendo sómête *Monarquia*, e *Quiromancia*: observação que os rudos estragão, ou desentendem.

Saindo João Gonçalves em terra, como o melhor edificio, que se consagra à esperança, seja aquelle, que abre seus alicerces em o agradecimento; a primeira cousa que fes, foi traçar hũa Igreja da invocação de: *Cristo Salvador*; como em sua inscripção, o Ingres Roberto, instantemente pedia, aos futuros habitadores. Para este efeito se cortou a notavel arvore, que cobria o Altar, e sepulturas; e o novo Templo se fabricou em tal modo, que a Capella, teve por pavimento, os ossos dos dous desditosos amantes, só nesta ocasião bem afortunados.

Passouse logo ao Funchal; porque para reparo das embarçaçoens, erão, como dissemos, os Ilhèos mais acomodados; que a costa; e parecendolhe pella abundancia da agoa, e fermosura do valle dos funchos, este sitio muy idòneo de povoação, deu nelle principio à Cidade *do Funchal*, que em breve fes illustre; cujo primeiro Altar ofereceo a Deos, sua mulher Constança Rodrigues, matrona piadosissima, debaixo do orago, e patrocínio de Santa Caterina [D344] Martyr. Contra o que (não tão bém informado como costuma) escreveo João de Barros, em sua primeira Dècada da Azia, antepondo a esta fundação, a de outras duas Igrejas. Da mesma sorte, he força que duvide do incêdio, que elle afirma, durou sete annos por toda a Ilha. Ao que, parece, implicão os bosques, q sempre nella premanecerão, dos quaes ha tantos annos, se cortão madeiras, para fabrica dos asucres: de q dizê chegou a haver na Ilha, cêto e cincoenta ingenhos; que mal poderião continuamente sustentarse, despois de hum incendio tão universal, e menos produzirse despois delle: mas fique sempre salvo, o credito de tal Autor.

Morto el Rey Dom João, e considerando seu sucessor, e filho, el Rey Dom Duarte, os grandes dispendios, que o Infante Dom Henrique, seu irmão, havia feito, no descobrimento, povoação, e cultura, da Ilha da madeira, lha doou pellos dias de sua vida. Foi feita esta mercè em Cintra, a 26. de Setembro de 1433. Despois pellos propios respetos, como Principe religioso, e magnânimo, que el Rey Dom Duarte era, concedeose á nossa Ordem de Cristo, a perpetua jurisdição espiritual; que correndo os tempos, tâbem despois confirmou el Rey D. Affonso

Quinto, em o anno de 1439.

Tanta era a benignidade, e atenção de nossos Reys, para aumentar a honra de seus vassallos, que com grande estudo, tratou el Rey Dom João, de ilustrar de novas armas, o apellido, pessoa, e descendencia [D345] de João Gonçaves, nem faça novidade, que lhe mudasse o brazão, vendo os exêplos em os proprios Reys Portuguezes; cujo primeiro escudo, sendo hũa Cruz sómête, se trocou ao que hoje vemos, com não pouca variedade, pello discurso dos tempos. Mandou el Rey: *Que João Gonçaves, tomasse em memoria da Camara dos lobos, que elle descobrira, e que então se tinha por lugar mais sinalado, em toda a Ilha, hũa torre de prata cuberta, e rematada em hũa Cruz de ouro, e dous lobos de sua propria cor, em pè, rompendo contra a torre; verde o campo do Escudo, que taes são hoje desta familia as armas.*

Da propria sorte que ellas se mudârão, se acrescentou tambem o apellido; ajuntando ao de Gonçaves, que não perderão, o *de Camara*, dizendose *Camara de Lobos* ao principio, que despois forão deixando. Achei em Castella, este apellido na Cidade de Guadalaxara, e seus contornos, em pessoas de muyta nobreza, mas não pude averiguar, cõ que origem, ou se dos Camaras de Portugal o havião recebido. Elle entre nòs, teve logo em seu começo, o cuidado dos Reys, não só para o favorecer, mas para guardallo; porque sucedendo, que Simão Gonçaves da Camara, filho do segundo João Gonçaves, segundo herdeiro da casa; porque não naceo primeiro, e a herdou por morte de seu irmão mais velho João Gonçaves da Camara, continuou despois de herdado, em se chamar: *Simão de Noronha*, como antes de herdeiro se chamava (por ser filho de Dona Maria de Noronha que fora filha de Dom [D346] Diogo Henriques, filho bastardo do Conde de Gijão Dom Affonso) lhe mandou el Rey Dom João o Segundo: *Que ou se chamasse da Camara, como seus passados, ou deixasse seus bens a seu irmão, que estava prestes para conservar seu apellido.* Como se lé na Cronica de aquelle Rey, não sem causa, de nòs, e do mundo, chamado: *Principe perfeito.*

Mas por dizermos tudo, diremos, que a cerca da Patria de João Gonçaves da Camara, ha duvida entre os Geneologicos; porque huns o fazem natural de Tomar, outros de Portalegre, alguns de Matozinhos, com que parece conformarse seu casamento, que foi com a filha de Rodrigo Anes de Sà, senhor da terra de

Almoym, e Gaya, e do Castello da Feira, visinho, e herdado naquelle destrito. Não poucos cuidarão ser de Entre-Douro, e Minho, parecendolhe, que o sobrenome *Zarco*, podia ser *Arco*, ou *Arcos*, corrutamête dito; mas algũs Nobiliarios antigos, dão a entender, como cousa certa, que o cognomento *Zarco*, ou *Zargo*, era alcunha procedida da cor dos olhos; porque aos azuis claros em demasia, chamamos desta maneira. Outros querem se lhe trãserisse o apellido: *Zargo*, havêdo morto em Africa, hum Capitão Mouro deste proprio nome. Porẽ os que duvidarão da Patria, sempre forão cõformes em seu nobre nascimento, que ilustrado de copiosa, e clara sucessão, nada vemos que lhe falte, para cõstituir a João Gonçalves, hum varão famoso entre os nossos; porque não contando as casas mais antigas, de [D347] que por incertas, não fazemos memoria, poucos homens havemos tido em Portugal, de tão opulentas descendencias, a quem devem sua Baronía, tres Cõdes deste apellido: Calheta, Villa-franca, e Atouguia; suposto que o ultimo, por possuidor de alheos mòrgados, o não use. A casa de Abranches, e Camara, q em tudo pode igualarse às titulares, e se acha hoje guarneçada de grandes postos, e fazenda, tem a propria baronía. E por casamentos, procedem de João Gonçalves, 21. titulos deste Reyno (como bẽ podẽ averiguar os curiosos linhagistas) que são: Feira, Cantanhede, Serém, Santa Cruz, Obidos, Castel-melhor, Vidigueira, Villa-nova, Sortelha, Tarouca, Penaguião, Ericeira, Unhão, Villapouca, Basto, Atalaya, Sabugal, Palma, Abrantes, Figueirò, e hoje em Castella, Torres-vedras; com todos os segundos, e descendencias destas nobilissimas casas. E das que não são titulares, tem de João Gõçalves a propria descendencia: a casa dos Alcàçovas, a do Marichal, a do Almirante, os herdeiros do Porteiro mòr, os do Alcaide mòr, e Comendador de Castello Branco, a do Mòrgado de S. Vicente, a do Alcaide mór de Lamego. Atè vos, senhor, tendes em vossa casa, o herdeiro da de vosso pay, e avòs, neto tambem de João Gonçalves. E porque em suas cousas, não pareça inválido meu testemunho, he razão, que eu me conte em propria lista de seus sucessores; não com menor obrigação, que alguns que tenho referido: pois tirando os que possuem os mòrgados de [D348] suas baronías, sou eu quem goza o mayor mórgado da familia dos Camaras, instituído por Antão Rodrigues da Camara, que foi materno avò, de meu avò paterno; e neto de João Gonçalves da Camara,

filho de seu segundo filho, Ruy Gonçalves, senhor da Ilha de S. Miguel, donde fundou (mas não menor) a segunda casa titular deste apellido; e donde Antão Rodrigues da Camara, ficou bem herdado.

Agora vereis, Amigo (se cá tanto adiante vos deixarem chegar por esta leitura, a ocupação, ou o enfadamento) como sem necessitarmos dos exêplos de alheas historias (como vos propuz no principio desta) achamos mais certas, e visinhas, dêtro de nossa casa, aquellas de que podemos receber doutrina, e exemplo. Nesta facil pintura, sem os retoques da erudição antiga, se nos representou vivamente o perigo, de hũ Amor desordenado. A variedade de hũa Fortuna violenta; cujas noticias, melhor nos despedem, que persuadem a outra sorte semelhante: porque cegamête ousará aquelle, que em suas demasias esperar a ser mais ditoso, que os que por ellas se perderão. De outra parte se está vendo o valor, e constancia de hum Capitão excellente, coroadado de illustres premios de interesse, e gloria. A excellencia de Principes magnificos; e como no serviço dos Reys, a pesar de toda a opposição, he certo o aumento.

[C349]

CONFLITO  
DO CANAL DE INGLATERRA  
ENTRE AS ARMAS ESPANHOLAS,  
E OLANDEZAS.  
Anno 1639.

EPANAPHORA BELICA.  
QUARTA.

DE  
DOM FRANCISCO MANUEL.

*Escritta a hum Amigo.*

Havendo eu comunicado com homens doutos, o intento que tinha, de escrever algũas Relaçoes historicas, dos sucessos grandes, de nossa nação Portugueza, e dandolhes parte dos assuntos dellas; quando cheguei a esta, que agora vos [C350] ofereço, houve quem a julgasse quasi incompetente, ou desviada do sogeito proposto: não sendo elle outro, que referir, para engrandecer os feitos de meus naturaes. Justifiqueime então com boas razões, entre as quaes esta muyto valia: *Que grande parte das armas, occupadas naquelle congresso, forão regidas por nossos Lusitanos. Forças, navios, e dispendios de Portugal, nos fazião proprio seu emprego. Quanto mais, que eu não entendia usurpar a gloria de algũa alhea nação, repartindo por outras, a lembrança de tão grande perda. A mesma lastima, ou censura, que lhe resulta deste successo, deixo exposta a causa delle: pello que, nem os amigos, nem os êmulos, ficão em algũa conveniencia defraudados; para que seus historiadores, me demandem despois a utilidade da honra, ou fama, que lhes tiro, tomando para nòs, a parte que nos couber do escarmento, ou da constancia.*

Mas se em aquelle tempo, tivera eu já a grãde razão, que hoje tenho, para dar aos críticos, só dessa usára. Disseralhes: *Que achandovos no manejo dos*

*negocios de Inglaterra; em cuja Corte, vos fazeis tam benemerito, como aplaudido por Prudencia, Fidelidade, e Luzimento, bastante soborno, me seria para obrigarme a referirvos negocios tam arduos, que nessa propria Corte se passarão; donde por ventura, muytas vezes haveis encontrado suas noticias, e nam duvido, que seus exemplos.*

Resta que a memoria me socorra, com todo o cabedal necessario, para duas grandes obras. A primeira serâ, hũa incorrupta informação da verdade. A segunda, hũa sufficiente força, para refutar os incertos [C351] certos escritos, que sobre este caso publicarão Espanhoes, e Estrangeiros.

Virgilio Malvezi, Autor ilustre, mas animoso, que por costume, ou pena de sua inseparavel adulação, quis pezar os sucessos, de trinta e oito na *Livra*, e escrever os de trinta e nove na *Historia*, por mais q mostra haverse informado de huns, e outros, bem denuncia, quanto teme referir este sucesso, que eu me disponho a escrever; o qual, Virgilio em poucas, e confusas regras desmentio, e abreviou, dando ao silencio por fiador da verdade.

Seguindose Galeazo Gualdo, na segunda parte de suas *Memorias universais*; mas tão defeituoso na averiguação dos acontecimentos, como sempre costumão os que escrevem de longe, e sem autoridade de Príncipe, q lhe franquee as portas dos segredos. E porque pella afinidade de nossas profissoens, minha, e de Gualdo, eu me compadeci da perda, e risco, em que se via o credito deste Autor (digno, por certo, de aplausos) lhe escrevi a Veneza, por mãos de Alexandre Mòra, seu patricio, advertindoo de algũas circumstancias competentes, com que bem podia ornar de proveitosas emendas; a segunda edição de sua historia, como já fez Paulo Jovio, pellas doutas censuras, de nosso insigne Cronologico, Gaspar Barreiros. Mas malograndose meu bom zelo (como as mais vezes lhe sucede) fui respondido de Italia: *Que Galeazo se achava na Baviera, chamado de aquelle Eleitor* (porque ainda lá parece, que chamão os Principes [C352] aos Sábios) e avisava: *Que de volta a Veneza, me mädaria a repostas, e satisfação*, que até agora não tenho visto.

Menos culpo o error, com que logo os Olandezes, em seu familiar Mercurio, manifestârão ao mûdo sua vitória; porque o gosto he sempre violento, junto á causa de que procede: e quanto delles foi menos esperado este funesto

triunfo, se esforçou mais desordenadamente a alegria de publicallo. O grave costume de aquella Rêpublica, na moderação de seus louvores, fes parecer este sucesso menos fiel, quanto a Relação delle, foi menos considerada.

Por tantas verdades, e por tantas queixas, ha de tornar agora a minha pena: e espero conseguilo cõ felicidade, ainda q â custa de grãde trabalho; porq, como de tudo fui testemunha, achandome em todos os acõtecimêtos deste negocio, não deixarei algũ sê a memoria devida, pella presêça de todos. Por outra parte, havendo elle já passado ha tantos annos, estão os affectos serenos, domados, e obedientes, assi à razão, como à lêbrança; de sorte, que se não poderá dizer de mi, como de outros: *Que escrevo com pena parcial a algum partido*: pois sobre annos, escarmentos, e desinteresses, o proprio curso dos casos, me foi levando a hũ estado, q nem com o louvor, nem com o queixume, devo, ou posso, exercitar lisonjas, nem vinganças.

Quanto mais, que fatalmente parece, que sou obrigado a referir ao mundo este sucesso; porque [C353] cõ esta são tres vezes, as que o tenho composto, sem que de hũa aproveitasse para outra, hum só termo, ou hum papel sómente.

Compus a primeira Relação, logo que cheguei a Flandes na mesma Armada, por especial ordem, do Cardeal Infante Dom Fernando, que governava aquelles Estados. Então sua Alteza, por não dilatar o aviso, o pouco tẽpo que se gastava em copiar o discurso, q eu lhe apresentei; mandou o proprio, a el Rey Dom Felipe, seu irmão. Despois para suprir esta falta, me pedio o original, seu secretario de estado, Dom Miguel de Salamanca; o qual de minha mão recebeo, para nunca mais ser delle restituído.

Seguiose à jornada, que fis, de Flãdes, a Castella, outra de Castella, a Aragão; donde achandome alguns meses ocioso, antes de darmos principio a aquella infausta guerra de Catalunha (e eu tambem a sua historia) tornei alli a escrever este proprio Conflito do Canal de Inglaterra, sem ter do passado opusculo outra ajuda, salvo este nome, que em todos lhe conservei. Porém, esta segunda Relação, estandose já copiando, deu o mundo tantas voltas, e tantas comigo minha fortuna, que em breves tempos, vim prezo à Corte de Madrid, e na do exercito, me forão tomados meus papeis; os mais, e melhores, que até então havia escrito, e q até hoje me não tornárão à mão, ficando em as de D. Gregorio,

Romero de Morales, q tinha a Secretaria de aquella guerra; donde entre outros originaes, que não pude [C354] restaurar, perdi também este, a que agora (como já vos disse) terceira vez, dou principio: para que não só me fosse custoso o perigo, que em aquella ocasião passei; mas até o referillo, me custasse trabalho.

Terceira vez, disponho agora a Mente ao novo dibuxo desta historia; mas conforme ao premio, que já levo de ante-mão, em vos dar contentamento, venho a presumir, que foi por muytas razoens ordenado, que primeiro passasse tantos inconvenientes, pois havia de alcançar por elles: *Ter a Platão por ouvinte*; cousa que já o Orador de Athenas estimava, em mais que achar o mûdo inteiro por auditorio.

Procurarei, que a verdade de seu valor, pague o que faltar na eloquência; e desta espero igualmente alcançar, aquelle cabedal necessario, para que nem dislustre, nem confunda a imagem do caso, que retratamos aos tempos.

Pudera só fazer escrupulo, de lhe furtar aos negocios, que tendes a vosso cargo, aquellas horas de atenção, que derdes a esta leitura; se não vira, que vosso grande talento, excede à copia dos negocios: do mesmo modo, que vossa constancia à das dificuldades, que delles se produzem; para que de tantas maneiras, fiquem vencidos os interesses, que a tantos outros forão venenosas biboras, que docemente morderão, e inficionárão, com perigo da vida da fama, que [C355] os Varoens altos, preferem á natural, por aquella grande ventagem, que aos dias leva a eternidade; da qual vos espero herdeiro, depois de grandes felicidades temporaes, se pode havellas no tempo. Do Espinhel, em trinta de Setembro de mil e seiscentos e sincoenta e nove.

V. A.

*D. F. M.*

Quebrantadas em Alemanha as armas dos Godos, em que sucederão os Suecos do Grande Gustavo Adolfo, pellos Imperiais, e Espanhoes, junto á Villa de Norliguen, que deu nome a sua memoravel batalha; deceo triunfante aos Paizes baixos, o Cardeal• Infante Dom Fernando de Austria; o qual, posto que começou o governo de Flandes, com alguns felices eventos, que como astro propicio, parece lhe tinha pronosticado a primeira vitoria; com tudo, como a guerra seja o mais incerto teatro, que a fortuna senhorea no mundo, logo nelle se forão representando contra os Espanhoes, tão custosas variadaes, quaes se virão no incurso de Terlimon, e Lovayna, e na perda de Bredá, e outros sitios; porque concitadas as armas del Rey Cristianissimo, da propria melhora das Catholicas, pella justiça, felicidade, escandalo, ou arteficio, dos Austriacos, fizeram comum, [C356] com os Olandezes, seus antigos aliados, e dependentes, o interesse da ruína Castelhana, e Germanica.

Então as forças Espanholas, repartidas à opposição de dous tam poderosos contrarios, como já se mostravão pellas Provincias de Gueldres, e Artoes chegarão a ver, que não só as perdas, mas as vitorias lhes custavam excessivo dano. Fora pouco tẽpo antes illustre a resistencia do dique de Calò; porẽm comprada, a preço de mil e trezentas vidas de Espanhoes, com menos de meya hora de combate. Pouco mais barata a retirada• do Frances, sobre San Omer, e nos recontros de San Nicolâs, e outros semelhantes, em Ulst, e na Gueldria, se havia perdido de gente, quanto se ganhâra de reputação.

O reparo destas quebras, e a prevenção que se podia ter por certa, pellas que reciprocamente padecerão os contrarios, obrigou ao Infante Cardeal, que vivamente solicitasse em Espanha, hum poderoso socorro. Aquelle Conselho de Estado (donde se achavão muytos, q havião governado na guerra de Flandes) veyo por razão, e affecto: *Em que se dêsse com grande brevidade ao Infante, hũa grossa assistencia de gente, e dinheiro, com que poder melhorar seu partido, no verão seguinte.* Porque inutilmente se cansa, em ajuntar forças, quem divididas as deu, despois a desbaratar a seu inimigo.

Pertence â ventura dos Principes, ser bem aconselhados de seus ministros; mas incumbe sobre sua [C357] consciencia eleger ministros, que bem os aconselhẽ. Os homens méramente civis, e cortesãos, que já mais vestirão as

armas, não só as ignorão, mas as aborrecem, dourão de zelo, o odio, e fingindo desarmar a licença da guerra, simuladamente encontrão aquella soberania, de que se adornão os espiritus nella exercitados. Da guerra, se assõbrão cõ o tacito perigo, e dos guerreiros com a excessiva vêtagem; donde procede, que os ministros pacíficos, jámais se desvelão pellas occurrências militares. Não assi aquelles que as experimẽtarão, porq de ordinario se adiãtão a prevenilas, pella viva apreheção de casos semelhantes, que por elles passarão. Misero serâ o regimento de hum Principe, que as expediçoens de seus exercitos, encomendar a pessoa, que jámais padeceo seus incomodos.

Os Cõselheiros de Castella resolutos, como referimos, buscarão todos os meynos de ajũtar gẽte, e embarçaçoens; e os efeitos, cõpetentes ao grande dispendio, a que se expunhão. Sucedeolhe nesta occasião á Coroa Castelhana, o que aos doentes perigosos, que em desconto do risco, e a troco da saude, nenhum remedio engeitão. Desta maneira, vimos abraçar alguns modos indecentes, a fim da condução deste socorro. Porq fazẽdose cõ pessoas particulares (e muytas indignas) assentos sobre grão numero de gente, que se obrigavão a meter nas praças de armas propostas, as quaes logo forão declaradas, Cartagena, e Corunha; aconteceo, que no coração das [C358] melhores Cidades de Espanha, e na propria Corte, andassem de dia, e de noute, como as Cabildas em os desertos da Arabia, de gente armada, cativando os miseraveis inocentes, que atravessavão descuidados, as praças, e ruas, de sua Rèpublica. Estes sem algum remedio, ou se resgatavão por boas somas de dinheiro, ou em grossas correntes erão transportados, a entregar nos portos prevenidos: mais deshumanamente, que nossos Cristãos proprios, são vendidos no barbaro Soco de Argel.

Desta escandalosa desordem, procederão muytas: despovoando já o temor deste perigo, de tal maneira os lugares mais populosos, que levantando os Grandes de Espanha, por este tempo, e para o proprio efeito, levas de gente, com que erão obrigados a contribuir ao serviço pùblico; nem nos lugares de seu dominio, nem em os Reais, se achava hum só homem, que voluntariamente quizesse sentar praça de soldado; oferecendolhe por vandos, e edictos, grosissimos socorros cada dia. Lembrome haver visto na Villa de Talaveira do Tejo (a quem chamam *da Rainha*, e disserão *Telobrica*, os Romanos) povo rico,

e grande, do Reyno de Toledo, que pello socorro de desaseis reales, cada dia, prometidos a cada soldado, pello Cõdestable de Castella, e Duque de Infãtado, que alli formavão suas companhias, não se achou algum mancebo, que acodisse a sogeitarse, debaixo de algũa de aquellas honradas, e proveitosas bandeiras. A vista desta observação, servirà de espanto aos [C359] que vierem, sabẽdose certo, que no mesmo tempo que em Espanha se padeceo esta carestia de gente, houve dous homens, cujos nomes erão: *Don Ventura de la Canal*, e *Don Luis de Monçalve* (ambos conheci, e tratei por muyto tempo) que por assento com el Rey, conduzirão sem humanidade, mais de dez mil Espanhoes, pello modo referido; recebendo por cada cabeça, nas praças de armas, vinte e hum ducado Castelhana, que da nossa moeda, fazem nove mil e duzentos e quarenta reis.

Era mayor a insolencia; porque muytos recebendo a autoridade destes dous, que el Rey lhes dera, ou acaso, sòmẽte paleada permissão, elles se lançavão a cativar gente, sem exceiçãõ, ou respeito, já pellos caminhos, já pellos campos; aquella que em fé de sua paz, e utilidade, os cultivava. Tal vez dentro das casas proprias, com falsos pretextos, erão insolentissimamẽte, assaltados os moradores; aos quaes despois escondidos em covas e casas subterraneas, vendiãõ seus opressores, a aquelles obrigados a el Rey, por custoso preço; fabricando desta horrivel maldade, hũ negocio tão corrente, como o de qualquer licita comutaçãõ, e mercancia de gados transferidos, de hum termo, a outro.

Escrevo cõ toda a inteireza, o que vi muytas vezes, e quasi me passou pellas mãos; porque como em aquelle proprio tempo, e para a mesma guerra, eu levantasse hum Terço em Portugal; e despois em Castella, o resto delle, fui muytas vezes convidado [C360] dos que tinhão este trato (que justificou a malicia de Antonio, Lèpido, e Augusto, tão declamados no Mundo) para me proverem de alguns soldados, que faltavão por este atrozissimo meyo; do qual se Deos quis, que eu não uzasse, vi usar a muytos: que foi sem falta o primeiro auspicio infausto, cõ q se começou a infelice empreza, que referimos.

Também â nossa Coroa, coube grãde parte destas afliçoens comũas; sendo ordenado: *Que em Portugal se fizessem levas para quatro Terços*. Não sei, se com mayor necessidade, de acodir com grande copia de Portuguezes, aos movimentos externos da Monarquia, ou se cõ mayor desejo de prevenir os

internos, que no Reyno podião temerse avisados das revoluçoens de Evora, pouco antes sucedidas; as quaes deixamos escritas, em a primeira de nossas Relaçoes, na Epanaphora Política.

Por esta causa executadas as levas, já dos quatro Terços, que podemos dizer *Municipais*, ao modo antigo, por serem applicados ao uso das *Legioens urbanas*; procederão adiante as condutas dos Portuguezes, sem que as nossas Ilhas, tendo por fosso, todo o mar Oceano, se pudessem desviar, ou defender do rigor das ordens, que para levas semelhantes, se passarão; primeiro a Dom Diogo Lobo, filho de D. Rodrigo, que por sangue, e ministerio, tinha com as Ilhas proporção; depois a Francisco de Betãcor de Sà, cõ callidade, e méritos nellas respeitaveis. Passarão ambos o mar, em busca de dous Terços de [C361] gente desobrigada; da qual, havia fama, abundavão aquelles Povos, pello que se julgava a beneficio, o mesmo que pouco depois pode ser sua ruína. A mim me coube em sorte, a Provincia da Beira, Douro, e Minho, com Tras os Montes, e parte de Alentejo; donde com menos dificuldade, não com menos dispendio, e por isso com menos dificuldade, levantei quinhentos Infantes, de que fora encarregado. A Belchior Correa da Franca (que depois padeceo miseravel tragedia no novo reynado) tocou o resto de Alentejo, com Lisboa; mas pouco depois houve eu de governar todas estas tropas de Portuguezes; porque Dom Diogo passou ao Brazil, o Betancor não chegou à praça de Armas, e o Correa fóra de tempo.

Bem notou aquelle moderno, como estimado Polytico, que disse: *Era danosa a fama, como se prova no grito do Cascavel, que acompanha as aves de rapina; as quaes em vão procurão desmentir seus voos, em quanto delle se acompanhão*. Da propria maneira sucede ás acçoens dos Principes, cujo aparato já mais pode ser occulto â observação dos inimigos. As grandes preparaçoens de Espanha, forão outros tantos avisos, dados ao Conselho dos Olandezes, para que advertidos da formidavel potencia, que el Rey Dom Felipe aparelhava contra elles, procurassem logo com todas suas forças, suprimir as contrarias.

Costumavão os annos antecedentes, como prácticos [C362] na milicia naval, ganhar os postos de Flandes com suas armadas, antes que saísse a del Rey, porque lho aconselhava, assi a boa disciplina da terra: donde largamente se tem

visto, que sempre se conserva, senhor da campanha, aquelle poder que a domina primeiro, Martim Herps Tromp. Tenente General das armas maritimas dos Estados, com doze naos grossas, usava em os principios de Março, dar fundo sobre a barra de Dunquerque, melhor porto do Condado de Flandes, e proprio de sua Provincia: cujo nome em a lingoa Bélgica, diria o mesmo que em a nossa: *Igreja das Arèas*; porque ao que nòs dizemos: *Medas*, dizem *Dunas* os Framengos, e *Kerken*, ao que nòs *Templo*. Era então praça de pouca defesa Dunquerque: hoje famosa por arte, e por fortuna, debaixo de varios senhorios. Buscavão os Olandezes este porto, como porta de Flandes, que ministrava igualmente a entrada aos socorros dos Espanhoes, e a saída aos pyratas Brabantezes; ella fechada de sua poderosa mão, pella constancia de seus navios, estavam seguros de invasoens, e assaltos; porque o resto dos pòrtos de Flãdes, lhes dava pouco cuidado.

Fes varias vezes, grande dano a todos os Estados fieis, este pesado sitio, que alguns annos prevaleceo contra os elementos, por espaço de outo, e nove meses. Seis navios grandes, com o General delles, ocupavão de ordinario a boca de aquelle [C363] porto; dous Niuport (isto he *Portonovo*, famoso pello Real, que nelle assentou Alberto, contra Ostende). Outros dous a boca de seu rio. Os ultimos sobre a Herrada de Mardic; e novo Molle de Gravelingues. Assi se repartião as doze nãos, mudandose embarcações, e gente, cada dous meses, sem que hũs se levantassem do surgidouro, antes que os outros dèsem fundo nelle.

De aqui veyo, que muytas vezes intentassem, não só ser molestos aos portos, mas danossissimos às cidades, que inquietavão com continuas, e furiosas baterias: causadoras de ruina e espanto, aos moradores. Em opposição deste novo modo de guerra, se formou aquella nova defesa de esplanadas portâteis, a que disseram: *Pontões*, e nòs não sei, com que causa chamamos: *Bichas*. Eram barcas grandes razas, e fortissimas, capazes de seis canhões inteiros, que alojavão; e juntas quatro, sobre poderosas ancoras, e gumenas, fazião a seu proposito camarada de vinte e quatro canhões, temerosa aos profiosos Olandezes; que tal vez cõ perda consideravel a experimêtarão. Mas entretãto para despachar avisos a Espanha, de *Fragatas singellas*, como chamão às embarcações sutis, q não passão de dez pessas; era necessario, que cubertas da sombra da noute, com força

de homens, e artificios, por cima de bancos de area, e â custa de immenso trabalho, fossem lâçadas: necessitando de tantas occurrencias, conformes para hũa saída felice, que raras vezes se lograva [C364] sua fadiga, e dispendio nestes avisos.

Com tudo, tal modo de guerra, se julgou conveniente, em quanto o poder Naval de Espanha, não subia ao Norte; porque havendo de esperarse, convinha prevenir opposição tam poderosa, que contrapezasse a gloria, com a conveniencia. O que bem conhecido pellos estados, se resolverão em armar aquelle anno, de mil e seiscentos e trinta e nove, hũa Frota de quarenta e quatro nãos, com que confiadamente podessem oporse á Armada Castelhana, e lhe dar batalha, se conviesse. Mas suposto que notavão alguns Ministros de Olanda: *Que à sua República não era util tão grande empenho, sobre materia incerta* (assi julgavão ainda a expedição, e encôtro dos Espanhoes) cõtudo, esta dificuldade se vencia com a oferta, que de seus poderes fazião aos Estados as duas companhias de Oriente, e Occidête; e de outros particulares, que como em guerra santa (tal lha representava o odio, que exercitavão) se prevenião em favor dos designios, e interesses publicos.

Do Conselho â aprovação, houve só em meyo o discurso, que pode calificalla: e della à execução, sómente se interpoz o tempo necessario para a obra. Em tal maneira corria o apresto da Frota Olandeza, que o General Tromp já navegava os ultimos de Junho, com as quarenta e quatro nãos, bem armadas; seu Almirante Witen, Witicén. Fiscal, ou terceiro Cabo, Bankert, e entre os mais de grão nome, os Capitães, Foran, Cornicen, Van Colster, [C365] Nam, Nalghoorn, Ringelz, Vlieger, Post Garbrantz, Kamp, e Brederode.

O General Espanhol, D. Lope de Osis, e Còrdova, se conservava no governo de hum troço de Armada extravagante, que ele por industria, e autoridade, pretendia eximir da obediência da Real de Espanha. Dizendo: *Que sucedera aos Generaes, Francisco de Ribera, e Thomas de la Raspur, para quem o anno de mil e seiscentos e vinte e cinco, achandose Dom Fadrique de Toledo, General do Oceano, fóra de Europa, el Rey mandàra criar nova, diferente, e independente Armada, para defensa dos incursos, que os Ingrezes intentavão nas costas de seus Reynos.* Dizia: *Que o proprio Rey, que dèra ser, e autoridade,*

*á primeira Armada, a podia comunicar igual, ou semelhante à segunda; como sucedia, que nem por ter muytos exercitos na terra, hum mesmo Principe, era costume se governassem huns a outros, e que nos exercitos do mar, procedia a mesma izenção.*

Constava a Armada do Osis, de vários troços, que pretencião aos diferentes senhorios, de que se compunha a Monarquia. Alguns soltos navios de Biscaya. A Esquadra de Galiza; cujo General era, Dom Andres de Castro, filho do Marques de Sárria, tam illustre, como infelice Cabo. Seu Almirante Francisco Feijo, de nação Galego: aquelle curioso Autor dos preceitos militares da guerra maritima, em o seu breve Opusculo, que intitulou: *O Sargento Embarcado*. De Portugal [C366] se esperavão mais navios com S. Balthazar, que foi fausta Almiranta nossa, mas o nosso galeão S. Thereza, superior Capitana desta Frota, podia ser bem contado, só por hũa esquadra. Concorria outra de Napoles, mandada até Cartagena, debaixo da mão do Marques de Leiva; cuja extravagancia, fes que alli a deixasse, ao governo de seu Almirãte, D. Pedro Vêles de Medrano. Porém a melhor parte desta Frota, consistia em a esquadra de Dunquerque, a cargo de Miguel de Orna, que succedeo a Jaques Collarte, pay de Dom João Collarte, que agora por ousadas piratarías, he conhecido. Era Miguel de Orna, marinheiro Biscainho, e não menos destro soldado; cuja boa reputação, e industria, o fes estimadissimo aquelle tempo: suposto que o General proprio desta Armada, fosse Dom João Claros de Gusmão, Marques de Fontes, filho de Dom João o Sexto, Duque de Medina Sidonia. Direi a este fim, para mayor clareza (e pode ser que exemplo) o estranho modo de governo, que então havia nesta Armada de Dunquerque.

Seu General de propriedade, com seis mil escudos de soldo cada anno, era sempre o Governador da Villa de Dunquerque; como ao Castelhana de Cambray, anda anexo o posto de General de Cambrezí. Os Capitães do presidio da praça, erão os propios Capitães dos navios, que entre elles repartia o General. Os Mestres, que tambem conservão a propriedade dos postos, e a quem com melhor nome, [C367] chamão *Capitães de mar* os Castelhanos, governavão nestas jornadas os navios; os quaes casualmente, segundo o pedia a ocasião, se guarnecião de mais, ou menos, infantaria do presidio; aquella que tocava ao

Capitão da praça, que tinha nome de Capitão do navio. Este de sua companhia, nomeava hũ cabo obediente ao mestre, com trinta, atè sincoenta soldados armados. Desta sorte sahião a navegar bem fornecidos; e atè no modo de bastecer os navios, havia diferença das mais Armadas Espanholas. Ajustavase pello Provedor General, o numero de gente, distinta por seus termos, qual pretencia à guerra, fogo, e marinhagem; e logo por assento, que o mestre, ou capitão do mar, sobre si tomava, era obrigado a sustentar por partido certo, cada boca, aos meses; de que anticipadamente lhes livravão algũas pagas. Fazia, quando mais alto preço, tres vintens nossos, cada dia o custo de hũa boca dos marinheiros, que no premio se aventajavão aos mais. Pretencia o governo da esquadra, ao mestre da Capitana, com patente de Capitão do mar della. Estes forão os motivos, de que entrasse o Orna, e presistisse no mando de sua Armada. Mathias Rombau, por ser mestre da Almiranta, fazia de Almirante o officio. Os Capitães de mais nome, Jaques Dible, Jospitre, Clenche, Salvador Rodrigues, e Francisco Ferreira, ambos Portuguezes, que nas occurrencias maritimas, parece tem lançado a mão, de hũas, em outras provincias do mundo, não se achando [C368] nelle parte, donde os nossos com admiração, não hajão dado mostras de ousadia, indústria, e constancia: verificandose assi, aquella fabulosa propriedade, que se conta dos frutos Persianos, aos quaes torna suaves, de venenosos, o terreno alheyo, como cantou nosso Poeta.

Jã neste tempo chegavão por Inglaterra, varios avisos, despachados pello Infante Cardeal, do poder com que o inimigo havia engrossado sua Frota. Muytos delles (como succede) excedião a verdade, posto que seu excesso não necessitasse de algũa exegeração. Os Francezes tambem por sua parte, em observancia de seu tratado, davão grande pressa ao apresto de hũa Armada; em a qual com tanta diligencia, e liberalidade, fazia trabalhar o Arcebispo de Bordeos, Henrique de Sordis, General della, que se affirma, supria de noute a falta da luz do Sol, cõ o custoso lume, de mil tochas acezas, q ardião cada noute, para q na obra se não parasse, nem aquellas horas, que a natureza destinou para descanso dos homens. Prezase de ser tam poderoso o appetite dos Principes, que se poem a vêcer, o tempo vencedor de tudo.

Desta propria diligencia, tomarão os Ministros de Espanha, melhor a causa, que o exemplo; a fim de se igualarem nella com os émulos em prontidão semelhante. He digno de admiração, que sendo os Espanhoes nas obras particulares, a nação mais viva, e determinada, seja em as comũs, a mais frouxa, [C369] e irresoluta da Europa, donde provem grande parte dos ruins sucessos militares: por ser a presteza na guerra, hũa das virtudes mais necessarias, não só aos grandes Capitães, mas aos bons Cõselheiros.

Com tudo, se destribuição ordens gérais, a fim de marcharem os socorros às praças de armas; e porque pareceo, que se o Terço que Dom Simão Mascarenhas, tinha levantado em Andaluzia, com breve, e util efeito, esperasse pellos outros, receberia grande dano; e passando logo por ser copioso, não pequena conveniencia aos Estados; foi resoluta, que em nãos Ingrezas, havidas a frete, se despachasse prontamente aquella Infantaria, q junta com algũas levas de particulares, chegava a numero de dous mil Espanhoes. Entendiase, mas contra o q mostrou a experiencia despois, e antes, suspeitava a prudencia: *Que em virtude das pazes de Olanda, e Inglaterra, os Ingrezes passarão livremente pellas esquadras do Tromp.*

Alguns disserão, sobejamente politicos: *Que sendo Dom Simão filho do Marques Dom Jorge Mascarenhas, Ministro grande em Portugal; seus émulos lhe havião solicitado aquelle risco.* Outros: *Que os amigos, desejavão se anticipasse este Terço, para que chegando primeiro, fosse pela antiguidade preferido, aos mais de aquelle socorro.* Sey que Dom Simão com incauta actividade, desculpada; porẽ nos annos, procurava quanto podia por estranhos meynos, ocasionar e adiantar sua ruína. Finalmente navegãdo a Flãdes, encõtrou no meyo do Canal cõ hũa esquadra de Olanda, a quẽ, sã a menor preparação [C370] de defensa, se entregarão os Ingrezes; perdendo os Espanhoes logo neste principio, com mais de vinte Capitães, quasi dous mil soldados: donde seu Mestre de Campo, por beneficio da industria, e amisade do Capitão Ingres, que o conduzia, escapou em trajos de marinheiro, e sua roupa em titulo de mercancia.

Este successo, podendo servir de grande aviso, para casos semelhãtes, que despois se virão, em aquella, e nossa Coroa, por ignorado, ou não crido, atẽ de seu exemplo, nos não ministrou algũa utilidade, quanto mais de si proprio.

Lentamente hião entrando nas praças de armas, as levas dos senhores, que se esperavão, e ainda as reais, nem pella diligencia, e comodo dos ministros, se apresavão muyto. Porém na forma que chegavão, erão logo repartidas, e agregadas aos Terços, que se estavam formando, segundo a autoridade, e valia dos Cabos delles. Destes se entregou o primeiro, a Dom Jeronimo de Aragão, irmão do Duque de Terra-nova, e herdeiro, que dizem ser, de sua casa; cujo Sargento mór, foi declarado, Dom Pedro Baigorri, de nação Navarro, hum dos mais práticos, e antigos soldados de Flandes: hoje moderado, e prudente governador do Rio da Prata. O segundo Terço, se formou a Dom Martin Alonso de Sarria, Cavalleiro Biscainho, cujo Sargento mór, foi Dom Alvaro de Carvajal. A mim me coube o terceiro Terço, que constava de mil e cento e [C371] setenta praças, com quinhentos e setenta Portuguezes, e seis-centos Castelhanos; os primeiros cõ cinco, e os ultimos com seis Capitães, cada qual da nação de seus soldados. Por Sargento mór, me foi nomeado o Capitão João de Hita, em que nunca conheci outra sufficiencia, q ser primo, e feitura do celebrado Simão (que naquelle tẽpo era Porteiro, depois Gentil-homem, e sempre favorecido do Conde Duque) pessoa, que por notavel no mundo, se fes digna de ser nomeada em publicos escritos.

Outra leva do cargo do Condestavel de Castella, não pode chegar a tal numero, que della se formasse hum Terço inteiro. Por esta causa, e pela reverencia que se devia ao Autor della, se conservou sempre em governo a parte, debaixo da conduta, de D. Francisco Fernandes Palominos, com titulo de Sargẽto Mayor, e mayor cortesão que soldado: o qual depois em Flandes, matãrão em desafio. De Francisco de Betancor, e Belchior Correa, ambos Portuguezes, e q neste Reyno levantãrão (como atraz deixamos dito) forão chegando varias tropas, que tambem se conservavão divididas: mas todos me forão logo entregues, em falta de seus mestres de Cãpo. A Infantaria da Armada, só tinha por Cabos seus Generaes, e Almirantes, com o mestre de Campo Dom Gaspar de Carvajal, do Conselho de guerra, soldado de valor, e disciplina. Esta constava de hũ sufficiente numero de soldados, para sua defensa. O Reyno de Galiza, e todas suas armas, governava o [C372] Marques de Valparaizo, de cuja pessoa, verdadeiramente fallamos, no primeiro livro de nossa Catalunha. Não se ajudava,

de outro algum Cabo da Infantaria, pertencente ao Reyno de Galiza, que de Fernão Sanches de Baamonde, Mestre de Campo de aquelle presidio; e que pouco tinha servido fóra delle: o qual indistintamente, fazia varios officios da guerra, e paz, ignorando quasi todos: por ser homẽ donde não havia outra sufficiencia, que a dos annos; não sempre importante, mas sempre respeitada.

Neste estado se achava a guarnição, e apresto da Corunha, quando el Rey informado das inteligencias de França, Olanda, e Inglaterra, escreveu ao Governador de aquellas armas: *Estivesse sobre aviso, para repulsar as dos Francezes, que brevemente se entendia, podião demandar as costas de Espanha.* O Valparaízo, que a ultima virtude que perdeu, foi a presteza, a qual ainda retinha, e lhe durou igualmente com a vida; fes chamar â Corunha todas as forças do Reyno, Nobreza, Cavallaria, Soldados, pagos, e milicianos. Entendese que chegarião a desouto mil homens, os que se juntarão: supria o numero seu defeito. Mas a Corunha, que he terra de inferior comodidade, para tam grande guarnição, cedo, como he uso, lhes fez perder o descanso, e saude, ministrãdolhes mayor estrago do mal, q do inimigo. A fome, e desẽparo erão iguais, e a estes males, os q lhes servirão de consequencia. O Povo curto, e pobre, para emmendar tam grandes faltas, com todas as diligencias, [C373] que fazia pello remedio, ficava delles mais desremediado. Erão de mayor receyo as faltas de munição, para a defensa, que as do mantimento, para a vida; porque parecia, como he certo, q menos matàra a guerra com a fome, que com a desprevenção.

Eis aqui como o modo de esperar os combates, que então se usava em as principais praças de aquella Coroa, que como os baixos se pintão nos mapas, escrevemos para advertencia, não para exemplo. Porém, quanto mais os soldados práticos desconfiavão da vitoria, quando o inimigo chegasse a ganhar os postos da terra, os marinheiros se esforçavão na fabrica de hũa cadea, que cingisse, e dificultasse o porto. Era de mastros que rodeava boa parte do surgidouro, fazendo hum arco capacissimo; cuja principal ponta, começava no forte de Santo Antão, e fechava em o de Santa Luzia. E porque he meu costume aproveitar tudo o que posso, com a historia que escrevo, por essa causa, farei descrição da fabrica desta cadea; poderà por ventura servir a outros, algũa hora, de remedio.

Contava de cento e setenta mastros grossos, q *talingados* (dizê talingados ao q nós dizemos liados, os marinheiros) sendo atados fortissimamente, huns, a outros, com fortes gumenas, e boças de ferro, ficavão em tal maneira unidos, q jugavão facilmente, assi como fazem os fuzis em os grilhoens das correntes, ou como em nossas mãos proprias, [C374] tem seu movimento os ossos, ligados por beneficio dos nervos, que os meneão juntos, e distintos. Todo o resinto desta fabrica, se afirmava em cincoenta ancoras, que no fundo lhe servião de firmissimo alicerce; estas erão sostidas de amarras grossas, que se tirarão, para esse efeito da Frota, e Almazem; mas principalmente da Armada de Dunquerque, que nas prevençoens, a que os nauticos chamam: *Mèstrança*, a todas as de Espanha, fazia grande vêtagem. Dez chalupas, bem armadas de falconetes, esmerilhões, e berços de bronze, lhe davão cõtina guarda de noute; tal era a guarnição de Infantaria, e diligêtes remadores. Destas rondavão cinco por fóra, e cinco por dentro, do resinto da cadea, pello que se fes horrivel, e defensavel ao inimigo. Estava porê outra parte, sempre despejada, e como porta do muro, por donde com grande dissimulação, pudessem entrar os socorros dos portos visinhos, e sair os navios da Armada, a combater com os inimigos, como quasi todos os dias se executava.

Não he crível, qual foi em Espanha, Frãça, e Olãda, a fama desta defensa; sei que era mais valente na apparencia, que na força, e que os contrarios a temião tanto, como della, descõfiavão os proprios naturais: não sendo novo no mundo, que por hũa mesma acção, ouzem huns, e temão outros desordenadamente; segundo os olhos, ou discursos, com que vem, e julgão as obras dos èmulos, e tambem dos amigos.

[C375] Em muyta parte se achava esta obra imperfeita quando aos quatorze de Junho, de Mil e seis-centos e trinta e nove, entrou na Corunha hum pataxo de Londres, que por assento, conduzia panos grossos, para fardar a Infantaria do presidio: o qual deu conta, e trouxe carta, ao Marques de Valparaizo, do General da Armada inimiga; donde com boas razoens, escritas cortésmente em sua fermosa lingoagem franceza, manifestava a qualquer General de Espanha, que na Corunha se achasse: *Como havendo elle feito boa preza em aquelle navio; logo que fora informado, da necessidade dos soldados Espanhoes, resolvera*

*mandarinho de presente, como fazia: entendendo que a Magestade Cristianissima, de seu senhor, não desejava fazer guerra a seus êmulos, socorrida dos auxilios do tempo, senão pella força de suas armas, e vigor de sua razão. Affirmavão os Ingrezes: Que segundo o vento que trouxerão, e lugar, donde havião encontrado a Armada de França, poderia tardar sò dous dias, em se mostrar a aquella Cidade; donde julgavão se dirigia tam grande poder. De suas forças fallarão com encarecimento, que só se igualava com o da benignidade de quem as regia.*

Valparaízo, informando com diligencia a el Rey, e Reyno: de todos foi mal socorrido, porque a distancia, e aspereza do caminho, desde a Corunha â Corte (donde contão cento e dez legoas) desculpava toda a tardança. Não he todavia a distância, o mayor embaraço que achão nas cortes, os avisos dos capitães, para serem brevemente socorridos; mas [C376] aquelles mayores longes que ha, e houve sempre entre os cuidados dos Capitães, e dos mais Ministros. Huns julgão, não só conforme ao aperto da ocasião, mas ao descuido de aquelles, a quem pedem o remedio de esse aperto. Outros entêdem, que seus apertos, mais se fundão na presunção do descuido dos amigos, que no cuidado dos inimigos. Desta sorte vemos, que poucas vezes he crído o risco alheyo, antes de ser chegado o dano proprio; donde procede, que em tempos semelhantes não ha dano pequeno, porque já mais se remedeia, senão despois de ser tão grande, que os mais não tem remedio.

Com tudo, menos q algũs Grãdes, houve muytos naquella ocasião, que louvavelmête se desapegarão das delicias de Madrid, e vierão animosos, em busca das molestias da guerra; porque nũca vimos tempo tam miseravel, em que a virtude não fosse seguida de alguns, permitindoo assi Deos, por se não perder no mundo seu exercicio. Outras pessoas de menor estado, mas todas poucas em numero, e menos em disciplina, acodirão à praça de Armas. Muytos disserão: *Que sua chegada, embaraçara, mais com a prática difficil de preminencias, que logo se excitou entre todos, do que fora util à defensa.* Por outra parte, estes Grandes, faltos então de cabedal, pella universal penuria de Espanha a este tempo, não obrarão essas gentilezas antigas, que delles lemos, e se esperavão; como sempre deve ser uso dos senhores na guerra, quando se dispoem a darem

seu lado aos soldados; cuja irmandade, [C377] não só lhes deve ser honrada, mas util.

Nesta maneira se achava a Corunha, quando em desaseis de Junho se lhe mostrâo formidaveis, desenrolados os estendartes de França, fazendo toda sua Frota, força de vèla, por dobrar o Cabo de Prioulo, seis legoas distante da Cidade, pello rumo do Nornoroeste.

Repartirãose logo os póstos, com tanta confusão, como sempre acontece, aos que guardão para a presença de seus inimigos, as prevençoens contra elles. Não poderão, com tudo, queixarse os Portuguezes, de que a confusão lhes fosse contraria, faltandolhes por ella, os lugares de reputação: e menos se podêrão queixar os Galegos, de que os Portuguezes lhes faltassem a elles na defêsa dos pòstos, que lhes confiarão. As trincheiras de toda a marinha, forão encarregadas ao meu Terço, e do mesmo modo a guarnição do principal forte do mar, q he do de S. Antão, onde consiste a mais importante defesa de aquelle porto. A D. Geronimo de Aragão se encomendarão alguns passos, dõde podia desembarcar o inimigo. O Bahamõde guarneceo a muralha da cidade, capaz de resistêcia, segũdo o modo antigo. O Sarria havia passado de pouco tempo, ao governo de Bayona: praça forte, visinha às frõteiras de Portugal, e para elle, não de dificultosa vitoria, mas de facil cõservação, e importante capacidade, pella disposição e seu porto, e terreno. Palomino, e outras tropas, se repartirão cõveniêtemête, pellas [C378] estancias que rodeavão a praça: a qual jaz sitiada em hũa Península breve, que o mar quasi tem cortada, desde a praya que dizem : *Orçan*, e demóra ao Loeste da Cidade, á marinha interior que olha à levante, donde corre o burgo externo, q chamão: *Pescaduria*, entre os quaes lugares, pouca terra interposta impede o braço de hũas, e outras ondas, quasi sêpre furiosas, em cuja area consiste sua mayor defensa.

A cavallaria do partido de Bragantinhos, pouca e mal armada. Como lhe era possivel fazia a *Patrulha* da campanha; com tal nome, que funda em algũa origem de lingoa estrangeira, quizerão os militares, notar a diferença da ronda da cavallaria, á dos Infantes.

Passavão de setenta vellas as de que se compunha a Armada inimiga, entre ellas algũas de extraordinaria grandeza, como o Galeão Almiranta da Frota,

chamado: *Reyna*, e fabricado em obsequio da Rainha Mãe Donna Anna de Austria; porém quasi incapaz, por sua disformidade, do uso prático da navegação. Os navios se mostravam tam soberbos, como se já principiariam a vitoria, e não a batalha.

Convém á grandeza dos Reys, o adorno, e pompa de suas armas, que muitos tiverão, por observação conveniente á boa disciplina. He a razão, porque o lustro das cousas, produz hũa certa alegria, em que se funda a confiança dos amigos, e descõfiança dos inimigos. Os q a gozão, se cõfirmão, os q a [C379] invejão, a temẽ, dõde vemos q muitas vezes o cõtrario, pella fãstica ousadia cõcebe, temor, q faz o sucesso menos contingente, sendo menos disputado.

Todo aquelle escandalo, que recebeo Espanha, vendo que hum Varão sagrado, qual era, o Arcebispo de Burdeos, se intermetia, em dirigir exercitos contra catholicos, se declárou logo, em satisfação, e grande credito da divina Providencia; porque se de aquella empresa fosse encarregado outro algum Capitão experto, os negocios da guerra tomárão diferente caminho: por ser cousa, sem dũvida, q lançando em terra o General Francés (na propria hora que surgiu no porto) à gente velha, à sombra do horror, e fumo de suas baterias, se apossara com pouca resistencia da cidade; porque sendo os soldados, que a defendião, bisonhos, e achandose nossos Terços tam faltos de munições, que por ordem expressa, e bem advertida (despois falsamẽte interpretada) se guardãrão para o ultimo conflito, era quasi inexcusavel o dano.

O Deos! E que cousas tam varias, e sem fundamento ouvimos dizer, e clamar, a aquelle rudo, e medroso povo, quando vendo seu inimigo presẽte, poderoso, e astuto, não virão logo, como desejavão, que instantemente fosse rebatido. Não havia treição que não cressem, e que não imputassem, prefilhandoa aos Cabos, segũdo o odio q delles tinhão concebido. Esta sospeita brevemẽte passada do coração á lingua, se divulgou logo em queixas, e alaridos [C380] disformes. Já não havia injuria, cõ que os capitães, e sua gente não fossem vituperados. Certo aquella gloria, que se adquire pella fortuna das armas, ella he a mais propria dos homens: porque he a que mais cara lhes custa, entre todas as que se alcanção; não tanto, pello immenso trabalho que soportão, de cõtinuo, nem pello urgente risco da vida, a q se expoem, quanto pella facil perda da

honra, que os está sempre ameaçando; havendo de ser julgadas suas acções por pessoas, que de todo as ignorão: infelicidade, que nenhũa outra profissão igualmente padece. Conheço ser sublime a fama dos capitães illustres, mas tam cercada de descontos de grande pezo, que ainda não sey determinadamente, se a fortuna por premio, ou por castigo, os levanta a grandes emprezas.

Erão já esforçados os combates da Armada inimiga contra a cidade, porém como a distancia fosse larga, causvão os tiros mayor espanto, que ruína. Hũa balla desbaratou parte da torre de Sant-Iago, Igreja matriz da Corunha; outra, como se for a advertidamête, visitou o Cõsistorio dos Juizes, q na casa de seu despacho estavam consultando os meynos politicos da defensa. Foi exquisito, como lho era a ocasião, o pavor dos letrados, vendo q as balas insolentes trãsgredião, sã algũa ley, os muros veneraveis de sua clausura; esquecidos, parece, de quantas vezes a violencia das armas, violou as immunidades do Capitolio. Não parãrão despois estes Ministros, [C381] antes de haver descompostamente desamparado seu tribunal, senão em hũa casa subterranea, que servia de almazem aos viveres recolhidos na praça. Os soldados, que com malicia, ou ignorancia, tem para si haver fisica contrariedade, entre as armas, e as letras, dizião: *Que naquella ocasião se quizerão das letras, vingar as armas, fazendo se reconhecesse, que sendo o mesmo Genio, Minerva, e Palas, cède sempre a Toga pacífica, quando se vê diante do Sago militar.*

Procuravão igualmente os inimigos, reconhecer a força da cadea, em que consideravão consistir a defensa do porto; e o General da Armada de Espanha, tomar prática do poder da Frãceza, para que segundo ella, se empregasse em sua ofensa; porém foi desigual o juizo de ambos os Cabos; porq o Frãcez entendeu ser invencivel aquelle reparo, e o Castelhana se persuadio, que o poder contrario não era invencivel, errando por ventura ambos igualmente. Para este efeito fez sair outo fragatas de Dũquerque, da cadea para fóra, as quaes com vento favoravel, sem se alargarem muyto do amparo das fortalezas, e navios grandes, em hũ, e outro bordo, escaramuçavão cõ os inimigos, dando, e recebendo boas cargas; porq os Frãcezes da mesma maneira, sempre que o mar, e vento os favorecião, não tinhão ociosa sua artelharria. Pequeno era o dano, ou comodo destes cõbates, com tudo mais conveniente ao partido Espanhol, que por elles

estorvava a desembarcação [C382] dos Francezes, quasi receosos, de serem investidos da Armada Castelhana, que em numero de quarenta navios, ao abrigo de suas forças, bem podião intentar qualquer proveitosa interpreza; e quando já se não conseguisse mais, que evitar as contínuas baterias, que a Frota Franceza fazia na Cidade, dia, e noute (as quaes só cessavão, sendo acometida dos navios Dunquerquezes) não era pequeno o interesse destas saídas, de que então procedia a quietação dos outros.

Porèm, porque passando tres dias, sem que o inimigo houvesse intentado facção algũa, que mostrasse dissenho de sitio, ou assalto; ao quarto dia fizerão levar os menores navios, que viessem, como vierão, dar fundo mais arrimados á terra do Ferrol, que he principal Porto de Galiza, e desemboca na propria Abra da Corunha, e o segundo de Espanha, se como alguns querem, houvessemos de conceder ventagem ao de Cartagena de levãte, a qual outros negão. He o Ferrol hũa Ria estreita, limpa, profunda, e de firmissima tensa: a terra que se cruza sobre a boca do canal, lhe impede a entrada dos mares. Os altissimos montes que o rodeão, tem mão nos vêtos, para que jãmais inquietem aquelle porto. Dentro se alarga em forma redonda, como o antigo, e celebrado porto de Ostia, fazendo dentro na terra hũ seyo capaz, de cento, e mais naos grossas, de igual fundo no centro, que na ourela da ria; com outo, e dez braças de agoa em qualquer parte. Acheime [C383] já nelle por todo hum inverno tempestuoso, sem q em todo elle, a pesar das tormentas, o navio se movesse mais, que as penhas visinhas. Donde por esta causa, disse hum Varão sábio, eminente nas cousas da navegação: *Que o Ferrol era algibeira do mundo*. Podèra contarse por hũ dos melhores pôrtos de Europa, se lhe devesse tanto â Arte, como â Natureza; mas foi de sorte acerca delle, o descuydo dos Reys, ou dos Ministros, que de grãdes tempos o deixãrão defendido, pellos principios de tres Castellos, de tão pequena força, que ainda depois de acabados, todos tres, podião mal formar hũa boa defensa.

Entendido o designio dos Francezes, pella novidade de seu movimento, logo aquella noute se deu ordem: *Que Dom Pedro Baygorri, com dous mil mosqueteiros escolhidos (entre os quaes era a mayor parte de soldados velhos) marchasse logo na volta do Ferrol*. Assi foi executado, á custa de grande trabalho; porque por causa dos rios interpostos, e outras cortaduras que o mar tẽ

aberto pello certão, com as rias de Betanços, Bergantinhos, e Ponte de Eume, era necessario andar mais de doze legoas, para chegar ao fim das tres, que aquelle porto se aparta da Corunha, por caminho do mar direito. Foi com tudo, tanta a diligencia, e prática de Dom Pedro, que saindo pella tarde da Corunha, nella, e na seguinte noute, chegou a ocupar o passo da desembarcação, pellos Francezes pretendida; a tão bom tempo, que elles sem fazer alto, caminhavão como por paíz proprio, em demanda [C384] do porto sinallado.

Alojou Dom Pedro os soldados Espanhoes, em hum sitio baixo, a quem as areas da marinha fortalecião, como parapeito; logo tirando varias mangas de mosquetaria, carregou tão forte, e impensadamête ao inimigo, que depois de quatro horas de cruel peleja, os Francezes se retirãrão, ficando de ambas as partes alguns mortos, que em numero, e valor, pouco se desigualavão.

Então o General Arcebispo, determinou socorrer sua gente com mayor poder, e alli fora o fim da empreza, pella culpa universal, com q todas no mûdo se perdê, na falta, e sobra de Cõselho. Ajuntou o de seus Cabos; porê a variedade q nelles havia, conformou logo a necessidade de outro acordo, em q os pos a força do vento, q rijamente se levãtou da parte do Sueste, cõ sinais de temerosa tẽpestade: a qual sendo em seu proprio ajuntamento conhecida dos mareantes, suposto que o tempo era diverso, achandose em vinte e tres de Junho, pareceo: *Que o mais conveniente seria, mandar logo recolher as tropas Francezas, e embarcallas, se pudessem; preparando sua Armada, para qualquer sucesso, dos que a fortuna do mar, mostrava haverlhes prevenido.*

Assi houve efeito, já com manifesto risco; porque os mares feridos do açoute dos ventos, que por aquella parte cruzão abras, e portos, estavam já soberbos de maneira, que mal consentião navegarse. Vespora de S. João, sétimo dia da assistencia da Armada, [C385] se acabou de recolher penosamente a Infantaria inimiga, que desembarcára em terra; a cuja embarcação se seguio hũa excessiva calma, e medonho escuro, que obrigou a prevenção, hũas, e outras armas, pello espàço de toda a noute. Pouco antes da menham, se desaforou a tormêta, já da parte do Susueste, com tal soltura, que parecia procurava antes a destruição, que a paz do Mundo. Cedo começãrão a experimentar seus efeitos os navios Francezes; porque como os mais havião surgido da parte de fõra, e o

vento que cursava por cima da terra, os achasse desabrigados, ainda sobre ferro, os ameaçava ao naufragio. Vinhão já hũs caíndo sobre outros, servindolhe de novo embaraço as ordinarias faynas, em que trabalhavão, por levar suas ancoras, para se fazerem a vèla; quando a Almirante, cuja disforme grandeza, a fazia mais tormentosa, foi a primeira, que não sem perigo seu, e dos outros, largou o pano. Seguirão aquelle bordo, os que se achavão mais lestes, ou mais arriscados: despois todos; sem duas horas de diferença, entre o descuydado, e cuydadoso.

Tão brevemente, e por modo tão inesperado, se vio Espanha desoprimida das armas Frãezas: batalhãdo em seu favor as naturais, ministradas pella alta Providencia do Deos Altissimo dos exercitos: dãdo cõ tal exemplo mais outra lição aos Principes, para q não troquem as razões divinas, pellas humanas, nem fiem da força, mais que da justiça.

[C386] Verificouse bem neste successo, a sentença antiga do vulgar Proverbio Romano: *Despois da guerra, o socorro*. Porque despejado o mar de inimigos, se começou a povoar de amigos a terra. Todos chegarão fora de tempo, senão as muniçoens esperadas: cuja tardança pudera haver custado a perda da praça, e da opinião que não val menos, e mais vagarosamête se restaura.

Não he de meu assunto seguir os passos da Armada Franceza, que com manifesto risco, e perda, como escrevem seus autores (e então nos contarão seus *Mercurios*) havendo tomado incertamente os portos de Belisla, Rochella, Breste, e Nantes, tornou pouco despois a sair florente, em demanda de Biscaya; em cuja costa, fez o mesmo dano, que pudera qualquer esquadra de Pyratas: pois de tanto custo, e aparato, não vimos outro emprego, que haver abrazado em Santander, dous imperfeitos vasos de Galeões, que estavam sem defesa em seu estalleiro.

El Rey Dom Felipe, e seus Ministros, estimulados dos progressos dos Francezes, apertavão as ordens, para que hum grande poder naval se juntasse na Corunha, ainda aquelle verão, com que obrar seu desagravo, por ser parte no desempenho delle, não menor a presteza, que o excesso da vingança, segundo as leys da reputação humana. Já na antecedente Primavera se havia a este fim ordenado: *Viesse a Galiza Dom Antonio de Oquendo, Almirante Real do Mar Occeano*. Que se achava em as costas mediterraneas [C387] do Reyno de Napoles. Havia entrado as portas de Hercules, por fazer opposição em aquelles

mares, ás Armadas de França: que com grande poder, ameaçavão, Italia, depois do assalto, que por ellas foi dado ás Ilhas de Santo Honorato, e Santa Margarida; por cujo respeito a Armada do Oquendo, invernàra em Maon, famoso porto de Malhorca, cabeça das Baleares. Discorrêra depois aquelles pórtos, dos quaes para passar aos do Ponente, se não pôde conseguir sem dilação, e trabalho: pella diversidade de ventos, de que se necessita, para costear boa parte de Europa, com diversas derrotas. O qual inconveniente, o mesmo General experimentára, em demãda semelhante, quando o anno de mil e seiscentos e vinte e sete, saíndo de Càdis, a juntarse com Dom Fadrique de Toledo, no porto da Corunha, barlaventeou, em vão, trinta e sete dias, por dobrar o Cabo de Finisterra; o que não podendo conseguir, deu causa a se cometer infrutuosamente a jornada da Rochella, que Dom Fadrique, com o Duque de Guiza, General da Armada Franceza, hião a socorrer: passando tanto adiante este dano, que frustrou por aquella vez a gloria de hũas, e outras Armas: não com pequena nota do Oquendo, que lembrado dos ruins efeitos, que tão custosamente havia experimentado, com ansia extraordinaria, procurava dispor o fim de sua vinda a Espanha, e porto nomeado.

Tres meses durou a viagem de Napoles â Corunha, [C388] donde com vinte e dous bons navios de guerra, entrou pellos primeiros de Agosto. Trazia por sua Capitana, a propria Capitana Real de Éspanha: dita *Sant-Iago*, que foi estreada no porto de Lisboa, do real estendarte de Espanha, vindo a elle do da Passage, donde fora fabricada; guarneciase este Galeão de sessenta e seis peças de bronze. De Napoles os melhores navios, e sua moderna Capitana Santo Agostinho, em quem a fortaleza, e fermosura, que poucas vezes se achão, se achavão iguais. Parecia hũa joya feita de ouro, e bronze, rica, e valente, tão ornada era, e tão fortalecida. Fazia nella o officio de Almirante de aquella esquadra, Dom Estevão de Oliste, de nação Arragucés, antigo servidor de Castella, e sobrinho do primeiro General Oliste, de sua propria Republica: que deu nome á famosa Olista, Capitana do Estreito, em quẽ D. João Fajardo, servio muytos annos, e alcançou bons sucessos. Entre as mais, tinha grande lugar a esquadra que chamavão de *S. Josef*, e tambem dizião de *Afonso Cardoso*, mercador Portugues, que por assento, e debaxo da tutella de tão grande

Patriarcha, a havia fabricado. Era sua Capitana, o Galeão dito *Santo Christo de Burgos*, que governava, com os mais deste assento, o Almirante Francisco Sanches Guadalupe, bom, como velho Capitão, entre os do exercito maritimo de aquelle tempo.

A Capitana de Bartelosa, de quem já era senhor, e successor, o General asentista Geronimo Masibradi, [C389] tambem vassallo de Arragucia, se achava cõpanheira do Oquendo, como já o fora na batalha, q Adrião Patria, lhe apresentàra com a Armada de Olanda, nos mares Brazilicos, pellos annos de trinta e hum. Todos os navios deste cargo mandava, ausentes os Cabos mayores, Masibradi, e Nicolao Alegrete; o Almirãte Mateo Esfrondati, de sua propria republica. Dous Mestres de Cãpo, guarnecião estes vinte e dous navios; além de outra Infantaria solta de sua dotação: erão D. Gaspar de Carvajal do Cõselho de Guerra, soldado antigo, e de bõ nome, entre os antigos, e modernos: cujo Sargêto mayor, era D. João Acensio; o segundo D. Antonio de Ulhoa, Cavalleiro Genizero Napolitano, q governava hũ Terço de soldados bisonhos, naturaes do mesmo Reyno, a quem servia de Sargento mayor, Onufrio Ricio, da propria nasção, e boa disciplina.

Chegado Oquendo á Corunha, se começou com grande causa, a duvidar do governo superior, de aquella grande Frota, que já subia ao numero de setenta navios; porque se entendia: *Que o proprio General da mayor parte, Dom Lope de Ossis, não cederia de pretender sua izenção , e cõ melhor motivo, quando chegasse a ver que as ordens do Almirante Real Oquendo, erão gêrais, e nam determinavão com a especialidade necessaria, o caso presente.* Por esta causa chamou o Valparaizo a Conselho, os Generais, Almirantes, e Mestres de Campo; ao Duque de Villafermosa, D. Fernãdo de Borja, e a seu irmão Dom João de Borja (hoje [C390] Castelhana de Anveres) que forão os primeiros senhores da Corte, que chegãrão ao socorro da Praça, e os ultimos, que della sairão, depois de socorrida. Continha a proposta do Marquès de Valparayso, dous pontos principais. O primeiro: *Acerca da forma que se havia de dar a aquellas Armadas, de sorte, que unidas em hum sò corpo, levassem hũa sô cabeça.* O segundo: *Acerca do modo porque poderião obrar melhor os dous serviços, para que el Rey a destinàra;* o que de algũa maneira parece se contradizia (lastima

grande, que devendo os Reys de expedir as ordens de maneira, q sò se lhes guardem, as despachem mais dispostas à interpretação, que à obediencia) porque lhes era ordenado: *Que a Frota de Espanha buscasse a Franceza, e com ella pelejasse até rompela; e que sendo já saída dos mares de seu dominio, indo juntarse com a de Olanda, como receavão, de todo procurasse desbaratalla, ainda que fosse dentro nos portos de Inglaterra, sem embargo de ser amiga, e com quebranto de qualquer neutralidade; porque a presente razão de estado assi o pedia: achandose ser mais facil, cõpor a queixa do Principe descõtente, que juntar outro tal poder, que contrastasse o do inimigo.* Ordem foy esta, que fatalmête aprovou outra sentença semelhante, quãdo despois, contra Espanha, a pronunciou o successo.

Erão muitos os que votavão na Junta prevenida; a qual o Marquês, por mayor decencia, não quis fazer em seu Paço, e a foy celebrar no Convento de Sam Domingos de aquella Cidade, mais antigo [C391] que grande. O General, Dõ Lope de Ossis, se achava com mayor numero de amigos, que sabia buscar com prudencia, e cultivar com beneficios; não assi o Oquendo; homem de ingenho curto, e condição desagradavel. Com tudo, vêdo Ossis, que pella porfia dos pareceres, lhe seria impossivel, sustentar sua autoridade, quis antes sacrificalla, que ofendella, sendo o primeiro que falou, despois da proposição de Valparaízo. Dizendo: *Que para dar melhor fundamento ao discurso dos circustantes, declarava, que sobre ter grandes razões, de ser izento do mando do Almirante Real Oquendo, não queria usar dellas, antes obedecelo; mas que se não cuidasse, que a falta de seu direito o incitava a tão grãde comedimêto; porq o merito de aquelle seu silencio, queria oferecer por conveniêcia ao serviço do Principe. Que se parecesse ficar sua pessoa em Galiza, e entregar a Armada de seu cargo, tambem tinha confiança para o fazer, suposto que lhe saísse penoso, deixar de ser companheiro nas vitorias, que esperava lhe dêsse Deos a aquelle exercito; mas se com tudo julgassem, que seria a proposito hum Dom Lope de Ossis, em aquelle conflito, só com ir ocupando o posto de Capitão da grão Tereza, iria de boa vôtade, sem que o obrigassem, ou elle pretêdesse, outra alguma jurisdição na sua propria Armada.* Pezoulhe ao General Oquendo, que o General Ossis tomasse este caminho; tanto porque mostrandose mais

humilde, negociaria o favor de todos, quanto porq escusandose de aquella sorte, do manejo das cousas, não seria facil trazelo â sua pretenção: que não era outra, senão obrigalo a que lhe fosse servindo de [C392] Almirante. Todavia, pareceo tal a justificação de Dom Lope, que qualquer dos presentes desejou se lhe concedesse mais do que pedia. Assi com palavras de grande honra, lhe rogâo todos: *Não quizesse desviar-se de seu exercicio, mas continuasse o governo das Armas, que el Rey lhe entregâra; nã se empregasse em pedir-lhe o alivio do peso dellas, pella grande importancia, de que lhe erã seus hombros.* Cõtra esta persuasão, Ossis se não opos, interiormente certificado, de que o General Oquêdo, era tão violento, que seu proprio excesso lhe arrebataria logo das mãos o governo, de que desejava verse livre. Tais erã as razoens comũas; mas as particulares, contra seu natural altivo (seja virtude, ou defeito dos Cordovezes) o conservavão tão reportado em meyo dos agravos presentes, pello interesse de hum Titulo, e hũa Praça do Conselho de Indias, tudo de muytos dias prometido para a volta de Flandes; que de nenhum outro negocio tratava com eficacia, senão de dar hum fim, qual fosse, a esta jornada, em que seu aumento devia de ter principio. Donde, por ventura, se os Principes considerassem os inconvenientes deste genero de mercès promissórias, acharião que era menor inconveniente, o que ha, em dar antes do serviço, que o prometer para depois delle; porque como o pensamẽto dos homens, depende mais da esperança, que do interesse, julgão por de mayor preço, o que podem vir a merecer, que o que sabem, tem jã merecido; regulando depois o valor da cousa, não pello que della logrão [C393] tanto, como pello que lhes custou o cõseguilla.

Aqui com pequena duvida, ou quasi sem ella, foi logo elegido para Almirante da Frota, Dom Andres de Castro, do Conselho de Guerra, e General da Armada de Galiza. Foi Dom Andres de Castro, filho do Marques de Sarria, neto do Conde de Lemos, e dos sucessores, irmão, e tio; que *grão Tio* chamão, em Castella naquelle tempo, por sua grande idade, e dilatadissimos parentescos; achandose neste grao, com quasi todos os grandes de Espanha. Estudou, e viveo em habito ecclesiastico, muytos annos, sendo Conego de Toledo; onde casou illustremente. Mas porque lhe era jã necessario tomar nova forma de vida, seguio as armas, a tempo que pudera deixallas, se antes as houvera seguido. Por sua

callidade o honrâra el Rey, com o lugar de Conselheiro de Guerra, e o acomodou no Generalato de Galiza, reputâdolha como Patria. Mostrârão depois os sucessos, segundo veremos adiante, que não he a vida dos homens, capaz teatro para representar com perfeição, duas figuras diferentes.

Ajustado esse ponto, se discorreo: *Sobre haverse de achar forma, em que fossem obedecidas todas as ordens reays, que entre si invencivelmente, parece, se opunhão; porque se o principal efeito de aquella Frota, era como se sabia, socorrer de gente Espanhola aos Estados de Flandes, tudo parece se expunha a hũa grande contingencia*•[C394], *divertindose de esse fim, por andar buscando a Armada Franceza, por seus mares, e pôrtos, ou pellos dos visinhos: donde, ainda que com o primeiro intento se dispensasse, não havia certa conveniencia, que pudesse obrigar a seguir o segundo, achandose já o tempo tanto adiante, que se não considerava poder principiar esta viagem, se não em os ultimos dias de Setembro, quando por aquellas alturas, rompem furiosamente as tempestades.*

Este inconveniente se julgava de difficil remedio aos circunstantes; e tanto mais, quanto os mayores Cabos da junta, erão pessoas não só práticas, mas interessadas em a navegação, a quem se não podião mostrar razoens melhores, que as oferecidas. Mas depois de varios discursos, ultimamente se acordou: *Que saindo a Frota antes de quinze de Setembro, se chegasse â Costa de Biscaya, por ver se por aquella parte se encontrava o poder de França; mas se depois, navegassem por derrota, a buscar a boca do Canal; porque sobre ser esse caminho, o que devião seguir, era tambem o mais certo, donde se haveria de encontrar o inimigo, ou dividido, ou junto; que de todas as maneiras pareceo obra facil sua batalha, pois as armas de Espanha continhão toda a força, com que sua Coroa se achava então nos mares.* Este voto, sendo por todos seguido, se remeteo por consulta a el Rey Dom Felipe, para que se servisse de aprovallo, ou mandar o que os supremos ministros tivessem por mais conveniente. Costumão [C395] os Principes buscar para tudo, aos grandes; como se a prática das cousas, consistisse em a autoridade, e não em a disciplina dos que a tratão. Porém o Conselho de Estado, esta vez, não pouco advertidamente, deixou de conformarse com a volta de Biscaya, resolvendo: *Que a jornada se fizesse*

*direitamente a Flandes; donde a ocasião servia de premio, e incentivo; mas que em tal modo se navegasse por aquella derrota, que se na passagem se oferecesse o encontro de algũa Armada, se aventurasse o cabedal, e intentos, a troco de conseguir sua ruína.* Tal foi a resolução, que em breves dias voltou da Corte.

Dom Geronymo de Aragão, vendose entre os Mestres de Campo dos bisonhos, mayor por estado, annos, e serviços; determinou com destreza, introduzir-se em o governo dos mais, contra o estilo dos Espanhoes: referindo sua pretençam (que antes seguia, que manifestava) â antiguidade de sua patente; a qual a todas as outras, por mais de hum anno, preferia. Com este pretexto costumava a distribuir algũas ordens, em trajo de avisos, reportandoas com tudo, sempre ao Marques General, de tal modo, que sem sospeita fossem obedecidas: porque se persuadião enganadamente os companheiros, que a propria distribuição de ordens, lhes tocaria outra vez, segundo o circulo das guardas procedesse; por quanto em a praça se não achava, por então, algum Tenente [C396] de Mestre de Campo General, que de ordinario se escusa, por evitar as duvidas, que fôra de exercito tem de continuo com os Mestres de Campo, no exercicio das ordens comũas: julgandose cousa monstruosa, que sendo o Tenête voz do Mestre de Campo General, haja de estar a voz, donde não està o corpo.

Andavão já os Mestres de Campo resentidos do Aragão tomar por sua conta o meneo, que lhe não tocava, aos que alguns deliberadamente lhe resistião. Por esta causa, depois de ajustadas na junta dos Cabos, todas as disposiçoens necessarias para a saída da Frota, disserão: *Que ally mesmo se devião repartir os navios, para que todos os recebessem com mayor satisfação.* Mas o Valparayso, que favorecia muyto as partes de Dom Geronymo de Aragão, e lhe queria encarregar este manejo, se escusou de determinar a proposta, com a falta de tempo, deixando o negocio com mayor dùvida, e perigo.

Depois houve prática: *De que seria conveniente assentar por aquella vez, o dificultoso preceito; de q os Mestres de Cãpo mais modernos fossẽ pellos mais antigos governados, sempre q os antigos cõ os modernos cõcorressẽ.* Não se duvidava q fosse conveniête, havêdo casos em q por falta deste acordo, quando se dividem em Brigadas os exercitos, he necessario descompor a melhor forma delles, para lhe dar cabeça, que reja aos Mestres de Cãpo, que se apartão cõ seus

Terços, a serviços [C397] particulares. Com tudo, os Mestres de Campo modernos, aconselhados ainda com os mesmos antigos, se defendêrão de aquella composição; por ser assentado, que hũa das mayores prerrogativas de seu posto, era não poder receber ordem de pessoa, que não seja hum dos Generais do exercito. Dom Martim Afonso de Sarría, e eu, fomos os que mais pugnamos contra o exemplo; que despois nos agradecêrão, e aplaudirão alguns dos proprios, que se nos opunhão. Os nossos Portugueses, entre as armas deste Reyno, tomãrão louvavelmête novo parecer, por acabarẽ entre sy, hũa contêda, q foy perjudicial a todas as Provincias, q a padecêrão: cujo louvor, e noticia he a razão de o haver aqui exposto.

O Marques se havia empenhado com el Rey desordenadamente, como fará qualquer que prometer pellas vontades alheas: *Prometera de prefazer para a jornada, o numero de oito mil infantes, com que pudessem ser socorridos os Estados; acudindo cõ algũas levas do Reyno, para suprir a copia dos que faltassem, dos senhores de Castella, e Portugal.* E porque em ordẽ aos ruins alojamẽtos, e bastimentos peores, os soldados adoecião cada hora, e faltavão muitos, se havia minorado tanto o numero dos outo mil, que necessitava o Marques de mais que a quarta parte de esse numero, para satisfazer sua promessa; passou da industria â força, e repartindo pellos lugares circunvizinhos ministros de justiça, e guerra, prendêrão em poucas horas, e a hũa sò hora, [C398] com notavel horror, e escandalo, grande quantidade de innocentes. Não se buscava, como devia, o ocioso, criminal, ou desobrigado; mas em lugar destes, forão trazidos aquelles, que mais confiadamête podião viver seguros em sua Republica, e erão dignos de ser pellos outros defendidos, e sustentados; por ganharem no câpo, e cidade, para si, e para os outros á custa de seu trabalho, o comum sustento. Com tal excesso, e desordem se fez a execução, que se póde afirmar: foi este hum dia de mayores lastimas, e lagrimas, que se vio em Espanha ha muytos annos, quasi prometedoras de aquellas, a que estas servirão de miseravel preludio. As cadeas, e grilhões, que arrastavão os presos, fazião temerosissimo estrondo; porẽm os alaridos, e prantos das mãys, mulheres, e filhos, que os cercavão, excedia o universal queixume, dos que se vião cativos de seus proprios naturaes, e por seus mesmos irmãos tiranizados. Nem para os

ultimos abraços da perpetua despedida, se lhes concedera aquella licença, que a morte não nega em seu mayor curso. Juntamente parecia, que o ceo, e a terra, se havião ensurdecido; mas muyto mais os homens, de quem dependia o immediato remedio. Todos os Cabos da Armada, se retirârão a suas casas, por não darem com a presença, algũa sombra de aprovação, a tão lastimoso espectáculo: porque juntos aos dous mil prisioneiros, erão mais de seis mil pessoas de fraco sexo, as q somministravão esta tragica representação.

[C399] O Marques, posto que o homem de aspero natural, mostrando desprazer das execuçoens, que via, se escusava de sua violencia, com a que lhe davão as ordens del Rey. Procurou então livrarse da pena presente, e deu logo em outra mayor, por ser ruim cõdição dos excessos, que para desfazer huns, he necessario fabricar outros de novo. Mandou: *Que sem passar a noute na cidade, fossem aquella tarde embarcados os presos todos;* donde se renovou o diluvio das magoas, â vista das incomodidades. Ninguẽ estranhe a demasia com que refiro esta acção; porque sendome encarregado o ultimo golpe della, cõ a embarcação que ordenei a esta misera gente, tenho ainda nos ouvidos o eco de suas queixas, e no coração a sombra de sua tristeza. Não pude escusarme de ser hum dos instrumentos desta tyrania, oferecendo minha indisposição por desculpa. Era tal o trabalho, que aos sãos podia custar a vida, quanto mais, aos convalecêtes a saude; sem embargo fis embarcar em dous dias, nove, para des mil homens; do qual trabalho, se me originârão outras largas doenças, que padecei por mais de tres annos sucessivos.

O Cardeal Espinola (filho do grande Marques Ambrosio de Espinola) que então ocupava a Cadeira de Sant-Iago em Compostella; informado das miserias, com que os Galegos, e mais soldados do socorro, se embarcavão, fes acodir seus esmoleres com dinheiro, mantimentos, regalos, e roupas, que repartirão liberal, e prudentemente, com os mais [C400] necessitados. Aos enfermos havia ja o Cabido enviado por seus Conegos, algũas esmolos de grande magnificencia, dando a todos louvado, e louvavel exemplo; porq do pingue, e opulêto Pão de Christo, que no tesouro da Igreja se encerra, são os pobres os primeiros acrédores. Mas parece que he tempo de dar razão da saída da Armada, e lista della, para que se fação mais proprios, e agradaveis, os termos desta Relação.

O dia vinte e sete de Agosto, feitos os ordinarios sinais, largou vèla a Capitana Real de Espanha, Sant-Iago, com seu Almirante General, Dom Antonio de Oquendo, e o Governador Miguel de Orna, a quẽ tirou da Capitana de Dunquerque, cuja esquadra lhe obedecia; a fim de q elle lhe governasse a Real de Espanha. Logo foi seguido da mesma de Dunquerque, S. Salvador, a quem mandava Dom Geronymo de Aragão. Junto a essa sua Almiranta, N. Senhora de Monte Agudo, donde se embarcou o Mestre de Campo, D. Martim Afonso de Sarría, e por Capitão della, Mathias Rombau de nasção Framengo. Seguiase o Galeão S. Francisco da propria Armada Dunquerqueza, a cargo de Salvador Rodriguez Portuguez, e natural de Almada; o qual de grumete, e marinheiro em nossas nãos da India (dõde foy prezo dos Ingrezes na batalha do Poço de Çurrate) subio antes de 40. annos de idade, pór seu valor, e industria, nas cousas da navegação, ao posto de Almirante de Dunquerque; neste navio, pello [C401] nome, e pello Capitão, fis eu viagem, governãdoo segundo a superioridade do officio, q exercia. Logo São Vicête Ferrer, em q embarcou Belchior Correa da Franca, e por seu Capitão, Gaspar Ferreira, tambem Portuguez, e natural de Angra, cabeça das Ilhas dos Assores. Ao navio S. Vicête, seguirão todos os mais Dunquerquezes de aquella Armada; despois a esquadra de São Josef, de que atrás havemos feito menção, governada de seu Almirante Francisco Sãches Guadalupe, com doze navios os melhores da Frota, debaxo de sua cõduta. E despois desta esquadra, a de Masibradi, á ordem do Almirante Mateo Esfrondati, com nove navios. Na retaguarda destes, navegava a Tereza, que fora para Capitana deste Reyno, fabricada por Bento Francisco, homem notavel entre os nossos; cujo nome he bem que ande em memoria, pellos poderosos, e excellêtes navios, que fes nesta idade: pois assi como o pay natural de filhos nobres, e grandes, he digno da veneração da posteridade, não menos o deve ser, aquelle, q artificialmête gérou obras, não só illustres por sua magestade, mas utilissimas por sua fortaleza à Republica, em a qual virtude não sabemos outro, q até o presente, mayor lembrança haja merecido.

Na Tereza, como em sua Capitana propria, navegava Dom Lopo de Osis, sem bandeira, nem flamula, nem outra algũa insignia, que sua grandeza. Servia de Capitão deste notavel navio, o Almirante Dom Thomas de Chaburù,

Biscainho, [C402] e bem prático na disciplina nautica, sessenta canhões grossos, e seiscentos mosqueteiros a guarnecião. Por sua popa navegava em o Galeão S. Josef, o Mestre de Campo da Armada Real, Dom Gaspar de Carvajal. A seu lado em o Galeão S. João, o Sargento mór Dom João Ascencio. Seguiase a esquadra de Napoles, conduzida de Dom Pedro Velez de Medrano, em a não Orfeo. Jũto desta, São Pedro o Grande, a cargo do Mestre de Campo D. Antonio de Ulhoa. Em o ultimo troço da retaguarda, a Capitana de Galiza, que por ausencia do General Dom Andres de Castro (o qual como dissemos, passou a fazer o officio de Almirante General) governava seu proprietario, Almirante Francisco Feijò, a quem seguião os navios de seu cargo. E despois delle, nove náos Ingrezas, recebidas a soldo, para conduzir Infantaria a Flandes; das quaes fes assento Duarte Chapel, mercador Ingrez, e com elle inadvertidamente os officiaes del Rey; ignorando todavia, o successo referido, de Dom Simão Mascarenhas. Rematava, como he uso, a Almiranta Santo Agostinho, Capitana que foi de Napoles, esta fermosa resenha: a qual, segũdo dissemos mandava por mayor o General Dom Andres de Castro, e por menor o Almirante Dom Estevão de Oliste. Era finalmente a Frotta de tal maneira, que conforme aos livros da Vedoria geral, se davão cada dia em toda ella vinte e cinco mil rações, entre gente de mar, fogo, e guerra, assim a pretencente â guarnição de hũas e [C403] outras esquadras, como ás companhias do socorro. Noventa e sete Capitães de Infantaria, cincoenta e tres de mar, tres Generais, seis Mestres de Cãpo, seis Almirantes, quatro Conselheiros de guerra; munições em abundancia, e dinheiro para as pagas do verão seguinte: o qual sobre se haver embarcado secretamente, havia quem subisse a quantidade do contante, a numero de outocentos mil cruzados.

No proprio dia, que a Armada deu â véla, perdeu a terra de vista, navegando com pouca diferença da ordem referida, porque a temperança dos tempos claros, e cõveniêtes, a deixavão observar igualmente. Deste dia até os onze de Setembro, que encheo a altura do Canal, não houve successo algum digno de lembrança; porque sem duvida se preparavão entretanto os accidentes, que pouco despois acontecerão, para que todos jũtos lograssem sua violencia nos successos, que lhe estavão destinados. Os navios ligeiros de Dunquerque, como

mais práticos naquella navegação, forão os que anticipadamête se atravessarão a buscar fũdo, em altura de quarenta e oito graos, e dous terços, para lâçar a sonda, e medir as agoas; porque naquelles mares só se governão pello fundo os mareantes; o qual costuma acharse de noventa, atè outenta braças, e se conhece a costa mais visinha; porque da parte de Inglaterra, se tras area grossa, vermelha, e branca, e da de França, os sinais que faz no cevo do prumo, a penha [C404] talhada miudamente, que corre até seus portos, por donde os mais são incapazes de navios grãdes, como em tudo pello contrario succede aos de Inglaterra.

Reconhecida aquella boca do Canal, q tãtas Armadas de Espanha tẽ comido, foy elle logo entrado, deixando ao Noroeste o temeroso baxo dito *Sorlingues*: Ilhas baxas somidas das ondas, que complices obstinados forão sempre dos mayores naufragios, q o Norte padece. Pouco adiante foy reconhecido o Cabo, q chamão: *Gaudestert*, primeiro de Inglaterra, q *Rabo de passaro*, por sua semelhança, soa em nossa lingoagẽ. Despois se deu vista ao chamado *Lizarte*, reconhecido continuamête, pellos q navegão aquella costa; a qual cõ vêto largo discurria a Armada, com todo o descãso, e comodo, que póde oferecer hũa viagem prospera: não havendo até aquelle dia, succedido algum desconto em tam grande frota, salvo o apartamento das naos Ingrezas do Chapel; as quaes na primeira noute se engolfãrão de sorte, q nunca mais vierão ajuntarse cõ a Capitana; ainda cõtra o capitulado cõ ellas; mas este inconveniête, segũdo foy melhor esperado, que prevenido, a ninguem causou novidade.

Os Reys da Gram Bretanha, que nesta forma, por decente antiguidade, se nomeavão, os Principes Ingrezes, denotãdo assi a união das tres Coroas: Inglaterra, Escocia, e Hibernia; crecêrão tanto em autoridade por todo o Setentrião, que entendêrão [C405] lhes competia dar leys aos màres, segũdo lhe havião dado volta; e como entre os vizinhos coroados era mais sublimada, que a dos outros, a potencia naval, em que florecião; porque a pobreza dos portos em França, lhe fas nesta parte inferior aquelle grande dominio: e da mesma sorte Flandes, nem Olanda a seus principios, podião disputarlhe o imperio das agoas; por esta causa, a seu parecer justificada, chegãrão a constituirse arbitros do Canal, que chamão de Inglaterra, e de Flandes tambem: por ser a estrada comum de aquellas Provincias; não permitindo que outra Armada de algum Principe

deixasse de ceder, e abater seu estendarte à Capitana dos Ingrezes; e passarão adiante nesta soberania, de tal modo, que qualquer navio Real, conhecido pellas flâmulas, e divisas, diferentes dos mercantis, pretendia que com elle se guardassem as proprias preeminencias, arrogadas a sy, de suas grãdiosas Capitanas.

Neste costume fundou a ousadia de hũa pequena fragata del Rey de Inglaterra, para que encontrando em meyo de sua Armada a Real de Espanha, chegasse a lhe demandar o *devido acatamento á Coroa Ingreza, em falta de sua Capitana*; que ainda entam se não descobria. O General Oquendo lhe mandou responder com mayor temperança, do que se julgava merecer sua proposta, dizendolhe: *Que quando se encontrasse com a Capitana Real del Rey da Grão Bretanha, usaria com ella [C406] os comedimentos, que el Rey seu senhor lhe mandava; e assi poderia certificarlo ao General Ingrez, logo em o vendo.* Porque se entendia, que o General quisera fazer em aquella forma esperiencia do animo, e ordens do Oquendo, para que segundo essa observação, se dispuzesse a desviar-se, ou a seguillo.

Erão quinze de Setembro, quando depois de despedida a fragata, arribou sobre a Capitana de Espanha hum navio marchante Ingrez, que vinha de Lõdres, o qual, em premio do bom tratamento, que achou entre os Espanhoes (por ser devida toda a urbanidade dos estrangeiros, aos naturais, mas nem de todos observada; porque a soberba he inimiga da razão, não menos que da conveniencia) avisou que o dia antecedente se encontràra com a Armada de Olanda; a qual discorria em demanda da Espanhola, o curto mar, que se comprehende entre os Cabos, que se chamão: *Cale Eselif, e Beverzi*, aquelle da parte de Bretanha, e este de Frãça; o qual he a mais Occidental pôta de terra, que fas a enseada do Rio Soma, e o passo mais estreito de todo o Canal de Inglaterra.

Afirmava até então, não só o receyo, mas o discurso: *Que a Armada do Arcebispo de Bordeos Sordis, se achava junta com a do General Tromp, que governava a de Olanda; cujos dous poderes unidos à sombra de suas provincias, e pôrtos farião sem falta, durissima opposição aos Espanhoes.* Mas agora certificados, de que os Olandezes esperavão sómente com suas forças a batalha, e

[C407] ainda essas divididas em varias esquadras, não houve quem os não julgasse derrotados, e a vitoria por Espanha.

Pública já por toda a Armada, a visinhança do inimigo, pareceo aos Cabos, acodir de novo a consultar com o General, o modo da peleja; porque suposto que os regimentos o tinham disposto, não era em tam boa maneira, que não faltasse muito que conferir, e que emendar. Porém, o Oquendo, levado da colera, ou artificio, mostrando desestimar tanto o poder contrario, como a dúvida dos subditos, nem com a ordem, nem com o agradecimento satisfes a huns, nem a outros: dandose por pouco agradao de aquella advertencia. Sete, ou oito officiais mayores de Mar, e de Guerra, concorrerão juntos em sua Capitana. Não me esquecerão ja mais as palavras com que delle fomos despedidos, que até pellas não variar, escrevo em seu romance proprio: *Ea señores* (nos disse) *el enemigo es poca ropa, cada uno haga su mejor, quo yo lindo caballo tengo; la Real dará buenos exemplos.* Tam grande era sua confiança, mayor, sem falta, que sua prudencia. Não direy se o deixarão mais descontente, ou o vierão delle, todos os que o buscarão; nem se foi pronostico, ou desejo aquelle affecto; com que esperarão ser vingados, pella confusão, no perigo, como succedeo brevemente.

Aquella tarde, e noute, se gastou em aparelhar para a batalha; porq o inimigo se descobria na volta [C408] da Armada. Muytos quiserão entender, que as ordens primeiras estavam já revogadas, dando por razão: *Que não vindo o inimigo em aquelle modo, que nas mesmas ordens se considerava, era força usar de outras mais proprias, que fundassem na disposição contraria.* He verdade, que o mais felice accidente que a hum capitão pòde succeder em hũa batalha, he concederselhe tempo, para que possa dar a seu exercito a forma conveniente, com que resista, e ofenda a seu inimigo; por ser certissimo, que imaginada maneira em que se considera, não pòde trazer aquellas noticias tam perfeitas, como a vista delle produz, quando se tem diante dos olhos.

Amanheceo o dia, quarta feira, desaseis de Setêbro, e com elle se virão os navios de Espanha apertados, huns dos outros; como se aquella noute a fortuna dos contrarios os houvesse governado: porque compassandose cada qual diversamente, e procurando todos buscar lugar mais a seu proposito, para o

combate, andavão confusissimamente cortando os mares, e embaraçando, huns o curso, e intento dos outros, com incrível desordem. Por esta causa, e pello zelo com que desejo escrever, aproveitando nas observações historicas, aconselharei a quantos houverem de dar batalhas com poder grande: *Que antes della, o dividão em esquadras, com que combatão distintamente:* porque a esperiencia tem mostrado, como a aquelle capitão, que assi o sabe melhor dispor, e a aquelle que melhor o observa, lhes importa esta diligencia, [C409] não menos que a vitoria.

Seria pellas sete horas da menham, quando se descobrio de todo a Armada Olandeza, que com o proprio vento Noroeste, com que navegava a Espanhola na outra volta, vinha em sua demanda. Porém erão tão poucos os navios, que já se duvidava, se por ventura seria engano, o mesmo que estavam reconhecendo, e aquella algũa esquadra Ingreza. Sò onze náos de Olanda se contavão jũtas, seis mais distantes, em bordo diferente.

O General Oquêdo, ancioso do Combate, mostrou mais, e com mayor dano, aquella vez em sua vida, quanto preferia o animo de soldado, ao espiritu de capitão. Largou todas as vèlas ao vento; e sem cuidado algum do mais resto da Armada, se foi perlongando com a Capitana inimiga, servido sómente dos mais veleiros navios de Dunquerque, a quem tocava o lugar da vanguarda, e o socorro da Real; entre os quaes, se adiantou aos outros a Capitana de aquella esquadra, e os que se acharão por menores, e de menor perigo, sempre juntos â Real, e com elles o galeão, q governava o Sargento mòr D. João Ascensio.

Disserão muytos, que não se havia visto até então dia, em q o receyo da batalha tivesse melhor desculpa: sucedêdo, q por falta de ordês accidêtais, q dêtro no accidête se puderão bẽ repartir, muytos capitães, que estavam perto do inimigo, se apartavão delle, com ocasião de acodirem a buscar seu posto, [C410] segundo o lugar, que na planta lhe tinhamo sinalado. Alguns achandose a barlavento do inimigo, o perdião facilmête: porque os Cabos do troço, em que erão comprehendidos, amanhecerão sotaventados da mais Frota. Estes desconcertos, quasi momentaneos, nas cousas da navegação, tẽ despois de cometidos, dificultoso remedio: por onde aos Generais do mar, mais convem olhar para os amigos, do que para os inimigos, no tempo da peleja;

contentandose com serem causa dos acertos dos outros, como tãbem o sã dos erros, quando lhes não poem o remedio, que devem.

O General Tromp, cujo proprio nome era: *Martim Herps*, com titulo de Tenente General do mar (porque seu governo, em propriedade, pertencia ao Principe de Oranje) não era informado inteiramente do poder das armas de Espanha; sendo certo, que os Estados gèrais, ou que não viessem por seus confidentes a alcançar a vinda da Armada de Italia, ou que lhes parecesse dissimular a ventagem, que com ella os Espanhoes lhes fazião, sempre certificárão a seus Cabos, era só o braço de Dom Lopo de Ossis aquelle, a quem se havião de opor, representandolhe a batalha. E como para com estas forças, as de Olanda estavam superiores, a fim de que tão honroso combate lhes não faltasse, fes dividir o General Olandes, em tres esquadras os navios, com que se achava: hũa que se fizesse na volta do mar do Norte, a cargo do Capitão Ban Karth, se acaso fosse [C411] certa (como se dizia) a vinda por fóra de Inglaterra, conforme a principio tentárão fazer os Espanhoes; outra, que rondasse todos os portos de aquella Ilha, encomendada ao Almirãte Viten Viticen; e aquella que cõsigo trazia, sobre a costa de Flandes o mesmo General; que não passava de onze nãos, porém as melhores dos Estados.

Reconhecendo pois o Tromp, no grão poder da Frota de Espanha, seu engano, e o que lhe era feito por seus mayores, a tempo que só o valor lhe podia dar remedio, lançou bandeira de cõselho defronte do inimigo, e chamando a si os Capitães, cõ que se achava, neste proprio sêtido, me afirmou elle despois, que lhes dissera:

*O nascimento nos obriga a morrer pella patria, o officio pella Republica, a honra por nós mesmos. Para esta hora, há tantos annos que nos sustentão os Estados de Olanda; ninguem pode dizer que he enganado, sucedendolhe o mesmo, que sempre devia de esperar. Alli està o estendarte de Espanha, que nunca vimos nestes mares, senão para abatello diante de nossa bandeira. Não vos pareça soberbo, nem alto, pello verdes acompanhado de tantos, que lhe obedecem; pois na forma em que já o tem posto a consideração do perigo, se conhece quanto farão, por se não verem nelle. Se sò vossa vista os embaraça, que não acabarâ vossa força? Quem teme das apparencias, tem dado palavra de*

*se render ás demostraçoens. Alguns navios poderosos de Espanha, estou acolà reconhecêdo, mas os navios, como fortalezas, [C412] corpos são sem alma, quando lhes não serve de espiritu, o espiritu dos bravos homens, que lá faltão para defendelos. Aquelles bastões de Borgonha, que tremolão nas popas de esses navios brabantezes, ninguem ignora, que tem mais virtude nas mãos de seus pyratas, que nas de seus capitães; porque o interesse ajudado da prática, excede muyto qualquer efeito da obediencia, a quem desserve a vontade, sempre remissa em semelhantes accidentes: pois aquelles homens, a quem fas ousados a cobiça, poucas, ou nenhũas vezes sem ella, desprezão a vida; porque os sogeitos vís, não achão na gloria o sabor, que no proveito. Os mais navios, que vedes discorrer sem disciplina, acrecentão o numero, não as forças; e como só servem de ministrar a confusão, certo, quantos mais trouxerão, mais segura nos darião a vitoria. Com tudo, eu vos digo, que se com onze navios, que aqui nos achamos, quizermos dar batalha a setenta, que temos diante, temeridade parecerà, mas se nós destes onze, pudessemos fazer hum só navio, aquelles, que tal monstruo cometessem, esses serião os temerarios: porque quem com razão viva, e olhos abertos, se determinaria a envestir hũa penha incontrastavel, sendo guarnecida de quinhentas pessas de artelharia, que entre nós todos se repartem; donde não sei se o furor, ou a destreza, se excede. Procurai logo, que assi fabriquemos esta nova màquina, da qual nos faremos aos bisonhos horriveis; e estes são quasi todos seus soldados. Aos valentes seremos difficultosos, com tal modo de peleja; [C413] unamonos pois, amigos, em corpos, e almas, nossa vontade seja hũa só, nossos braços, quaes os de hum corpo; que como façamos comum a morte, e vida; hũ q nos matem, vingaremos como se fosse injuria de todos, hum que viva, triũfarà por todos juntos. He necessario, que pois quantos aqui me ouvís sois práticos na disciplina do mar, obreis de maneira, que estes nossos navios se juntem, tanto, que por nenhum perigo deixem penetrarse de algũa força contraria. Faleça cada qual em seu lugar, porque o ir acabar em outro, não dà algum privilegio, nem á morte, nem á vida. Mas quando sobre todo o valor, e industria, prevaleça a desgraça, hũa hora havia de ser, se estava nos Ceos assi assentado: pois que importa que seja esta? Ditosos aquelles, que a preço de seu risco comprarem a segurança da patria, mulheres, filhos, religião!*

Erão os Capitães, que se achavão no Conselho de Tromp: Colster, Nam, Cornicem, Forão, Port, Kamp, Brederode, Baosk, Honoling, Ringelz; os quaes sem outras razoens que a obediencia, voltãrão logo a suas náos; e ajuntandoas diligentemente, de tal modo as compassãrão, que os goroupezes de hũas, beijavão sempre os forões das outras; sem que por entre todos, pudesse atravessar a mais sutil falua. Igualmente era desproporcionada a forma dos Espanhoes, que em huns a estranheza, em outros a impiricia, fomentava. A Armada de Dũquerque em melhor ordem, que os outros, seguia a Real. Os mais navios, cada hum donde se achava, fazia porque se visse, que o seu proposito era chegar ao inimigo.

[C414] O General Oquendo, ocupado de inutilissima vaidade, desejando fazer sua toda a vitoria; veyo a tiralla de sy, e dos seus, entregãdoa ao inimigo: como não poucas vezes sucede aos homens, que cegamente procurão as cousas, pellos mesmos caminhos, que dellas se vão desviando. Era seu animo investir a Capitana contraria, sem dispender algum tiro de bombardas, ou mosquete: a este fim seguido desordenadamente de alguns navios, se igualou com os Olandezes, para que juntas ambas as Capitanas, arribasse sobre a do inimigo. Porém como as cousas do mar, seião tão violentas, e tam incertas, que de ordinario atropellão toda a prevenção, e pericia humana, ao tempo que a Real de Espanha, quis lançar à banda, por cair sobre a Olandeza, ficou já de tal modo descontraida, e tão atrás della, q a não pode ferrar, como entendia, e procurava. Entrou a caminho logo para se melhorar, mas a tempo que se lhe havião adiantado, todas as naos contrarias. Quis com tudo o Oquendo, não perder o acometimento, donde se não consistia a vitoria, consistia a seu juizo, a opinião da batalha: erradamẽte por certo, porque contra os triunfos que se alcançãrão, não ha tam severo juiz, que peça conta da forma, porque se alcançãrão, antes de toda a maneira se aplaudem. Assi continuou investindo despois a Almiranta, que destrissimamente se desviou de seus arpeos, deixando em vão as fantesias, e ventagens Espanholas. Mas o Tromp não contente do sucedido, [C415] rendeo o bordo com todos seus Capitães, e carregando sobre o Oquendo, e dandolhe furiosissimas cargas de artilharia, com suas onze naos, lhe fizerão tanto dano, que passado o fumo do primeiro combate, só pello lugar, em que se descobria a Capitana de Espanha, foi

de sua Frota conhecida. As bandeiras com que se adornava, voarão rotas pellos ares. As xarceas parecião bandeiras, tremolando tristemente açoutadas do vento, e cortadas dos pelouros de cadea inimigos. Então o Oquêdo da propria sorte, que sucede ao bravo touro, quando de muytos librees he ferozmente acometido, que cegamente se lança apoz dos que o tem afrontado; assi elle com a não cheya de feridos, espedaçados, e mortos (que se afirma, forão deste primeiro encontro, mais de cento e cincoenta) galhardamente hia arribando contra os que lhe ficavão mais perto; os quaes carregou de horrendas baterias de seus canhões, e cõtinuas cargas de mosquetaria, de que o inimigo por sua visinhança, recebeo consideravel dano. A este tempo se achava já com a Real, bõ numero de seus navios, que embaraçãdose com os Olandezes, erão bastantes a detellos, todo o tempo necessario, para que chegasse o resto da Frota; da qual não podia escapar o inimigo, a pesar de suas artes. Esforçouse a este tempo, entre huns, e outros o combate, julgando tambem, huns e outros, por Espanha o bom sucesso, porque suposto que o Almirante Viten Viticen, com cinco grãdes náos, e duas despois da mesma [C416] esquadra, se havia já incorporado com o General Tromp, de nenhũa outra cousa lhe podia servir naquella hora o socorro, que de lhe fazer mayor a perda, e dar mais callidade, e interesse â vitoria de Espanha; a qual sem duvida se começava a declarar por sua parte, com o incendio de hũa não Olandeza, a quem por grande, chamavão: *o Grão Christovão*. Ardeo por fogo furtuito, procedido de descuido, ou desgraça; mas como os Cabos Espanhoes estavam tão sequiosos de algũs nobres feitos, até aquelle ponto não sucedidos: dou fé, que seis pessoas de grande posto, forão pretendentes da honra desta tragedia, atribuindo cada qual a sua propria força, a ocasião do sucesso; donde perecêrão abrasados, até cento e vinte Olandezes, porque o resto de sua guarnição se salvou indiferentemente por amigos, e inimigos.

Achavase o Tromp, não pouco cõfuso, mais ainda pello sitio em que se via, que pella grande Armada que o cercava. Aquella ponta de terra de França, donde se forma o arco da enseada de Bolonha (dentro da qual, em prayas de grande parcel, desemboca o Rio Soma, de que atrás fizemos menção) lhes tomava aos Olandezes já o Barlavento, demorandolhes pello rumo de Loesnoroste; era impossivel dobralla, como elles necessitavão, para poder salvarse, sem cair em

mãos da Frota, que em modo do esquadrão, chamado dos soldados: *Grande frente*, os tinha reduzidos a hum breve sitio, entre a terra, [C417] e o Rio. De outra parte pello Sueste, Sul, e Sudueste, corrião os bancos, e baxos, que por toda aquella costa, e portos se estendem: donde a juizo dos praticos, nenhũa outra diligencia lhes faltava aos Espanhoes, para arrecadar os despojos contrarios, que proseguir a mesma volta que levavão; pois navegando diante navios de tanto porte, os mesmos Olãdezes, por não encalhar nos baxos (que lhes seriam mais crueis inimigos, que os Espanhoes) ameaçando as vidas de todos, dos dous danos eminentes, a que se vião expostos, escolherião antes a entrega, que o naufragio. Quanto mais, que oferecidos â defesa, sempre os homens lhes farião melhor partido, que os penhascos.

Assi navegava sobre elles a Armada de Espanha, quasi como em montaria succede, em hũa fermosa ala, q algũas vezes, mais, ou menos se estende; quando o Ceo, q tinha destinado em outro modo, o fim de aquella obra, por secretos juizos de Deos, permitio que o General Oquendo, engeitasse a gloria de aquella dia. Disserão muytos: *Que por não consentir se repartisse della com os êmulos; porque lhe não soffreo o coração altivo, e desafeiçoado, que quando elle não podia pelejar, estivessem elles vencendo.* Indigno respeito, por certo, de entrar em hum coração grande: reprehensivel em o de hum igual, e condenavel em o de hum superior; que em todas as acçoens de seus suditos, tem herança de gloria, ou vituperio.

Resolveose Dom Antonio de Oquendo, a voltar [C418] pello contrario rumo que levava. Disse: *Que por dous fins: ambos aparêtes. O primeiro, porque temeroso da volta do inimigo, era proceder como prudente, fazer os riscos dos vencidos, atalaya dos vencedores; o segundo, que voltando, não poderia perder a vitoria, antes a assegurava mais util, recebendo por melhor modo aquellas fermosas náos, que caminhavão a ser despojo das ondas no parcel visinho.* Se faltou no discurso, dirâ o successo; porque voltandose, como he uso, o vento pella tarde, e aproveitandose do terral, foi costeando o Tromp a terra de França, sem algũ perigo nella, em tal maneira, que ao outro dia estava fora da enseada, e do inevitavel dano, e já a barlavento da Armada Espanhola.

A todos custou hũa melencolica tristeza, ver despedirse por aquelle modo, da boa fortuna, que suavemente os conduzia a hum prezado triunfo. Doze horas serião do dia, e seis da batalha, quando a Real rendeo o bordo, mas em duas mais se não resolverão a seguilla os outros Cabos, atè que repetindo o General os ordinarios sinais de retirada, com multiplicadas pessos, fes recolher a todos, levantando ao Tromp (podemos dizer) a menagem da prisão, em que jâ o tinha como preso.

Navegarão a tarde toda ambas as Armadas; com que a Olandeza houve de se melhorar em sitio, forças, e vento, sahindo do estreito mar, em que começou a batalha. Pouco despois se lhe ajuntou a segunda esquadra de quinze nãos boas, do cargo de seu Almirante Viten, cuja pessoa não montava menor [C419] socorro, que ellas. Jâ respirava o ar por suas popas, e respiravão jâ os oprimidos Olandezes, do grande perigo, em que pouco antes se havião visto. Por esta causa em fabulas, e simbolos misteriosos, debuxarão os antigos aos olhos do corpo, e espiritu, algũas doutrinas de grande utilidade: donde a aquella virgem, chamada *Occasião*, pintarão com a reversa parte da cabeça despovoada da fermosa melena, que diãte enriquece, e adorna sua fronte; mostrando sabiamente, como sempre ficará escarnecido, aquelle que topandose com esta varia donzella, se descuida de a prender pellas primeiras trãças, que ella lhe oferece, esperando detela pellas ultimas.

A noute do dia, dezaseis de Setembro, e o dia todo seguinte, se gastou de ambas as partes, em curar feridos, aparelhar as armas, e reparar os navios. Porém Tromp, passando a mayores intentos, se occupava em dispor a batalha seguinte. Assi por não escorrer a boa paragem donde se achava, levado da violencia da marè, que aly désce impetuosamente. Deu fundo, e com elle sua frota; o que visto pella de Espanha, fes como, alguns navios della seguissem seu exemplo: e pouco despois a Real, reconhecendo o desvio, a que se expunha navegando. Porém a Tereza, que entre suas perfeiçoens, não havia ainda conseguido o dote da ligeireza (não por defeito da fabrica, mas do aparelho) sem lançar ferro, como os mais, gastou toda a noute, e dia com [C420] pouco pano largo em se adiantar ao resto dos Espanhoes; por cuja boa diligencia se achou na dianteira o dia

desouto, e junto della, alguns Galeões dos mais pesados, e fortes, que todos servirão de fortalecer o combate, como veremos.

Apenas seria rendido meyo quarto da terceira guarda, quando o General Tromp, começou a moverse. Esta vigia, costumão chamar os que vèlão de noute, com vulgar nome, a nosso parecer: *Modorra*, por ser mais que os outros, ocasionado ao peso do sono; mas se revolvermos a erudição, acharemos q por *morros* em Grego, que os latinos dizem *morio*, e nos *amadorrado*, se diriva, e declara com boa sinificação, os efeitos, que produz o sono em os animais naquella hora; em os quaes fundando Tromp sua diligencia, caminhou ao Combate. Não se descobrio nunca a razão, porque em tempo assi exquisito (serião as onze horas da noute) havia dado principio a hũa acção, cujo acerto era tão importante, só por se aproveitar do cansasso dos nossos. Porém despois praticando eu, sobre este ponto, com o mesmo Tromp (havendoo encontrado em Valmud, famoso porto de Inglaterra, quando vim de Olanda, governando a Armada, que alli por ordem del Rey me fora entregue) me deu elle a entender: *Que hum Astrologo, que consigo trazia, o instàra muyto, para que naquella hora, e não em outra, começasse a batalha; porque as estrellas lhe prometião bom sucesso.* Que sem a graça das estrellas, em sua boa disposição, podia fundar a esperança [C421] de sua melhora.

Os navios da vanguarda de Espanha, erão como deixamos dito, os menos veleiros, mas não os menos poderosos; os quaes já hião dando, e recebendo tremêdissimas cargas de artelharia; mas o inimigo conhecendo bem, que no meneyo della, fazia tanta ventagem aos Espanhoes, quanta elles lhe fazião no jogo da mosquetaria, deu por ordem gèral a seus navios, que todos pelejassem fora do curso de mosquete.

A noute, sobre serena, estava escura: mas era o fogo tão continuado nos fogões das pessos, e mosquetes, donde se acendia de hũa, e de outra parte, que alumiaava o mar, e quasi nunca extinto, conservava certa claridade diante dos olhos, que fazia escusar a luz do dia. As cargas dos canhões, procedião indeterminadamente; de sorte, que parecião hum continuado estrondo, como se com torvão universal, o mundo se destruisse.

Carlos de Brevil, Religioso da Companhia de Jesu, homem sábio, e de singular virtude, que nesta jornada foi meu companheiro, affirmava: *Que nas catorze horas, que durou o terribilissimo combate, jâmais pudera chegar à terceira palavra do Padre nosso, que continuadamente estava dizendo, sem ouvir o eco de algum canhão.* Não sabemos, que o mar visse conflito de armas antigo, nã moderno, mais horrivel: porq das onze horas da noute, até as cinco da manhã, aquellas agoas, parecião as que fingem os Poetas, do [C422] Lago Averno; porq se elle, como disse Lucrecio, e Estrabo, foi assi chamado, por carecer de aves, porq voãdo pello ár, cahião mortas, inficionadas do cheiro sulfureo de aquelle Lago (que tanto significa no grego o nome *Averno*) agora com mais razão se pudera dar a este mar, esse nome: havendose corrompido o ár visinho, dos venenosos bafos, que ministravão o fogo, e a polvora, em que ardia, com tão furioso estrôdo, que a escrevermos em tempos mais desviados deste sucesso (que ainda tem por testemunhas os olhos, e noticias de muytos, que aqui o lerem ) não ousaramos a afirmar seus efeitos: porque vimos, e soubemos, que nas Dunas, povo de Inglaterra, cinco legoas distante do lugar do combate, tremeo de tal maneira a terra, que a gente se sahio ao campo, por quasi todas as horas da peleja. Em Calès de Frãça, que por mais de sete legoas se apartava de aquelle sitio, forão rotas quasi todas as vidrassas das janellas; e contandose do mesmo lugar a Cambray, vinte e duas legoas, se contavão em aquella grão Cidade, os tiros dos canhoens, distintamente.

Não foi com tudo igual o dano, ao espanto: porque como as Armadas se achavão pouco visinhas, e muyto confusas, pella sombra da noute, não havia lugar de que se observasse nas cargas a destreza, e arte da pontaria. Era pequeno o estrago recebido de huns, e outros; porém a despeito de q assi se conhecia de ambas as partes, nem por essa razão paravão [C423] os Olandezes, antes proseguirão as baterias: dôde alguns Cabos Espanhoes, entendêrão, e afirmârão: *Que o Tromp com grande artificio, quizera dispende suas muniçoens naquella forma, porque sendolhe necessario experimentar depois o golpe da superioridade, e vigor Espanhol, fosse jâ a tempo, que sendolhe forçosa a retirada, se atribuisse antes à falta das munições, que à das forças.* Seria por ventura este juizo fabricado pella malicia dos émulos.

Veyo o dia, e se começou de novo a pelejar com mayor furia, mas não com mayor concerto: porque como a Armada de Espanha, não havia recebido mais ordem, que a primeira, tinham só sobre si os Capitães della, por Juis seu proprio valor, ou disciplina, tudo em muytos desigual, e em outros incerto: porque na guerra, sempre foi menor o numero dos melhores. A Frota inimiga se descobrio, formada em duas álas, que hũa trazia Tromp, e outra Viten; os quaes, â maneira de destros cavalleiros, em praça festiva, entravão, e sahião, dando poderosas cargas sobre os Espanhoes, que já mais lhas recebem em forma semelhante; porque juntos em hum corpo prolongado, como aquelle esquadrão, que os soldados chamão: *Dobrete*; e *Paralelo*, quasi *Grammo*, os Geòmetras: cujo lado direito, servia de vanguarda, por serem de aquella parte acometidos; se ficavão guarnecendo de quatro, ou sinco fileiras de navios, por tal modo, que só a primeira dava, e recebia as cargas competentes, e os mais que se achavão fóra [C424] do perigo, não procuravão entrar nelle, parecendolhes, q naquelles lugares, que lhes forão assignados, cumpria cada qual com a obrigação de seu posto. Porém ajuntando hum erro a outro erro, era lastima ver o barbarismo, com que dando cargas aos contrarios, a menos mal empregada, descarregava nas ondas; porque muytos tirando aos proprios companheiros, que se achavão mais perto do inimigo, só servião ao desbarato dos mesmos companheiros.

Havia tomado Oquendo seu lugar na batalha; porque a Tereza na vanguarda, pelejava de sorte, que qualquer outro valor estava escurecendo. Nem aos amigos consentia â ilharga, nem aos inimigos diante. Foi averiguado, que disparou este navio naquellas horas, só da parte de *Estibordo* (assi chamão os navegantes ao lado direito) mil e quinhentos e vinte canhonaços, pella conta dos cartujos, que estavão feitos: *Cartujos*, são huns vasos de pano, pergaminho, ou papel, q de ser dito *Carta*, se disserão, *Cartujos*, os quaes contem a certa medida da polvora, com que se carrega qualquer peça, para fazer bom efeito, e tem proporção mathematica com os diametros, de que a pessa he fabricada. Forão• muytos outros tambem os tiros, que sem cartujos se dispararão, e acrecentão notavelmente este numero. Era medonha, mas fermosissima, a vista que resultava da força do seu combate, fundada não só no valor, e copia dos combatentes, mas na mesma fortaleza do navio; que como se fosse forjado de

finissimo aço, [C425] tão fatalmente, como fingio a antiguidade das armas de Aquiles, por todo seu grande corpo parecia impenetravel. Tão robustas são as madeiras de aquella felicissima Provincia de Lusitania, que jaz entre *Douro*, e *Minho*, e he assi chamada: donde se achão, e trazem melhores plâtas, que as celebradas dos montes de Nicomedia na Azia, tão preciosa, que por terra, levadas de Camelos, as fes transportar o Grão Turco, ao mar vermelho, para fábrica das Armadas, que com as nossas, havião de combater nos mares Indicos: segundo se lee nas historias portuguezas. Certifico, q ao dia seguinte, vi escrever ao General D. Lopo cartas a el Rey, que me deu a ler, como a pessoa interessada nos louvores da patria, onde entre outras discretas razões, dizia: *Erão dignos de ser guardados, como o proprio cerro do Potosi* (q he mòrgado das riquezas do mundo) *aquelles montes de Portugal, onde tais madeiras se criavão.*

O inimigo estimulado, de ver que hum só navio, fizesse em os seus tão grande estrago, e a todos tanta resistencia, por varias vezes se dispos a envestilo, com esquadras escolhidas das melhores nãos, e capitães: outo, e dez, juntamente arribavão sobre a valentissima Tereza, que aguardandoos, sem algum movimento, já quando se achavão bem visinhos, jugava sua mosquetaria, e artelharia de camarada; de cuja força obrigados, voltavão logo, com mayor dano, que reputação. Algũas vezes, durante a batalha, succedeo deste [C426] proprio modo, de tal sorte, que os Olandezes combatião sempre melhor pello costado, e retaguarda, q pello posto, e lugar da diãteira: como nossos Portuguezes chamãrão, ao que *Vanguarda*, se diz hoje.

O General Oquendo, costumava sahir do corpo do batalhão, em que sua frota se compunha, e sendo mais avante della, se alargava com grande ousadia, a receber, e dar as cargas. Obravase com destreza, e valor, mas seu colérico espiritu, assi o trazia embebido na furia, que em todo o discurso da peleja, por mais descõcertos, que nos subditos reconhecia, não deu, nem mandou, hũa só ordem, para remediallos. Pello proprio modo, hia procedendo o Almirante Dom Andres de Castro, mas sem atè então haver obrado cousa digna de louvor, ou vituperio. Não assi outros Cabos; porque muytos, com seu procedimento (fosse temor, ou omissão) ajudãrão a infelicidade de aquelle dia. Algum houve, que por ter sabido, era o principal designio de aquella empreza, socorrer a Flandes,

intentou desamparar a batalha, e tomar com seu navio, e outros que o seguissem na errada opinião, e temor facil, os portos de Dunquerque, ou Hostende; onde poderião salvarse, a titulo de socorro. Se não fosse tão sagrada a obrigação da historia, como a mesmo verdade, eu escusára de entristecer minha Relação, com a lembrança de propositos indignos. Com meus proprios olhos, vi, e notei a este Cabo, cometer por duas vezes tão infame desvio.

[C427] Não assi os Almirantes, Francisco Sanches Guadalupe, e Mateo Esfrondati, que ambos perdêrão a vida, em demanda da honra. O primeiro, governando sua esquadra de S. Joseph (da qual havemos atrás feito larga menção) pello tiro de hũa bombardas, que o dividio em partes, mas não poderá desbaratar a gloria de seu nome. O segundo, com mayor desgraça: porq sendo elle, entre os Espanhoes, quem só rendeo o bordo, e arribou sobre a Capitana do inimigo, ao tempo q se metia por entre os contrarios, lhe levou a cabeça hũa palanqueta; deixando a todos seus soldados, não só sem cabeça, mas sem coração: donde procedeo, que havêdo duvidas entre alguns capitães de Infantaria, dos bisonhos, com que esta Capitana se tripulava de guarnição, a cerca do regimento della, se confundio de sorte a marinhagem, que sem acordo, foi seguindo a propria volta, que se encaminhava ao centro da batalha dos Olandezes; os quaes, por ventura cõ novo odio, pello desprezo q se fazia de suas forças, a investirão com cinco boas nãos, que com duro, mas breve cõbate, entrãrão, e rendêrão aquelle bravo navio; havendo já passado sorte semelhãte (na desgraça, não na defesa) hũa urca de Dinamarca, que servia aos Espanhoes, dita o *Esgueven*.

Foi tão gèral o sentimento da perda de aquella não principal de Bartelosa, que cada hum tomou sobre si a vingança de tal agravo. Havia a Real feito o proprio caminho, que o Almirante Mateo; porém, [C428] delle recolhida ao grosso da Frota, agora como furiosa liòa, a quem furtarão o filho debaxo dos peitos, se pos de novo na propria volta, tocando seus clarins a algũa desesperada investida: a quem seguirão todos com firme resolução de se atracarem, e queimarem, com os navios inimigos, se elles tanto quizessem esperar, como de antes tinhamo mostrado. Porém Tromp, q já havia entêdido o fim da vitoria, a qual se ainda não cõsumâra, fizera pello menos certa (segũdo as regras de humano

discurso) não quis esperar o choque da Armada de Espanha: cujo astro parece, que de melhor aspecto, que até aquella hora, influia já nos Espanhoes hũ valor extraordinario, por restituição do ordinario, de que começou a privallos ao principio de aquella empreza. Tromp me disse despois: *Que por falta de polvora se havia desviado da batalha, antes que com esse conhecimẽto animasse os inimigos.* Rudo he o homem, que para honestar sua causa, não acha razões suficientes; mas como escrevemos os sucessos, e não os juizos, só nos toca referir os acontecimentos, não a justiça delles.

De pouco tempo havia a Real demandado na outra volta a Frota inimiga, quando ella, voltando tambem, foi dirigindo a proa contra o porto de Calès de França; serião já as quatro da tarde, e como a rendida Capitana de Bartelosa, fazia deter os Olandezes, pella dificuldade com que desaparelhada navegava, pella força das toas, que lhe davão outros navios, se resolveo o Tromp em [C429] alargar aquella presa, contentandose de mostrar em França, e Olanda suas bandeiras, por testemunhas da vitoria. Foi logo executado antes de poderẽ desbalijar o navio; porque fazendo toda a ventagem de vèla, que lhes era possivel os galeões ligeiros de Espanha, dérão sobre elle de tal sorte, que os Olandezes quiserão antes passar a injuria da retirada, que o perigo da investida; de que advertido D. Antonio de Oquendo, e consideràndo, q o breve, e incerto mar, q constrãgia cõtra sua reputação ao Trõp, para que se abrigasse do porto (sendo elle tão pratico naquella costa, como natural della) cõ mayor razão, e mais evidente risco, o obrigava para haver de fazer o mesmo. Pello q sem dilação, recebendo em meyo de sua Armada ao navio recobrado, se encaminhou logo, antes que a noute, chegasse na volta das Dunas, em Inglaterra; de cujo surgidouro se achava mais perto, que os Olandezes do de Calés de França; em os quaes dous portos, com pouca diferença de tempo, dérão fundo ambas as Armadas, Espanhola, e Olandeza.

Serà de aqui por diante esta Relação de materias mais altas, e agradaveis: porque descançando por algum espaço os furores de Marte, daremos a pena a recitar as astucias de Mercurio. O mesmo Tacito confessa, que a semelhança das cousas que se repetem, causa fastio aos leitores. Façolhes desta mudança, prevenção a todos os que (acaso desabridos pello estrondo das armas) desejarem

de ouvir [C430] acçoens de mayor artificio, de que as cortes são teatro, e figuras seus ministros, como agora veremos.

Antiga máxima he dos Principes, procurarem contrapesar, huns de outros, a grandeza; porque todos possuem viver seguros, em quanto iguaes: o que da formidavel mayoria, nunca pode esperarse. Por esta causa a potencia dos Reys de Espanha, depois que Carlos Quinto, e Felipe Segundo, congregarão em hũa só coroa, muytos reynos, foi sempre enojosa aos Reys visinhos. Da mesma sorte succedeo aos Espanhoes, contra os Ingrezes, quando Jacobo unio (por morte de Isabel, e de Maria) os reynos de Escocia, Irlanda, e Inglaterra; nem menos para com França, ao tempo que o grande Henrique quarto, atou suas flores de lís, com as cadeas de Navarra. Estes ciumes reciprocos dos cetros, desvelão perpetuamête, aos Monarcas, provãdolhes com mil exemplos a Fortuna, que os olhos da cautela, enveja, temor, ou ambição, jãmais adormecem. Do qual costume avisados, o Rey, e ministros Ingrezes, logo que a Armada de Espanha, dentro em seus mesmos portos, começou a ter mais que ordinaria reputação, começãrão elles tambem, a lhe inquirir os passos, e prevenirhe os intêtos; agora por meyo das espias, agora por força dos discursos. Então, como a escola politica, cõtra a filosófica, haja assentado, que o excesso da desconfiança, nas materias de estado, não deixa de ser virtude (por ser a desconfiança [C431], fecundissima mãy da prevenção, que he custodia das monarquias) os Ingrezes, com precatado espiritu, procedião em todas aquellas acçoens, de cuja licença, ou cõtradição, podia seguirse â Armada Espanhola, depois de estar em seu porto, dano, ou cõmodo.

Pareceolhes avisar a todas as costas da grão Bretanha, e mais particularmente ás de Irlanda (cuja firmeza, e conformidade de Religião, fazia que os Ingrezes, sempre duvidassem da fé de seus Ibernios) *Que os cabos, e ministros reays de Inglaterra, tivessem em boa guarda suas cidades, castellos, e presidios: pois pello pretexto espiritual* (dizião os Ingrezes) *se achavão aquelles subditos, mais devotos ao Rey Catolico, que ao Britanico.*

Esforçavão seu receyo, havendose observado, que além da comum razão, que ao vassallo oprimido fas gratissima qualquer novidade, por outros particulares interesses, e esperanças de Irlanda, ella se havia mostrado parcial de

Escocia, em os proximos movimentos, que fatalmente incitara o Coronel Lezle; dõde, como depois vimos, tomou principio a mudança da Coroa Ingreza, em Principe, e Republica.

Para confirmação desta quimera, fomêta sempre dos Parlamentarios (a fim de fazer interpor suspeita entre o Reyno, e os Catholicos) houve de succeder, que o Governador da Ilha de Huyt (principal praça então de Inglaterra) poucos dias antes, [C432] que a Armada de Espanha apparecesse por aquella parte, sendo visitado de sua mãy, e parentes, lhe fes tal festa, e recebimento de salvas de artilharia, e surriadas de mosquetes, que reprehensivelmente, deixara a praça, quasi de todo falta de polvora se he crível, que hum tão importante presidio, com tam pequeno dispendio, se impossibilitasse.

Porém, este successo manifestado em Lõdres, pella astucia dos èmulos de Espanha, que contra a verdade o interpetravão, fundarão logo nelle, como em vasa capacissima, grandes maquinas de suspeitas; dãdo a entêder simuladamête a el Rey Carlos Primeiro, q então possuido o Reyno: *Como o governador de Huit, se entendia com el Rey de Espanha: e que a intempestiva chegada de aquella Frota, encobria mayor designio, que o ordinario socorro de Flãdes, o qual sò lhe servia de pretexto; porque aquelle socorro sem pena de Espanha, nem cuidado dos visinhos, costumava a navegar todos os annos insensivelmente. Mas que a materia de estado del Rey Catolico, era costumada a fazer revolução no sangue dos vassallos alheyos; donde por ventura fiava Lezle, e seus amigos a ousadia, com que se opunha ao gosto, e mandado real.*

A mascara do engano, que se exercita com os Principes, he sêpre lustrada do polimêto de hũ fervoroso zelo, e discreta providencia, com que exteriormente se justifica, e persuade; porque em seu proprio sembrante, não houvera olhos tão cegos, que não desprezassem a lisonja, e a mentira. Carlos, [C433] que era mais discursivo, que confiado, não deu inteiro credito, nem repulsa, a aquella advertencia; a qual sem duvida, deixou em seu coração algũa nódoa, que a hũs, e outros negocios fes prejuizo; por ser dificultosa sciencia nos Principes a eleição, do q devem crer, e guardar, ou reprovar, e despedir.

A esta facil disposição, para qualquer suspeita, que havia no animo del Rey Carlos, se seguio na corte de Londres a nova de haver entrado a Frota Espanhola

em o porto das Dunas; e como a opinião de sua entrada não fosse tão favoravel, como lá se temia o successo; em o mesmo tempo produzio contrarios efeitos no animo dos ministros Ingrezes, temêdoa, e desprezandoa, interiormente: mas o que já não era tempo, que pudesse fazer a prevenção do dano, negociava o desejo da vingança, em desconto do receyo antecedente.

Por ausencia do mancebo, Cõde de Unhate (a quẽ depois vio Europa, occupado em grandes cargos, e discursos) se havia reduzido, aquelles annos a Embaxada de Inglaterra por Espanha, a hũa ordinaria residencia; porque o Conde representára ao Conselho de Estado, depois de vindo, tais queixas del Rey Carlos, quantas erão necessarias para satisfazer a el Rey Dom Felipe, das que o mesmo Carlos, lhe tinha mandado de aquelle Embaxador. Elle passando da severidade â soberba, por ser caminho direito, tivera por todo o tempo de sua assistencia, queixoso a el Rey, Corte, e Ministros de Inglaterra. [C434] Por esta causa, pareceo na corte, mandar alli hum ministro de menor ostentação, para o que foi elegido Dom Alonso de Càrdenas, e Peralta, em foro, e titulo de Cavalleiro Enviado; como na coroa Castelhana se costumava usar algũas vezes, e os Principes de Europa, vão por seus respeitos, introduzindo. Era Dom Alonso, irmão de Dom Luis de Peralta, genro de Dom Carlos Coloma, do Conselho de Estado de Espanha, que exercitava, com tanto mèrito, como autoridade: Autor, Capitão, e Conselheiro excellente; cuja criatura Dom Alonso fora, e como tal cõservava. Porém, suposto que o juizo, e diligencia do Càrdenas, fossem capazes de qualquer grave expediẽte, este houve de correr por tão occultos caminhos, que necessitava de mayor instrumento, para q se atravesse às observações de q depẽdia.

Achavase também, por aquelle tẽpo, no serviço da Camara del Rey Carlos, hum gentil-homem Ingrez, da segunda ordem de sua nobreza, por nome: *Dom Antonio Port*; o qual havia passado a Espanha, em serviço do proprio Rey, quando Principe de Gàles, e em semelhante foro, de Ajuda da Camara, ficãra servindo a el Rey Dom Felipe: o que muytos entendêrão então, com bons fundamentos, era estudo do velho Rey Jacobo, pay de Carlos, por introduzir das portas a dentro, de hũ Rey grande, e não pequeno èmulo, tam fiel espia, como lhe poderia ser seu proprio vassalo, e criado. Se esta materia de estado fosse certa em

os Ingrezes, poderemos affirmar, [C435] que ou nos Espanhoes foi incertissima, ou que elles fizerão, como Fàlaris; perecer a Perillo em seu proprio instrumento: sendo não menos valor da industria, aproveitar do mesmo meyo, que o contrario busca para a propria defesa, a fim de o ofender cõ suas armas, que o tirar a Maça da mão a Hercules, e rendello pellos golpes della.

Porém como o Port (por natureza, ou industria) mostrasse ser tão afeiçoado ao partido Espanhol, que sempre se lhe confessava agradecido publica, e secretamente, agora, se bem, interpostos muytos annos, e que a nova residência, tambem feita por muytos annos; na camara do seu Rey, o podião tornar a fazer suspeito; nem por tantas razoens, quis o Residête Dõ Alonso, temer que elle não fosse confidête; antes fiandose do Port como amigo, o tomou por guia, para que o levasse pellos passos, que devia seguir, e o desviasse, dos que se devia desviar. Elle a tudo procurava acodir com tão grande desvelo, pellos interesses del Rey de Espanha, que na opinião dos astutos polyticos, esta exquisita pontualidade, bastava para fazelo duvidoso aos Ingrezes, se não tivessem delle interior segurança.

Tambem se considerava servidor de Espanha, o Conde de Arundel, ministro antigo, e grande, do Conselho de Estado, e Presidente da India; não menos por Catolico (como sempre fora) com louvavel zelo da Religião, mas por descendente de nossos primeiros Reys Portuguezes. O mesmo affecto que [C436] em Port, e Arundel, se observava em o Secretario de Estado, por razoens, ainda que não menores, diferentes. Porém os outros ministros, e criados del Rey Carlos seguião diversas parcialidades (por ser este o costume, a que a nação Ingreza, com todas as do Norte, se inclina perigosamente.) Huns procurando a melhora de Olanda, outros a de França: os menos a sua propria, que fora menos culpavel interesse.

O primeiro movimento dos Tribunais, e ministros de Inglaterra, foi estranharem com admiração, a vinda intempestiva de tão poderosa Frota, sem que por el Rey de Espanha, fossem della avisados. Assi pretendião franquear o caminho a toda a sospeita, desejando justificalla para qualquer successo. El Rey que não era muyto pronto nas resoluções, quando por Dom Alonso, ouviu a arribada dos Espanhoes â grão Bretanha, respondeo com palavras de mayor

benignidade, que proveito: não negando, nem concedendo cousa, que se lhe pedisse de aquellas, que Dom Alonso logo lhe manifestou, necessitavão os vassallos de seu Rey. Mas o Cárdenas, quanto era mayor a justificação de suas pretenções, entendia, que as ganhava, levãdoas por via de grande clareza, e verdade, a que os èmulos punhão nome de simulação, e artificio, dizendo: *Que em vão haveria Deos deixado no mundo, a esperiencia, se os homens havêdo visto o perigo alheyo, se não desenganassem antes de experimentar o proprio.*

[C437] Tais estavão os negocios, com a primeira noticia da vinda dos Espanhoes, ao abrigo de aquelle Reyno; quando ao dia seguinte de sua entrada, nas Dunas, chegou a dar fundo no mesmo porto, em fé da boa amisade que professavão, o General Tromp, acompanhado de vinte e quatro náos, que escolhera em sua Frota. Surgio mais ao mar da Armada de Espanha, vendendo por modestia aos Ingrezes, aquella cortesia, que só se encaminhava a conservar hum lugar, donde juntamête pudesse impedir os socorros, e avisos, que de Flandes virião logo aos Espanhoes, e estorvarlhes todo o modo de recurso, que da saída ao mar se lhes podia seguir.

O aviso desta grande novidade, começou logo a perturbar na corte todos os animos; não havendo algum tão sereno, a quem, por seu caminho, não tocasse boa parte de afeição, ou aborrecimêto, a qualquer dos Principes interessados: donde, conforme a diversidade dos affectos, procedia a dos accidentes desta negoceação. Porém he força referir o estado de ambas as Armadas neste tempo; e o de Flandes, e Olanda, onde fundavão as posses de huns, e as esperanças de outros.

Tromp, que havia chegado a Calés, de todo falto de munições, cõ q poder defenderse, dizem q achàra alli, em Monsieur de Bordeos, Governador de aquella praça, o grande socorro de quatroçêtos quintaes de polvora, cõ ballas, corda, e os mais petrechos competentes. Foi tal a prontidão desta amisade, [C438] que todos se persuadirão, havia já anticipada ordê del Rey Cristianissimo, para que o Bordeos ajudasse ao Tromp, nesta maneira; sem que para crer o contrario (como os Francezes publicárão despois) valesse a razão, que aos proprios Espanhoes oferecião por desculpa, devendose della inferir contrariamente; porque para com os Espanhoes, não se estendia o aviso del Rey de França, a mais, que serlhes

dado aos Olandezes porto seguro: sem outro genero de concurrencia, com algum de seus pensamentos.

Desta maneira fornecido, pode facilmente o Tromp, acudir sem dilação ao porto das Dunas, como o executou (segundo dissemos) havendo despachado a Olanda, seu Almirante Viten, e outro Capitão, não só para dar aviso do sucedido, mas para persuadir aos Estados: *Quizessem mandarlhe a necessaria assistencia, a troco de conseguir por ella, a ruína do poder Espanhol; a qual sem duvida se assegurava por razoens, e exemplos.* Os navios que se achavão com dano irreparavel; mandou tambem com o Almirante Viten: a fim de que em seus portos, fossem trocados por outros, de forças mais inteiras; o que tudo prontissimamente se dispos; porque havendo antecedentemente os Olandezes intentado a occupação de Gueldres, forão rebatidos, sem q pello sucesso de Ulst, se melhorassem tanto, q não temessem viesse a ser aquelle socorro de Espanha; de terrivel consequencia, aos progressos das armas de sua Republica. Por esta causa, instantemente se resolverão em aparelhar navios [C439] do Estado, em grão numero, e superior fortaleza; e porque estes se acompanhassem de outros, ainda que de menos porte, convocárão todos os de suas congregaçõens, assi gèrais, como particulares; pedindo ás Companhias da India Oriental e Occidētal, todo o poder, com que se achassem pronto, em seus portos. Fretârão muytos navios mercantes; hũs para conduzir mantimentos, e outros para levar gente fresca, com que engrossar, e descansar sua Armada. Do mesmo modo, fabricárão desasete embarçaõens de fogo, por entenderem, segundo seus desinios, e negociaçõens, que a batalha, ou seria dentro do porto, ou não longe delle; e com incrível, mas natural presteza, juntârão em breves dias tantas nãos, que fizerão entrar no porto de Dunas, cento e dez: fôra sete bem petrechadas (sem outras, que estimárão em numero de sessenta vèlas) que de contino andavão atravessando os mares, por se oporem a qualquer socorro, que de Espanha, ou Flãdes, viesse aos Espanhoes.

Mas estes com diversa fortuna, se bem no cuidado lhes não desigualavão, lhes ficarão sempre inferiores; porque como o Cardeal Infante se achasse em campo, e com elle os mais Cabos, assi da guerra, como da polytica de Flandes, primeiro que se pudessem juntar forças, com que ajudar a Armada Castelhana, se

havião adiantado os Olandezes grandemête nas prevençoens. Todavia, pareceo ao Infante, e seu Conselho, largar os negocios do exercito, e [C440] applicarse todo ao recebimento do socorro, que lhe vinha na Armada; o qual sem arte, ou força, era certo que não poderia chegar em paz, aos portos: pello que, em breves dias, mandou pello Mestre de Campo Dom Simão Mascarenhas, que sem Terço havia arribado a Flandes (como deixamos escrito) visitar, e confiar ao General Oquendo, e mais Cabos Espanhoes; sendo a primeira encomenda de sua instrucção: *Que tratasse logo com Dom Antonio, o modo porque se poderia transferir de Inglaterra a Flandes, a gente que pertencia a seu socorro, e as muniçoens, e dinheiro, que na Frota se enviava, tanto para pagamento dos soldados velhos, à retirada da campanha, como para as conduções, que em Colonia, fazia para o mesmo Estado, o General Lamboy, e o Coronel Gil de Az, chamado de Milão a Flandes: cujos bons efeitos dependião, de que se não malograsse aquelle tão prometido, e esperado socorro.* He o premio, de tanta força nos peitos humanos, que a esperança delle os conserva ousados, contra todo o trabalho, e perigo presente.

Chegado Dom Simão, e assegurando: *Que o Infante Cardeal, com toda a corte do exercito, se vinha alojar em Dunquerque, para ficar mais pronto a dar calor, e ajuda a sua Armada, e negociar outro tal efeito com el Rey de Inglaterra;* a primeira cousa, sobre que se fes secretissimo conselho entre os Cabos, foi: *Acerca do modo de enviar a Infantaria, e o contante para Flandes.* Mas porque o melhor parecer nesta materia, era o mesmo que o Infante avisava, havendoo comunicado com [C441] as pessoas práticas na marinhagem, esse foi, o que se seguio por todos, conformemente, assentandose: *Que o Infante despachasse de Dunquerque a mayor quantidade de embarçaens ligeiras, que fosse possivel, assi de pescadores, como outras, que servem ao trátego do país, ditas: Sumacas, e Balandras; as quaes amanhecendo nas Dunas entre a Frota, arrimada cada qual a seu navio, pudessem a pesar das centinelas do inimigo, sair de noute carregadas, e guarnecidas;* porque se considerava q ainda quãdo por aquelle modo, se não repetisse a jornada, da primeira que fizessem, se aproveitaria muyto sua passagem.

Mas porque depois de partido Dom Simão, com este acordo o General Oquendo, entendeu com bons fundamentos, que para todo o successo seria conveniente dispor mayor esforço, pois aquella saída avisaria de modo ao Tromp, que lhe não fosse possível achallo em semelhante descuido; mandou: *Que treze navios* (entre os quaes entravão algũs da esquadra de Dũquerque) *estivessem prestes para se fazer à vèla, sem lhes dizer, quando, nem adonde.* E de tal maneira, e com tão boa industria dispos esta acção, que totalmente a ignorarão os mesmos, que havião de executalla.

A menham de vinte e sete de Setembro, se descobrirão juntas no porto, cincoenta e seis embarcaçoens de Flandes, de que os Olandezes não fizerão outro juizo: *Que entender, trazião refresco á Frota de Espanha, q remeteria nellas seus feridos.* Nesta fé, e observancia da paz do porto, houve lugar de que todo [C442] o dia se manejasse a tripulação da gente, que havia de passar; e porque convinha que os Terços do socorro de Flandes, se não arriscassem por inteiro, foi ordenado: *Que se dividissem pellos barcos, e navios, de tal maneira, que perdendose parte de huns, ou outros, sempre algũa ficasse em salvo.* Esta ordem não comprehendia aos officiaes mayores; porq estes se resolverão: *Que para todo o successo não convinha se embarcassem, antes que seus Terços, o estivessem de todo.*

Socorro a noute com hũa espeza nevoa, e com o vento, que a trouxe da parte de Loes-noroeste, aos designios de Espanha, com tanta felicidade, q saindo ás nove horas, a outras tantas do dia se achãrão todos os navios, e a mayor parte dos barcos, dentro do porto de Dunquerque; donde pôde haver de trãsito, até quinze legoas. Porém as fragatas Olandezas, que estavam mais junto de terra, divisando por entre a neblina algũas vèlas, que costeando pretendião sair do porto, se levãrão atrás dellas, com tanta diligencia, que tomãrão sete, ou outo balandras, carregadas de Infantaria, cõ capitães, e bãdeiras de varios Terços, donde recebeo de todos mayor dano, o do Mestre de Campo Dom Martim Alonso de Sarria. He razão dizer, como por agradecimento â boa fortuna (a quem nos mais successos de minha vida, tão poucas graças lhe devo:) *Que do Terço, q eu governava, se não perdeu hum homem sómente: havendo algum, que nesta ocasião, lhe forão prezos trezentos soldados, cõ cinco capitães, e bandeiras.*

[C443] Porém o Tromp, sendo avisado deste acometimento, e queixoso da falta de vigia dos seus, ordenou logo: *Que o Capitão Blankart, com hũa esquadra de doze navios, saísse por ver se podia encontrar aos Espanhoes; e que se detivesse fôra, rondando aquelles portos, e passagens, de modo, que se não pudesse intentar outra acção semelhante.* Julgando, que muytas outras, lhe serião necessarias aos Espanhoes, para poder introduzir em Flandes o socorro pretendido.

O Infante, em algũa maneira aliviado, por aquelle barato, q a ventura lhe oferecera, cõ novo alento, tratava de q se não perdesse algũa ocasião de valer a Armada de Espanha, e sendolhe já por aviso do Cárdenas, e do Oquendo, descubertos os ciumes, com que os Ingrezes havião olhado o poder Espanhol, ordenou: *Que Dom Geronimo de Aragão, saísse de seu navio, e passasse a Londres, donde informasse a Dom Alonso, das cousas necessarias para a Armada.* Desta sorte o executou Dom Geronimo; porém como là de mais perto visse, que o negocio pedia mayor instrumento, fes certo de sua importancia ao Infante, que cuidadoso por estas noticias, pos em conselho: *Que pessoa mandaria a Londres?* Foi fama, que Dom João Claros de Guzmão, Marques de Fontes, que ocupava o posto de Mestre de Câpo General do exercito opposto a França, se oferecera para ser elle, o que passasse a Inglaterra, exagerando o risco, e valor do negocio. Outros quiserão que elle se encarregasse ao Marques de Velada, D. Antonio de Avila; [C444] mas porque o Cárdenas tinha no Conselho alguns amigos (q só em tais casos não deixão de parecelo, ainda á conta do serviço dos Príncipes) vendo estes, que pessoas tão grandes abaterião o mèrito do Residente, e que por este modo tãbem se confunderião as diligencias, se acordou: *Que o Infante empregasse naquelle serviço a Dom Martim Garcia, Nieto, superintẽdente da justiça, nos exercitos de Flandes:* a cujo lugar havia subido, de Alcayde de Corte de Valhadolid, por ser Dom Martim, além de bom legista, homem discreto, politico, e sobre tudo moderado.

Convida esta eleição a todo o juizo, para que brevemente discorra, acerca das que nos tẽpos presentes costumão fazer os Reys, de algũs ministros de letras; que os militares, e politicos, cõ varias objecçoens reprovão. Mostrão os exemplos, que em toda a antiguidade, se usou dos sábios para semelhantes

serviços: donde já parece que foi força fingirem a Mercurio, Deos da eloquencia; pois o destinavão para embaxador dos deoses. Não foi Marte, porque vemos tambem (como disse o nosso Poeta) que Marte irado, jámais póde ser facundo. Todavia na duvida destas opiniões, sempre entendo, q a profissão dos Embaxadores; deve ser da cor do negocio; porque para hũa soberba materia, não cõviria enviar a hũ espiritu pacifico, nem hum sujeito altivo para hum rogo: sendo certo, que por mayor que seja o artificio dos homẽs, sempre suas acçoens recebem algum gosto do animo, em que se fabricão. [C445] Por esta causa estranhãrão muyto os advertidos, que estandose cõfundindo Inglaterra, com armas internas, e externas, e sendo o negocio pretencente a seu exercicio, e estimação; se entregasse a prática desta embaxada a hum letrado; cujos officios diante del Rey, e dos ministros, não forão outros, que alegar por parte do Dereito das gentes, os textos que induzem, e obrigão ao neutral, para observar a indeferença, que já mais vimos conforme em peitos, e palavras. Assi succedeo nesta occurrencia, em que os Commissarios Ingrezes, que a Dom Martim forão nomeados, depois de muytas conferencias, nunca chegarão a prometerlhe, ou assegurarlhe cousa particular, de que se podesse fazer firme conceito; pello que, havendose elle por despedido de Londres, deixou ao Cãrdenas o proseguimento de seu proprio enleyo, para o qual o Cãrdenas se achava bem disposto; porque fundado nas promessas de D. Antonio Port, não só cria, mas fazia crer aos ministros de Flandes, cõ mayor perigo: *Que os de Inglaterra, sem rõperem a capa da neutralidade, haverião de favorecer os interesses de Espanha.* O q tão pello cõtrario se passava, q todas as preparações dos Ingrezes olhavão não menos, â prevêção das cousas, q à ruína dos Espanhoes.

A este fim ordenou logo el Rey, ao General Pininton, o qual governava sua Armada de quinze navios: *Que juntandolhe outros tantos marchantes do melhor armados, que achasse pellos portos visinhos, passasse logo a Dunas de Plimud, donde residia.* He Plimud [C446] boa Cidade na Provincia de Cornualha, em a boca do Rio Pli, que isso significa o proprio nome: *Pli*, que he o Rio, e *Mud*, que he boca, no antigo Britanico; para que surgindo entre hũa, e outra Armada de Espanha, e Olanda, fizesse entre ellas, aquelle officio dos Gregos Caduceadores, lançando em meyo o bastão del Rey de Inglaterra, que os émulos ambos

respeitarião, como as Serpes se contiverão, quando o Silenio lhes interpoz a vara, donde tomou a posteridade, a insignia, e o exemplo.

Esta ordem, sendo pello velho General obedecida, foi em breve executada; porque ao decimo dia da entrada das Frotas, surgiu elle pella parte do mar com trinta e hum navios, sufficiêtemente armados; com cuja vinda, abatêrão logo seus estendartes as Capitanas estrangeiras, que no porto se achavão; e foi Pininton observando; e fazendo observar os mais costumes, de meter a guarda ao anoutecer, disparando hũa pessa, depois da qual, todos guardavão silencio, e romper com outra o nome; tocavão seus clarins às alvoradas, as quaes seguião as outras Capitanas, com lustrosa competencia. Porém sobre que as salvas, e cortesias, forão grandes, de huns, a outros Cabos reciprocamente, não chegarão a visitarse o General Ingrez, e Espanhol: escusandose este com razoes de melhor disciplina, que urbanidade. Não assi passava entre o Tromp, e Pininton, que varias vezes se vião, e convidavão, contra o parecer de aquelles que entendião, não dava a neutralidade [C447] do Porto, lugar a se declarar a afeição, por algum dos dous opostos partidos. Mas os Ingrezes se defendêrão desta leve calumnia, dizendo: *Que os vinculos da Religião, erão mais fortes, que os da amizade: e que a semelhança, ou união de crenças, entre Ingrezes, e Olandezes, não permitia ser perturbada de algum respeito politico, em ofensa da confraternidade espiritual, que entre aquellas duas naçoens se contrahia.*

Ao mesmo tempo, que o Enviado, Dom Martim Garcia, partio de Flandes a Inglaterra, foi despachado outro semelhãnte, de Amsterdam a Paris, pretêdêdo os Olãdezes persuadir a el Rey Christianissimo: *Quanto interesse sua Coroa receberia, com o estrago da Armada Espanhola, que já tinham segura, quasi debaxo da chave de seu poder: porque sendo tão comuns os interesses de França, e Olanda, que quasi se julgavão indivisiveis, não se dava causa, para que a França deixasse de ser grata, e util esta empreza; e com mayor razão, quando a fortuna lhe vinha rogar â porta, com tal vitoria, como metendolha pellas portas dentro. Que o bom mercador, sempre deve comprar, ou vender, quando he rogado: e que as prevenções de Olanda, aliviavão agora os dispendios, e dilaçoens de França, a quem sò convidavão ao banquete de aquella ventura; o qual lhes custaria pouco mais, que querer aceitallo:*

*achandose as cousas de modo, que o poder de Olanda, sem companheiros, era bastãte para acabar este negocio. Que com mayor causa, devia querer sómente para si, hum premio de tanta importancia, pois Olanda por seu proprio perigo, havia reduzido a Espanha a tal estado, que justamente lhes era licito dispor já dos despojos [C448] como se estivessem conseguidos.*

Estas, e outras razoens oferecêrão os Olãdezes a el Rey Cristianissimo, contra o juizo dos mayores polyticos de Olanda; aos quaes parecia ociosa diligencia: *Querer partir o triunfo, com quem não havia entrado â parte no perigo, com que elle se conseguira.* Mas os cõselheiros de França, conhecendo que aos interesses de sua coroa, não convinha a desproporcionada grandeza dos Estados, acordãrão: *Que exteriormente se conviesse com os rogos dos ministros Olandezes; porêem, que por secreto aviso se ordenasse a Monsieur de Burdeos, fosse dilatando seu apresto; de modo, que nem testemunha, nê complice, pudesse ser do conflito entre o Espanhòl, e Olandes.* O que Burdeos com grande artificio depois, executou, de modo, que antes parecesse, que faltava ao serviço de seu Principe, q o Príncipe a sua palavra. Esta he, não só fineza, mas obrigação dos ministros, contra o costume de alguns, que por se fazer agradaveis aos pretendentes, revelando individamente o segredo de seus senhores, justo, ou injusto, os relaxão ao odio popular, entregãdo sempre suas determinaçoens ao povo, a pesar do secreto, e da religiosa cerimonia do voto, que era devido observassem; ou levados de hũ engano inutil, q contra a mesma cõciencia os fas escrupulosos; ou do interesse da reputação, que pretêdem aumêtar, diminuindo o credito, e fama dos Reys: cousa que o mundo, não poucas vezes tem visto, e pode ser que esteja vendo.

[C449] Entretanto Dom Alonso de Cárdenas, regulando a importancia de suas esperanças, pello valor do que lhe custavão de ouro, assegurava ao Cardeal Infante, e ao General Oquendo, tres cousas, em as quaes recebia de aquelles ministros, tão grande engano, como ministrava aos Espanhoes. Disse: *Que faria, que a neutralidade fosse inviolavelmente observada, dandose tantas marês de ventagem, para que saísse a navegar a Frota de Espanha, quantas ella havia entrado no porto primeiro, que a Olandeza: e que sendo estas marês quatro, havia tempo bastante, para que sem perigo, pudesse transferirse das Dunas, à*

*Herrada de Mardique, donde podia estar segura. Porém, que quando os Olandezes impedissem esta liberdade de sua saída, el Rey mandaria, que a Armada do cargo de Pininton, se encorporasse com as Espanhola, e a puzesse fôra dos mares de Inglaterra: e que como esta escolta se fazia por parte da opinião, com menos força, que interviesses del Rey de Inglaterra nestas acçoens, ellas se poderião obrar com toda a segurança. Mas em terceiro lugar affirmava, que se acaso qualquer destes partidos, se não conseguisse, elle Dom Alonso tinha já ajustado com o Conde Notaborlan, Almirante do Reyno (a quem por officio, e comissão pretencia este expediente) lhe mandasse francamente prover de muniçoens a Frota Espanhola, a expensas del Rey Catolico. Fundava D. Alonso estas promessas, não só em as que os ministros Ingrezes lhe havião feito, mas em os grãdes sinais, q em el Rey achàra, porque como pessoa de docilissimo natural, [C450] ou não costumava negar cousa, que se lhe pedisse, ou vestir a negação de tais palavras, que sempre tivesse cada hum, dos q lhas ouvião, lugar de esperar seu melhoramento.*

Mas sendo Dom Alonso instado do Cardeal Infante: *Que era já tempo de prover a Armada de polvora, porque de nenhũa outra parte lhe podia entrar seguramente.* Quando quis aproveitarse dos acordos, foi respõdido pello proprio Notaborlan, em quem mais confiava: *Que os Olandezes havião sinificado a el Rey, se quebrantava a neutralidade, no proprio dia que a polvora fosse entregue aos Espanhoes.* Cujã reposta, suposto que dissimulada de hum justo pretexto, envolvia grande artificio; porque intervindo o Port, e o Secretario de Estado, nesta negociação, achãrão modo para dar a entender a Dom Alonso: *Que servindo elle a el Rey, com algũa boa ventagem no preço, porque a comprassem, lhe ficavão dando hũa nova razão, com que se defender das oposiçoens dos Olandezes: a quem sua Magestade Britanica satisfaria, dizendolhes, não podia impedir, que os mercadores de Londres, vendessem por tão alta valia, suas fazendas, quando a ocasião se lhes oferecia, assi favoravel a seus aumentos.* Servio só esta prática de assegurar a autoridade dos interessados, porẽ não a dos necessitados; antes foi o ultimo golpe, q se deu em ruina da Armada Espanhola: porque tendose por indubitavel este socorro de polvora, se não previnio outro,

que ainda sendo mais contingente, se podia considerar mais certo, somministrado da força, ou industria, com que [C451] os Espanhoes devião procurallo.

Todavia, vendose Dom Alonso assi oprimido da dificuldade, veyo em oferecer boa soma de dinheiro, por serviço del Rey Carlos; e de secreto, foi fama, que ao Conde Notaborlan, lisongeara com o presente de dous mil escudos, em ouro; e com poucos menos aos outros ministros, affectos ao partido de Espanha: com cuja diligencia se deu o negocio por seguro. Porém avisado das duvidas antecedentes, e parecendolhe, que era tempo de se opor com razoes, aos secretos officios, que o Embaxador Olandez fazia com os ministros Parlamentarios, alcançando particular audiencia del Rey, fallou deste modo:

*He chegado o tempo, ó Rey potentissimo, de que veja o mundo, qual he o parentesco, que entre si tem as Coroas; para que se conheça, que o ouro, de que a Britanica he fabricada, foi tirado em a mesma mina da justiça santa, e da ley natural, donde se tirou o ouro de nossa Catolica Diadema. Deos, hum só no mundo, quis que na unidade, como no officio, lhe fossem semelhantes os Principes do mundo. Todos os outros modos de governo, que algũas regiões abraçãrão, não foi, parece, copiado do governo divino: antes de aquella original protervia, com que a pluralidade dos spiritus soberbos, quis usurpar para si, o credito da singular Magestade. Se isto he assin (ó Sire) olhai a quem pretenceis? Vede destes dous nomes: Monarquia, e Republica, qual vos he melhor soante? qual decoro tem com vosco mayor sanguinidade? Ponde os olhos no fim decada governo destes, vereis a Monarquia? grave, igual, confiada, amiga, [C452] prestante; vereis a Republica, servil, informe, duvidosa, émula, interessada. Eu que vos rogo, que atenteis para os outros costumes? atentai, Sire, para os vossos: não pezeis os interesses alheyos, ponde os proprios em balança; que facil será de conhecer a desigualdade das importancias, com que vos podem retribuir, ou a Monarquia de Espanha, ou os Estados, das Provincias unidas. Seu mesmo nome denota sua inutilidade: unense entre si, fazem entre si hum vinculo de seus interesses; para que? para que nenhum outro respeito, as penetre, nenhum outro comodo, as desacomode. Pella propria razão, que são unidas para consigo, são desunidas dos amigos, e dos aliados. Não está claro? Senão digaseme, qual será aquelle laço tão forte, que as tenha atadas ao amor*

vosso, ou de outro Principe? O sangue, não he; porque a Republica, não emparenta jámais com os Reys. A politica não he; porque he diversissima a conveniencia entre o Reyno, e a Republica. Pois que he? senão seu proprio interesse: o qual como fingirão os poetas de sua Clicie, jámais permanece em hum lugar firme, antes se vira conforme se vão virando os tempos, e os respetos. Fareis grande caso da semelhança da Religião; esse serà, esse he, o motivo, com que querem fortificar vosso animo, em sua amisade. O mayor escândalo vosso, ó Sire, podia fundarse nessa propria razão; porque já que os Olandezes não crem, como nós, porque não crem como vós? Desviarãose de nossa fê, com pretexto de consciencia livre, e de essa propria liberdade, não querem valerse para vos imitarem. Eu sem licença de meu Principe, quero agora fazer igual sua Magestade, com as Altezas dos Estados. Medi óra, as demonstraçoens (já nam fallo nas esperanças) que deveis a hũa, e outra naçam. [C453] Que prestimo recebestes de Olanda; e de Espanha, que escandalos? Certo a inutilidade he o gusano, que roe a amisade, atè que destruída sò deixa della as cinzas. Vós, Sire, vistes o coração de Espanha, nam sò o dos reynos, mas o do Rey. Se aquelle ultimo nõ de vossas bodas, em q todos desejamos apertar vossa, e nossa Coroa, se desatou; quiçã seria, porq lhe nam devessemos ao parêtesco; a razão da reciproca amisade, se nam às razoens, e ás acções della. Amese Espanha, e Inglaterra, porq devem amarse, e porq mutuamente se correspõdão, com tais resplandores de virtudes, q nam possão deixar de amarse provincias tam generosas. Nam haja, pois, entre ellas necessidade de outras dependencias, e beneficios. Quando a amisade depende das boas obras, nunca he firme, porq ou cessando, ou trocandose em outras, cessa, ou se troca a amisade. Quando as boas obras, são consequencia da boa amisade, então si, que as obras, e amisade são perpetuas. Pois se sobre as razões• gêrais fizermos lista das particulares, q diremos? Olhai, Sire, a neutralidade pode ser virtude, em quãto os respetos forẽ iguais, porque a justiça distributiva, nam consiste em dar tanto a hũ, como a outro, que essa então, seria improvidentissima parcialidade; consiste em dar a cada hũ o que merece. Pois se merecêdo Espanha tanto mais, que Olanda, os efeitos de vossa amisade, quando vos affectais neutral entre Olanda, e Espanha, então tirais a Espanha, aquella parte,

*q lhe devieis de vantagem de amor; e essa lhe ficais devêdo, igualandoa com quẽ vos merece muyto menos. Porẽ se pello que nos toca, duvidais a resolução; considerai bẽ o negocio, e vereis q iguالمẽte estou fallãdo por vossos interesses, que pellos nossos. Ainda não esquece ao mũdo os principios desta potencia. Vede ora quanto ha q passarão de [C454] prender os mares cõ suas redes, a sojugallo cõ suas leys. Se esta dominação dà quatro passos mais, pella felicidade adiante, donde vereis subidos aquelles que jà cuidão, se vem vossos iguais? Não sabe a grão Bretanha, que por nam cederem a seu illustre estendarte, intentãrão, e conseguirão abrir a vosso Canal, outras portas, por donde se sirvão suas Frotas do Oriẽte, debaxo de astutissimos pretextos? Oh! evitai, que estes Paladioens, que pretẽdem derrubar os muros naturaes de vossa provincia, não introduzão nella, o fogo vestido de abuso, com que os Gregos atropellãrão o muro Frigio. Grande lastima será, que vós mesmos lhe soministreis os materiaes, de que elles querem fabricar sua grandeza, e vossa ruína. Se nam dizeime, que outra cousa intentão fazer de vós os Olandezes, salvo o mesmo, que o caçador astuto, quando apos do veado generoso solta os librees diligẽtes, que lho detenhão? Nam he o dardo o homicida da fera, o ventor si, e o sabujo que lha parão; esse he seu homicida. O trafego do mundo, que tantos annos tivistés nas mãos, jà dellas vollo tem arrebatado os Olandezes. Digao Europa em todos seus emporios. Digao Africa em todos seus resgates. Digao Azia em todas suas Conquistas. Digao America em todos seus descobrimentos. Que vos deixão, que nos deixão, ou de que querem se goze, e se enriqueça o resto do mundo? Aquelle Testamento de Adam, que tantas vezes tem requerido, que lhes mostrẽ, para despojar aos Portuguezes, do fruto de suas gloriosas empezas; porque nollo nam manifestão agora, a ver se foram elles, os filhos melhor herdados, ou os herdeiros mais benemeritos, destas ventagens? Os Estados (Sire) sam como os rios, q quando aumentão em demasia seu cabedal, redundão, derrocão, e tiranizão [C455] todos os campos visinhós. Mal pode crescer Olanda, sem que Inglaterra diminúa. Concedo que a Espanha toca parte da inundaçãõ deste diluvio, mas vos nam negareis, que sera mais tarde, porque está mais distante. Sou certo, que seus ministros vos fizerão sospetosa nossa vinda. Se andaramos a buscar, como elles, pretextos com que justificar nossas*

*acçoens, ainda assi nos nam faltáram muitos, com que calificaríamos esta jornada. Por ventura ignorais vòs, que o meu Rey he compelido delles mesmos, a defender seus Estados? Por ventura ignora o mundo, quão caras nos custão as vitorias, que delles temos? Por ventura he fingido nosso direito, ou nossa occurrencia; ou a profia com que nolla nega esta nação venturosa? Não. Pois se sobre tantas verdades assentão nossas disposiçoens, de que parte vem a suspeita? Dizeinos, Sire, que nos falta por satisfazer? Mandai que se me diga, que eu diante do ministro mais escrupuloso, farei legal a causa de meu Principe. Ora sendo esta, seria bem contado pello universo, que vossa amisade com el Rey de Espanha, venha a servir de teatro ao suplicio de suas armas? Se foreis nosso inimigo, fomos mais venturosos, porque desviandose nossa Armada de vosso amparo, achara (nam ha duvida) mayor socorro na desesperação, do que na amisade. Buscamos a sombra de vossa Coroa, para corroborar à sombra della, as forças, que havíamos despendido: e se nam achamos vossos pôrtos, quiçã que nos proprios braços dos Espanhoes descobriamos mais certo refugio. Se a neutralidade sò embaraçasse o auxilio, que podieis darnos, nam me queixára della tanto; mas obrigarnos a que nós proprios, sem vossa ofensa, nos nam defendamos, he terrivel consequencia. Nam espera o meu Rey, nem seus ministros intentão, que por [C456] suas armas empenheis as vossas em sua ajuda, tanto nam vos pedimos, nem tanto nos he necessario. Basta que se a neutralidade vos detem, que ella vos detenha, para que publica, nem secretamente, sejam de vossos ministros preferidas, as obrigaçoens, que tendes a Olanda, a quantas a nossa Espanha confessais. Isto vos peço, isto vos rogo, isto vos requeiro.*

Forão as razoens de Dom Alonso, referidas com tão grande affecto, e depois realçadas com officios tão efficazes, que os Olandezes entrãrão em grande receyo, de que el Rey por ser benevolo, e de condição facil, se inclinasse a favorecer o partido de Espanha; contra o qual a hum proprio tempo se estava fulminando em Inglaterra, Olanda, e França jütamente: nesta com grandes promessas, naquella com grandes diligencias, e com grandes astucias em aquelloutra. Cada dia saião papeis manuscritos, e impressos, persuadindo a todo o Norte, obrasse segundo o espiritu dos Olandezes; que com politico artificio se

empregavão em dar a entender ás provincias visinhas, quanta conveniencia recebião da ruína Espanhola: trazendolhe a esse fim, â lembrança, todas as acçoens de aquella nação, e seu Principe, intentadas, ou interpretadas, em dano de todos aquelles, a quem agora requerião a vingança. Mas o Residente de Espanha, quanto se sentia mais culpado no descuido, com que ao principio procedera, tanto mais esforçava de novo os passos, q não havia dado nesta negociação; vendose no efeito della, que a propria natureza, sendo incorruta, e benigna, castiga [C457] com esterilidade o anno, que as chuvas, calmas, e frios vem fora de tempo. Ao contrario, estava sucedendo ao Embaxador de Olanda, que seguindo todos os meynos possiveis, sem deixar algum por indecente, solicitava a melhora de seus interesses. Os quaes havendo bem assentado com o General Pininton, e com o proprio Conde Notaborlan, a quẽ dizẽ, obrigou cõ grandes somas de dinheiro, para q se detivesse na cõdução, e entrega da polvora, q estava vêdida, e paga para a Armada de Espanha, pedio logo a el Rey audiencia particular, onde com razões, a seu parecer, ou desejo, mais fortes, se opuzesse âs q tinha oferecido a el Rey, o ministro de Espanha. Este conselho, lhe havião dado os Ingrezes, seus parciais, q visse a el Rey, e obrasse cõ sua propria autoridade: porq a razão tem tal virtude, que jámais sem ella, pode nenhũa astucia conseguir o que pretende. O mais iniquo, e tirano homem do mundo, não cõfessa que obra cõtra razão, mas prefere a sua a qualquer outra, com agravo da melhora da melhor. Nõs vemos, que ainda aquelle dissoluto Juliano, não se atreveo a negar a razão no mundo, ao mesmo tempo que a adulterava. Não disse o tirano (nem os tiranos dizẽ:) *Que obrava o que queria, e mãdava sem razão*, mas dizem elles, *que sua vôtade, he a razão do que querẽ, mandão, e obrão*.

Conseguida pello Embaxador de Olanda a audiencia del Rey Carlos, fallou neste sentido: *Sire, quẽ chega desconsolado a vossos pès, tras consigo hum novo motivo [C458] para se levantar delles sem aflição; porque a Magestade, e a miseria, são como a luz, e a sombra: nam pôde existir muyto a sombra diante da luz. Confesso que venho aqui com grande dor, pois me fas conhecer a necessidade de tornar a cansarvos com estas proprias razões, nam q valerão ellas pouco diãte de vossa Magestade, mas q as nam soube representar em tal maneira, que logo ficasseis sem algũa duvida, acerca dellas. O defeito foi do*

*Orador, não da causa; porque eu me certifico, que se a vòs, Sire, se vos refirira como ella he, nenhum escrupulo vos ficàra de obrardes, como vos pedimos: sò vos ficàra aquelle sentimento, q acompanha aos virtuosos, na dilação do exercicio de qualquer obra boa. Pois q razão haverá, de q a minha Republica pague o q eu errei? Sê falta q não soube representarvos a justiça de nossa causa: e esta culpa, por ventura que a tivesse aquella grande abundancia de motivos q ha para justificalla. Não serei o primeiro a quẽ a copia fes escasso. Sucedermehia, como succede aos caminhantes, q em grande concurrência de caminhos, não sabem por qual se lancẽ. As sobejas razoens, Sire, q não a falta dellas, farião como eu não atinasse a declarar a V. Mag. a confiança, q minha Republica tẽ em vosso animo, e a obrigação reciproca q ha entre vossos, e nossos interesses, para q nelle fũde esta cõfiança. Por ventura, a grão Bretanha, q dominais, começou a favorecernos quãdo lho nam mereciamos (salvo em visinhança, e afeição) para nos desamparar, despois que com obras, sobre affectos, vos somos acrèdores de tantas esperanças? Quẽ tal cuidaria? Ainda estais indeterminado, senhor, no modo porq vos haveréis entre os Olãdezes, e Espanhoes? Que he isto? Que nêvoa foi tão atrevida, q quis chegar a escurecer o alto Olimpo de vosso altissimo entêdimento? [C459] Pediravos, Sire, mandãreis vir a vossa Real presença o ministro de Espanha, meu oposito, para que, presentes ambos, disputassemos da validade de suas razoens, e das minhas; virieis quão abatida ficava diante da justiça dos Bãtavos, a arrogancia dos Castelhanos. Assi vollo rogàra eu, se pretendesemos que vòs pellas causas que nos tocão, vos movesseis a deliberar neste caso. Nam queremos, nam pedimos, senhor, que vos lembreis de nossa amisade, de nossa conformidade; sendo que com vinculos de alma, e corpo, estão unidos; sò desejamos, que de vòs mesmo vos lãbreis. Descuidai embora da cõservação, e do aumento de Olanda; mas porque descuidareis do aumento, e da conservação de Inglaterra? Bom he que os Espanhoes vos persuadão, ò senhor, que nam contribuais com algũa diligencia importante a nossa grandeza, metêdovos em receyo della, como se fora menor perigo, deixar crescer hũa potencia grandissima, atè fazerse formidavel, que cõsentir na melhora de outra, que quando a muyto chegue, nunca lhe serà igual. Dizeilhe que nos deixem ser tam grandes, como elles sam,*

*ou como vòs sois; e q para esse tempo guardem as inculcas dos ciumes, a que vos induzem, com nossa felicidade. Quem vio jámais no mundo, temer com mayor excesso a enchente de hum rio, que o fluxo incontrastavel do mar Occeano? Ainda cà, tam apartados, nos não quer deixar em pé este temeroso Neptuno? Se pella guarda de seus mares, e portos, fizera demasias, fermoso pretexto tinha nas proprias leys naturais, que nam sò aconselhão, mas obrigação á conservação nossa, e do nosso; mas porque nam estarà el Rey de Espanha, pella sêtteça do Altissimo, q pos nossa liberdade, nos fios de nossas armas, e a fes delles dependente? Agora quer apellar deste decreto, depois q cõsentio por tâtos [C460] annos em nossa izêção? Que importão pazes, ou treguas, ò Sire, cõ aquelle q não reconhece outra palavra, q a que tem dado a sua conveniencia: se sómente em quanto lhe não for possivel, observarâ os tratados, q com vosco tê feito? A este tal, melhor he q sempre o tenhamos necessitado; porq assi se verifica a sêtença do Polytico, que afirmou: convinha mais aos Principes, ter muytos dependentes, que ter muytos obrigados. Pois se com a obrigação em q vos estâ, ò Sire, a Coroa de Espanha, achais, q a nam têdes obrigada, provai agora outro meyo, e procurai de a ter dependente. Quantos annos ha, q socorre a Flandes, sem o ruído, sem o dispendio, q preparou este anno? Prouvesse a Deos que sua conservação lhes custára aos Espanhoes tam cara, ou aos Olandezes tam barata, que todos pudessemos cair no engano das razões, que oferece: e em cuidar q sò a defensa de Flãdes ocupa seus pensamêtos! He esta vez, por ventura, a primeira, que suas espadas embainhadas em hũa causa justissima, se desembainhassem depois contra os miseros q lhe derão credito? Nam. Pois a esta tal espada, q corta adormecida, melhor he, q a tenhamos nua, e desvelada: assi veremos melhor, para que parte esgrime seus simulados fios. Em que Estado vistes introduzirse algũa pequena parte desta nação, que nam fosse para senhoreallo? Começou sua grandeza, dentro nos estreitos marcos do Condado de Castella: e do modo que Hercules desde o ventre da mãy, saio, e creceo até se fazer mòrgado das forças do mundo, logo nam só senhoreârão Leão, Aragão, Navarra, Portugal; mas toda Lombardia, ambas as Sicilias, Flandes, e Borgonha. Nem Africa se vio segura; lâ estão suas Colonias em Orão, Mazalquivir, Tremecen. Argel, freo de Europa, a risco esteve de ser por*

*esta nação [C461] enfreado, se a Fortuna o não desatara de seu jugo. Lâ na Azia, com as novas Filipinas, lançarão o sello a seu remoto senhorio. Da nova America, nam querem convidar a algũa nação do mundo. Jâ nam contentes das grandes partes, que tem do mundo velho, de tal maneira querem possuir este novo, como se Deos só para elles o criasse, defendesse, e descobrisse. Em q ha de parar, pois, este fogo? Se só para consumillos, parece que espera sua soberba, e sua ambição, que a fortuna lhes ofereça, e Deos lhes vá preparâdo Orbes de novo. A este Rey, vos dizem a vós, Sire, que cõvem ajudeis, para ser mais poderoso? Temos aqui êncerrado o Leão Nemeo; temos aqui presa a Lerneia Serpente; temos aqui arrancado da terra, este Anteo Libico; e ha quẽ aconselhe, e quẽ persuada, q será razão dar liberdade a esta fera, desatar este monstro, e fazer tregua cõ este gigante? Em que se funda? A piedade, Sire, como virtude excellente, tambem se comprehende dentro das balizas da tẽperança; porque aquella q individamente se usa, declina facilmente a pusilanimidade. Muytos recebem a vida com desprezo do proprio, que lha concede: porq a vaidade como he âr, corre tam sutil, que por tam delicados resquicios, acha saída, e entrada. Se vos virẽ tão officioso os Espanhoes, em os favorecerdes, ò como em escapando de vossas mãos, lhes estou ouvindo, q não pella razão de vossa bondade, mas pella de sua potencia, lhes assististes. Para vos pedirem socorro, e segurança, usarão seus ministros todos os tropos de sumissão, que inventou a rêtorica dos afligidos; porêm quando se vejão escapar do perigo, em que os temos postos, quem duvida que ainda pretẽdão, lhes agradeçais o haverense valido de vós, para lhes valerdes? Potêtissimo Rey da grão Bretanha, estas razões são tão valêtes, q [C462] até em minha boca parecem insuperaveis; ao mesmo tempo, que núas de toda a ficção, como estão brotando nella, correm della pella boca, a pos de vossos ouvidos. Nenhum prudente poupa seu inimigo. Os propios elementos, que conservão incorrutos de todas as paixões maliciosas, os dotes da natureza, em aquella continua guerra, em que os vemos, jâmais perdoa ao fogo a agoa, nem o âr, â terra. Se a agoa se vê superior ao fogo, ella o abate, e o apaga. Se o fogo acha disposição, coze as agoas, e as seca. Se a terra póde suprimir o âr, o confunde, e aniquila; e se elle se ve encerrado na terra, a rompe, e desbarata. O parentesco dos Reys, he seu estado;*

*e bem avêturado de aquella Rey, e de aquella homem, que acha no mûdo quem por elle obre, o que lhe a elle convem.*

Quasi com as proprias palavras, com que el Rey respondeo a Dom Alonso, quis satisfazer ao Embaxador de Olanda; mas elle com mais profunda politica, fazendo pouco caso dos sinais exteriores, buscou, e pode achar meyo, para que, pellos ministros melhor aceitos a el Rey, e entre elles Velian Làud, gran Cancilher de Inglaterra, e Arcebispo Protestante de Canterbi, a quem Carlos com grande credito ouvia, lhe representassem: *Que quando Escocia se havia declarado contra seu serviço, e Inglaterra estava não pouco atenta a qualquer novidade; seria grande imprudencia escandalizar aos Olandezes, que como potencia mais visinha, lhes era facil congraçarse cõ Escocia, e perturbar a grão Bretanha: o que tanto mais devia obviarse, quanto já entendião muytos, que el Rey Carlos desejava favorecer os Espanhoes: dos quaes no tempo presente, não poderia receber [C463] outro beneficio (por muyto que os obrigasse) que bẽ satisfizesse o risco, e dano, a que por elles se exporia, preferindoos aos Olandezes. Quanto mais que entre os principes do Norte, era costume, que em partidos, e razoens iguais, se inclinavão sempre a favorecer os visinhos, e conaturaes, antes que admitir os estranhos; havêdo já mostrado o tempo, que os Espanhoes em Inglaterra, ainda erão mais sospeitosos amigos, que inimigos.*

Com estas, e outras razoens, se confirmou el Rey na resolução começada, de que á Armada de Espanha, se lhe não levasse algum socorro verdadeiro; e que elle em tudo affectasse a neutralidade: o que era bastante, para que os particulares satisfizessem as promessas, com que se havião empenhado aos Olandezes, cuja melhora gèralmête desejavão, e só a inclinação del Rey, podia contrapesar esse efeito, quando pellos Espanhoes se declarasse. De aqui procedeo, que o fruto mais util desta negociação, foi tardar com a entrega da polvora, duas vezes comprada: porque como sem ella não podia haver defesa, todo o estudo se pos em diminuilla, e detella, que não entrasse na Frota de Espanha: o que (a pesar das negociaçoens de Dom Alonso, e dos Generais) foi facil de conseguir: porque como tudo corria por mãos dos Ingrezes, e o Conde Notaborlan, era, como o mais interessado, o mais amigo de Olanda, a todas as diligencias dos ministros

Espanhoes, respondia com escusas frivolas, que nunca faltão aos homens, e mais aos ministros, quando [C464] buscão pretextos, com q embuçar suas resoluções.

O General Oquendo, em meyo destas dificuldades, obrava com grande constancia, e valor; e vendo que o numero de navios, que consigo trazia, lhe punha a opinião em mais contingencia (sendo diferente a obrigação, de quem se acha nas afrontas da guerra, com muytos, ou com poucos cõpanheiros) despedio boa quantidade, dos que trazia a soldo, repartidos pellas esquadras; e aproveitando-se do que por elles se repartia, assi de muniçoens, como de armas, soldados, e mantimentos, recolheo no resto da Armada, algum consideravel, e insensivel socorro: desobrigandose de sua defesa, e de acudir pello credito, e empenho de aquelles, que no empenho que esperava, era certo, que não acudirião por seu credito.

Nestes dias succedeo hũa galantaria militar, que foi louvada de hũa, e de outra gente. Destas se não devem escusar os Capitães prudentes, quando as pede a ocasião: porque além de mostrarem largueza de animo, dão boa callidade á guerra, que consta de varios, e impensados eventos. Havia o Oquendo, com grande secreto, mandado comprar algũas arvores grossas, de que necessitava, para reparo de mastarèos, e entenas dos navios: e como estes pãos sò se achassem no porto de Dover, apartado tres legoas do das Dunas, em que estavão as Armadas, sitiada, e sitiadora, se ficou entendendo, que sò vindo de noute rebocadas (isto he conduzidas) [C465] pellas falúas de Espanha, poderião chegar a bom efeito, não sendo prevenido pello inimigo o embaraço deste serviço; do qual tendo parte o General Olandes Tromp, despachou logo em seu seguimento, hũa fragata de guerra: *Para que entrasse no porto de Dover, e viesse dando comboy às falúas, e mastros, que os Espanhoes conduzião de Dover, a Dunas.* Foi assi executado pello Capitão da fragata; o qual entrando no porto, ao tempo que os Espanhoes entendêrão vinha a envestillos, e com diferentes sembrantes esperavão o successo; elle fes sabedor ao Capitão Espanhol, que superintendia em aquella condução: *Era mandado de seu General Tromp, para guardallo, e acompanharlo;* como logo houve efeito na propria noute, seguindo a fragata Olandeza as falúas de Espanha, até junto a sua Capitana Real: donde passou, e se ofereceo ao General Oquendo, com hum recado do Tromp, pello qual lhe

certificava: *Que era tanto o desejo que tinha de se ver em batalha, com tam grande Capitão, que elle mandava a sua Armada, ajudasse toda, e em tudo, o apresto da Espanhola, e que como bom amigo, se podia servir delle, em quanto lhe conviesse para o efeito de ambos pretendido.* A este recado, respõdeo o General Oquêdo, com semelhantes cortesias, e gentilezas; e passando das palavras às obras; mandou: *Que ao Capitão Olandes, se lhe desse dinheiro consideravel;* o qual elle não aceitou, porém para sua gente lhe foi comutado aquelle interesse, em outro mayor, mandandoselhe [C466] bom presente de regalados vinhos de Espanha, de que os Olandezes ficarão sobejamente satisfeitos.

Com tudo, como succede aos enfermos, que os sinais de inesperada saude, lhes ficão servindo de mayor testemunha ao proximo perigo; assi foi, que esta demonstração de amisade, annunciou o fim da guerra mais crua, que já lhes estava visinho. Vimos, que de aquella hora por diante, erão frequentissimos os conselhos que os Olandezes fazião, havendo dia, em que se juntavão a conferir, tres, e quatro vezes, em sua Capitana. As noutes, não com menor novidade, que misterio, passavão em vivas armas, disparando artilharia, e dãdo grossas cargas de seus mosquetes. Tudo advertia o Oquendo, mas nada podia remediar, nem elle, nem os ministros de Espanha; crecendo cada instante o risco, e o desprezo, desde o ponto, em que el Rey mostrou estava resolute em não ajudar aos Castelhanos.

Estes sinais se multiplicavão por instantes; não sêdo o inferior de seu tratado, haver remetido o General Pininton, hum papel ao Oquendo, em que lhe dizia: *Que seu inimigo crecia já tanto em poder, como em soberba; e de tal modo, que elle se achava com receyo, de que no mesmo porto não estivesse segura a Armada de Espanha: porque, sobre que a Ingreza a faria quanto lhe tocasse, pella observação da neutralidade, com tudo, como ella fosse tão inferior em forças, aos Olandezes, entrava em duvida, de que lhe nam guardassem todo o respeito devido; o que elle mais temia, quãto estava de certo, em que el Rey Carlos lhe nam ordenava [C467] arriscasse suas forças, por fazer comedir o partido agressor de qualquer novidade. Pello que lhe parecia, era necessario, que os Espanhoes estivessem com dobrada vigilancia, para o que*

*podia suceder. A este aviso respondeo Oquendo: Que se elle Pininton não tinha ordem de seu Rey, para fazer por todos os modos, que os Olandezes tivessem respeito ao seu porto, bandeira, armas, e fortalezas, que elle tinha ordem de seu Rey, para arriscar, e perder toda aquella Armada, a fim de que os Olandezes guardassem melhor o respeito, e a obediencia que devião a el Rey da grão Bretanha.*

Porém o Pininton, entregue nas mãos dos Olandezes, que com dadivas, e continuados banquetes o sogeitirão, nem a vista do escandalo, que já se manifestava, ainda aos mais indiferêtes, nem pello desserviço, que fazia a seu Principe, deixava de proceder em estreitissima amisade, ou por dizer melhor, parcialidade, e facção, que tinha com o General Tromp. Entre os quaes, havendose assi concertado, se deu ordem, para que desouto navios de fogo, que os Olandezes tinham dissimulados por entre sua Armada, se melhorassem de sorte, que ficassem mais visinhos da Real de Espanha, Tereza, Almiranta Real, e navios de mayor poder. A estes navios de fogo, (cuja invenção, cremos se começou em Olanda, cõtra o Principe de Parma) chamão Brulotes os Francezes, e quasi em todo o Norte conservão o mesmo nome. Dizem alguns: *Que por se chamar Bruló seu inventor*; mas o que parece mais certo he, por se deduzir este nome *Brulote*, do verbo *bruler*, que em Frances [C468] significa: *Queimar*. Aqui pudemos, como o Ariosto, com eloquente Apòstrofe, vituperar a invenção diabolica da polvora (que veyo aos homens, para fazer iguais dos valentes, os cobardes) maldizermos nõs tambem, esta, não menos infernal, invectiva dos incendiarios, a que o Direito manda punir como à gente inimiga do mundo; se elle estivesse em tal estado, que esperamos sua melhora, somministrada de nossa reprehensão; mas em lugar della, lhe deixamos seu proprio perigo por sentença, pois (à maneira do Ingenheiro Atiniêse) de ordinario perecẽ em seu proprio rigor, os ministros de tanta impiedade.

O General Oquendo, que via pellas disposições do inimigo, quasi manifesta sua tenção, ainda que contradito dos pareceres de seus Cabos, se resolveo: *Em sair das Dunas, julgando por perigo mais competente, o que podia sobrevirlhe no mar, em hũa desigual batalha, que o que já estava vendo no porto, com hum sitio desesperado.* Mas os que tinham a parte contraria (adonde

se inclinava Dom Andres de Castro, Almirante da Armada, e muytos que o seguião) fundando sua opinião em boas razoens, disserão: *Que mal poderião pedir, nem alcãçar del Rey de Inglaterra, o beneficio da observancia da neutralidade, quando elles propios, que a pretendião, fossem os que primeiro a quebrantassem: o que seria mais duro de levar, sendo sem duvida, que nam podendo a Armada de Espanha pelejar com a de Olãda, de poder, a poder, viria por este modo, a ter tambem contra si a de Inglaterra; a qual logo se incorporaria com os Olandezes, que os Espanhoes fizessem algum [C469] movimento atentado contra a neutralidade.* Com tudo o Oquendo, com os que seguião sua parte, mostrava claramente: *Que nam era jã tempo de contemporizar cõ Inglaterra, quando sua paciencia dos Espanhoes fora sua ruina; e q para os Ingrezes nam podia haver melhor sorte, q resolverense os mesmos Cabos, e Ministros de Espanha, a sua perdição propria, conforme os mesmos Ingrezes, e Olandezes desejavão. E q pois ella jã parecia inexcusavel, era razão, que soubesse o mûdo, por cuja culpa se perdia o interesse de Espanha, para q seu Rey algũa hora, antes pedisse conta aos ministros de Inglaterra, e seu Principe, q não a seus propios vassallos, e ministros. Que elle Oquendo sô cõ sua Real, sairia do porto, quando nam quizessẽ seus subditos seguilo. E q tinha por certo, que o breve mar, interposto entre Inglaterra, e Flãdes, poderia cortar defendêdose, atè se arrimar a algũa praça das de seu Rey; onde pello menos queria achar testemunha, quando nam socorro, do muyto que havia obrado por elle, e pella salvação de aquelle estendarte, que lhe entregàra.*

Sendo vencida nesta forma a saída da Armada, e feitos os avisos a Londres, para q D. Alonso acabasse de remeter a polvora, quando já tudo estava disposto á vontade do Tromp, do Pininton, e do Notaborlan, despachou este pello Tamasis abaxo, hũa grão sumaca carregada de polvora: diferente em calidade, e cantidade da que se lhe havia concertado a vender, e comprar; porẽ bastando esta insuficiencia para a fazer inutil, ainda se quiserão aproveitar de outro accidente, q mais impossibilitasse este socorro aos Espanhoes: porq arrimãdose quasi de noute esta embarcação ao costado da Real de Espanha, lhe requereo [C470] o Capitão Ingres: *Mandasse em aquella propria noute, recolher, e desembarcar a polvora: porque elle, sem perigo de ser queimado, nam podia amanhecer por*

*seu bordo. Oquendo ainda mal advertido desta astucia (porque os animos pejados de cuidados grandes, não são dispostos a se penetrarem da malicia, q funda em ideas mais sutis) mandou se lhe respondesse: Que o manejar polvora de noute, era no mar impraticavel, pello grande risco, a que se expoem quem assi o executa. Mas por nenhũa razão, ou ordem, satisfeito o Capitão Ingres, protestava: Que se no mesmo instante, nam mandassem descarregallo, tornaria a partirse a Londres; donde com esta ordem viera, sendolhe desta sorte dada por seu Almirante, o Conde Notaborlan.*

Então Dom Antonio de Oquendo, à vista de tão grande violencia, a que não podia dar castigo, nem remedio, mandou se começasse a receber a polvora; mas quãdo pode haver efeito, já a Capitana de Olãda vinha fazendose á vèla, sobre a Armada de Espanha: e com ella, em concertadissimo modo, hião desferindo seus traquetes os mais navios Olandezes; o que sendo reconhecido do Oquendo, se deu tal pressa em largar, e marear seu pano, que foi o primeiro navio de todos os amigos, e inimigos, que navegou bem aviado.

Descobriose com o dia, esta monstruosa novidade; e como poucos erão os advertidos, e menos os valerosos, o primeiro sinal de ruina, foi a grande cõfusão com que os Espanhoes se achãrão neste põto. [C471] He disculpavel, porém, seu enleyo, pois por hũa parte se vião ja quasi vestidos, de tão poderoso, e resolutivo contrario, por outra lhes faltava possibilidade para lhe resistir, e por outra (e a mais importãte) a ordem do que deviã fazer. Verdadeiramente, he martirio dos subditos, qualquer descuido dos superiores, em casos novos, e urgentes; como tambem dos superiores he tormento, a inobediencia dos suditos, seja por ignorancia, ou malicia. Por esta razão, confesso que para os superiores, he tambem de grãde peso o mesmo descuido, pois não só tem a seu cargo seus erros, ou acertos proprios, mas de todos os subditos; todavia julgo ser tão grande a pena de hũa cega dependencia, e confusa sogeição, que tenho por mayor ansia, aquella de quem deve obedecer, o que não sabe, que a de quem deve mandar, o que não pode.

O vento favorecia antes a saída do porto, que a volta da terra; mas foi em alguns tal o temor, que forcejando com o mesmo vento, vinhão á força buscar a perdição na terra, por fugir a do fogo, que os buscava.

Então a Capitana de Olanda, soltando seu estendarte principal pella quadra, deu sinal de batalha; a que se seguio tão immensa carga de artilharia, sobre os descuidados, ou mal prevenidos Espanhoes, que muitos delles, tropeçando nos amigos, se embaraçavão á vontade dos Olandezes, de modo, que por hũ contra quem se fazia a investida, se perdião de hũa [C472] vez, tres, ou quatro navios. Era a tenção do Tromp, justificar seu rompimento, com pretexto de que os Espanhoes estavam recebendo polvora, para queimallos; e a este fim, dava vozes, em sua lingua Belgica, com que intimava ao General Oquendo: *Saisse ao mar, para que batalhassem*. Porém as mãos pronũciavão diferente idioma, que as lingoas, fazendo cada hum dos navios Olandezes, o mayor esforço possivel, porque nenhum dos Espanhoes saisse do porto, antes nelle fosse investido, e abrasado.

Dom Lope de Osis, quanto a pouca disposição da Tereza o consentia, se foi logo fazendo à vèla, buscando o mar, no seguimento da Real; e por sua popa desta, seguia o mesmo caminho, D. João Ascêsio, e o Almirante Feijo; assi a Capitana de Masibradi, e outros navios, ou de melhor porte, ou de melhor disciplina.

Acusavão os Espanhoes a ruim guerra, e peor ley dos Olandezes: *Que suposta a paz do porto, e por ella o descuido (outras vezes menos bem disculpado, pois agora fundava nos efeitos da fê publica) tão impensada, e injustamente os invadião*. E os Olandezes, com pouca diferença de razoens, porém muyto da razão, davão contra os Espanhoes a propria queixa, dizendo: *Que elles forão os agressores da batalha*. Chamavão agressores aos q se defendião, ou aos que, vendo caír sobre si hum diluvio de fogo, procuravão repulsallo, antes que padecello.

Assi como o ar se via cheyo de queixas, estrondos, [C473] e alaridos, o mar se via não menos ocupado de desordens, incendios, e naufragios, que por toda a parte se descobrião, e soavão lastimosamente: com assombro dos ouvidos, e espanto dos olhos. Neste estado se achavão já quasi todos os navios revoltos, huns com outros, quando os Olandezes acendêrão tres de seus brulotes, ou navios de fogo, que lançárão contra a Capitana Real. Estas diabolicas máquinhas, segundo a doutrina dos práticos, se dirigem á embarcação, que querẽ abraçar,

navegadas de poucos homens, mas ousados, com hũa lancha ligeira, pella popa, donde se lanção, depois de pegado o fogo em seus artificios. Costumão estes navios ter hũ contra-timão, por donde da parte de fóra possão ser governados, depois que a gente se sae delles, e os acompanha quanto pòde. Nos *Layzes*, e *Penas* (isto são estremidades de todas as vergas) levão grossos arpeos (*que são ganchos de ferro*) com que detem o navio que interprêdem; e depois de bem senhoreado do fogo, o desamparão. He força acompanharse de algũas fragatas de guerra, para que não sejam desviados do contrario; por ser este só o reparo, que ha contra o incurso desta infernal guerra. Mas pois dissemos o modo, porque se usa della, digamos o de sua defesa. Antes de semelhantes batalhas, convem que as Capitanas, e navios poderosos, armem bem as falũas, com que se acharem, e as guarneção de mosqueteiros, que franqueem as faynas da gente do mar, e fogo. Armãose estas [C474] falũas tambem de arpeos, *talingados* (isto he atados) em largas cadeas, que o fogo não queime, nem o inimigo corte; logo investindo com os brulotes, e lançandolhe hum, ou mais arpeos, se procura rebocallos com toda a força possivel, desviandoos do caminho que levão, ou tambem rompendolhes o timão de fóra, escotas, ou dríssas: mas tudo a viva força, e com grande risco. Desta maneira succede, que não logrão seu efeito. Vi, que alguns navios, ou mais ditosos, ou mais prevenidos, escapãrão de ser queimados de outros de fogo, lançando entenas, vergas, e mastarèos, pellas portinholas baxas da artilharia, com que tãbem se apartão os de fogo, atè escaparem: governãdo a tẽpo, e sendo navios de bom regimento. Não julgo ociosa esta digressão, escrevendo em tempos tão ocasionados a sucessos semelhantes•.

Por tais diligencias se desviou a Real dos tres brulotes, que já acesos, e quasi atracados com ella, a perseguição, porque duas falũas armadas (como dissemos) lhe apartãrão os dous mais perigosos, e de mais porte; e do terceiro q era hũa pequena sumaca, se desviou a propria Real, por ser não, sobre grande, diligente. Outros dous brulotes, navegavão por sua *esteira* (isto he o rastro q em agoa fas o navio) contra a Tereza, que com igual sorte da Real, se apartou delles; porẽm como fizesse sempre seu caminho, junto do Oquẽdo, succedeo q os mesmos tres brulotes, que investirão a Real, cairão sobre ella. [C475] Dom Lope, que com grande cuidado a governava, havia já de duas balas de artilharia,

perdido hum braço, e hũa perna, com lastimoso espectaculo; mas ainda neste modo, inteiro o espiritu, em aquelle corpo espedaçado, gritava: *Que acodissem ao fogo, que decia contra a Tereza*. Porém as falúas que a penas se tinham desviado de hum, quando se achavão em outro perigo, suposto que atracarão com grande valor, e detiverão mais fortes, que as fabulosas Remoras de Plinio, aquelles dous navios (que mais parecião fornos acesos de Babilonia, que embarçoens em que o mar se transfere) não puderão fazer o mesmo efeito com a Sumaca de fogo, que vindo já desamparada dos homens, e só guiada dos fados, e da corrête da agoa, que a impelia, caio sobre a proa do galeão Tereza, para ser o Heròstrato, que abrazasse aquella excelente fabrica, que a seu modo quasi pudera cõpetir com o Templo Epheseo: e ainda com não pequena semelhança; porque se là aquella fabrica tinha de carvão os alicerces, em beneficio de sua duração, que depois servirão para ministrar o mesmo incendio: esta tambem contribuiu agora às chamas, com mais dispostos materiais, para sua ruína.

Ardeo em fim a Tereza, sendo já morto seu General Dom Lopo de Osis, e perecerão nella mais de seiscentos homens Portuguezes, e Castelhanos. Este navio, sem duvida, como era o coração, que animava o corpo de aquella Armada, assi foi seu coração, para defundir a morte o vencimento [C476] a toda ella; porque no mesmo instante forão desmayando de tal modo as forças Espanholas, como que na perda da Tereza, se perdera cada qual dos que alli batalhavão.

Desta sorte já se não via outra cousa, que navios queimados, corpos mortos, mar de sangue, e fogo; que a fogo, e sangue, fazia crua guerra aos homens. Outros se rendião a partido dos vencedores, que abusando da felicidade, tratavão com mayor rigor aos que se entregavão, que aos que se defendião. A morte, em diferentes trajos, assaltava aos tristes combatentes, a huns era de ferro, perecendo no fio das espadas, e pontas das picas; a outros de fogo, vêdose em vida abrasados; a outros de agoa, afogando a agoa grãde copia de gête; não poucos do fumo se abrasavão: outros sumidos entre as ruínas dos navios, vendose acabar, não sabião, que genero de fim lhes cabia em sorte, por se lhes negar se quer o alivio de escolhelo, ainda ministrado do mayor tirano. O sangue do cobarde, se misturava com o do valente, e todos parecião hum proprio: porque a morte, assi iguala os valores, como as fortunas. Porém neste conflito, erão os

vivos muyto mais mofinos, que os mortos, padecendo sua tragedia, e a alheya, no horror do que vião, e no rigor do que experimentavão. Ninguem sabia distinguir qual pena fosse mayor. Quem escapava do perigo, falecia da salvação: porque o inimigo com animo obstinado, reservou para si aquelle dia [C477] mais alta crueldade, não concedendo a vida aos mesmos a quem já a morte, parece, que lha tinha otorgada.

Quem chegar a este ponto, lendo esta Relação, que certo he, julgará a grande descuido do Escriitor della, não declarar até agora, o que obrarão as armas Ingrezas? Não se havendo dito, se tem dito. Vimos com tudo, que o Castello de Dover, e os das Dunas, disparavão alguns canhoens, cujas ballas, se fossem no caso interrogadas, quiçá não quererão dizer adonde se dirigião. O Pininton, sendo chamado a Londres, para que se descarregasse do consentimento, que deu às açoens dos Olandezes, ou responderia em modo que satisfizesse aquelles ministros, ou como mais propriamente a opinião de aquella Coroa tocava seu castigo, sendo ella satisfeita, não será razão q nós sejamos os agravados de sua injuria.

Quasi milagrosamente o General Oquendo, salvou o estendarte de Espanha; cujo triunfo só faltou ao Tromp, para adornar o carro de sua vitoria: como que se lhe não ficou contingente, lhe ficou diminuïda. Tres dias correo a varias partes, em busca da Real, que ajudada da noute, entrou facilmente em Mardique, acompanhada de sua fidelissima companheira, a Capitana de Bartelosa, ou Masibradi; a qual poucos dias despois, fes naufragio, onde se foi a pique, mas sem perigo da gente, que toda escapou viva.

[C478] Perdeo Espanha nesta batalha seis mil vassallos, os mais Castelhanos; quarenta e tres navios; seiscêtas pessas de bronze; grande quantidade de officiais mayores, e menores. Portugal entrou a parte, com a perda de novecêtos Portuguezes, a que pode igualarse a de hũ tão excelente navio, como era S. Tereza, que por fabrica, e valentia, apartando os encarecimentos, foi admiração do Norte, donde, eu vi, q gêtes muyto desviadas, o vierão ver de muyto lōge. Dos despojos da perdição referida, não só participou Olanda, mas França, e Inglaterra; em cujas costas, por naufragio, ou refugio, que tâbem foi como naufragio, ficou entregue quasi ametade dos navios, que da Frota faltarão:

entre os quaes a famosa Capitana de Napoles, S. Agostinho, deu a traves no proprio porto das Dunas, regida por D. Estevão de Oliste; e o não menos famoso Galeão S. Christo de Burgos, q entrou a salvamêto em Calès de França, mädado, e mandado entrar, por seu Cabo Dom Pedro Velez de Medrano; q melhor do que lâ entrou, saio agora do mûdo, acabando, entre nòs, seus dias em vida eremitica, e com nome de *Pedro de Jesus*.

Os Olandezes tambem, suposto que ajudados dos socorros da natureza, Arte, e Fortuna, chegarão a perder mais de mil homens, e alguns navios. Porq as felicidades da guerra, não sayem tão baratas aos mesmos, que as logrão, que se não descontem com lagrimas, sangue, e vidas.



[R479]

RESTAURAÇÃO  
DE PERNAMBUCO.  
Anno 1654.

EPANAPHORA TRIUNFANTE.  
QUINTA.

DE DOM FRANCISCO MANUEL.

*Escritta a hum Amigo.*

Em quanto, senhor, N. vos preparais para mostrardes em Africa, aquelle valor, que em Europa, e America têdes mostrado, igual ao que na Azia vos propuzerão vossos Antecessores; não desperdiçareis o tempo, que derdes à lição desta minha breve historia; por ser dito dos sábios: *Que as historias do mundo, são huns espelhos clarissimos, donde, vendo nós, retratadas as famosas acçoens, que não vimos, nos acêdemos utilmente no amor dellas.* Como succedeo muytas vezes, que os retratos de fermosuras excelentes, cativarão as vontades dos homens.

Entre as modernas acçoens de nossos Lusitanos, [R480] não he esta a que deixa sem competencia a dos antigos; e he aquella, q por vêtura não achará imitação entre os estranhos, moderna, nê antigamente; porq se considerarmos hũa guerra distante, desajudada dos respeitos, estorvada do tẽpo, executada por desfavorecidos, armas tumultuarias, em mãos de homens vinte e quatro annos sogeitos ao jugo de aspero dominio, contra nação famosa, capitães destros, ministros prudêtes, e efeitos ricos; não sei eu q nos archivos da lembrança humana, haja outra, com semelhante felicidade conseguida, por mais q Albania se nos oponha, pella de seu semelhãte Castrioto.

E já que não seja grande este presente, nada vos tem de improprio: pois o fim desta propria guerra, vos custou as jornadas q fizestes, hũa, e outra vez, a America, em serviço da patria.

Parece que vos não contentastes de vos oferecer a todas as occasioens de nobre perigo, esperandoas a pé quedo, dentro de Portugal; fostes a buscallas não

só pello mundo, mas fôra delle, passando a outro mundo novo, que ainda nos he mais estranho, que distante. Vosso serviço hũa vez, vosso governo outra, quem duvida, contribuio muytas vezes ao alto efeito de nossa vitoria? Eu, q tambẽ vi, e ouvi de mais perto, a causa destas consideraçoens, bem conheço o mesmo, que inculco, e sei por quãta razão, o inculco, e o conheço.

Quantas ha, para que eu busque agora vosso patrocínio, são de sorte, que não he facil escolher as [R481] que podem ser primeiras. Hũa boa amisade de tantos annos, acha laços, por ventura mais fortes que os da natureza; donde os Filósofos assi chamãrão ao costume. O garfo que enxirimos na arvore, e com ella se ajunta por largo tempo, ou a converte em si, ou a si, nella.

Mais quisera eu fazer, pellas provas do que vos amo, que manifestallo ao tempo; e farei mais, quando referindo o que obrastes, e o q haveis de obrar, traga todos os que me ouvirem, â minha propria afeição, e ao louvor que se vos deve. Alcantara 23. de Dezembro de 1659.

V. A.

D. F. M.

Estâ a meu cargo lançar pello mundo, hum glorioso pregão do successo, que tiverão as Armas portuguezas, dos vassallos del Rey Dom João o Quarto, no Estado do Brazil: restaurando a perdida liberdade, em toda a Provincia de Pernambuco, e outras visinhas, cõtra sua propria esperança, e de seus opressores. Acção fermosa, e justa, digna por certo de melhor Cronista: mas porque as cousas grandes, per si mesmo costumão fazerse estimadas, estas que refiro, não perderão seu credito na minha pena, antes ella será por ellas, acreditada.

Porém, ainda que os termos de hũa Relação, sejam pello costume demarcados cõ pouca largueza, poderia ser, que eu os trespassasse, desejãdo inteirar os [R482] que me lerem, da importancia, e circumstancias deste caso: particularmente aos Estrangeiros; pois como já disse algũ varão da antiguidade: *Os Escritores, nam só pintão para a vida o tẽpo, mas para a universalidade dos homens.*

Por esta causa, tomarei desde sua origem, a guerra brazilica em brevissimo modo; parecendome preciso este regresso; pois sobre vinte e quatro annos de continuo movimento de armas, cujos feitos tantas vezes forão inculcados, pella parte cõtraria, em tratados, e livros; não houve atêgora, quem

por nossa parte, em forma decente, publicasse hum só volume: o que bem poderá relevarme da censura, quando neste me alargue, mais do que quisera ao fervor dos leitores; a quem em vez da elegancia (alhea, ou escusa) ofereço a verdade das cousas, e a incorrupção dos affectos: de que não duvidará, quem conhecer, servem de materiaes, a esta obra, os proprios avisos, cartas, e informações dos Cabos, que obrarão a empreza. Cõ os quaes (igualmente q cõ seus êmulos) eu estou naquella desejada igualdade, raras vezes conseguida de outro, que haja escrito historia de homens viventes.

Não tomarei (como costumão os historiadores) por conta de meu juizo os secretos dos Principes; nẽ por ostentar misterios, inteligencias, e confianças, passarei do necessario ao incompetente. Não digo, nem ha para que dizer, mais, que o tocante a inteira relação dos sucessos, contra o litigio da malicia, e [R483] curiosidade, que já vejo, sobre qual primeiro fas mayor anotomia dos segredos deste negocio. Eu conto os casos, como elles forão, pella pauta da verdade; não como quererão, q fossem a adulação, ou a queixa. Quem se não satisfizer do que refiro, per si mesmo se informe; e se crer antes o seu discurso, que a minha pena, em nada me deixa enganado: elle pode ser, que se engane.

Despois que a gloria dos Monarcas Portuguezes, fes em Africa aquella lastimosa pausa, que originou a perda, e morte de el Rey Dom Sebastião; logo se vio por alguns tempos, bacilante a Republica, entre a justiça, e a violencia: até que a fortuna declarada, como costuma, de parte do mayor poder, veyo o Reyno Lusitano às mãos del Rey Dom Felipe o Segundo de Castella, pella maneira, que então ouvio Europa, mais admirada, que satisfeita.

Esses, que ambiciosos, ou enganados do novo dominio, se ocupavão em enxugar as lagrimas, com que o recebem os outros (mais, e melhores) pretêdião persuadir-lhes: *Que os Portuguezes, com a mudança de Principe, se avantejavão no interesse da paz, que lhes prometia o respeito do grande Imperio, em que se incorporava nossa Coroa.* Mas a esperiencia, que he verdadeira pedra de tocar, o valor dos discursos, mostrou logo, não só a vaidade, mas a contradição, de aquellas promessas, porque em breves tempos experimentamos, que o nome del Rey Dom Felipe, em vez do aplauso, nos grãgeou o odio das naçoens: por

escandalo, temor, [R484] ou enveja, aborrecedores da grandeza, severidade, e artificio de aquelle Principe.

Os tesouros do Oriente, e Occidente de nossas Conquistas, a distancia, e vastidão dellas, convidava os inimigos de Castella (e por essa razão nossos) a que obrassem em nosso dano sua vingança; porque não só com justo, mas venturoso motivo, lhes parecia: *Podião reivindicarse, movendonos guerra, das guerras, e movimientos ocasionados pellos Reys, e ministros Castelhanos.*

Logo como as praças, que Portugal possuia pella Azia, Africa, e America, erão todas maritimas, e os Estados de Olanda (principaes émulos da monarquia Espanhola) florescessem em tal modo pola navegação, que nella se avantejãrão largos tempos, às outras provincias de Europa; forçosamente houverão aquelles Estados de apetezer nossos interesses: sem que entre Portugal, e Olãda, se achasse, atè esse tempo, algũa ocasião de discordia; cujos efeitos aumentou a impia exclusão, em que ficarão nossas cõquistas, pello acordo da tregoa, celebrada entre Castella e Olanda, o anno de 1609.

Forão por esta causa mais frequentes nossas perdas (durante a sogeição de Portugal) as quaes já ouvio o mundo, cujas melhores partes, tivemos por teatro das tragedias, que traçou a desordem, natural de aquelles governos, em que a omissão dos Principes, e a ambição dos vassallos, sam polos sobre que se revolve a Republica.

Foi a India em breve tempo, invadida de armas [R485] do Norte. As bandeiras de Olanda, tremolãrão ousadamente por cima de todo o largo Oceano: sem que houvesse Estreito, q não devassasse o ditoso atrevimento de seus navios. Cornelio Matáliph, Paulo Van Carden, e outros capitães de fama, se mostrarão a aquellas Ilhas, e Cõtinentes: e os Reys bãrbaros, varios, e ambiciosos, porq se vião mal cõvalecidos do córte do nosso ferro, agasalhavão liberalmente aquella potencia, com que esperavão resistir â nossa.

Os Ingrezes, convidados da propria ousadia, correrão a Persia, e a Arabia: onde assentarão pazes, e resgates, em nosso prejuizo. Até os remotos Danos, â imitação de hũs, e outros visinhos, navegãrão do Norte, ao Oriente, com prospera fortuna.

Olanda, que tinha visto a Roma crecer a mayor Imperio, cõ menores principios, esforçada da ventura de suas empresas, subio a mais altos designios; os quaes deduzidos dos magistrados aos subditos, forão causa de que Yans Andres Moerthecan, Olãdes politico, oferecese (o anno de 1623) hũ discurso aos Estados, e Ordens gèrais das Provincias unidas; pello qual lhes propunha: *A formação de hũa nova Companhia Occidental, á imitação de outra, que já tinham para o Oriente. Provando com evidencia: As utilidades, de interesses, e dominios, que se poderião, tirar desta segunda, empregandose na Conquista do Estado do Brazil: cujo importante comercio, era suficiente a dar á Republica, hum cabedal, para tudo o que depois desta empresa, quizesse intentar nas outras de Europa.*

[R486] Padeceo o primeiro impetu destas novas armas, a Cidade de São Salvador da Bahia, cabeça do Brazil; a qual em 8. de Mayo de 1624. ocupou por interpreza o General Jaques Guilherme (ou segũdo outros, Jacobo Willekenio) com vinte e seis nãos do Estado, e mercadores, guarnecidas de tres mil combatentes: excessivo numero, por certo, ao repouso dos nossos; a quem a justificação do que gozavão, ou a largueza da terra que possuão, fizera como costuma, descuidados.

Mas já então advertidos os Portuguezes pella cautella dos émulos, prevenirão, cõ louvor, seu desagravo, formãdo hũa poderosa Armada; a qual unicomẽte (despois da união do Reyno, até aquelle dia) foi só socorrida do poder Castelhana: pello interesse da segurança de suas Indias; que tendo tão visinhos seus mayores contrarios, se consideravão arriscadas, quando não fosse na posse, no comercio.

Então a nobreza de Portugal, navegou com raro exemplo a provincias remotas, e de perigoso clima; interpostos todos os trabalhos do mar, antes dos da guerra: porque o zelo da honra da patria, he hum fogo resplandecente, que para alumiar-nos, mostrando os fermosos fins, a que se dirige, começa cegãdonos, para que se não vejão os primeiros riscos, que estão diante de todas as cousas árduas.

Com felicissimo sucesso, correspondeo a Providencia, ás estremadas obras, e justos desejos de nossa gente, donde se mostra que não paravão na vingança

[R487] polytica, passando â piadosa; porq em aquella guerra se não disputava já tanto a causa do Imperio, como a da Religião.

Dom Fadrique de Toledo, e Dom Manoel de Menezes, hum General da empreza, outro de nossa Armada; cõ sitio de quarenta dias, e proporcionado exercito, renderão a Bahia o 1. de Mayo de 1625. expelindo de aquelle Estado as armas Olandezas, que por espaço de hum anno, se tinham senhoreado de sua conquista.

Mas como as forças da Companhia Occidental (que constava de Novecêtas partes) se achavão robustas em seu principio; resistirão facilmente ao golpe desta primeira perda: bem que alguns interessados nella, por vigor do discurso, ou crêdito de vaticinios (q se lhes explicavão infaustos no fim da guerra brazilica) logo começãrão a duvidar de sua utilidade.

Os cinco annos seguintes, ao da restauração da Bahia, cessarão os progressos dos ousados Olandezes, quanto às interpezas, mas não quãto a infestação de aquelles mares, e costas. Petre, Petri, Téin, de nação Ingres, e cosario famoso; provou depois no Brazil varias fortunas, intentando roubos, e incendios de navios dentro no porto: cujos assaltos rebateo com singular destreza, Diogo Luis de Oliveira, Governador gèral do Estado: e que nos de Flandes aprêndera, e ensinara, a verdadeira milicia.

[R488] Porém, chegado o anno de 1630. vendose a Cõpanhia Occidental, rica de prata, que o mesmo General Petre havia roubado a Dom João de Benavides, que governava a Frota de Terra firme; armou cõ novo vigor, segũdo poder, a cargo do General Teodoro Van Denburgh; que constava de cinquenta navios, e nelles tres mil soldados, sem contar os marinheiros, de que tambem se ajudavão; com a qual arribando sobre Pernambuco, conseguirão facilmete sua entrada.

Parece, que como Deos tinha guardado aquella gête, e sua Provincia, para obrar nella novas maravilhas, que engrãdessem seu santo nome, ordenou que fossem tais os principios de sua opressão: para q sobre esse escuro, campeassem mais resplandcentes as obras divinas. Como costumão fazer os famosos pintores, quando sobre algum antigo painel, querẽ introduzir outras figuras,

borrão• antes todas as que nelle havia, a fim de que essoutras que depois apparecerem, acreditem o primor de sua sciencia.

Mas como escrevo para as naçoens, menos que a nossa, informadas das cousas do Brazil, parece que serà conveniente, fazer neste lugar, com pequeno desvio, hũa breve discrição de Pernambuco.

He Provincia do Estado do Brazil. O Brazil, do Perù, com quem he continente: e o Perù, ametade da America. A America, quarta parte do Mundo, que por sua grandeza foi chamada: *Mundo novo*. O qual terminãdose, por aquelle lado, com o Cabo de [R489] S. Agostinho, hum dos tres angulos, de que o Perù se fórma, deixa tãbem com esta notabilidade, aquella região enobrecida.

Com o mesmo nome de toda a terra, se nomea, não só a Capitania (como dissemos) mas o porto de Pernambuco: cuja, sinificação, na lingoa dos naturaes, he: *Rio, furado*. Porque como os Arabigos dizẽ *Guada*, a todos os rios; dizem. *Pará*, os Indianos: a que juntando a palavra: *Nambuco*, dirã: *Rio, furado*. O que por ventura se tomou do Bibiribe, ou Capibãribe; que são as mais visinhas correntes de seu destrito.

Nossa primeira fundação, foi a villa, q antes chamárão *Mari*; e depois *Olinda*; nobre, e comoda, por edificios, e riquezas; e antes nome q cõ facil corrupção, denotava sua fermosura, como se dissessemos *a Linda*; q por *Olinda* nomeavamos. Como vemos, q à cidade de Genova, serve o adjetivo *bella*, de sobrenome. Aqui se vê hũa lingoa de area, por quasi hũa legoa continuada, pouco distante da terra, q se remata na famosa praça do *Arrecife*; dito assi de hũa serra, que dissimulada do mar, em partes descuberta, serve de defesa, e perigo, ao porto; formando a garganta da barra.

No tempo pacifico, era povoado este Arrecife de poucas casas. Creceo em respãdor, e fama, pella notavel fortificação dos Olandezes; a qual por maior comodo, e resguardo, acõpanhãrão cõ hũa nova Cidade, da parte oposta âlẽ do rio, a quẽ em memoria [R490] do• Mauricio de Nazao seu autor, chamarão: *Mauricea*: forte, e fortalecida; não só pella visinhãça do Arrecife, com quem por hũa ponte se dá a mão; mas pella força de suas muralhas, fossos, meyas luas, e baluartes: tudo regular, perfeito, e grande.

Este he Pernambuco, Olanda, Mauricea, e o Arracife; cujo assento se acha em outro graos, além da Equinoceal, para o Polo do Austro: sobre que o corpo desta Provincia, comprende varias alturas, todo cheo de povoaçoens ricas; e tam abundante de frutos, que se verifica haver no seu contorno, mais de duzentos Ingenhos; cuja fertilidade ajudada de facil navegação, fazia aquelle porto, hum dos mais celebres emporios de toda a America Occidental.

Ocupado pois Pernambuco, foi então fama, que o Governador do Reyno, desejando em igual modo a restauração da praça, e conservação do senhorio della (quiçà porque julgasse tudo mais facilitado pella industria dos interessados) deu valor ao parecer, q entre muytos práticos corria: *Que a recuperação se intentasse, não por sitio, e expugnação, como a Bahia se ganhara, mas por meyo de hũa guerra lenta; que oprimindo dẽtro de suas fortificações ao inimigo, e evitandolhe os mantimentos, e cultura do campo, o impossibilitasse em todos seus generos, de tal sorte, que a propria inutilidade o despedisse.*

Tal foi a primeira resolução; mas nẽ por ella, deixou de ser grande aquelle socorro, q levou a seu cargo, o Almirante Real Dom Antonio de Oquendo o [R491] anno 1631. cuja jornada se rematou em hũa batalha, que com duvidoso sucesso, teve nos mares do Brazil, contra a Armada Olandeza, governada do General Adrian Patria, de quem se dis: *Perdeo antes antes a vida, q a vitoria.* Foi despois não pouco cõsideravel outro socorro, q deste Reyno levou Frãscisco de Vascõcelos da Cunha, passando ao governo de Angola. E mais que todos importante, o q conduzio ao Estado, o General D. Rodrigo Lobo, com poderosa Frota. Outros se repetirão, sem q a força de todos, jámais servisse, para que se ganhasse cousa conveniente: tẽdose então por bem logrado, o mesmo, que se perdia mais custosa, ou dilatadamente.

Não cessava o cuidado desta empreza, e já a fim della, se nomeavão sogeitos de grande calidade, valor, e prática, para o governo do Brazil, que então foi a ocupar Pedro da Silva, despois Conde de Sam Lourenço. Porém os Olandezes em Pernãbuco, ou confiados em seus bons sucessos, ou de nossa resistencia oprimidos, rebentãrão mais poderosamente; pelejando, e rõpendo muytas vezes, não só como soldados destros, mas como gente desesperada: segũdo acontece, quãdo com a mão, se detem o cano de hũa fõte, onde

multiplicandose pella dificuldade a força das agoas, rompe por largo espaço com muyto maior impetu do que trazia.

He larga, e alhea de meu proposito, a relação destes progressos; que a fortuna sempre foi dispondo favoraveis aos Olandezes; de tal modo, que entendida [R492] no Reyno, a miseria de aquelle Estado, pello ruim curso da guerra; começarão a intentar seu cobro, por meyo de hũa só empreza. Mas a tempo que melhorado o inimigo em sucessos, e procedimētos cõ os naturaes; por hũa propria medida, se perdião as memorias de nosso dominio, e se aumentava a afeição de seu governo: passando já esta afeição de Indios, a moradores. Tudo fomētava a industria dos ministros da Cõpanhia Occidental; que valendose dos cabedaes, e pessoas dos Judeos do Norte, punhão grande cuidado, em fazer como elles passassẽ ao Brazil, e se interessassem na cõservação, e comercio da terra.

Os Governadores do Reyno, ao Cõselho de Portugal, q assistia em Castella, junto a el Rey D. Felipe; o Cõselho a el Rey, em varias, e apertadas cõsultas, propunhão o remedio de Pernambuco; q o Conde Duque (primeiro ministro então de aquelle D. Felipe) não desprezava; ou por dar satisfação ao universal pezo da Monarquia, que sostinha sobre seus hombros, ou porq (como já dissemos) a coroa Castelhana, era assaz interessada na restauração de aquelle Estado, por notorios motivos.

Florecia por este tempo, em ilustre nome, Dom Fadrique de Toledo, Capitão General do Mar Oceano; onde tantas vezes havia batalhado, como vêcido. E como a vitoria da Bahia, e outros recontros nas Indias, e mares de Espanha, lhe facilitassẽ (sẽpre cõtra os Olandezes) a duvidosa fortuna das armas, [R493] entendião todos, *Era Dom Fadrique o mais capaz de oprimilos nesta nova guerra.* Ao que se ajuntava outra obrigação, alem do gosto do seu Rey, e eleição pública, pois como General dos presidios deste Reyno, parece lhe tocavão mais propriamente suas emprezas.

Para este effeito, se formárão varias Juntas, dos mayores ministros castelhanos, e portuguezes; cuja execução sempre se impossibilitava, conferindose com o General eleito: porque elle, ou desejando de assegurar aquella conquista, ou desviar-se della, já mais quis aceitála com menos de doze mil infantes, navios, artilharia, e bastimentos sufficientes a tal exercito: cousa

naquelle tẽpo impossivel, e em todos difficultosa. Cõ tudo, D. Fadrique procedeo tão constante nesta opinião, que da observancia della, se lhe originãrão desterro, e prizoens, e despois morte, e ruina.

Passarão a offerecer, com esperanças de grandes mercès, a jornada de Pernambuco, a Dom Felipe da Sylva: vindo então de Flandes à Corte, com a opinião de grãde soldado, q adquirio, e cõservou em todos os postos. Por ser portuguez, e capaz de receber nesta coroa os mayores aumẽtos, entendêrão se facilitasse a aceitar a empreza, q tambẽ em sua pessoa não houve effeito: *Escusandose pellos achaques, que padecia, e ignorar totalmente o exercicio da guerra naval.* Em cuja cõfissão, não mereceo menos louvor D. Felipe, que nas mayores partes, que delle a fama publica.

[R494] Em terceiro lugar foy escolhido Dom Antonio d' Avilla, e Toledo, Marquẽz de Vellada, e grande de Espanha, que com boa fama, e sufficiente prãctica governãra as armas d' Orão. Recebeo o cargo, e mercès, que lhe servirão de consequencia; porẽm tambem impossibilitado, por falta de força competente; se dispo: *Que Dom Luis de Roxas, e Borja (que em Flandes fora capitão de cavallos, e presidente em Panamá das Indias) passasse ao Brasil com o posto de Mestre de Campo General, e titulo de Tenente do General Marquẽz de Vellada na superintendencia desta guerra;* na qual entrou, e cometeo, ainda que com bastantes forças, desproporcionadas, em temperança, e disciplina. Erros, que castigou a morte, perecendo na primeira ocasião, ou antes della: e com elle não poucos soldados de valor; que entam quando sem tempo desbaratão, lamentavelmente se perdem.

Já corria nova prãtica: e sendo de pouco arribado â costa de Espanha, o Cõde de Linhares, quãdo voltava de Visorrey da India; a qual havia governado com mayor fama, q calumnia: bem que não sem ella (porque ambas sam como o Sol, e sombra, dos varões grandes) foy logo, em chegando, â Corte, encarregado da restauração de Pernambuco, á qual obedecendo, quis despois, se pezasse sua importancia na propria balança, em que a tinha pezado Dom Fadrique. Mas a opinião desta empresa pareceo não menos fatal no excesso, q na desigualdade; porq ao contrario das outras, a proporção a difficultava, e a [R495] facilitou a impossibilidade. Omito, ou reservo, os accidentes, que intervierão no desvio do

Linhares; em cujo lugar, succedeo o Conde da Torre, tambem de grande valor, e suficiencia.

Passou ao Brazil com mayor poder naval, que até então aquelles mares tinham visto. Sabe o mundo o successo, que sendo util a opinião, não pode ser inutil á Republica. Alli teve principio aquella memoravel viagem, que fes nossa gente, a cargo do Mestre de Campo, Luis Barbalho, raro por ella, nella, e antes valeroso. Com valerosos companheiros, atravessou quatrocentas legoas de desertos; pella barbara America: donde elementos, e homens, não poderão contrastar a constancia portugueza; que em maravilhas, e trabalhos escureceo esta vez, a famosa expedição dos Catalães em Grecia, e ainda a dos Macedonios em Asia.

Seguiose o governo do Marquèz de Montalvão, de cujo espiritu se esperavão grãdes efeitos, em ordem a recuperção de Pernambuco. Mas foy tam breve sua assistencia no Brazil, que só teve tempo para se dar a respeitar aos amigos, como prudente; e temer aos inimigos, como industrioso.

Seria estranha cousa, a meu intento, seguir a ordem de socorros, e cabos, que em varios tempos intervierão nesta empresa; porque para credito, do que se estimava, basta saber, que sem contar, os que já temos referido, tiverão parte nella, muytos outros homens, que occupavão os mayores pòstos d' ambos [R496] os Reynos; como forão, o Almirante Francisco de Valesilha, q morreo em batalha contra os Olãdezes na ocasião de Patria. Dom Jeronymo de Sandoval, destinado ao governo de hũa grande frota. O General Dom Lope de Ossis, q lhe succedeo, e pelejou cõ o inimigo. Seu Almirante D. Joseph de Menezes. O General D. João de Vega Baçan. O Almirante Francisco Dias Pimêta. O General Frãcisco de Mello de Castro, q faleceo navegando. O Almirãte João de Siqueira Varajão. E despois, com o Marquèz Dõ Jorge, o Almirante Joane Mendes de Vasconcellos. O General Conde de Villa Pouca, e seu Almirante real Luis da Sylva Telles; q ultimamente forão desalojar o inimigo da Bahia. O General Conde de Castelmelhor, e seu Almirante Pedro Jaques de Magalhães: cabos da primeira frota da Companhia; e o mesmo Pedro Jaques, duas vezes General de duas Armadas. Da mesma, e mais propria maneira, poderemos referir entre estes: o Mestre de Cãpo General, Conde de Banholo, q naquella guerra viveo, e

morreo. O General Mathias d' Albuquerque, que lhe deu forma, e principio. O Mestre de Câpo General Frâncisco Barreto, q lhe pos o felicissimo fim desta vitoria: dando felicissimo auspicio ao novo governo do Conde d' Atouguia, que ao outavo dia de seu triennio, alcãçou grãde triũfo. Dõde poderá inferirse qual foy a opinião, em q hũs, e outros Principes tiverão esta guerra, havendo ocupado nella tantos dos mayores homens de Castella, e Portugal.

[R497] He sem dũvida, que as Monarquias, á maneira do corpo humano, não sò nascem, vivem, e morrẽ, mas tambem adoecem, se curão, e tem melhoria; como outras vezes a perdem de todo, a sy mesmo, com a saude pũblica. Onde vimos, q o destẽperamẽto da fortuna do Estado do Brazil, cõ as proprias mézinhas se aumentava, sem que se lhe achasse cura competẽte.

Mudarãose os governos. As armas se entregarão em mãos diferentes. Multiplicarãose os socorros. Prevenirãose os cabedaes. Agora se provou a guerra vagarosa; agora se intẽtou o ardẽte sitio. Algũa vez a custosa interpreza: sã q nũca se atinasse cõ a virtude do remedio verdadeiro; atẽ q participãdo Portugal, por mais alto modo, da influẽcia de novos Astros, aquelles mesmos, q influirão a liberdade comũa, tomãdo por instrumẽto o animo real do Principe, q possuimos, esses mesmos (como necessariamẽte) cõprehẽderão em o géral, o particular beneficio: dispõdo os meios da felicidade, q oje experimenta o Estado do Brazil.

Disse, como ao proprio passo, q nossas cousas desmelhoravãõ, cresciãõ em opinião as de Olanda; e aumentandose com o tempo sua firmeza, foy aquelle novo governo facilmente passando do credito, á soberania, e della, â insolencia: solicitado do interesse, e vangloria; sendo certo, que as armas da Companhia Occidental (havidas antes por prudentes, e modestas, como a sua nação) se dispunhãõ em Pernambuco por taes modos, que o mesmo excesso da paciencia, com que se sofriãõ, estava mostrando, [R498] que não podia durar muyto.

Escusamos de satisfazer ao mũdo, em a dũvida, q não teve, acerca da justificação, e causa dos levantamentos, que fizerão os povos d' aquella provincia, contra seus oppressores; porque tam antiga he a desesperaçãõ, como a violencia; a vingança, como o agravo. Confessamos, que respeitosa Europa às maximas de Estado dos Olandezes, de tal qualidade, e ventura, que lhe servirão de

alicerce a hũa Republica nobre; parece que desejou (mas em vão) averiguar outros misterios, dôde prefilhasse a resolução d' aquelles povos.

Elles incapazes de tolerar o governo presente; aconselhados da queixa comum, que n' alma lhes fallava com ousadia; das muytas ruínas, a que se vião precipitar, elegêrão por menos rigurosa, a mais breve. Assi rompendo em pública solevação, clamavão *Liberdade*. Tomârão armas, e fizerão hum corpo de mil e quinhentos mancebos, os mais honrados, e briosos da patria; servindolhes de conselheiro, e Cabo João Fernandez Vieira: opulento, e honrado morador, de Pernambuco; agora nobre Capitão: a quem a pública liberdade será para sempre, devedora; não sò como a inventor valeroso, mas como a constante companheiro.

Opunhase a esta resolução a potencia, e respeito dos inimigos: e ainda dos naturaes, aquelles, que com mayor discurso, ou interesse, a julgavão impossivel. Se foy mais vencer as cautellas, que as armas, [R499] os exemplos o digão: vendo muytas vezes o mundo perigar os valerosos, antes nas astucias dos fingidos amigos, que na força dos inimigos declarados. Là, porque não faltasse algũa circumstancia do famoso vencimento, tanta victoria se alcançou do poder como da calumnia.

Antonio Telles da Sylva, prudente Governador do Estado do Brazil, quando os povos (já livres) de Pernambuco lhe pedirão auxilio para conservar a liberdade, que sem elle, havião conseguido, fes grãde repugnancia a concederlho; em quanto não acabou de entender: *Era observancia da paz, temperar os tumultos*. A justificação do rogo d' aquelles vassallos, excluía todo o recêo de inconveniente. A brevidade, com que se necessitava da reposta, não dava lugar, a que se consultasse com el Rey. Compadecerãose as bárbaras nações, e os Indios rudos, se moverião à piedade, â vista das miserias, e perigos d' aquelle povo, a quem se a militar violencia fizera alheo, o sangue, e religião mantinhão nosso. Assi se escusava despois, o Governador Antonio Telles, do cargo, que se lhe fes, por razão d' algum excesso, obrado de nossas tropas na campanha; as quais a falta do mantimento necessario, alargou, não sem causa, as licenças da guerra. Porê ainda não de todo satisfeita a Justiça do nosso Rey, em obsequio da incorruta amizade, passára adiante com as demonstrações rigurosas, se a morte do

Governador o não atalhâra, interpondo-se entre a prisão, e o castigo [R500] com miseravel naufragio.

Então el Rey Dom João de Portugal, porque se concertasse a obrigação natural, que tinha a hũa notavel parte da nação portugueza, e a civil obrigação, que guardava na correspondencia, e concordia com os Estados géraes, resolveo: *Mandar àquelles povos, Francisco Barreto, illustre em sangue, e espiritu; de juizo, e valor, qual convinha para os dispor em observancia politica, e os admitir na militar. E pois seu passado rompimento já não tinha outro remedio, os fizesse abster de novas demasias; assegurandoos juntamête das vidas, sem os desesperar da liberdade.* Por ser este só o meyo, q os podia cõservar ordenados, e obediêtes; em quãto se não achava algũ honesto partido entre o furor, e cõveniêcia.

Para este efeito, se lhe conferio a Francisco Barreto o titulo de Mestre de Campo General; em ordem ao Capitão General do Brazil, assistente na Bahia. Entendendose, que sem a authoridade de hum Cabo principal, não seria facil introduzir el Rey as ordens necessarias, sobre aquella gente. Chegou Francisco Barreto (não a caso) primeiro que a seu governo, ao Arrecife; onde ferido foy levado, por ser prezo no mar, de parte da Armada Olãdeza. Parece que já desde entam lhe derão fatalmente posse daquella praça, que alguns annos despois lhe havião de entregar, como agora veremos: em tal maneira, que continuandose a este fim, extraordinariamente a ordem das cousas, Francisco Barreto alcançou a liberdade não esperada, por mãos de seus cõtrarios: [R501] nem sendo a primeira: porq muytas vezes ordenou Deos, nos viesse a saude, da parte de nossos inimigos.

Porèm aquellas armas Olandezas, costumadas no Brazil a felicissimos recontros, impacientes agora nos acordos (que por todas as vias se procuravão) prevenirão a aquelles moradores, poderosamente o castigo, q Deos quis voltar sobre ellas proprias: sendo em duas batalhas, q dizẽ dos Gararãpes, vencidas, e desbaratadas, por Frãcisco Barreto, e os mais cabos, e soldados de Pernambuco. Do que novamête estimulada a Cõpanhia Occidental, traçou revindicarse, interprendendo algũ sitio na Bahia; porq pella diversão cessassem a Pernambuco os socorros, que já temião lhe desse o Reyno. Mas o mesmo successo justificou a

causa dos Portuguezes, e acusou a sospeita contraria, vendo logo a Companhia Occidêtal, q os progressos de Pernambuco, forão os propios, q até então; donde por vêtura (ainda q fóra de tẽpo) conheceo o desacerto, cõ q havia inquietado a Bahia: sabêdose como el Rey de Portugal mãdâra lâ sua poderosa Armada; da qual não só resultou a segurãça da praça, mas q dividido o poder da Cõpanhia Occidêtal, nem bastasse para sustentar o sitio, tomado na Bahia, nem para resistir os assaltos, que lhe davão em Pernambuco.

Como seja cousa sem disputa, que a união he aquelle forte laço, q fas incontrastavel a potencia dos Imperios; e que das tres partes, em que os melhores se fundão: armas, comercio, opinião, ella procede [R502] do comercio e das armas; não faltárão em Portugal alguns vassallos, professores da negociação, e zelosos do bem do Reyno, que consigo discursassem, e despois huns, e outros conferissem: *Que se o Estado do Brazil se arruïnara pellos efeitos, que nelle havia obrado a Companhia Occidental, levantada em Olanda; o total remedio de aquelles danos, consistia: em que Portugal formasse outra companhia semelhante; com que atalhar os progressos da primeira. Porque sendo assi, que havendo os Olandezes já perdido a cultura da terra de Pernambuco (antes por nam haverem acertado o modo de lavrar os assucares, e despois pello levantamento dos naturaes) já lhes nam restava outra esperança de interesse, que a piratirìa dos navios marchantes; os quaes â custa de nossos mercadores, trazião com grande dispendio, e trabalho, o assucar, e mais generos do Brazil, para os do Norte; os quaes, sem perda, ou risco, os mandavão cobrar como reditos propios, pellas fragatas de seus cõsarios. Era a razão porq nossa gête, navegava agora cõ a propria desprevenção de armas, que usara no tempo mais pacífico; presumindose por outra parte, q alguns mestres fraudulentamente, fundavão o mayor interesse na ruína; porque tomando sobre seus navios, a titulo de fornecimento, mais dinheiro do que elles valião, de proposito buscavão o perigo, ou se nam desviavão delle, porque com a perda de suas embarçaõens, erão escusados de pagar as cantidades sobre ellas recebidas.* Tam sutil he a malicia, que com malvada agudeza, quis fazer conveniencia da desgraça.

Em breve se vio discursada, e introduzida esta nova Companhia de Portugal, cõ nome de: [R503] *Companhia gêral dos Comercios do Brazil*; e logo

favorecida del Rey, e seus conselhos: estendida pouco depois aos termos, não só de nosso Reyno, mas de muytos de Europa; adonde quando não haja chegado por interesse proprio, alcança por comunicação comutativa. Logo o confessarão bem os êmulos desta coroa, buscando modo de impedir seu progresso: como se vio, dos vandos, e editos, que publicarão, por atelhar a seus subditos, aliados, e devotos, se interessassem nella, com penas, officios, e amoestaçoens.

Erão 4. de Novembro do anno de 1649. quando saio de Lisboa a primeira Frota, da nova Companhia géral dos Comercios; a qual ia mandando em titulo de General, o Cõde de Castel-melhor, prudête, e fidelissimo entre nossos cabos, e q passava por Governador de aquelle Estado. Seu Almirãte, e sucessor na Armada, Pedro Jaques de Magalhães. Foi prospera a viagem; e suposto que os moradores do Brazil, fizessem algum reparo nas condições, acerca delles concedidas no Reyno â Companhia; com tudo, a esperança, que comũmête se concebeo de seus efeitos, era tam importante, que bem contrapezava os incomodos presentes: sem os quaes nenhũa novidade, posto que utilissima, pode introduzirse.

Tal foi seu processo: continuado em diferentes Frotas, as quaes poderão crescer mais brevemête na força, e interesse, se outros não esperados, nem merecidos accidentes, se não opuserão ao curso destas [R504] viagens. Mas porque as materias do comercio do Brazil, pello tocante ás praças da Bahia, Rio de Janeiro, e outras menores, hião mostrando caminho de grande melhoramento, estas proprias esperanças, lhes servião de incêtivo aos moradores de Pernambuco, para que de novo desejassem participar do mesmo interesse, descanso, e prosperidade, a que jã vião aparelhar seus visinhos.

São manifestos ao mundo (em vozes, e escritos) os motivos porque Ingrezes, e Olandezes quebrarão sua antiga concordia; servindolhes a visinhança, que devia ministrar sua amisade, de hũa perpetua ocasião de contenda. Aquellas naçoens, igualmente valerosas, não querendo, nem devendo, cederse hũa a outra, nos pontos da opinião (que não só he escudo, mas tambem espada, das Republicas) remetêrão à sentença das armas, as duvidas que a razão não pode satisfazer. Assi embaraçada Olanda, ja com os bons sucessos das Armadas inimigas, jã com a prevençãõ das suas; foi impossivel poder estes ultimos annos mandar ao Brazil, aquelles socorros, de que necessitavão os presidios, da

provincia de Pernambuco, especialmente o Arrecife, e cidade Mauricea: a quem as estancias dos Portuguezes, seus assaltos, ousadia, ordem, e vigilancia, tinham reduzido a hum apertado, posto que largo, cerco: porque ainda que o mar ficava livre, era já poucas vezes cortado de seus socorros, pellas causas referidas; e os mal armados, e pequeninos navios, q demãdavam aquelles [R505] portos, por ordem de seus mayores, se empregavão antes em buscar prezas, de que aproveitarse, que em cultivar o commercio, que esperimêtavão ainda mais inutil.

Crescia em a ocasião, o justo desejo da ultima liberdade, em todos os moradores de Pernambuco: que como fundassem em esperanças tão vivas da melhora, não podia, sem risco de mayor dano, contradizer o Mestre de Campo General, Francisco Barreto: porque mais companheiro, que superior, governava aquelle povo, não izento da sugeição dos proprios, que lhe obedeção; e poderião escusarse de obedecelo, logo que seu ditame se encontrasse com o comum, nas espedições publicas. Quanto mais que a terminação da passada tregoa, nem por termos, nẽ por exemplos, já prohibia a hostilidade.

Sáira de Lisboa (segundo sua ordem) em tres de Outubro do anno passado de 1653. a Armada, e Frota da Companhia géral, governada do General Pedro Jaques de Magalhães, e seu Almirante Francisco de Brito Freire. Tomou a Ilha da Madeira, por negocio; e por necessidade a do Caboverde: onde reparados alguns navios, e juntos os do Porto, q se havião anticipado, navegãrão todos em numero de 64. na volta do Brazil; despachãdo primeiro o General, alguns ordinarios avisos ao Mestre de Campo General de Pernambuco, Francisco Barreto: *Para que se apercebesse a receber os marchantes, que levava, e lhe mandasse ter prestes os que havia de comboyar â [R506] Bahia, e trazer a este Reyno.*

Chegou com a primeira carta em 7. de Dezembro o Adjudante João Baptista, havendo desembarcado em Camaragibe porto visinho. Da qual entendendo Francisco Barreto, e mais Cabos, que no Conselho assistião, o poder da Frota, e officioso animo do General della (que por si, e pella Companhia géral, lhes manifestava: a fim da consolação de aquelles povos) julgãrão: *que a Providencia os convidava com sua propria liberdade. E que descuidar della, ou deixalla para outro tempo, seria ingratição a divinos, e humanos socorros.*

Erão ao parecer invenciveis as difficuldades, para intentar a empreza. Mas como seja antigo costume dos negocios, que os que estão destinados a bons fins, naturalmente correm para a execução; assi se hião facilitando os mayores impossiveis, como se elles mesmos ajudassem ao fim q se pretendia. Então repartidas algũas secretas ordens, de preparação militar, os que de fóra melhor interpretavão• essas confusas demonstraões, tinhão por certo: *Que pello aviso da Armada se aparelhava nossa gente, para algũa custosa novidade; a qual se se regulasse pello estado das miserias presentes, menos se poderia esperar de gloria, que de fadiga.*

O dia 20. de Dezembro (que ja parece mes fausto, para dar principio á liberdade Lusitana) appareceo a Frota sobre Pernãbuco. Foi vista do Arrecife; e suposto que seus Cabos não presumirão della [R507] outro desinio, que ordinario comboy, até aquelles pórtos; para receber os navios, q houvessem de sair delles; ainda assi como prudentes ordenarão: *Que hũa de suas esquadras, reconhecesse o poder de nossa Armada.* O que havendo algũas de suas *faluas*•, chegãrão cõ outros navios nossos à bateria; dãdo, e recebêdo cargas, até que ajudados os Olandezes da ligeireza, e vento, o ganhãrão com facilidade â nossa Frota, por observar seguros sua determinação. Mas a este tempo estava já quasi surta, junto do Arrecife, na forma conveniente, onde se comessou a tratar do manejo ordinario.

O Mestre de Campo General Francisco Barreto, e os mais Cabos, em cujos peitos ardia o fogo de aquelle grande pensamento, acezo (como fatalmente) não sò do valor, e necessidade, com que se achavão, mas de hũa superior confiança, prometedora de gloria; não cessarão de prevenirse para conseguila. E parecendo: *Que o primeiro passo era persuadir ao General da Armada, se detivesse, ao menos hum mes, naquella paragem, se buscarão os meynos convenientes de lhe propor esta demora.*

Ajuntarãose aos 25. de Dezembro, dia do nascimento de Christo, todos os Cabos de terra, e mar na villa de Olinda (que já fora cabeça de aquella Provincia, e agora justamente era seu coração) com o Mestre de Campo General, Francisco Barreto, e Mestres de Campo, João Fernandes Vieira, Andre Vidal de Negreiros,

Francisco de Figueiroa [R508]; seus Sargentos mòres, e algũs officiaes da guerra de Pernambuco; e com o General da Armada, o Almirante della.

Então foi proposta, e disputada a empreza da liberdade: *Diziase por parte dos subditos, que a miseria presente de hum povo nobre, Portugues, e Christão, nam dava lugar ao conselho; porque no ultimo aperto todo o remedio he licito. Que qualquer dos naturaes de Pernambuco, costumados a batalhar, antes queria morrer do ferro, que da necessidade: e avezados a vencer, nam receavão as forças do inimigo, como as da fome. Que os Olandezes erão menos do que o forão, quando por duas vezes os desbaratãrão. Aquelles proprios pilouros, já desprezados na campanha a peito aberto, lhes nam serião agora mais horriveis, por serem tirados de tras de seus parapeitos. Quando se cobrarìa a ocasião, se então se perdesse? O inimigo enfraquecido, os amigos poderosos; destros, e conformes seus Cabos; resolutos os companheiros. A desesperação era conveniente, ou perigosa, segundo os fins a que se applicava. Se nam querião empregala em proveito de todos, olhassem nam se deliberasse ella por si mesmo, aconselhada da injuria. Os Cabos dizião: Que elles se achavão tam obrigados ao valor, e aflicção de seus subditos, que nada recearião menos, que acabar com elles a vida, ou a empreza. Que nam sô estavão oferecidos de boa vontade aos riscos da guerra, mas até aos da calumnia; expondo tam liberalmente pello bom successo, o coração às espadas inimigas, como ao cutello do algoz, quando a sorte saísse contraria, ou mal entendida; se acaso sua resolução fosse interpretada, a [R509] desobediencia. Acrecentãrão huns, e outros: Que só querião da Armada, a necessaria assistencia, para a guarda do porto, e desvio dos socorros; mas com tal premio, e esperança, que se Deos lhes dêsse vencimento, seria sua a mayor parte da vitoria; pois nam era duvidoso, que quem lhe assegurava o mar, lhe atava as mãos ao inimigo. E que finalmente pedião aos cabos da Frota, por ultimo partido, que já que se quizessem ir, e desemparalos, ao menos se detivessem até os ver morrer a todos, subindo pellas muralhas inimigas, para que a fama de seu derradeiro valor e a lastima de sua ultima miseria, se divulgasse, e se justificasse por todo o mundo.*

Tal foi a proposta. A que respondendo alguns, forão de parecer: *Que se nam devião inquietar inimigos de tanta opinião, sem poder bastante a superalos.*

*Que intentando agora em vão a empreza, era impossibilitada para melhor tempo. Que se conservasse nosso descuido, deixando crer aos Olandezes, ainda que com desprezo, o mesmo que estavam crendo. Para o que convinha mostrar no breve despacho de aquella Frota, que seu espiritu sô era de comercio, e nam de conquista; dando lugar a que os affectuosos officios dos ministros de Portugal, e Olanda, acerca da paz, descobrissem os mais certos meynos della. Ou que desenganados os Portuguezes, resolvessem em outra forma, a futura viagem; porque arribando a melhor tempo ao Brazil, e com as prevençoens necessarias, obrassem como valerosos, e prudentes; deixando o bom successo seguro nas duas ancoras da consideração, e valentia. Era constante, que em [R510] Pernambuco se achava o General Sigismundo Van Scop, soldado de grande crédito, mestre, e pay, de aquella guerra; em que desde seus principios trabalhára, cercado de hum Conselho astuto, e vigilantissimo. A praça nam era hũa só, senam muytas, e muy regularmente fortificadas: e suposto que cõ menos guarnição da necessaria, nam tam pouca que de todo faltasse onde convinha; porque sendo quasi dous mil homens, os que tomavão armas, havia pouca desigualdade dos sitiados, aos sitiadores; ainda nam contando em os primeiros, a ventagem da disciplina; porque os mais delles serão soldados praticos, criados com a lição militar de grandes Capitães; vistos em casos semelhantes, de expugnação, e defensa; o que tudo parece, faltava aos nossos; menos a ousadia: tam sobeja, que ella por si julgava poder suprir todas estas faltas. E quanto ao q se dizia dos mantimêtos, por poucos que fossem, excedião aos nossos; porque ainda entre os Olandezes estava por encetar aquella quantidade, forçosamête prevenida, para o ultimo aperto. As muniçoens, e petrechos, se estimavão excessivos; pois com pequeno dispendio, as havião preparado, vinte e quatro annos. Logo de nossa parte, além do referido, nos achavamos sem artilharia grossa, e muyta; sem polvora bastante, sem artilheiros destros, nem engenheiros competentes ao sitio, que se emprendia. Além de que, concedendo ao valor dos Portuguezes, que ganhassem a viva força, parte das fortificaçoens exteriores, quando o inimigo se reduzisse ao Arrecife, já lhes nam sobejaria poder aos nossos, para o lançarem delle, nem em quanto alli se conservasse, era importante a recuperação das outras praças exteriores.*

Contra o melhor discurso, que parecia este, prevaleceo [R511] o mais ousado; repartindose o furor de cada hum, pello alvoroço de todos: demonstração, que as mais vezes costuma ser fausto agouro da vitoria. Porém porq inteiramête não ficasse á cõta de interiores movimentos, que o desejo muytas vezes falcifica o felicissimo fim, que prometião a seus trabalhos, derão tambem razoens, muytos dos circunstantes, com que provavão ser a empreza tão possivel, como era precisa.

*Primeiro, porque o era, a respeito da eminente necessidade. E que em vão preguntavão, se devião fazer, o que não podião escusar. Que de nossa parte militava a ordem, brio, e ventura; assistidas da justificação da causa daquella guerra. E que sendo boas as disposições, raras vezes deixão de corresponderlhes fins ditosos: como o bom grão, que se semea, corresponde com outro igual, quando nasce. Que os inimigos sobre abstinentes, e queixosos, se achavão varios, e desunidos; donde nascia, que desconfiados seus cabos, interiormente os receavão: de que temerosos (com causa, ou sem ella) os proprios subditos, obedecião aos superiores, com medrosa cautela. E huns, e outros julgavão de nòs, que com industria militar, fomentavamos em os subditos o temor, e nos superiores a desconfiança. Fazião com razão, memoria da faustissima sorte de nosso Rey; de cuja protecção querião participar, antes para ser ditosos, e depois para viver satisfeitos: allegando não sò, A felicidade dos sucessos passados no Estado do Brazil, mas o maravilhoso modo, porque se recobrara o Maranhão, e S. Thome, e sobre tudo a famosa restauração de Angola. As faltas que se opunhão [R512] dezião: As podia remediar aquella Armada. E que todas as mais dificuldades ficavão satisfeitas, por aquella maxima inalteravel, que da fortuna infima, todos os que se movem, se melhorão.*

Mostro parte das razoens, porque se veja, não se elegeo sem ellas esta resolução. Quem tanto resistiria! Então o General da Armada, manifestando seu animo, e de seus Capitães, foi de parecer: *Que pois o perigo era tam copioso, que ameaçava a universal dano de aquelles povos, elle nam deixaria por sua ausencia perecelos; porque antes vinha em receber o castigo de ser complice em sua salvação, que em sua ruína, se de tudo lhe resultasse algũa culpa. Tendo tambem por certo, que se a Companhia gèral, a quem servia, se instituïra mais*

*em beneficio dos vassallos do Brazil, que dos do Reyno, elle seguia esse proprio fim, ajudandoos para que escapassem da ultima perdição.*

Passou logo a discorrer sobre a ordem das cousas, e esta parecia mais duvidosa de ajustar, que as vontades, dispondose: *Que as primeiras fortificaçoens do inimigo, se fossem ganhando; por começar vencendo.* E foi para este efeito elegido por boas razoens militares, o forte que dizem das Salinas, e fora antiga casa do Rego; acrescentando: *Que por aproveitar da discordia, se passassem, e repartissem Boletins, escritos nas tres lingoas de Olanda, Inglaterra, e França; em que se convidasse com premio, e liberdade aos soldados, que se reduzissem a nosso partido. E pois estava junto o mayor poder, que era possivel; se fosse tentando, e [R513] ameaçando por muytas partes o assalto. Porque os Olandezes, que tudo esperavão de nossa resolução, se temessem agora de ser desesperadamente combatidos. Porém que o grosso de nossas armas, deixando poucas (para os fortes pequenos) a todo o risco investisse ao Arrecife: que era o coração da defesa contraria. E que da Armada, com grande aparato das falúas dos navios, e barcos dos moradores, se fosse lançando gente em terra, á vista do inimigo; a qual com advertida industria, de noute se podia recolher: tanto para guarda da Frota, como para que repetindo sua desembarcação, parecesse que era mayor numero de soldados. Dos quaes realmente se poderia usar todas as vezes, que a ocasião o pedisse na terra; onde do Almirante Francisco de Brito Freire, serião governados; porque a Frota, ainda que menos guarnecida, por si mesma se segurava; nam havendo então no mar, quem lhe pudesse dar batalha. E dos riscos do fogo, com que sò poderião provar algũa sorte os inimigos, melhor se guardava com a vigilancia, que com o proprio poder.* Ordenouse: *Que os marchantes se remetessem logo á Bahia, sufficientemente guardados. E que as náos de guerra, prolongadas, e surtas, tomassem a Barreta, e barra do Arrecife. Que duas Companhias da Armada, assistissem sempre em as prayas do Sul, e do Norte, a fim de se impedir qualquer movimento de entrada, ou saída dos contrarios. Que junto à Marinha franqueassem sempre o Mar alguns barcos; e mais fôra as caravellas, e pataxos, até o surgidouro dos navios grossos. [R514] E que cada hum surgisse conforme o fundo, que lhe era necessario, tendo por*

*proprio lugar, o que o prumo lhe dêsse. Cinco sumacas dos moradores, com artilharia, e gente escolhida, a maneira de ronda, para acodir a todas as partes, navegassem sempre pello concavo da meia lua, que formava o resinto da Armada. E que por fora della velejassem algũas embarcações ligeiras, espiando o mar, em perpetua vigia. Que na terra se repartissem os pòstos, e pessoas para elles; com todos os petrechos necessarios, ao que houvesse de obrar cada pessoa. Com prevenção, que sem perdoar a risco, gasto, ou discomodo, se acudisse com o possivel a todas as partes, serrando os olhos a qualquer outro fim, que nam fosse o da empreza, em que já além de conveniencia, estava posta a reputação do nome Portugues, sobre o remedio de aquelles povos, tam dignos delle, que atè arriscandose a perder o proprio, que se ganhava, poderia solicitar selhe; para cujo efeito todos se oferecião com vidas, e fazendas: particularizandose nesta oferta, como nas mais acçoens da empreza, o Almirante Francisco de Brito Freire, a quem de seu cabedal, se aceitarão mantimentos, de que aos soldados da terra, se repartio ração por muytos dias.*

Tais forão as ordens, prontamente executadas pello zelo dos que mandavão, e diligencia dos que obedecião: como mostrou o sucesso; e porque a Armada lhe cabia tanta parte da empreza, acordou o General, comunicala logo a seus capitães, q cõformes a aprovarão, e obedecerão. Logo expõdose ao dano da demora, sem embargo do interesse da breve viagem, cada hũ prometia esforçarse a esperar o tẽpo necessario, atalhando as faltas, q podião sobrevir.

[R515] Expedida assi a Frota para a Bahia, donde chegou a salvamẽto; ocupou brevemente a Armada, o lugar determinado, cerrando de tal maneira, hũa, e outra barra, que cedo antevirão os sitiados sua ruína; porque sendo das nossas sumacas de guerra, investidas algũas das suas, que da Ilha de Itamaraca, e Praiba, cozidas com a terra, pretendião meter mantimentos no Arrecife; hũas ganhamos, e outras se perderão, varando na area.

Muytos são os exemplos, que nos mostram ser a ventura, filha legitima da diligencia. Pella qual regra (poucas vezes quebrantada) não podia julgar menos afortunados os passos de aquelle exercito, quem observasse a presteza de seu movimento; pois recebendose o primeiro aviso da Frota em 7. de Dezembro; e sendo sua chegada a 20. e o ajustamento da empreza a 25. elle se via já

encaminhar á execução o dia 5. de Janeiro, em o qual se despregarão felicemente nossas vitoriosas bandeiras.

Reconhecido já o poder, e intento dos Portuguezes, se fizerão ao largo todos os desouto navios de Olanda, que guardavão o porto. Por cujo desvio as embarçaçoens marchantes, largo tempo detidas nos portos de Serinhaem, Rio Fermoso, Tamandaré, e Camaragibe; se passárão logo para o Pontal de Nazareth; donde prontamente o Mestre de Campo General Francisco Barreto, as fes carregar dos bastimentos, e petrechos prevenidos; e com elles mil Infantes, que desejava chegassem descansados, para [R516] empregar seu repouso na mayor fadiga da ocasião. Fazendo marchar por terra no mesmo dia, o resto dos esquadrões; hũs, e outros com a ordem, que havião de seguir no transito, viagem, desembarcação, e interpreza dos póstos.

Então o General Sigismundo, Cabos de guerra, e Ministros de conselho politico; começárão igualmente a prevenirse, e a temerse. A deliberação de nossas armas, mostrava não se moverem casualmente, antes, q para algũ grande emprego, erão prevenidas com tanta dissimulação, e aparato. Da resistẽcia interiormente duvidavão, pella desconfiança, que se havia apoderado de seus animos. Com tudo, como destros, e práticos soldados, não perdoando a algũa diligencia, correrão suas fortificações, e repararão nellas até a menor falta: desvelados (com louvavel disciplina) em observar dias, e noutes, os passos de nossa gente.

Amanheceo quinta feira quinze de Janeiro, assentada a primeira bateria sobre o forte, chamado: *do Rego*. Constava de cinco meynos canhões de vinte e quatro libras; para cuja defensa, e fabrica, das trincheiras necessarias, levavão prevenidos dous mil sacos, que logo forão cheos de area, e algũs festões brevemente terraplenados, que servirão com bom efeito, para a forma, e resguardo, assi da plataforma, como de quinhentos mosqueteiros (gente escolhida) a quem se tinha encarregado este primeiro aproxe. Governava aquelle forte, o Capitão Hugo [R517] Mâyer, e tinha em sua defensa cem soldados; cujas forças assi soube empregar, que nesse proprio dia fes duas saídas, e pelejou a peito descuberto cõ os Portuguezes: sem embargo, q os primeiros golpes dos exercitos, são de dificultosa resistencia. Porém a de Mâyer, foi acompanhada de

seus canhoens, que naquellas poucas horas de bateria, tirãrão cõtra os sitiadores, mais de trezentas ballas grossas. Igualmente furiosa, jugava nossa artilharia, a qual não perdendo golpe, desbaratou quasi todos os parapeitos, ofendendo os soldados com hastilhas, e lascas repetidamente. Aumẽtavase o valor dos Portuguezes, com o desassocego dos cõtrarios. As doze horas da primeira noute do cõbate, tinhão desẽbocado o fosso. Mas o inimigo, vẽdo algũs mortos, e não poucos feridos, se escusou de esperar o assalto, q não podia resistir. Fes chamada, a q em breve se seguio o partido das vidas; cõ honesto tratamẽto, e franca passagẽ. E porq dos proprios rendidos, se entẽdeo que aquella menham lhes chegaria socorro; dispos antes o Mestre de Câpo General, que tres cõpanhias occupassem o forte, cõ tal ordem: *Que chegando algũa gente do inimigo, lhe cortassem a retirada, e abrissem as portas, para q dentro, ou fõra fosse investida. E para mayor segurança de q lhe não escapasse, se fosse continuando a fingida escaramuça.* O q sendo executado, não houve efeito; porq a sobeja cautela, cõ q deceo o socorro pello rio abaixo, em chalupas, e bateis, e o demasiado fervor, cõ que os esperarãõ, desvaneco este desinio. He costumado, mas toleravel [R518] o desacerto, que procede da ousadia, por ser a colera hum affecto tão violento, que se não reduz a preceitos humanos. Com tudo os Capitães se desculpavãõ, dizendo: *Que por falta de algum prático na lingoa, não puderãõ responder as acordadas perguntas, que hum sò official dos inimigos, se adiantãra a fazerlhes, antes de empenharse na entrada; da qual vendoos já duvidosos, quizerãõ empregar, ainda que ao largo, algũas cargas de mosquetaria, de que os contrarios receberãõ menos dano, que temor.*

Tocavalhe a Henrique Dias, Governador dos Minas, a bateria do forte de Altanà (que já fora de Portuguezes, perdido por descuido, não ha muytos annos) por haver sido sua aquella estancia, largo tẽpo. Chamou seus soldados, e com razoens, e exemplos do esforço dos brãcos, lhes mostrou: *Como o valor não consistia nas cores.* Formarãõ outra plataforma de seis meyo canhões, e se adiantãrãõ com as trincheiras, ousados, e diligentes; trabalhando já nellas mais de novecentos homens entre Minas, e Portuguezes. Até que cubertos de sua trincheira, e descubertas as do inimigo, se comessãrãõ a bater de parte a parte, por muytas horas, com grande peso de artelharia.

O Camarão, Cabo dos Indios, astuto, e valeroso, com trezentos de seus soldados, rodeou pella parte da Barreta, passando tão avante, q foi achar hũa casa forte, guarnecida de algũs Olâdezes armados, a qual cometeo, e desalojou, tudo a hum tempo; seguindoos despois até o forte da Barreta: donde encerrados, [R519] e de novo acometidos, assi de repetidas cargas, como de temeroso alarido (de que usão os mais em seus combates) conceberão não menos temor pellas armas, que pellas vozes, a quẽ a escuridão da noute, fazia mais horriveis; de sorte, que desesperando da defensa, salvandose, e perdendose muytos dos retirados, desemparrão todos o forte, que em breve veyo ás mãos do Camarão, sem golpe de espada, ou tiro de mosquete.

Sigismundo, que se via com muytas forças, que defender, e pouca força, com que defendellas, determinou com parecer de seu Conselho: *Reduzirse sômente ao Arrecife, sentindo (já fora de tempo) a divisão de sua gente, derramada pellas fortificaçoens; e muito mais a q dera aos navios; porque a primeira falta, podia emendar como quizesse, e segunda era irremediavel.*

Por esta causa fes despejar algũas defensas; e sendo de boa opinião aquelle forte, que dizião: *Buraco de Santiago*; nem por ella se quis obrigar a defendelo, antes ordenou: *Se desemparrasse a menham de 18*: o que se pos por obra tão apressadamente, que deixârão nelle algũa artilharia grossa, por ser dificultosa sua retirada.

Durava a bateria do forte de Altaná, e passando a ella o Mestre de Câpo General, fes novos esforços, por apertar os inimigos. Parecialhes: *Assi sitio como as fortificações de grãde utilidade, para seus intentos. Dificil porém de ganhar; e por isso digno de mayor cuidado seu combate.* He o assento deste forte tão perto do Arrecife [R520] que lhe alcançavão delle muytas ballas, com dano consideravel, o tempo que os nossos o conservârão. Pello que, assi por este respeito, como o da segurança das espaldas, que se lhe havião de dar forçosamente em o assalto do Arrecife, convinha muyto, que elle se tirasse primeiro das mãos dos inimigos.

Domberguen, Sargento mór do Coronel Hautin tinha a seu cargo esta defensa, com mais de duzêtos soldados escolhidos, e dez pessas grossas, assistidas de destros artilheiros. Erão os socorros certos, pella porta que

desemboca ao Rio Bibiribe, que lhe serve de fosso; a quem fortalece hũa plataforma de tres estacadas: e sobre tudo, os grandes alagadiços, que por esta parte deixão impossivel sua expugnação.

Batião com pouco dano, nossos canhões, nem podião sem dilação fazer importante efeito; sendo certo, que segundo os poucos meyos, que havia para a conservação dos sitiadores, os dias se reputavão por meses; e o que mais confundia, quando não desesperasse, era o saberse a facilidade, com que aquelle forte podia ser socorrido: cujo receo se confirmou, vêdo que a pesar nosso, sem arte, ou força, q nos valesse, o Adjunto Wolf lhe tinha já metido cinquenta mosqueteiros de refresco.

Procedião incansavelmente os Minas, ajudados de seu Cabo Henrique Dias, que com mãos, e conselho, lhes era companheiro, e guia, em todos os sucessos. Tinha ordenado: *Que alguns dos seus, induzissem aos Cabocolos* (assi se chamão huns a outros os Indios da [R521] terra; e nós usamos o mesmo nome, e são gente indigna de piedade, e militar cortesia, pellas cruezas, que professão) *a que desemparassem a praça, que já estavão minando para voar, e voaria brevemente.* De que os Gentios temerosos, se lançârão de noute pella muralha ao rio, deixando tão inficionados do medo, aos que ficârão, pella razão de sua fugida, que esses forão de tão pouco prestimo á defensa, como os proprios que a desamparârão.

Amanheceo, e tomando os soldados Olandezes da guarnição do forte, por motivo o perigo imaginado, que a constancia dos nossos fazia mais certo, ja em publico motim, clamavão a entrega; ameaçando com as armas seus officiais, a quem dizião: *Que da morte, ou da capitulação, escolhessem o partido, que mais lhes convinha.*

Forão resistidos. Mas finalmente fizerão chamada: que não advertida dos sitiadores, se repetio muytas vezes. Até que descubertos, e desarmados, se sobirão aos parapeitos, pondo sua confiança por sinal da paz, que pedião â nossa gente. Para a qual dispostos os meyos ordinarios, foi em breve conseguida a partidos de mayor utilidade, que opinião: porque os soldados, com o alvoroço da vitoria, e o sentimento do despojo, que não gozârão, acusavão a facilidade dos rendidos, com vozes desordenadas. Houve efeito a entrega, e sairão vivos cento e

setêta e dous Olãdezes, em tres cõpanhias, e o Domberguen seu Mayor; deixando a praça inteira, e [R522] guarnecida. Mas a demasia de nossos soldados, foi igualada, e vencida do humanissimo trato, com que o Mestre de Campo General recebeo os vencidos; os quaes remetendose ao General da Armada, mando, cõ grande comodo, repartilos em seus navios, por ser assi capitulado.

Continuavão os bons efeitos dos Boletins, passandose aos Portuguezes muytos dos soldados estrangeiros, que assistião nas praças; com que seu temor se aumentava, e nossa esperança. Mas porque o numero da gente Olandeza, era já muyto menor do necessario, para as guardas ordinarias, e serviços particulares, ordenou Sigismundo: *Que o forte chamado: Perrexil, e o dos: Afogados, com duas casas fortes, que havia entre elles, se desmantellasem, e ardessem.* Como logo se executou, na menham do dia 20. de Janeiro, com horrivel incendio de Estacadas, Pentens, Quarteis, e Reparos. As chamas, em que se abrazavão, olhãrão os nossos, como cometas prometedoras de vitoria.

O General da Armada tinha os navios tam vigilantes, e a praya tam defendida, que jãmais pode entrar, nem saír algum aviso, ou socorro, no Arrecife; suposto que erão ousadas, e muytas as diligencias, com que o procurava o Comendor da Ilha de Itamaracà, remetendo refrescos, que ou se perdião, ou arribavão; ou vinhão ás mãos dos nossos. O mesmo sucedia aos da Paraiba, onde se achava o Coronel Hautin, cuja pessoa para [R523] a guerra, e conselho, fazia aos Olandezes muyta falta.

Em 21. se passãrão dous soldados, aos Portuguezes; que por lisonja, ou interesse, derão aviso ao Mestre de Campo General: *Tratasse logo de ocupar hum Reduto, que estava em parte importantissima, entre o forte das Cinco Pontas, e o de S. Antonio; antes que o inimigo o guarnecesse de grossa artilharia, como já determinava: porque não sò era posto á melhor bateria para o das Cinco Pontas, mas aquella que de todo senhoreava hũa lagõa de agoa doce, de que bebião; a qual impedida, seria a ultima desesperaçõ dos cercados.*

Houve então Conselho Francisco Barreto, e seus Cabos, para examinar a calidade, e conveniencia deste aviso. E sendo pellos mais práticos aprovado, se dispoz a investilo poderosamente; considerandose: *Que além da força necessaria para se ganhar hum sitio tam importante, convinha que nam faltasse para*

*rebater os socorros, que o inimigo sem duvida intentaria. E tambem para que, valendonos do bom sucesso esperado (quando Deos o dèsse) se passasse do assalto do Reduto, ao do forte das Cinco Pontas, que era a certa esperança de nosso melhoramento.*

Com mil Infantes escolhidos, a cargo do Mestre de Campo Andre Vidal de Negreiros (valente, e destrissimo Cabo, que desde o principio da guerra, servio, e mandou) se ordenou a investida na madrugada do dia 22. de Janeiro. Foi prontamente executada, não sem perda dos Portuguezes; [R524] porque confiando na força, descuidarão da ordem; desculpados com a escuridão, valor, e alvoroço. Foi galhardia a resistencia dos contrarios, em numero de sessenta; que como se fossem muytos mais, se defendião. Mas hum de nossos soldados, bradando industriosamente: *Pedia instrumentos para romper as portas, que tinham ganhado.* Estando ainda distante dellas. Tão pouco discorre o temor, que a esta só voz, se renderão aquelles mesmos animos, que às armas, e forças tinham resistido. Pedirão bom quartel, e se lhes concedeo com as proprias condições, que aos outros rēdidos: ficando o Mestre de Cãpo de posse de aquelle Reduto, e Estancia; cujo bom sucesso teve o ordinario desconto da perda de algũs soldados, e entre elles, a do Capitão João Barbosa, unico até na morte.

Sem parar hum instante, mandou o Mestre de Campo: *Continuar hum ramal de trincheira, contra o forte das Cinco Pontas.* O que tudo se obrou com tanta diligencia, que amanhecendo o dia 23. estavam os soldados cubertos, os postos ganhados para o ataque do Forte, que he hum Pentágono real, de excelente disposição, e fortaleza.

Fora horrendo, pella hora, e resistencia do combate, o assalto do primeiro Reduto, e pella visinhança do Arrecife, de tal efeito, que espalhandose por esta causa o medo de nossas armas aos Judeos, mulheres, e mininos, q se achavão dētro da praça, em mayor numero de cinco mil almas, todos cõ lagrimas [R525] e vozes, andavão pellas ruas, já lamentando a perda das vidas, fazenda, e liberdade. Porém como o interesse da fazenda, entre aquelle tristissimo vulgo, parece que se antepoem ao mesmo risco da vida; sobre o receo de perdela, os intimidou de novo hũa voz, incertamente introduzida: *Que alguns de seus proprios defensores, determinavão dar hum sacco á praça, e depois de salteada,*

*entregalla nas mãos dos nossos; dos quaes sêpre alcançarião, cõ a livre passagem, e os bens q pudessem levar consigo. E sendo este partido assi favoravel para os soldados, poria o povo em tal miseria, que nem para conseguir a escravidão, lhe ficava esperança. Pello que (clamavão elles) melhor era renderse á força dos inimigos, q à cobiça dos seus proprios; e fazer a prudencia, o que a malicia pretendia.*

Sigismundo, o Conselho, e todos os officiaes militares, e politicos, buscavão com igual cuidado, os meynos de resistir a nossas armas, e de satisfazer à desconfiança de seus subditos. Mas elles crescendo cada hora em receo, e confusão, mais livremente: *Pedião a entrega.* O General, observando sempre as obrigaçoens de seu officio, oferecia: *Contribuir primeiro que todos, com seu sangue, á defensa publica.* Muytos dos mayores, dizião o mesmo. Porém o povo, e os soldados, com diverso temor, aquelle se receava da tirania da soldadesca, e estes da perfidia popular. Erão os Cabos, os que sobre todos desconfiavão, e com mayor razão, de huns, e outros; porque em todas suas acções, conhecião quanta duvida tinha tocado o animo dos soldados, e medo ao dos moradores. Já [R526] rotos os laços da obediencia (como succede nos ultimos conflitos) cada qual pedia, o que se lhe represêtava de mayor interesse. Mas a pública voz, sempre constante, requeria: *Que as capitulações se fizessem a tẽpo, que ainda lhes otorgassem algum honrado, e util partido: porque ocupando os Portuguezes o forte das cinco pontas, ficavão já tanto na vespora do assalto, que o mesmo furor nam daria lugar a que se distinguissem as conveniencias, que a todos resultavão do concerto. Finalmente, era melhor contrastar com o juizo de Generaes prudentes, que com a ousadia de soldados vencedores.*

Cedeo (então) Sigismundo, e o Conselho, à fortuna das armas; a cujos pés achavão tantos companheiros, quantos Monarquas o mundo teve infelices. E para resolução da duvida, em que se vião; julgãrão: *Que das guerras presentes, era mais• perigosa a dos naturais.* Assi com notavel periodo de 24. annos, se vio a famosa nação Olandeza vencedora, e vencida, de hũa propria gente, recebẽdo agora leys dos mesmos, a quem as havião dado. Sejalhe de efficaz alivio o costume da fortuna, que jãmais vinculou sua prosperidade a algũas gentes: pois

conferidas as glorias dos antigos, e modernos Bâtavos, não são elles, os em que menos tem durado, a prosperidade militar, e politica.

E porque já a este tempo convinha se usasse mais do artificio, que da força, recolhidos os Cabos Olãdezes, se empregavão em buscar hũa pessoa de tal industria, que bem soubesse, contra a sorte dos vencedores, [R527] melhorar as condições de sua entrega. Assi foi elegido o Capitão Vtrevaló, que sendo despachado do Arrecife, e vindo a poder nosso, com as ordinarias cautelas, e prevençoens militares, apresentou ao Mestre de Campo General Francisco Barreto, o poder que trazia de seus mayores, para tratar hum bom acordo, na forma que continha sua instrucção: que em beneficio da curiosidade pública, ofereço.

*APONTAMENTOS DA INSTRUCÇÃO, pello alto Conselho, com comunicação, e aviso do senhor Tenente General, e os Senhores cometidos, do respectivel Colegio. dada ao Capitão Vtrevaló, para o mesmo os tratar com o senhor Mestre de Campo General, Francisco Barreto.*

Que sua senhoria remeta tres pessoas iguaes, para que, com outras tres de nossa banda, venhão á falla.

O tempo, quando serâ, a menham, ou despois de â menham.

O lugar, em que se hão de juntar para fallarem.

Que entretanto haja suspenção de armas reciprocamente.

A resolução dos quatro pôtos acima escritos; e que sejam assinados em ambas as partes. Feita em nosso Conselho, no Arrecife de Pernambuco a 23. de Janeiro de 1654. *Gualtero Sconombergh.*

Por mandado do alto Conselho. *Guilhelmo d' Ausis.*

[R528] Os quaes pontos satisfeitos, passou adiante o Tratado, não sem custosas controversias, que durarão até as onze horas da noute, da Segunda feira 26. de Janeiro, deste felice anno de 1654. felice para o Reino, para o Brazil felicissimo. As capitulaçoens forão assinadas de hũa, e outra parte, na hora, e dia referido: entregãdose a Frãcisco Barreto, Mestre de Cãpo General de aquellas armas, e em sua pessoa á obediencia del Rey de Portugal D. João o IV. a notavel Praça do Arrecife, e custosa Cidade Mauricèa; sêdo cõ grãde proporção o primeiro q dellas tomou posse, em nome de S. Mag. o Mestre de Cãpo João

Fernãdes Vieira, por lhe tocar a vanguarda aquelle dia. E do mesmo modo forão capituladas a entregarse as fortalezas, cidades, villas, e portos da Praíba, Rio grande, Ceará, Itamaracá, Ilha de Fernão de Noronha, e todas as mais terras, praças, e residências ocupadas no Brazil, pella Cõpanhia Occidētal de Olãda; em as quaes se estima haver quatro mil soldados, setecētas peças de artilharia, innumeraveis munições de guerra, e mais innumeraveis petrechos de armadas; como se pode esperar, do cõtinuo fornecimēto, pósse, e comercio, cõ q por tãtos annos, os Olãdezes possuirão esta Provincia. Porém o q estima Portugal, por mayor coroa de sua vitoria, he q saiba Roma, q ao mesmo tempo que algum Principe Catolico, mais seu favorecido, estã entregãdo nas mãos dos inimigos da Igreja, Provincias, e Templos, os vassallos del Rey de Portugal (ainda que desfavorecido [R529] do Summo Pontifice) libertão outras Provincias, e alimpão outros templos, do jugo, e corrupção heretica: e as oferecem â obediencia da Sé Apostolica, conforme verã o mundo, por tão infaliveis documentos, como as capitulaçoens que se seguem.

*ASSENTO, E CONDIÇÃOENS, COM QUE os senhores do Conselho supremo, residentes no Arrecife, entregão ao senhor Mestre de Campo General Francisco Barreto, Governador em Pernãbuco, a Cidade Mauricea, Arrecife, e mais forças, e fortes junto a ellas, e mais praças, que tinham occupadas na banda do Norte, a saber: a Ilha de Fernão de Noronha, Ceará, Rio Grande, Praíva, Ilha de Itamaracá: acordado tudo pellos Commissarios de hũa, e outra parte, abaixo assinados.*

Que o senhor Mestre de Campo General Francisco Barreto, dá por esquecida toda a guerra, q se tẽ cometido, cõ os Vassallos dos senhores Estados gérais, das Provincias unidas, e Cõpanhia Occidental, cõtra a nação Portugueza: ou seja por mar, ou por terra, a qual serã tida, e esquecida, como se nunca houvera sido cometida.

Tambem serã comprehēdidas neste acordo todas as nações de qualquer calidade, ou religião que sejião; que a todos perdoa, posto que hajão sido rebeldes â Coroa de Portugal: e o mesmo cõcede, no que pode, a todos os Judeos que estão no Arrecife, e Cidade Mauricea.

Concede a todos os Vassallos, e pessoas, que estão [R530] debaixo da obediencia dos senhores Estados gèrais, tudo o que for de bens moveis, que actualmente estiverem possuindo.

Concede aos Vassallos dos senhores Estados gèrais, que lhes dará de todas as embarcaçoens, que estão dentro do porto do Arrecife, aquellas que forem capazes de passar a linha, com a artilharia, que ao senhor Mestre de Campo General, parecer bastante para sua defesa, da qual não será nenhũa de bronze, excepto a que se concede ao senhor General Sigismundo Van Scop.

Concede aos Vassallos dos ditos senhores Estados gèrais, que forem casados com mulheres Portuguezas, ou nacidias na terra, que sejam tratados, como q se forão casados com Framengas, e que possam levar consigo as mulheres Portuguezas por sua vontade.

Concede a todos os Vassallos acima referidos, que quizerem ficar nesta terra, debaixo da obediencia das armas Portuguezas, q no que toca à religião, vivirão em a conformidade, em que vivem todos os estrangeiros em Portugal actualmente.

Que os Fortes sitiados ao redor do Arrecife, e Cidade Mauricèa, a saber: o Forte das Cinco Pontas, a casa da Boavista, e do Mosteiro de S. Antonio, o Castello da Cidade Mauricèa: e das tres Pontas, o de Brum, cõ seu Reduto, o Castello de S. Jorge, o Castello do mar, e as mais casas fortes, e baterias, se entregarão todos à ordem do senhor Mestre de Cãpo General, logo que acabarem de firmar este acordo, [R531] e assento, com a artilharia, e as muniçoens que tem.

Que os Vassallos dos senhores Estados gèrais, moradores no Arrecife, e Cidade Mauricèa, poderão ficar nas ditas praças, no tempo de tres meses; cõ tão que entregarão logo as armas, e bandeiras, as quaes se meterão em hum Almazem, à ordem do senhor Mestre de Campo General, durante os tres meses, e quando quizerem embarcar (ainda que seja antes dos tres meses) lhas darão para sua defesa. E logo, juntamente com as ditas forças, entregarão o Arrecife, e cidade Mauricèa; e lhes concede que possam comprar aos Portuguezes, nas ditas praças todos os mantimentos, que lhe forem necessarios para seu sustento, e viagem.

As negociaçoens, e alienaçoens, que os ditos Vassalos fizerem, em quanto durarem os ditos tres meses, serão feitas na conformidade acima referida.

Que o senhor Mestre de Campo General assistirá com seu exercito, onde lhe parecer melhor: mas fará, que os vassalos dos senhores Estados gèrais de nenhũa pessoa Portugueza sejam molestados, nẽ avexados, antes serão tratados com muyto respeito e cortezia; e lhes concede q nos ditos tres meses, q hão de estar na terra, possão decidir os pleitos, e questões, que tiverem, hũs com os outros, diãte de seus Ministros de justiça.

Que concede aos ditos Vassalos dos senhores Estados gèrais, levem todos os papeis, que tiverem de [R532] qualquer sorte, q sejam, e levem tãbem todos os bẽs m̀oveis, que lhes tem otorgados no terceiro artigo, o senhor Mestre de Campo General.

Que poderão deixar os ditos bens m̀oveis, acima otorgados, que tiverem por vender, ao tempo de sua embarcaçã, aos procuradores, que nomearem, de qualquer nação que sejam, que fiquẽ debaixo da obediencia das armas Portuguezas.

E lhes concede todos os mantimentos, assi secos, como molhados, que tiverem nos almazens do Arrecife, e fortalezas, para se servirem delles, e fazerem sua viagem: largando aos soldados, os de que elles necessitarem para seu sustento, e viagem; mas não lhes otorga o maçame para os navios, porque promete darlhos aparelhados, para quando partirem para Olanda.

Que sobre as dividas, e pretençoens, que os ditos Vassalos dos senhores dos Estados gèrais, pretẽdem dos moradores Portuguezes, lhes concede o direito, q S. Magestade o senhor Rey de Portugal lhes decidir, ouvidas as partes.

Que lhes concede, que as embarcaçoens pertencentes aos ditos Vassalos, que chegarem a este porto, ou fóra delle, por tempo dos primeiros quatro meses, sem ter noticia deste acordo, que possão livremente voltar para Olanda, sem lhes fazerem molestia algũa.

Que concede aos ditos Vassalos dos senhores dos Estados gèrais, que possão mandar chamar os seus navios, [R533] que trazem nesta costa, para que neste porto do Arrecife, se possão tambem embarcar nelles, e levar nelles os bens m̀oveis acima otorgados.

No que toca ao que os ditos Vassallos pedem, sobre não prejudicar este concerto, e assento ás conveniências, que poderem estar feitas, entre o senhor Rey de Portugal, e os senhores Estados gèrais, antes de chegar noticia do dito concerto, não concede o senhor Mestre de Campo General; porque se não intermete nos taes acordos, que os ditos senhores tiverem feito, por quanto de presente tem exercito, e poder para conseguir quanto emprehender em restituição tão justa.

*Artigos Militares.*

Que todas as ofensas, e hostilidades, quanto aos senhores Estados gèrais, e Vassallos, que se tem cometido, se esquecem na conformidade acima referida.

Que o senhor Mestre de Campo General concede, que os soldados assistentes no Arrecife, e Cidade Mauricèa, e seus Fortes, sayão com suas armas, mecha acesa, balla em boca, bandeiras largas, com condição, que passando pello nosso exercito Portuguez, apagarão logo os murroens, e tirarão logo as pedras das espingardas, e cravinas, e meterão as ditas armas na casa, ou almazem, q o senhor Mestre de Câpo General lhes nomear, das quaes elle mãdarà ter cuidado, para lhas entregarẽ, quãdo se embarcarẽ [R534] e só ficarão com ellas, todos os officiaes de Sargento para cima. E quando se embarcarem, seguirão directamente a viagem, que pedem, aos portos de Nantes, Arrochella, ou outros das provincias unidas, sem tomarem porto algum da Coroa de Portugal. Para firmeza do que, deixarão os Vassallos dos ditos senhores Estados gèrais, em refens, tres pessoas; a saber: hum Official mayor de guerra, outra pessoa do Conselho supremo, e outra dos mayores Vassallos dos senhores Estados gerais. E que os officiaes de guerra, soldados desta praça do Arrecife, e mais portos junto a elle, se embarcarão todos juntos, em cõpanhia do senhor General Sigismundo Van Scop: com condição, que se entregarão primeiro á ordem do senhor Mestre de Campo General, as praças, e forças do Rio Grande, Paraíba, Itamaracà, Ilha de Fernão Noronha, e Cearâ; para comprimento, de tudo o referido neste capitulo, deixando as pessoas que se pedem em refens.

Que concede ao senhor Sigismundo Van Scop, que depois de entregues as ditas praças, e forças acima referidas, com a artilharia que tinham, até a hora que

chegou a Armada à vista do Arrecife, leve vinte peças de artilharia de brôze, sorteadas de quatro, até desouto libras; além das peças de ferro, q serão necessarias para defesa dos navios, que forẽ em sua companhia; cõ as quaes lhe darão suas carretas, e munições necessarias; o mais Treym se entregará à ordem do senhor Mestre de Campo General.

[R535] Que o senhor Mestre de Campo General, lhe cõcede as embarcações necessarias, para a dita viagem, na conformidade acima referida.

Que o senhor Mestre de Campo General, lhe cõcede os mantimentos, na conformidade que estão concedidos no capitulo 13. acima: e dado caso, que não bastem os ditos mantimentos, o senhor Mestre de Campo General, promete de lhe dar os de que necessitarem os soldados.

Que o senhor Mestre de Campo General, concede ao senhor General Sigismundo Van Scop, que possa possuir, alienar, e embarcar, quaesquer bens móveis, e de raiz, que tem no Arrecife, e os escravos que tiver consigo, sendo seus. E que o mesmo favor concede aos officiais de guerra, e que possuão morar nas casas em que vivem, até a hora da partida.

O senhor Mestre de Campo General, concede aos soldados doentes, e feridos, que se possuão curar no hospital em que estão, até que tenham saude para se poderem embarcar.

Que em quanto estiverem os soldados do senhor General Sigismundo Van Scop em terra, não serão molestados, nem ofendidos de pessoa algũa Portugueza. E em caso q o seirão, ou lhes fação algũa molestia, se dará logo parte ao senhor Mestre de Câpo General, para castigar a quem lha fizer.

No tocante a irem juntos com os soldados, que hoje estão no Arrecife, os que se rendêrão, e aprisionârão [R536] antes deste acordo, não concede o senhor Mestre de Campo General; porque tem dado já comprimento ao que com elles capitulou, sobre sua entrega.

O senhor Mestre de Campo General, concede perdão a todos os rebeldes; especialmente a *Antonio Mendes*, e mais Judeos assistentes no Arrecife, e torres junto a elle. E da mesma maneira aos Mulatos, Negros, e Mamalucos: mas que lhes não concede a honra de irem com as armas.

Que tanto que forem assinadas as ditas capitulaçoens, se entregarão á ordem do senhor Mestre de Campo General, as praças do Arrecife, e Cidade Mauricéa, e todos os mais Fortes, e Redutos, que estão ao redor das ditas praças, com sua artilharia, treym, e muniçoens. E que o senhor Mestre de Cãpo General se obriga a dar guarda necessaria, para que no alojamento das ditas praças, esteja com segurança, a pessoa do senhor General Sigismundo Van Scop, e mais officiaes, e ministros, durando o tempo concedido.

E sobre todos estes capitulos, e condiçoens acima contratados, se obrigão os senhores do supremo Conselho, residênte no Arrecife, a entregar tambem logo â ordem do senhor Mestre de Campo General, as praças da Ilha de Fernão Noronha, Cearâ, Rio Grande, Paraíba, Ilha de Itamaracá, com todas suas forças, e artilharia, que tẽ, e tinhão até a chegada da Armada Portugueza, que de presente está [R537] sobre o Arrecife, e Cidade Mauricèa. Mas que o senhor Mestre de Campo General, serâ obrigado a mãdar ao Ceará hũa não, suficiente para se embarcar nella a gente, assi moradores, como soldados, vassalos dos ditos senhores Estados gérais, com os referidos bens: a qual não levará mantimentos para sustento da viagem das ditas pessoas, que se embarcarem do Ceará. E que todos os navios, e embarçaçoens, que estiverem naquelles pórtos do Rio Grãde, Paraíba, e Ilha de Itamaracá, capazes de poderem passar a linha, lhos concede o senhor Mestre de Campo General, para sua viagem, e trespasso de seus bens: mas que não levarão artilharia de bronze, mais que a de ferro, necessaria para sua defesa. Feita nesta Cãpanha do Taborda a 26. de Janeiro 1654. Segunda feira pellas 11. horas da noute.

*Francisco Barreto.*  
*Andre Vidal de Negreiros.*  
*Afonso de Albuquerque.*  
*O Capitão Secretario Manoel*  
*Gonçalves Corrêa*  
*O Ouvidor, e Auditor*  
*Frãcisco Alveres Moreira.*

*Sigismundo Van Scop.*  
*Gisberto Vuit.*  
*O Tenente General Vanderval.*  
*O Capitão Valoó.*

FIM.